VOZ TRIUNFANTE

CECIL M. COOK

Tradução: Amadeu Duarte

REVELAÇÕES DE UMA MÉDIUM
CECIL M. COOK

PREFÁCIO

Na presente narrativa das experiências vividas ao longo de vinte e nove anos de prática mediúnica perante o público, procurou-se registar com fidelidade aquilo que pareceu ser de interesse e utilidade para os leitores. Caso tal objetivo tenha sido alcançado, considerar-se-ão plenamente recompensados os esforços envidados.

Entre os muitos que venham a ler esta obra, alguns conhecerão pessoalmente a autora e terão estado presentes em sessões durante as quais ocorreram um ou mais dos episódios aqui relatados. A maioria, no entanto, terá de aceitar as declarações como factos. Muitas pessoas que professam acreditar na comunicação com o mundo espiritual, e que dela se aproveitam em momentos de aflição, não estão dispostas a defender publicamente essa crença. Outras há que não desejam ver assuntos que consideram de foro íntimo associados aos seus nomes. Por estas razões optou-se por omitir nomes identificativos ao longo do texto. Não obstante, muitos dos casos descritos poderão ser confirmados pelas próprias pessoas envolvidas, caso algum leitor deseje verificar a veracidade dos mesmos.

Não se solicita aceitação cega dos factos aqui descritos por parte daqueles que não conhecem pessoalmente a autora. Os líderes de outras religiões exigem frequentemente essa aceitação baseada unicamente na fé, sem oferecer provas para muitas das suas afirmações. Pelo contrário, pede-se que estes relatos sejam acreditados por duas razões:

Primeira, pela razoabilidade e aplicabilidade à vida quotidiana dos ensinamentos e conselhos contidos nesta obra, todos eles transmitidos diretamente pelos nossos amigos espirituais em ambiente de sessão. Se tais conselhos se revelarem sensatos, que se confie então na explicação de como foram transmitidos.

Segunda, porque as provas recebidas por milhares através de sessões e mensagens poderão ser igualmente obtidas por muitos outros pelos mesmos meios. Aquilo que foi possível anteriormente poderá sê-lo novamente.

Procurou-se, nas páginas que se seguem, selecionar as experiências mais interessantes e que transmitissem um ensinamento claro. Existem inúmeros outros casos que poderiam ser narrados, porém, sem razão específica para tal. A natureza humana, com toda a sua

variabilidade, tende a seguir padrões bastante definidos, e o que acontece a uma pessoa pode, com ligeiras variações, ocorrer a muitas outras.

Houve um esforço deliberado para não dar ênfase excessiva aos episódios desagradáveis que pontuaram o exercício desta prática. Alguns desses episódios foram incluídos pela necessidade de esclarecer determinados factos, mas não se lhes atribuiu a notoriedade proporcional à frequência com que efetivamente ocorrem.

Seria surpreendente para o leitor comum saber quão elevado é o número de pessoas que, ao assistirem a uma sessão pela primeira vez, o fazem sob nomes falsos e, por vezes, até disfarçadas quanto às suas feições e vestuário. Nunca fariam o mesmo ao frequentar outras igrejas. Nunca foi possível determinar, ao longo de todos estes anos de trabalho, por que razão se apresentam assim a uma sessão. Contudo, é certo que não enganam o Mundo Espiritual; apenas se privam de belas mensagens devido à barreira de engano que erguem.

Frequentemente, foi necessário um grande esforço para conter o riso perante aqueles que comparecem com a ideia de que um médium é um leitor de mentes. O esforço evidente que empreendem para manter o pensamento fixo em algo alheio à sua própria vida — crendo ser esse o método adequado para impedir que o médium aceda a informações pessoais — torna-se, por vezes, verdadeiramente ridículo. Explica-se mais adiante na obra que os pensamentos possuem poder e podem, eventualmente, ser lidos por espíritos altamente desenvolvidos do Outro Lado; todavia, ainda não se teve conhecimento de um único caso em que o pensamento humano tenha prejudicado alguém que não o próprio emissor, ou que tenha conseguido, por si só, transmitir mensagens a um médium. Na grande maioria das vezes, o Mundo Espiritual revela como prova a um estranho um facto que este não recordava há anos, dissipando de imediato a ideia de que o fenómeno se baseia em leitura mental por parte do médium.

Acredita-se que os obstáculos irrazoáveis levantados pela profissão médica, no sentido de impedir que doentes recebam auxílio de fontes espirituais, bem como as sanções aplicadas a quem ousa aproximar-se dessas fronteiras, são suficientemente conhecidos para que não se justifique uma longa dissertação. Limita-se, por isso, esta exposição a evidenciar a frágil base sobre a qual tais proibições assentam, procurando mostrar que a medicina teria muito a aprender, em nome da humanidade, com os médicos espirituais.

Não se apresentou aqui um relato exaustivo das várias detenções e julgamentos por "praticar o Espiritualismo", ainda que esses episódios pudessem ser ilustrativos da extensão a que pode chegar a perseguição por parte daqueles que não compreendem aquilo que se lhes apresenta. Mártires notáveis da história, como Jesus Cristo, Joana d'Arc, as chamadas "bruxas" de Salem e tantos outros, constituem exemplos evidentes de almas puras sacrificadas no altar da ignorância.

Ao longo da obra surgirão referências à "Lei Natural". Foi ensinado à autora que este é um termo abrangente, que inclui todas as fases do funcionamento do Plano Divino em todo o universo. Entre os diferentes aspetos desta Lei podem destacar-se: a lei da gravitação, com a qual todos estamos familiarizados; a lei da atração, que afirma que semelhantes se atraem em toda parte; a lei da compensação, segundo a qual recebemos de volta, na mesma medida, tudo o que fazemos, para o bem ou para o mal; e a lei da comunicação, que sustenta ser possível a comunicação entre almas, independentemente do local onde se encontrem,

definindo ainda as condições necessárias para que essa comunicação ocorra. Existem muitos outros aspetos desta Lei que são do nosso conhecimento, e muitos mais que ainda nos permanecem desconhecidos. Quanto mais em harmonia vivermos com aquilo que já compreendemos da Lei Natural, mais êxito teremos na condução da nossa experiência terrena e maior será a felicidade. Por estas razões, procurou-se explicar com clareza o que os entes queridos nos transmitiram sobre determinados aspetos desta Lei.

Em jeito de conclusão, que se leia com mente aberta e com desejo de compreender, pois muitos encontrarão, certamente, uma nova e muito gratificante conceção da vida futura.

ÍNDICE

Prefácio V
Introdução XI

1. Primeiras Experiências
2. Os Meus Guias
3. Provas
4. Durante a Guerra Mundial
5. O Semelhante Atrai o Semelhante
6. Deteção
7. Rosa Cor-de-Rosa
8. Predição de Acontecimentos Futuros
9. Cura
10. Manifestações Físicas
11. Primeiras Manifestações
12. Riqueza Espiritual
13. Riqueza Material
14. Ingratidão
15. Engano
16. Ceticismo
17. Proteção da Sala de Sessões
18. Vozes à Luz do Sol
19. Obsessão e Impersonação
20. Assombração
21. Intimidade
22. Visões
23. Experiências de Terceiros
24. Sessões para Desenvolvimento
25. O Outro Mundo
26. O Médium
27. Conclusão

INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas, infelizmente, o Espiritualismo representa uma religião ímpia, instigada e sustentada pelo demónio com o intuito de confundir a humanidade.

Para outras tantas, evoca casas assombradas e cemitérios, mesas a movimentar-se, batidas e outros fenómenos semelhantes.

Para um número ainda maior, significa adivinhação, leitura de cristais, conselhos sobre o amor e atividades afins.

Para relativamente poucos, porém, representa uma religião sublime que ensina o amor e a esperança através do conhecimento da Lei de Deus, transmitido diretamente pelos Seus mensageiros — aqueles que já transitaram para o outro lado do tênue véu que separa o mundo material do mundo espiritual, e que ali trabalharam e se desenvolveram para se prepararem para este nobre dever.

Ao longo de vinte e nove anos de prática mediúnica pública, foi através da autora que esta última conceção foi transmitida a muitas pessoas. O Centro Stead procurou difundir esta visão o mais amplamente possível, mediante sessões, palestras e publicações, com o objetivo de resgatar o Espiritualismo do abismo de ignorância, equívoco e fraude em que frequentemente se encontra, e elevá-lo à posição que lhe é devida, como uma das religiões mais belas e puras do mundo. Compreendido corretamente, oferece mais consolo, esperança e amor do que qualquer outra crença.

O Espiritualismo não nega a ninguém o direito de buscar Deus segundo os caminhos que melhor entender. Qualquer sistema de crença assumido por um indivíduo é legítimo, desde que cumpra o seu propósito. Todos os credos pretendem auxiliar o ser humano na sua tentativa de compreender o Plano Divino e viver em conformidade com esse entendimento — seja esse credo simples, como o de um povo primitivo, ou complexo, como os de tradições orientais. Cada ser humano procura Deus de forma distinta, conforme o seu entendimento pessoal. Naturalmente, uns possuem uma compreensão mais clara do que outros; alguns credos são mais próximos da verdade do que outros. Mas todos somos filhos de Deus, e qualquer ser humano desenvolverá a sua compreensão do Pai se seguir a sua consciência e viver a sua vida terrena da melhor forma possível. Nenhuma pessoa, nem qualquer seita, foi especialmente favorecida ou escolhida por Deus como único meio de O compreender.

O Espiritualismo não reclama para si o monopólio do acesso ao céu ou a qualquer outro destino espiritual. Pretende apenas facilitar o caminho do desenvolvimento espiritual, trazendo ao ser humano uma imagem mais clara e verdadeira do Plano Divino, por meio dos mensageiros de Deus — aqueles que nos precederam e que, no seu progresso, adquiriram conhecimento superior sobre Ele. Ao ensinar e demonstrar que é possível comunicar diretamente com estas almas, o Espiritualismo oferece a possibilidade de receber ensinamentos de forma direta e pura, sem a distorção que a mente e as mãos humanas frequentemente impõem.

Todas as religiões tiveram origem em ensinamentos provenientes do Mundo Espiritual, transmitidos através de médiuns. Por essa razão, coincidem em muitos dos seus princípios fundamentais. Foram os adornos e adições criados pelo homem que obscureceram e alteraram a sua essência pura. O Espiritualismo deve ser considerado como uma árvore

cujos ramos são as diversas religiões do mundo. Todas cresceram a partir da mesma raiz; algumas mantêm-se próximas do tronco, outras afastaram-se, mas a raiz e o tronco permanecem os mesmos e alimentam o restante, pois são os únicos que recebem sustento direto da fonte — os que, pelo seu maravilhoso desenvolvimento espiritual, se tornam mensageiros de Deus.

Ao ensinar que a vida é contínua e o progresso eterno, e que a existência terrena é apenas um episódio no vasto e belo plano de Deus, o Espiritualismo confere um sentido profundo à nossa existência. Tal sentido perde-se se se acreditar que a "morte" tudo encerra, ou que ela marca o fim do progresso espiritual — conduzindo a um estado eterno e imutável de céu ou inferno, conforme o estágio em que a alma se encontrava aquando da sua passagem.

Acreditar que a morte põe termo ao indivíduo acarreta grandes prejuízos. Alimenta o desespero; conduz à entrega inconsequente aos prazeres terrenos, convertendo-os em vícios; promove o desprezo pela vida humana; em suma, suprime por completo o desenvolvimento espiritual durante a vida terrena.

A ideia de que permaneceremos eternamente num céu ou inferno, no mesmo estado em que deixámos a existência física, e que a única recompensa para a virtude na Terra será uma existência fácil, calma e sem propósito, é quase tão prejudicial quanto a descrença total — exceto talvez para aqueles espíritos simples que ainda se deixam intimidar por histórias de um demónio com forquilha, ou que se satisfazem com a ideia de tocar harpa e agitar asas por toda a eternidade.

A pessoa que não se deixa intimidar por tais absurdos, e cuja ambição ultrapassa o quadro limitado desse conceito de céu, vê-se sem um objetivo real pelo qual lutar. Ao refletir sobre as lutas e sacrifícios que enfrentou para alcançar o seu atual grau de elevação, interroga-se sobre se o ganho compensa o preço. Se, após a passagem, não existir uma recompensa mais elevada para quem se desenvolveu espiritualmente do que para aquele que levou uma vida passiva e sem rumo, limitando-se a evitar o mal, por que razão deveria ele esforçar-se tanto durante a vida? Este pensamento lógico, que cedo ou tarde se impõe a qualquer espírito ambicioso, anula o empenho e o progresso terrenos, e impede o bem que tal indivíduo poderia realizar no mundo — a menos que lhe seja oferecida uma compreensão diferente da vida futura.

O Espiritualismo, ao ensinar que o progresso é eterno e mais significativo para aqueles que trabalham com amor e em benefício do bem comum, oferece um verdadeiro estímulo a qualquer indivíduo ambicioso. Além disso, comprova os seus ensinamentos através da superioridade intelectual e das capacidades evidenciadas por aqueles em Espírito que connosco comunicam.

É esta conceção do Espiritualismo — como uma religião de amor, esperança e beleza — que sempre foi promovida pelo Centro Stead, e que se deseja, com esta obra, fazer chegar a muitas mais pessoas.

EXPERIÊNCIAS INICIAIS

Nasci e passei a minha infância no campo, em contacto íntimo com a natureza, e a aprender a conhecer e a amar os animais, as árvores, as flores e todas as manifestações da vida. Aprendi o que prejudicava a descendência da criação de Deus e o que era bom para ela; o que tínhamos o direito de fazer com os seres vivos e o que não tínhamos. Às vezes é melhor arrancar as flores porque só assim se dá a oportunidade para que mais flores surjam. Às vezes é melhor matar certos insetos ou animais porque, só assim, mais plantas e animais bonitos ou úteis podem viver e beneficiar todos.

Quando era muito nova e brincava sozinha na maior parte do tempo, ocasionalmente com vizinhos mais novos, ninguém prestava atenção especial em mim, exceto a atenção que é dada a todas as crianças. À medida que fui crescendo e comecei a contar aos meus companheiros sobre as crianças com quem brincava, mas que eles não podiam ver, e sobre o belo mundo onde elas brincavam, fui alvo de risos e zombarias. Perceberam que eu conseguia contar-lhes muitas coisas notáveis, mas, se havia outras crianças a brincar connosco, porque não as viam nem ouviam? Se havia flores bonitas no campo de feno castanho e monótono, porque não as viam nem as sentiam? Tudo isso eu não conseguia responder, mas isso fez com que me sentisse diferente dos outros.

À medida que fui crescendo e continuei a falar sobre os meus amigos espirituais com quem estava, fui recebendo cada vez mais críticas, especialmente quando os meus amigos, para me defender, me contaram factos, embora indesejáveis, sobre os meus críticos, que eu não tive o bom senso de guardar para mim, mas que lhes contei com a maior franqueza. Isso gerou muita antipatia e demorou muitos anos até eu aprender que é uma falha quase universal dos seres humanos não gostarem de quem lhes diz verdades incómodas, mesmo que sejam ditas para o seu próprio bem.

Os meus dias de escola abriram uma nova fonte de problemas para mim. O professor acreditava que todo o conhecimento deveria ser obtido apenas nos livros, com a possível exceção dele próprio. Isso não parecia preocupar as outras crianças, mas foi extremamente infeliz para mim, porque eu não gostava de estudar e não conseguia compreender coisas como os mapas na minha geografia ou o emaranhado sem sentido de números na minha aritmética. Se fosse chamada a indicar os limites de um estado, eu faria isso prontamente e corretamente, mas muitas vezes de uma forma diferente da que estava no livro.

Isso despertou as suspeitas do meu professor e a sua antipatia quando, depois de me chamar ao mapa na parede e pedir-me para indicar os diferentes limites que eu tinha nomeado, eu não consegui sequer encontrar o estado no mapa, quanto mais os limites! Na aula de aritmética, eu sempre tinha a resposta certa, não importando quão complicado fosse o problema, e até a tinha antes de o problema ser completamente exposto, mas não conseguia mostrar os passos pelos quais chegava à resposta e, por isso, não o fiz de maneira ortodoxa, recebendo repreensões em vez dos elogios que sentia que eu e os meus amigos espirituais, que me ajudavam, merecíamos.

Era uma coisa muito difícil para mim perceber porque tinha de aprender um conjunto de regras e passos, que o meu professor dizia serem necessários para resolver os problemas, quando eu sempre tinha a resposta certa à minha maneira e conseguia obtê-la muito mais rapidamente do que ele com o seu processo. Contudo, neste assunto, os meus amigos espirituais discordaram de mim e disseram-me que eu devia fazer o meu melhor e aprender

tudo o que pudesse na escola, para que, quando crescesse, compreendesse tanto o conhecimento e aprendizado dos outros como aquele que eu recebia deles. Sabendo que eles estavam sempre certos, fiz o meu melhor para os obedecer.

Fui enviada para a escola dominical, como todas as crianças bem educadas da comunidade, e os meus problemas seguiram-me até lá. Um dia, a professora estava a contar-nos sobre uma colega que ela disse ter morrido alguns dias antes e que nunca mais a veríamos porque ela estava "muito, muito alta com os anjos." Durante todo esse tempo, eu olhava para a menina que estava sentada ao lado da professora e, assim que pude, disse a todos que ela não estava morta, porque ela estava sentada ao lado da professora e parecia tão bem e feliz como antes, e a sua mãe deveria estar feliz também porque ela estava tão bem.

A professora ficou profundamente chocada e disse-me que eu nunca deveria dizer tais coisas ou contradizê-la. Ela tinha dito que a menina estava morta, e todos os outros disseram o mesmo, exceto eu, portanto eu devia estar errada. Eu era jovem e deveria acreditar no que os mais velhos me diziam. Esta foi mais uma lição sobre os seres humanos que não aprendi completamente durante muitos anos. Eu sabia que a criança estava viva porque eu podia vê-la e falar com ela, ainda assim fui considerada errada porque todos os outros disseram que ela estava morta, e com esse peso da opinião pública, ela devia estar realmente morta.

As pessoas, ao afirmarem o que lhes parece serem factos e ao criticarem aqueles que têm a ousadia de questionar as suas afirmações, esquecem-se que praticamente todas as grandes descobertas e invenções do mundo pareceram contrárias aos "factos" entendidos na época. Basta mencionar a censura, o ridículo e a perseguição enfrentados por Jesus Cristo ao transmitir a Sua crença ao mundo; Cristóvão Colombo ao propor a ideia de que a Terra era esférica e não plana; e Alexander Bell ao afirmar que duas pessoas a milhas de distância podiam falar e ouvir-se através de um fio estendido entre elas, para recordar a verdade desta afirmação.

Algum tempo depois deste episódio, fomos informados de que a minha avó estava muito doente. Ela sempre tinha sido boa para mim e havia um vínculo profundo de simpatia entre nós. Um dia, disse à minha mãe que achava que a minha avó estava muito doente e que, se ela não fosse vê-la muito em breve, não a veria novamente nesta terra. A minha mãe não gostava de fazer a viagem desnecessariamente e, depois de preparar algumas roupas, recebeu um telegrama dizendo que a mãe dela parecia estar melhor e que não precisavam de se apressar. Na noite seguinte, a minha avó veio até mim e falou comigo. Disse à minha mãe que, em vez de levar o vestido marrom bonito que ela tinha preparado, era melhor levar um vestido de luto e partir imediatamente, pois a vovó estava com os anjos. Ela não acreditou em mim e não preparou nada, mas mais tarde ouvi o meu pai dizer: "É melhor ouvir a criança, porque sabes que ela está sempre certa nestes assuntos."

Mais tarde, naquela mesma manhã, chegou um telegrama dizendo que a minha avó tinha falecido às três horas da manhã. Foi apenas alguns minutos depois de eu ter falado com ela no meu quarto.

Demonstrações como estas, embora fizessem as pessoas pensar, não as convenceram da verdade das minhas crenças e afirmações sobre o mundo invisível para eles. Certamente, a criança tinha uma intuição sobrenatural para eventos imprevistos, mas como poderiam todas as coisas que ela dizia sobre aquele outro mundo e as suas pessoas ser verdadeiras?

Tudo isso estava completamente em desacordo com as crenças das pessoas que conheciam e com todos os livros que liam. Mas será que isso era verdade? Seriam estas as minhas afirmações inteiramente únicas e originais? Certamente que não. Estas mesmas crenças foram mantidas ao longo de toda a história registada e afirmadas repetidamente. A Bíblia cristã provavelmente é a obra mais conhecida no mundo sobre a vida após a morte e a comunicação dos chamados mortos com os vivos.

Eu fui quase completamente incompreendida na minha vizinhança, e finalmente, um dia, uma voz disse-me que seria melhor eu partir e estabelecer-me numa cidade. "Muitas pessoas lá também não te entenderão", disseram-me, "mas haverá algumas que sim. Considerando tudo, seria melhor fazeres a mudança. Nós proteger-te-emos o tempo todo e veremos que nenhum mal te acontecerá."

Assim, comecei a minha jornada para fazer o meu próprio caminho.

Estabelecer-se numa grande cidade estranha quando se é uma jovem simples do campo, sem amigos ou dinheiro, é uma tarefa difícil e desanimadora. Na fase mais impressionável da vida, quando a vida começa a desvelar os seus mistérios e quando a luz mais brilhante e os sonhos mais ambiciosos surgem, ter de enfrentar a dura necessidade de arranjar trabalho para conseguir um pouco de comida e, nesse processo, deparar-se com os esquemas egoístas e traiçoeiros de alguns empregadores que exploram os trabalhadores dependentes deles, e com colegas de trabalho que tentam elevar-se à custa dos outros, é algo que inevitavelmente estraga toda a beleza e a poesia que a vida deveria ter para a jovem.

Os meus amigos espirituais guiaram-me com mão infalível, evitando todos os perigos, e sempre que surgia alguma dúvida ou dificuldade na minha mente, estavam presentes para me dizer o que era certo e o que era errado e para me aconselhar sobre o que fazer. Sem esta ajuda, talvez eu tivesse conduzido a minha vida da mesma forma que as outras meninas com quem me associava. A uma jovem colocada como eu, mas sem o benefício de poder falar com os entes queridos no Espírito, e querendo levar uma vida íntegra e evitar os erros que causar-lhe-iam desgraça no futuro, eu diria: confia absolutamente na tua consciência.

O dito trivial, muito abusado hoje em dia como uma expressão vulgar, "Deixa a tua consciência ser o teu guia", é, no entanto, o melhor e mais conciso conselho que se pode dar a um jovem. A consciência, uma voz dada por Deus que fala à alma, está sempre certa, e se for ouvida, manterá qualquer pessoa no caminho que leva a uma melhor compreensão da vida e trará a alegria que é devida a todos. Quanto mais a consciência for ouvida e obedecida, mais forte se torna e mais clara se pode tornar.

Muitas vezes, para diversão das meninas com quem me relacionava, eu lia as folhas de chá deixadas no fundo das chávenas e dizia-lhes o que via lá. Essas pequenas mensagens eram frequentemente bastante notáveis pela sua precisão, e algumas das meninas disseram-me que eu era uma grande médium. Eu não sabia o que era uma médium e disse-lhes que não lhes estava a dar mensagens; eu apenas sentia necessidade de lhes dizer certas coisas quando olhava para a chávena, mas era só isso.

Riram-se de mim e disseram que eu tinha muito a aprender. Sempre ansiosa por aumentar os meus conhecimentos, pedi-lhes que me ensinassem e me explicassem o que queriam dizer ao afirmar que eu era uma médium.

Disseram-me que a melhor maneira de descobrir seria ir com elas a uma sessão espiritualista. Eu fui, mas não vi nada particularmente notável numa mulher a levantar-se diante de um grupo de pessoas para dar a algumas delas o que ela chamava de "mensagens" do Outro Lado. Supus que todos poderiam falar com os seus amigos no Espírito, como eu fazia.

Na ocasião da minha terceira visita, esta mulher tentava dar uma mensagem a uma mulher que tinha perdido o rasto do filho há dez anos e parecia ter dificuldade em fazê-lo. De repente, senti-me prestes a ter o que sempre considerei ser uma "convulsão". O meu corpo ficou muito tenso e perdi a consciência. Quando recuperei, saí rapidamente da casa, dizendo aos meus companheiros que há muito tempo tentava curar essas "convulsões" e que não tinha tido nenhuma durante algum tempo. Não queria voltar à casa daquela mulher, temendo que as minhas "convulsões" voltassem.

Em vão as meninas tentaram explicar-me que eu tinha sido controlada e tinha dado à mulher a mensagem que a médium não conseguia dar-lhe. Eu não compreendia nada sobre esse tal "controle", nem sobre a função da "médium". A visão que sempre tive dos que supostamente "morreram" e as conversas que mantinha com eles eram tão naturais para mim que as considerava parte da experiência de qualquer pessoa, e não entendia o que queria dizer uma médium ou a razão pela qual as pessoas tinham de ir até uma médium para falar com os seus entes queridos no Outro Lado.

Eu sabia, no entanto, pela experiência triste, que contar às pessoas sobre as coisas que via e ouvia me trazia mais problemas do que alegrias, e, se uma médium era alguém que praticava dar tais "mensagens", certamente não queria ser uma. Os meus companheiros disseram-me que eu devia ter tudo isto explicado para poder entender o que significava, e acharam que a melhor maneira seria eu assistir a uma sessão de voz, onde aqueles do Outro Lado pudessem conversar comigo e esclarecer as minhas dificuldades e mal-entendidos.

Finalmente, consenti ir com eles e combinei encontrar-me com eles na casa da médium de voz na próxima quarta-feira à noite. Cheguei, mas os meus amigos não apareceram. Expliquei à mulher como ali chegara e, embora não fosse cordial, disse-me para me sentar no grupo que estava disposto em meio círculo à volta da cadeira onde ela se iria sentar. Quando as luzes se apagaram e me vi no total escuro, rodeada de estranhos, fiquei muito assustada e essa sensação aumentou quando senti uma pancada no joelho por um dos trompetes de lata que tinha visto na sala quando entrei. Apertei a cadeira com ambas as mãos, segurando-a como se fosse um âncora que me ligava ao mundo da realidade que parecia ter perdido quando as luzes se apagaram. Não emiti som algum e entendi apenas parcialmente o que uma voz, apresentada pela médium como sendo um "Guia" dela, disse depois de as pessoas presentes terem cantado um hino. O meu joelho foi tocado novamente, e então uma voz perto de mim disse: "Olá, Angie."

Esse era o meu nome carinhoso, e a voz era tão inequivocamente a do meu irmão, que tinha falecido anos antes, que a reconheci imediatamente e exclamei: "Esse é o meu irmão."

Tive uma conversa curta com ele, que me pareceu muito natural. Conversar com os meus amigos espirituais estava longe de ser alarmante, mas sentar-me numa sala escura, rodeada de estranhos, foi completamente diferente.

Quando cheguei a casa, depois de terminar a sessão, agradeci a Deus por ter sido capaz de conversar com o meu irmão de uma maneira diferente de tudo o que já tinha feito antes. Nenhuma dúvida ou ceticismo sequer passou pela minha mente. Eu sabia quem era o meu irmão e sabia que ele estava sempre comigo, considerando que Deus tinha sido especialmente generoso comigo ao permitir que falássemos assim.

Fiquei tão entusiasmada com essa experiência e tão ansiosa para que outros pudessem ter a mesma bênção, que decidi chamar alguns cavalheiros da minha terra, que sabia estarem na cidade, para lhes contar tudo. Percebi que estava mais do que exposta ao ridículo, como costumava acontecer sempre que falava sobre tais coisas, mas decidi arriscar. Para minha surpresa, descobri que esses três dignos cavalheiros eram espiritualistas e estavam muito interessados no que eu lhes contei. Pediram-me para os deixar acompanhar-me na próxima vez que fosse a uma sessão.

Combinei ir com eles na sexta-feira seguinte. Quando chegámos à casa da médium, toquei a campainha e cumprimentei-a quando apareceu à porta. A falta de cordialidade que tinha notado antes na sua atitude parecia multiplicada por cem quando ela nos viu acompanhados daqueles cavalheiros.

"A minha sessão está cheia e não tenho mais lugar", disse-nos ela de forma abrupta.

Instantaneamente, uma visão da sala de sessões apareceu-me diante dos olhos e vi que estava vazia.

"Porque," exclamei surpreendida, "não há ninguém na sua sala de sessões; ela está vazia!"

Ela olhou para mim de uma forma muito pouco amigável, hesitou um momento, e depois fechou a porta na nossa cara sem dizer mais uma palavra.

Fiquei muito surpreendida com esse tratamento e angustiada por ter desperdiçado o tempo valioso desses cavalheiros numa busca infrutífera.

"Não consigo perceber o que ela quer dizer com 'a sessão está cheia', porque posso ver que ela ainda não tem ninguém lá," disse-lhes, tentando pedir desculpa pelo transtorno que lhes causei.

Um dos homens, um advogado, riu e disse: "Não te preocupes com isso, menina; ela simplesmente não queria que nós participássemos da sua sessão. Foi a maneira dela de nos dizer isso. Vais perceber, à medida que cresceres, que as pessoas muitas vezes arranjam desculpas assim em vez de dizerem a verdade."

Depois de chegar a casa, quanto mais pensava sobre o assunto, mais agitada ficava. Eu tinha tentado ajudar aquela mulher tanto quanto os cavalheiros que tinha levado, e em vez de ser grata, ela praticamente nos insultou. Decidi então que iria vê-la na tarde seguinte, quando tivesse meio dia de folga do trabalho.

Quando ela apareceu à porta em resposta ao meu toque, disse-lhe que queria perguntar-lhe porque não nos tinha permitido entrar na sua sessão na noite anterior.

Ela disse: "Eu não quero médiuns e os seus amigos a bisbilhotar nas minhas sessões. Eu não interfiro com outros médiuns e o seu trabalho e não me interessa que eles interfiram comigo."

"Mas nenhum de nós era médium," comecei a explicar, mas fui interrompida pela sua risada divertida e desconfiada.

"Não tentes dizer-me uma coisa dessas, porque eu reconheço um médium logo que o vejo. Tu és uma e não me podes enganar."

Tentei o meu melhor para lhe explicar que não era médium e que não queria ser, e contei-lhe todos os problemas que já tinha enfrentado por causa dessa crença que tantos dos meus conhecidos tinham sobre mim. Após uma longa discussão, ela finalmente percebeu que eu estava a dizer-lhe a verdade e que eu não sabia qual poder possuía. Ela disse que me daria uma consulta e que os seus Guias tentariam explicar-me toda a situação.

Entrámos na sala de sessões e fomos recebidas por um dos seus Guias, que lhe disse que ela tinha errado ao recusar-me a entrada na noite anterior, que ele tinha tentado impressioná-la para que nos deixasse ficar, mas não conseguiu. Ele disse que eu nascera com um maravilhoso dom mediúnico e que os meus Guias estavam a fazer o seu melhor para me induzir a assumir o trabalho de médium.

Imediatamente levantei uma objeção; já tinha tido demasiados problemas com esse "dom" de que ele me falava, e não queria mais.

Ele foi bem firme, no entanto, e disse-me que era meu dever para com Deus dar o benefício do meu poder ao mundo. Deus dera-me o dom e era minha obrigação usá-lo como Ele queria e pretendia que eu o fizesse.

Sempre estive habituada a obedecer às minhas "vozes", como eu as chamava, e quando uma voz do Espírito falava tão fortemente, não argumentei mais. Ele explicou que o meu trabalho seria difícil e, em muitos casos, ingrato, mas era a minha tarefa e eu devia cumpri-la. Eles ajudar-me iam o tempo todo e proteger-me-iam, não tendo eu nada a temer. Disseram-me que ao menos uma sessão privada por semana com este médium seria necessária durante vários meses para desenvolver o meu poder.

Participei nas suas sessões públicas e o meu desenvolvimento começou. Na segunda, vários dos amigos do Espírito usaram línguas estrangeiras, algo que nunca tinha acontecido nas suas sessões antes, embora ela fosse médium há catorze anos. Os seus Guias explicaram que estavam a usar as minhas forças para isso, não as dela.

As semanas passaram e eu tornei-me uma grande ajuda para ela nas suas sessões públicas, mas não percebia o verdadeiro poder que tinha. Um dia, ela disse-me para ir à sua casa, mas quando cheguei, encontrei-a fora. Uma amiga mulher que morava com ela disse-me que devia ir para a sala de sessões com um homem que tinha feito uma marcação para uma consulta. Este era um dos cavalheiros que eu tinha trazido comigo naquela noite de sexta-feira, há semanas. Agora, ele era um participante regular nas suas sessões. Eu disse que não havia razão para nos sentarmos sozinhos sem o médium, que não teríamos resultados, mas apenas perderíamos o tempo. Sem que eu soubesse, o médium tinha combinado com este homem para fazer essa consulta para saber até que ponto eu tinha desenvolvido, e, por

conseguinte, ele incentivou-me a tentar a consulta. Disse-lhe que, se ele podia perder o seu tempo, eu também poderia perder o meu, e entrámos na sala.

A consulta começou e decorreu como se o médium estivesse presente. Ele ficou eufórico, mas eu acreditava que o médium devia estar em algum lugar da casa e que as suas forças estavam a controlar as sessões. Este homem e a mulher da casa provaram-me que o médium não estava lá, mas eu ainda não conseguia acreditar na minha própria mente que a consulta tivesse sido realizada com as minhas forças.

Pouco depois disso, o médium deu-me uma das suas trombetas para levar para casa. Eu fiz isso e coloquei-a num canto do meu quarto. Depois de me deitar, assim que o quarto ficou escuro, a trombeta começou a mover-se e a bater-me. Apesar da minha experiência anterior, fiquei tão assustada que gritei e acordei a casa. A minha senhora dona de casa entrou no quarto, e, depois de lhe contar o que tinha acontecido, levantei-me, pus a trombeta na minha mala e depois fechei a mala à chave. Ela acabou por ter de dormir comigo essa noite, eu temia tanto o que a trombeta pudesse fazer. Levei-a de volta no dia seguinte e disse que não a podia ter no meu quarto.

Passados alguns dias, recebi um pedido da minha senhora dona de casa para procurar outro quarto. Ela disse-me que o seu padre dizia que eu era uma pessoa indesejável para ela ter em sua casa. Ela tinha-lhe contado sobre o incidente da trombeta. Fui até ao médium, que agora era minha amiga, e contei-lhe o problema em que me encontrava por causa da sua trombeta.

"Não estás em nenhum problema," informou-me. "Acabei de receber notícias de que o meu pai está gravemente doente e tenho de sair da cidade imediatamente para ir até ele. Podes ficar com o meu apartamento e realizar sessões no meu lugar."

Finalmente decidi que tanto fazia ficar com o seu pequeno apartamento como não, mas não planeava realizar sessões.

Mudei-me para lá e fui informada pelos meus Guias de que deveria começar o meu trabalho como médium. Fui adiando, com uma desculpa ou outra, até que um dia fui despedida do meu emprego. O meu patrão disse que não tinha uma razão real para me despedir, o meu trabalho estava bem, mas ele tinha de me despedir. Obtive e perdi vários outros empregos em rápida sucessão, cada patrão dizendo que o meu trabalho estava satisfatório, mas que não me podia manter.

No dia seguinte ao de perder o último emprego, recebi uma carta de uma mulher de Milwaukee que ouvira falar da "médium criança," como eu era chamada, a pedir que eu fosse para lá durante algumas semanas para realizar sessões. Ela disse que pagaria as minhas despesas e dar-me-ia mais o suficiente para cobrir qualquer perda de rendimento durante a minha visita.

Pensei cuidadosamente sobre o assunto e cheguei à conclusão de que os meus Guias iam insistir que eu começasse o trabalho que diziam estar planeado para mim, e que o melhor seria começar sem mais demora.

Passei cinco semanas em Milwaukee, realizando sessões todas as noites e submetendo-me a todos os testes que as pessoas podiam pensar para descobrir se a minha mediunidade era genuína ou se eu era uma fraude.

Durante uma sessão, perto do final da quarta semana, os amigos do Espírito dos presentes estavam muito fortes, falando em vozes claras e altas e, ocasionalmente, batendo em várias pessoas com a trombeta. Eu estava agachada dentro de um saco de pano forte que estava pregado no chão nos dois cantos inferiores, tinha sido cosido no topo depois de eu entrar, e estava sendo segurado nos dois cantos superiores por um homem de cada lado.

Uma mulher que tinha assistido à maioria das sessões durante a minha estadia tinha perguntado continuamente à sua filha se ela já tinha saído do purgatório. Cada vez a filha dizia-lhe que nunca tinha estado no purgatório, que não podia encontrar tal lugar no Mundo Espiritual. Cada vez a mãe dizia-lhe que tinha pago por mais uma missa e perguntava-lhe se já estava fora. Esta noite, quando fez a pergunta habitual, a filha disse: "Mãe, digo-te que nunca estive no purgatório, e não podes tirar-me de algo que nunca vi. Estou bem aqui contigo," e, para enfatizar a sua presença, deu à mãe um forte golpe no joelho com a trombeta.

"Glória a Deus!" gritou a mulher; "a médium saiu do saco."

O meu Guia Pat tomou conta da sessão imediatamente e disse a todos que nunca mais me permitiriam submeter-me a quaisquer condições de "teste", que, não importando o teste, certas pessoas nunca acreditariam de qualquer forma. Com isso, um Guia índio agarrou o saco, afastou os dois homens que o estavam segurando, rasgou-o pelo topo e tirou-o de mim.

"Nunca mais," disse Pat, "permitiremos que a nossa médium se submeta a tal desconforto e indignidade como ela fez durante estas quatro semanas na tentativa de provar que a comunicação é possível entre o vosso mundo e o nosso. É inútil tentar prová-lo a algumas pessoas, e aqueles que acreditarem nisso no futuro devem fazê-lo através do poder da sua razão, depois de testemunharem os fenómenos da sala de sessões. Podemos permitir que ela se submeta a testes perante um grupo de investigadores científicos sérios que estejam a examinar a questão de forma crítica e imparcial, mas sob nenhuma outra condição o permitiremos."

As sessões que realizei durante a última semana da minha estadia foram conduzidas enquanto eu me sentava com um pouco de dignidade e muito mais conforto numa cadeira, não atada de pés e mãos, nem amordaçada, nem com a boca cheia de farinha, nem em nenhuma das outras inúmeras formas a que me tinha submetido anteriormente.
Depois de voltar para casa, decidi seguir o caminho que os meus Guias disseram estar traçado para mim e comecei o meu trabalho sério como médium perante o público.

OS MEUS GUIAS

ANTES DE COMEÇAR a narrativa das muitas experiências tidas no espaço das sessões e as lições a serem aprendidas com elas, traçarei pequenos esboços dos meus diferentes Guias e do trabalho específico que eles adoram fazer. Todos têm Espirituais Guias, geralmente doze em quantidade, que dão toda a ajuda e felicidade que serão aceites, e fazem isso através do vínculo de amor que os une àquele que são objecto da sua solicitude.

Segundo a Lei da Atração, quanto mais desenvolvido espiritualmente for um indivíduo, mais elevado será o plano de onde vêm os seus Guias. Aqueles que ele atrai dependem em grande parte dos interesses terrenos particulares da pessoa, um médico recebe ajuda daqueles que se interessam pelas várias ciências que contribuem para a sua profissão, um artista recebe ajuda daqueles que prosseguem as suas carreiras artísticas no Espírito e uma médium recebe ajuda daqueles que podem ajudá-la a prosseguir o seu trabalho.

Todas As médiuns, especialmente aquelas por meio das quais os fenómenos físicos são demonstrados (eu sou desse tipo), têm um Guia que é chamado de "Químico." Ele é um Guia mestre altamente desenvolvido, que tem que estar há muitos anos do Outro Lado, e aprendido as belas leis que regem a comunicação. Até onde me é dado entender a sua função, as forças com as quais ele lida passam por uma combinação de física e química, e existem no ponto em que as duas ciências se encontram e se unem.

Antes que uma sessão Espiritualista de qualquer tipo possa ser iniciada, este Guia deve organizar os seus materiais e trabalhá-los de forma que o que ele chama de "as Forças" sejam formadas a ponto da comunicação poder ocorrer. O que realmente sucede não sabemos e provavelmente não poderíamos explicar de qualquer maneira, por falta de palavras na Terra que descrevam esse fenómeno desconhecido. Contudo, gostaria, de combinar os poucos factos que conhecemos numa explicação sugestiva, embora muito incompleta, que possa ajude a formar uma ideia da abordagem adequada à sala de sessões, mas que não deve ser explicitamente considerada uma elucidação completa ou definitiva.

Sabemos, pelas pesquisas científicas, que os átomos dos noventa e tantos elementos químicos que conhecemos na Terra são compostos de um núcleo e de electrões que são essencialmente do mesmo tipo em todos os átomos. A diferença entre esses elementos reside no número de electrões presentes e no padrão com que eles vibram dentro do átomo. Esses elementos poderiam ser transformados num no outro se fosse possível reorganizar os electrões, e é concebível que um rearranjo também pudesse resultar em corpos desconhecidos na Terra. Qualquer uma dessas mudanças seria acompanhada, ou produzida, por mudanças na vibração dos electrões, que por sua vez necessitariam de uma troca de energia. Sem dúvida que algum tipo de energia deveria ser absorvido no processo e teria que que vir de alguma fonte.

Estamos cientes de que as condições de pensamento harmoniosas são absolutamente essenciais a uma sessão, e que um indivíduo com uma atitude maldosa ou de oposição, entre quarenta outros que estejam em concordância entre si, pode arruinar a sessão. Isso mostra a força positiva do pensamento ou das vibrações do pensamento.

É do conhecimento comum que vários tipos de energia podem alterar manifestações físicas de diferentes tipos. Vejam a mudança na direção que um fluxo de electrões sofre sob a influência da força magnética, ou a obliteração das ondas de rádio pelos raios solares. Vejam também como os sons vindos de um rádio são distorcidos até ficarem irreconhecíveis quando a onda que carrega o impulso eléctrico que os produz sofre a interferência de outra onda de tipo ligeiramente diferente. Pensamentos de desarmonia na

sala interferem de maneira semelhante e chegam a interromper o fluxo de energia proveniente do médium.

Precisamos lembrar-nos, também, que algumas formas de energia são melhor transmitidas na ausência de luz -- por exemplo, ondas de rádio -- e que muitas reações químicas ou não progridem à luz ou são aceleradas a tal ponto que não podem ser controladas. Um exemplo do primeiro tipo de reação deve-se à falha da clorofila em sintetizar o material vegetal a partir do dióxido de carbono e da água quando não há luz presente; da segunda reação, à união de hidrogénio e do cloro com uma violência explosiva sob a luz do sol.

Depois de uma sessão, a médium fica exausta, física e mentalmente, o que indica uma perda de material ou energia, ou de ambos, do seu corpo.

Reunindo agora o nosso pequeno corpo de factos e as deduções deles retiradas, podemos construir um quadro mais ou menos como o que se segue para indicar o que acontece quando os nossos amigos no Espírito se comunicam connosco. Se supusermos que os seus corpos espirituais e os mundos em que vivem são compostos de átomos feitos de núcleos e de eletrões em arranjos diferentes daqueles da terra, e imperceptíveis aos nossos sentidos físicos, para que eles possam tornar-se perceptíveis, devemos admitir uma mudança nos nossos sentidos físicos ou um rearranjo dos eletrões em átomos de um tipo que se nos torne evidente. Tal arranjo parece ser o mais razoável para mim em vista dos outros factos.

Esse rearranjo provavelmente requer a absorção de algum tipo de energia que uma médium está apta a fornecer em grau maior do que outros mortais, embora todos os presentes numa sessão contribuam com uma pequena porção para esse trabalho. Se imaginarmos, pois, o Químico a erguer as suas Forças retirando energia da médium e dos membros da sessão para poder transformar átomos espirituais em físicos, poderemos entender como esse suprimento de energia deve ser contínuo durante a sessão, por que pensamentos de desarmonia podem interromper o seu fluxo e por que isso ocorre melhor no escuro do que à luz.

Este fluxo de energia prossegue continuamente no escuro durante a sessão até que o químico pare de a extrair. Se, porém, uma luz for ligada durante o tempo em que estiver a fluir, ela será interrompida instantaneamente, resultando em efeitos desastrosos na médium. Isso pode ser comparado, embora seja muito mais intensificado, à interrupção abrupta de uma corrente elétrica que flua de um gerador. O gerador queima em muito pouco tempo se ainda houver energia, por a energia eléctrica que ele está a gerar não ter saída. A interrupção do fluxo de energia da médium torna-a instantaneamente inconsciente e possivelmente arruína-lhe o corpo físico.

(Mencionarei mais tarde diversos casos em que luz lançada sobre mim numa sessão.)

Esta explicação do que realmente acontece para que a comunicação possa ocorrer é necessariamente incompleta e possivelmente imprecisa em detalhes, mas enquadra-se nos poucos factos que conhecemos e explica por que certas condições devem ser satisfeitas pela médium e pelos assistentes antes que a comunicação possa ser estabelecida.

Apresenta uma razão lógica para a ausência de luz; para o dano físico que se sabe que provoca na médium caso uma luz seja acesa enquanto a sessão estiver em andamento; para a necessidade de pensamentos harmoniosos nas mentes de todos os presentes; para a mente aberta exigida àqueles que participam numa sessão pela primeira vez; e para a dificuldade de realizar uma sessão durante distúrbios naturais, como tempestades de raios.

O meu químico jamais falou numa sessão; possivelmente ele não pode fazê-lo enquanto realiza o seu trabalho; mas frequentemente fala comigo pessoalmente, aconselha-me e

adverte-me. Ele é muito firme e apenas uma vez me deu conta de um incidente qualquer. Ao contrário da maioria dos outros guias, ele não me apresenta motivos para os conselhos que dá. Ele dá-me apenas instruções explícitas, e triste será para mim o dia em que eu o esquecer ou não lhe der ouvidos.

Snowdrop é uma jovem que auxilia durante uma sessão de voz. Ela instrui e ajuda aqueles do Outro Lado que não estão acostumados a comunicar, a alcançar os seus amigos deste lado e ajuda estes a reconhecê-los. Frequentemente, ela é chamada a dar o nome do amigo Espírito quando ele não pode fazê-lo por não estar familiarizado com as Forças ou por causa da barreira que os seus amigos terrenos coloquem resultantes do ceticismo ou da ignorância das leis espirituais.

Ela participa em muitos testes, geralmente curtos, mas muito directos, para afastar os obstáculos provocados pelo ceticismo. Ela canta com uma voz maravilhosamente doce e compõe poemas, e contribui muito para a beleza e o prazer de uma sessão. As lições e os doces conselhos compreensíveis que dá àqueles que estão se encontram em apuros são realmente enviados por Deus e inestimáveis pela ajuda e conforto que trazem. Ela é amada por todos que já tiveram o privilégio de falar com ela e de receber a sua ajuda.

Pat é um natural da Irlanda alegre que também ajuda durante uma sessão de voz. Milhares de pessoas já o ouviram e gostaram das piadas que ele conta. Algumas pessoas comentam: "Um espírito brinca? Por que alguém faria tal coisa? Certamente eles devem ter coisas mais importantes para fazer no Mundo Espiritual do que inventar piadas para entreter os mortais."

Com frequência, uma reunião enorme de pessoas estranhas tornou o andamento da sessão quase impossível. Mesmo quando não há pessoas com intenções maldosas ou definitivamente céticas presentes, os pensamentos individuais são tão diversos -- alguns são muito hipócritas, outros pensam em assuntos pessoais externos à sala de sessão, outros ainda desejam intensamente que os seus próprios amigos do Espírito venham até eles -- que resulta em desarmonia. Uma piada direta de Pat invariavelmente praticamente conduz os pensamentos de todos para o mesmo canal e limpa a atmosfera pesada, permitindo que a sessão continue com força renovada.

Pat provou ser um conselheiro maravilhoso em negócios e outros assuntos da vida terrena. Ele sempre disse que tudo pertence a Deus e só nos foi emprestado para usar e administrar da melhor maneira que pudermos com o propósito de ajudar os outros e melhorar e desenvolver a nossa própria alma. Os negócios, a administração e o uso adequado dos recursos da terra fazem parte do plano de Deus tanto quanto qualquer outra actividade humana, espiritual ou física, e conforme necessário para o desenvolvimento da nossa alma. Consequentemente, qualquer ajuda que possamos receber do Outro Lado será perfeitamente adequada e deve ser usada ao máximo possível.

Pat sempre amou os negócios e gosta de ajudar os outros a conduzi-los; quanto maior e mais importante for, melhor. O seu desenvolvimento contínuo mostra-lhe com mais clareza o tempo todo que todos nós estamos a fazer a obra de Deus. Ele diz: "Vocês são crianças que trabalham na vinha desta pequena terra e nós somos mensageiros de Deus e dos mundos superiores para os ajudar. A minha especialidade são os negócios e adoro ajudar aqueles que estão envolvidos neles."

Os conselhos de Pat nunca se mostraram errados, mas muitos não os acataram e, mais tarde, vieram dizer-me que gostariam de o ter feito.

Profeta é uma jovem Guia que me procurou pela primeira vez por volta de 1913 como controladora. Não sabemos nada sobre a sua história pessoal, pois ela nunca conversa com

ninguém nem conta nada sobre si própria. Ela disse-nos que deseja ser conhecida como "Profeta" e por nenhum outro nome. Ela vem durante o mês de Dezembro e faz uma profecia sobre o ano seguinte; sobre condições de negócios; desastres naturais que ameaçam diferentes partes do mundo, incêndios, inundações, naufrágios, furacões, terramotos, etc.; a passagem de pessoas notáveis para o Outro Lado; a descoberta de recursos naturais que venham a desenvolver partes específicas do país; e muitos outros eventos. Durante a Guerra Mundial, ela veio com bastante frequência e falou não apenas sobre as posições ocupadas pelos diversos exércitos, mas sobre os seus próximos objectivos e se eles iriam alcançá-los ou não.

Tanta gente interpreta mal a profecia e confunde-a com adivinhação que os nossos amigos no Espírito têm muita relutância em tentar trazer essa ajuda até nós. As verdadeiras profecias são de grande valor para nós na condução dos nossos negócios terrenos, mas a adivinhação e a cartomancia engana com tanta frequência as pessoas que nossos Guias hesitam em nos fazer uma profecia, sabendo que provavelmente será mal interpretada.

Muitas pessoas, por uma razão ou outra, como surdez, medo do escuro, etc., preferem receber as suas mensagens por meio de um controlo do Espírito da médium em vez da voz directa. Nessas alturas, a minha Guia Bright Eyes assume o meu controlo e, por meio do meu corpo físico, transmite as mensagens das pessoas do Outro Lado. Nessas alturas, Bright Eyes é a verdadeira médium, e usa o meu corpo, enquanto a minha alma e mente existem separadas dele. Ela usa um tom de voz alto e claro, que, segundo me disseram, difere consideravelmente do meu, e tem a força para trazer mensagens até mesmo a um cético irracional, caso exista alguma razão pela qual o Mundo Espiritual deseja que tal pessoa receba uma mensagem.

Uma tarefa muito importante da Bright Eyes é a de conduzir o nosso trabalho de envio de mensagens pelo correio. A toda a pessoa, seja um amigo de Stead Center ou um estranho, que me escreva a fazer perguntas que deseja que os seus entes queridos no Espírito respondam, recebe uma mensagem de Bright Eyes como se a pessoa se encontrasse pessoalmente presente. As respostas e conselhos que dá são anotados por um estenógrafo competente e depois transcritas e enviadas como uma carta. Quando uma pessoa está presente numa sessão em que Bright Eyes me controle, ele dirige-lhe as perguntas directamente a ela. Quando escreve, deve fazer as perguntas da mesma maneira. Uma razão para isso, que vale apenas com relação às mensagens escritas, é que uma carta traz consigo muitas outras condições para além das do escritor, e por vezes é principalmente por meio das respostas às perguntas nela contidas que Bright Eyes sabe que está a passar a mensagem à pessoa certa.

Pink Rose é uma outra Guia que transmite mensagens por meio do controlo que exerce sobre mim. Ela raramente vem a indivíduos ou pequenos grupos de pessoas. O seu trabalho consiste principalmente em dar palestras para grandes públicos e mensagens curtas para indivíduos na plateia. Ela celebra cerimónias de casamento e serviços fúnebres e baptizados, e dá belos conselhos e consolo aos presentes.

Durante alguns anos, certos membros do Stead Center formaram uma classe que se reunia para uma sessão uma vez por mês, na qual recebiam os ensinamentos, coletados no nosso livro God's World, dos Guias Mestres que aprendemos a conhecer como Professores. Todas essas Almas se encontram há muitos anos no Mundo Espiritual, algumas delas desde períodos anteriores à história registada, e progrediram muito. Eles vieram para dar-nos, e ao mundo em geral, por nosso intermédio, o benefício do conhecimento que obtiveram durante os seus anos de estudo e avanço. Muito bonita e útil é a sua filosofia, como todos que a tiverem lido concordarão.

Durante muitos anos, a noite de sexta-feira foi reservada por os nossos Guias como uma noite de cura. Homens que eram médicos na terra e que continuam esse trabalho no Outro Lado usam as Forças da sessão dessa noite para curar e ajudar aqueles que estão doentes na terra. É claro que é bem sabido que não há doença no Mundo Espiritual, mas o estudo da medicina e da cura é necessário para dar assistência aos nossos médicos do plano terreno quando adoecemos. Maravilhoso tem sido o conselho e a ajuda dados por esses médicos do Espírito, como o capítulo sobre "Cura" tornará evidente.

Aí será observado, e deve ser enfatizado aqui, que a cura espiritual, embora indispensável, em muitos casos deve ser complementada pela cura física e a assistência de médicos no plano terreno. Foi-nos ensinado que a resignação passiva daqueles que sofrem de ossos quebrados ou feridas profundas na pele e nos tecidos ou outras deficiências semelhantes que abrigam a ideia: "Os meus guias estão a ajudar-me, eu vou ser curado," é errada. A fé é essencial e serve de exemplo, mas a assistência física deve ser dada aos nossos médicos espirituais quando necessário. Eles são os primeiros a aconselhar uma operação quando se faz necessária, e a ajudar os nossos médicos na Terra quando necessário.

Eu própria sou frequentemente aconselhada pelos meus Guias a ir a um médico e posso dizer em abono da verdade que muitas vezes recebi ajuda essencial da parte deles. Isso é verdade com respeito àqueles homens sinceros que têm em mente o bem-estar dos seus pacientes e que têm uma compreensão real da sua missão na vida e da responsabilidade que assenta sobre os seus ombros. Esses homens recebem uma grande ajuda dos seus confrades no Espírito e realizam um grande bem.

Nem neste campo nem em qualquer outro a actividade ou esforço humano é menosprezada pelos nossos amigos Espirituais; tudo, espiritual e físico, é parte integrante do grande padrão de vida e experiência de Deus e indispensável para o seu desenvolvimento mais completo.

Muitas pessoas que eu nunca conheci, mas que estiveram em comunicação com o Centro, sentam-se nas suas próprias casas à sexta-feira à noite em afectuosa concentração com os seus amigos no Espírito, e têm recebido grande ajuda na doença e na dor, conforme as cartas que me endereçaram depois testemunharam. Os nossos médicos no Espírito por meio das Forças formadas na nossa sala de sessões são capazes de levar a sua ajuda a essas casas distantes e separadas e demonstrar o amor e a solicitude que têm por todos nós, quando permitimos que o façam.

Acredito que a maioria dos meus leitores, senão todos, conhece bem o trabalho que o Sr. William Thomas Stead fez enquanto esteve na Terra. Ele foi um viajante; jornalista; editor; fundador e chefe do Julia's Bureau, uma instituição onde aqueles que buscam mensagens dos seus amigos no Mundo Espiritual podem recebê-las de médiuns dignos de confiança; e homem de muitas outras actividades. Um dos objectivos da última visita que projetada à América, em cujo começo praticamente ele afundou com o Titanic, era uma viagem para me conhecer, a jovem médium com respeito à qual ele tinha ouvido falar tanto de amigos comuns em Londres. Era intenção sua tentar induzir-me a voltar a Londres com ele para ajudar na condução do Bureau de Julia, mas não fora decretado que nos devêssemos conhecer pessoalmente.

Vinte e quatro horas depois de o navio ter afundado, ele veio à minha sala de sessões enquanto eu estava a dar uma sessão para uma Inglesa. Os seus planos de me visitar em carne e osso ainda gozava de supremacia na sua mente depois de ele falecer. Ele disse-nos que não tinha sofrido como os outros no navio quando ele afundou. Ele percebeu, logo depois de o barco bater, que nada poderia salvá-lo e retirou-se para a sua cabine, onde orou a

Deus por ajuda para os outros e pediu aos seus Guias que lhe libertassem a alma do corpo com o mínimo de dor possível. Ele sentou-se calmamente, à espera da transição, e enviou pensamentos afectuosos aos seus amigos e pediu ajuda para os seus companheiros de viagem que não eram tão afortunados quanto ele, por ter uma crença maravilhosamente sustentadora no Espiritualismo. Antes que a água o tocasse, os seus Guias libertaram-lhe a alma do corpo terreno e pouparam-no ao sofrimento do afogamento.

Ele contou-nos que reconheceu imediatamente o que havia sucedido, e que, depois de cumprimentar os seus amigos que estavam lá para o receber, ele apareceu fora do navio e encontrou muitas almas, que tinham acabado de passar, tontas e a vagar sem rumo sobre as ondas ou a tentar para amontoar-se desesperadamente nos botes salva-vidas, sem perceber o que lhes havia acontecido. Ele começou a esforçar-se por tentar ajudá-los a compreender, como ele viu que muitos outros no Espírito estavam a fazer. O conhecimento prévio que angariara da Verdade preparou-o para tudo isso e ele foi capaz de começar o seu trabalho sem demora.

Numa outra sessão, alguns dias depois, ele disse-me que eu devia formar uma organização a fim de continuar o meu trabalho de forma mais eficaz, e estabelecer um centro reconhecido a partir do qual aconselhamento e ajuda pudessem ser obtidos por aqueles que se encontrassem em necessidade, e instruções e ensinamentos poderiam ser dados ao mundo.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo, e pensava que o meu trabalho consistia apenas em fazer sessões. Após vários meses de insistência e explicação da sua parte, comecei a perceber que o Espiritualismo era muito mais do que a mera realização de sessões. Era uma religião muito incompreendida e que precisava urgentemente de esclarecimento e elucidação para o mundo em geral. Tantos foram os charlatões que trabalharam em seu nome, e tantos foram os médiuns subdesenvolvidos que não tinham a verdadeira força espiritual para combater e esclarecer essas condições, que caiu em descrédito junto das pessoas de pensamento.

Tal ignomínia sofreu incremento com cada oportunidade por parte daquelas religiões e daqueles que buscam conhecer-se a si próprios, que entenderam o que ela realmente representava e a recearam por causa da libertação através da verdade e da iluminação que ela traria àqueles que se encontravam sujeitos ao seu poder por meio da ignorância. O Espiritualismo tem que lutar contra todas as forças da ignorância e da ganância fora do seu âmbito e o subdesenvolvimento dos seus adeptos e o charlatanismo internos.

O Sr. Stead entendeu tudo isso e estava ansioso por começar a trabalhar para corrigir essas condições desafortunadas. Quando finalmente percebi o plano que ele havia formado, reuni os meus amigos e formamos a organização que leva o nome de seu espírito motor e fundador, o Sr. Stead.

Desde então, incorporamos o W.T. Stead Center of Soul Communion em vários estados como uma organização religiosa, sem fins lucrativos, e há anos tentamos elevar o Espiritualismo à dignidade que lhe pertence por direito, por meio da maravilhosa mediunidade com que Deus me abençoou, por meio a publicação dos ensinamentos que nos foram dados pelos Guias Mestres, remetendo mensagens por correio àqueles que não puderam visitar-me pessoalmente e, por fim, por meio da publicação deste livro, que espero venha a proporcionar a muitas pessoas uma compreensão diferente da nossa religião. Em suma, sob a orientação do Sr. Stead, temos tentado durante todos estes anos levar ao maior número de pessoas possível, por todos os meios ao nosso alcance, a compreensão, o conforto e a alegria de que o Espiritualismo é capaz quando inteiramente compreendido.

Não há nada de novo no Espiritualismo, nada de radical, nada de complicado nem assustador. Conforme ensinado pelos nossos Guias Mestres, é uma religião muito simples, que ensina que Deus, enquanto espírito-guia do universo, criou as almas que devem desenvolver-se pelo trabalho e pelo amor, e que esse desenvolvimento é contínuo, esteja a alma na terra ou em alguma outra parte do universo.

Como tudo faz parte de um todo coerente, a comunicação e o entendimento entre as diferentes almas acham-se necessariamente presentes. É somente por causa de nossa ignorância e desvio do plano que Deus traçou que é necessário que nós, que nos encontramos na terra, tenhamos um médium presente, a fim de podermos falar com aqueles que avançaram mais do que nós. A comunicação entre as almas, não importa onde estejam, é tão natural quanto a comunicação entre os mortais.

Aprendemos que o Amor e a Harmonia são as maiores forças do universo e que os trabalhos conduzidos em estrito acordo com eles proporcionam o desenvolvimento da alma e a felicidade suprema que todos buscamos.

Não reconhecemos nenhum céu, inferno, purgatório e assim por diante como locais de residência para aqueles que estão a passar pela mudança chamada morte. A recompensa de uma vida adequada na terra é o contentamento e a felicidade por causa do progresso da alma. A punição pelas más acções na terra consiste unicamente, mas é sentida de forma aguda, na infelicidade pela falta de progresso, remorso e correção dos erros cometidos.

Somos ensinados que o mal não existe. Existe ignorância e falta do bem, mas não existe demónio, espíritos malignos nem actos malignos.

Todos os aspetos apresentados neste breve resumo aparecem novamente e são explicados mais detalhadamente nas experiências que se seguem.

SNOWDROP

Donzela do mundo invisível ao lado,
Onde os corações são puros e o amor não morre,
Onde a paciência não conhece amanhecer nem anoitecer,
Donzela do mundo além do nosso céu,
Pergunto-me,
Se eu fosse tu e tu fosses eu,
Parte argila, parte espírito, como eu,
E se eu tivesse o poder de ver claramente
Através dos corações, enquanto tu deves morrer,
Eu questiono,
Se eu poderia vir ao povo da Terra,
E dia após dia cumprir minha missão,
Trazer coragem, alegria e amor
E encontrar cada alma por trás de cada máscara
Como tu fazes!
Amiga do plano além do nosso alcance,
Se eu pudesse ver tão bem quanto ouvir,
Grande força talvez me viesse algum dia
E me desse coragem para chamar-te querida,
Snowdrop!

PINK ROSE

Pink Rose é uma controladora minha que realiza casamentos, conduz batizados e funerais e dá palestras e responde a testes das pessoas em grandes audiências. Ela raramente vem a uma ou duas pessoas numa sessão, conforme Bright Eyes faz; ela prefere lidar com grupos grandes e trabalha à luz do dia.

Várias vezes realizei reuniões abertas no Carnegie Hall, em Nova Iorque, dando a oportunidade a Pink Rose de fazer o trabalho que ela adora. Ela deu belas palestras em cada uma dessas vezes e, no final, passou mensagens a estranhos na plateia. A maioria das centenas de pessoas presentes eram estranhos e muitos eram céticos, e não tinham qualquer conhecimento do Espiritualismo. As condições, pois, eram extremamente difíceis, mas Pink Rose gosta de superar essa mesma dificuldade e de provar a muitos ao mesmo tempo o conhecimento e o poder que têm aqueles do Outro Lado.

Dirigindo-se a uma mulher que selecionou numa reunião, ela disse: "Senhora, você nunca esteve em nada assim antes e não o compreende. Todavia, eu gostaria de lhe passar uma mensagem, e tenho a certeza de que você vai gostar. Você tem um lindo filho, que dá pelo nome de Harry, do nosso lado da vida. Hoje é o aniversário dele e ele completaria vinte e quatro anos se ainda estivesse consigo."

"Exactamente," exclamou a mulher, "ele era jovem quando faleceu e eu tinha-o esquecido."

"Pois," disse Pink Rose, "ele tinha apenas seis anos, mas nunca se esqueceu do aniversário nem da mãe e ajuda-a a toda a hora."

Entre os muitos presentes numa outra reunião estava uma Irlandesa que por acaso estava de passagem pelo Carnegie Hall e, ao ver a multidão de gente, entrou por curiosidade a fim de descobrir o que estava a acontecer. Sem que ela soubesse, um irmão tinha feito a mesma coisa e encontrava-se sentado no lado oposto do corredor.

Depois de fazer a sua palestra, Pink Rose começou a passar mensagens. Por fim, ela apontou para esta mulher e disse: "Senhora, você chama-se Maria e nunca esteve num lugar como este antes. A sua mãe encontra-se aqui connosco. Hoje é sábado e a sua mãe está aqui desde Domingo passado, há apenas uma semana. Ela está muito feliz e acha tudo mais glorioso do que ela imaginava que poderia ser. Ela amou a Deus e a recompensa da beleza do Espírito é dela."

A mulher chorou um pouco e disse que tudo era verdade.

Apontando então para um homem do outro lado da sala, Pink Rose disse-lhe: "Você chama-se Jim e você é o irmão da senhora a quem passei esta mensagem."

Levantando-se, irmão e irmã reconheceram-se mutuamente, surpreendidos, por nenhum deles ter recebido qualquer aviso da presença do outro, embora o homem tenha ficado surpreendido com a mensagem que escutara Pink Rose dar.

Pink Rose continuou: "A vossa mãe deseja que diga que guiou os dois para aqui. Também diz que agora está com a Henrietta, a quem encontrou por altura da sua passagem."

Parece que pouco antes de essa mãe falecer, ela abrira os olhos e, fixando o olhar com intensidade, pareceu ver alguém invisível para os demais ao redor da cama e disse: "Henrietta," o nome de uma amiga de infância que a precedera no Mundo do Espírito. Agora irmão e a irmã perceberam o que havia acontecido.

Eu disse que Pink Rose muito raramente vem até uma única pessoa, mas de vez em quando ela faz isso.

Uma mulher, para quem eu já vinha a fazer sessões há algum tempo, apareceu-me um dia muito nervosa. Ela estava preocupada com o facto do marido perder a posição que tinha no emprego.

"Medie," disse ela, "ouvi você dizer muitas vezes como a Pink Rose é maravilhosa. Você pensa que ela falaria comigo? Preciso muito de uma mensagem que estou certa ela poderia me dar."

"A única maneira por que eu sei de você poderá contactá-la," disse eu, "é fazendo uma leitura de transe por intermédio de Bright Eyes e perguntar-lhe se será possível falar com a Pink Rose."

Quando Bright Eyes assumiu o meu controlo e cumprimentou a mulher, disse: "Você não quer falar comigo, hoje; quer a Pink Rose. Vou pedir-lhe que venha até aqui."

Pink Rose veio e deu à mulher uma bela sessão. Ela disse que o marido da mulher não iria perder o cargo, que a empresa estava a reorganizar-se e que lhe ia dar um cargo muito superior ao que ele tinha.

"Não quero que pense que isto é adivinhação e, se achasse que o faria, não lhe teria dado esta mensagem," continuou Pink Rose.

A mulher assegurou-lhe sinceramente que precisava da mensagem e não a consideraria uma leitura da sorte.

Então Pink Rose fez-lhe uma profecia detalhada com cinco anos de antecipação, por ela ver que a mulher estava muito preocupada e iria usar a informação da maneira adequada. Tudo acabou por se revelar absolutamente preciso.

No final da sessão, Pink Rose disse-lhe: "Você tem uma amiga de escola com quem não fala há dois anos. Isso não lhe traz nenhuma bênção e atrapalha o seu desenvolvimento. Hoje ela precisa muito de si e quero que vá daqui diretamente ao seu encontro, antes de voltar para a sua própria casa."

No dia seguinte, a mulher voltou e disse-me que ela chegara à casa da sua amiga e encontrou a filha dela a afundar-se vítima da difteria. Faleceu naquela noite, e o conforto que esta mulher foi capaz de dar à mãe da criança foi a paga parcial pelo conforto que o Mundo Espiritual lhe trouxe através da Pink Rose.

TESTES

AO EXIGIREM "testes" dos seus amigos do espírito, os mortais precisam perceber que lançam uma barreira ao redor de si próprios que é muito difícil os seus amigos penetrarem. Eles derrotam o seu próprio propósito com uma atitude positiva e autoritária que torna a comunicação quase impossível. As vibrações que eles emitem estão tão em desacordo com a condição de harmonia afetuosa que é necessária à comunicação que eles não só a impossibilitam, como por vezes interrompem a sintonia da médium e tornam o progresso da sessão impossível.

Testes sem fim são dados quando menos se espera, por os do Outro Lado quererem dar-nos testes, quererem convencer-nos da sua realidade, mas, vivendo acima de nós como vivem, não podem receber ordens da nossa parte.

É tão absurdo esperar isso quanto seria esperar que algum garoto traquinas chegasse ao pé de um capitalista que estivesse a sair da sua limusine e dissesse: "Eles disseram-me que você é um homem rico. Prove-me isso e tire tirando um milhão de dólares dos bolsos." Que o garoto não tem o direito de dar ordens, todos reconhecemos. Ele não tem o direito de especificar o tipo de prova da riqueza do homem. Seria concebível que o capitalista pudesse tirar do bolso títulos no valor de dois milhões de dólares, mas essa não é a prova exigida. Nós consideraríamos o homem justificado em ignorar a existência do garoto.

Uma situação análoga se coloca quando um mortal exige uma prova dos seus amigos do espírito, e eles não o ignoram; eles fazem o possível para apresentar alguma prova pela compaixão que têm para com a ignorância do mortal. A prova, entretanto, quase sempre é diferente daquela que é solicitada.

Para ilustrar os testes que surgem assim, de forma inesperada, deixem que lhes conte o seguinte:

Uma jovem compareceu a duas sessões públicas e supostamente foi abordada pelo irmão, mas a voz era revelou-se tão baixa que as palavras soaram indistintas. A jovem ficou com ceticismo e ergueu uma barreira que o irmão não conseguia penetrar com uma mensagem mais clara. Entretanto, o interesse que ela tinha quando veio uma segunda vez, e posteriormente uma terceira vez, mereceu, evidentemente, uma recompensa da parte do Mundo Espiritual, porquanto o irmão desta vez veio e disse numa voz clara: "Irmã, aqui fala o Boots."

O reconhecimento foi imediato e instantâneo, e com a remoção do obstáculo do ceticismo inicial, ela recebeu uma mensagem muito reconfortante da parte do irmão.

O jovem contou-me posteriormente que vinha a esforçar-se muito a pensar numa maneira de convencer a irmã, mas que fora prejudicado pela atitude dela. Se ele pudesse ultrapassar isso o suficiente para falar claramente com ela, ele sabia que poderia apresentar-lhe muitos testes. Vencer a barreira fora a parte difícil. Por fim, lembrou-se de que, em criança na fazenda, gostara tanto de um par de botas de borracha que a família lhe deu o apelido de "Boots." Esse teste era tudo que a garota precisava para abrir a mente e o saudar com franqueza. Então, tornou-se fácil dar-lhe mais provas.

Um membro do Centro enviou um amigo a uma das minhas sessões públicas. Este homem, que nada sabia do Espiritualismo, era do tipo "espertinho." O pai dele, no Espírito veio até ele, e falou-lhe na sua língua nativa, o Alemão. O nosso amigo inteligente pediu ao pai que a mãe lhe viesse falar. O pai então falou de forma muito solene e em Inglês para que todos pudessem entender, e disse: "Filho, não tentes enganar a Deus. A tua mãe logo virá ter comigo, sem que precises fingir que ela se encontre aqui agora."

O pai não disse mais nada e foi-se embora. Parece que esse jovem amava muito a sua mãe e ficou um tanto preocupado com a mensagem, embora não acreditasse na sua origem.

Na manhã seguinte, a mãe dele faleceu, vítima de ataque cardíaco. Um jovem mudado e muito arrependido correu a falar com o pai no Espírito e a implorar perdão caso tivesse causado o falecimento repentino da sua mãe por causa do comentário irreverente que fizera na noite anterior. Disseram-lhe que havia chegado a hora da sua mãe, que ele não a provocara por forma nenhuma, mas que a perda dela para ele foi o seu castigo por tentar enganar a Deus. Parece desnecessário dizer que este homem recebeu um teste que nunca esqueceu e que não precisava que mais ninguém o convencesse de que o Mundo Espiritual estava povoado de seres muito reais que sabiam muito mais do que ele.

Numa outra ocasião, um casal de idosos que me visitou participou numa sessão pública. Eles vieram com amor e com o coração aberto para receber qualquer

bênção que o Mundo Espiritual pudesse ter-lhes reservado. Logo depois que a sessão começou, uma voz infantil cumprimentou-nos.

"Olá, avô, esta é a Dorothy e eu quero um pouco de 'chocate.'"

Os velhos exclamaram de alegria. Em altos brados bastante, o avô disse: "Ah, Dorothy, contigo sempre foi 'chocate' em vez de chocolate."

"Bem, eu gosto de dizer assim," foi a resposta atrevida da Dorothy.

Não será esse um pequeno teste simples, mas muito convincente? Como poderia alguém na sala saber que esses dois velhos tinham uma neta no Espírito que pronunciava aquela palavra particular daquela maneira peculiar?

Um homem que ocasionalmente comparecia às minhas sessões teve um belo teste uma noite, embora tivesse passado o estágio em que os testes fossem necessários. No decurso da sessão, um dos Guias do meu círculo dirigiu-se a ele e disse: "Um Espírito vem até junto de si e mostra-me um pequeno chalé todo coberto de flores. Um caminho desce dele até uma parede na qual há um portão contra o qual ela se inclina. Ela está a olhar para a estrada, aparentemente para alguém que está de partida para uma viagem."

O homem falou imediatamente: "Deve ser a minha mãe. Foi exatamente assim que a vi pela última vez, quando eu partia de casa para vir para a América. Não me lembrava dela assim ao portão há vinte anos."

Esse teste constitui uma bela prova da identidade de uma pessoa e certamente não pode ser explicado pela leitura da mente ou qualquer outra trapaça.

Para ilustrar a maneira como os testes chegam às pessoas que não os exigem, lembro-me daqueles recebidos por um casal Sueco de Chicago. Eles eram membros firmes e ativos de uma das igrejas ortodoxas, e o cavalheiro ocupava um cargo na igreja. A investigação dos fenómenos psíquicos era desconhecida para eles.

Um dia, a senhora sentou-se a escrever uma carta à sua mãe na Suécia, mas em vez de escrever uma carta, ela recebeu escrita automática. Consideravelmente surpreendida e intrigada, ela contou a alguns das suas amigas sobre a experiência por que passara. Entre elas encontrava-se uma que conhecia o Espiritualismo e sugeriu à senhora que uma visita a mim poderia fornecer-lhe uma explicação. Ela veio e teve uma visita muito agradável da parte do filho e filha dela no Espírito. Ela começou a frequentar sessões privadas com bastante frequência, mas não conseguiu induzir o marido a acompanhá-la.

Numa certa noite de Domingo em que não sucedera haver qualquer serviço de culto ou reunião na igreja, eles receberam uns amigos, e o homem repentinamente teve a ideia de ir a uma das minhas sessões públicas, que ele sabia que ocorreriam ao Domingo. Dizendo à esposa que precisava encontrar-se com um homem por uma questão de negócios, ele partiu, pensando que, dessa forma e decidindo-se tão rapidamente, certamente nenhuma palavra sobre ele poderia precedê-lo.

Logo após o início da sessão, a filha dele cumprimentou-o e disse: "Você acha que enganou a mãe, não é?" e então passou a contar-lhe o que ele havia feito.

Mais tarde, o filho dele veio e depois de o cumprimentar disse: "Você acha que enganou a mãe, mas eu vou dizer-lhe que você esteve aqui esta noite e ela ficará a saber disso antes de você chegar a casa."

A esposa dele, depois dos convidados terem saído bem cedo, decidiu tentar obter uma mensagem por meio da escrita automática. Ela fê-lo imediatamente. O filho dela escreveu que seu pai havia participado numa sessão pública, e tentado enganá-la. Quando o homem

chegou a casa, a esposa cumprimentou-o com a notícia de que ela sabia onde ele estivera por o seu filho ter vindo até ela e lho ter dito.

É bastante evidente que essa mulher gozava de considerável poder psíquico. Caso contrário, ela nunca teria recebido mensagens tão definidas dessa maneira. Ela não participou de sessões para desenvolvimento; os Guias dela usaram o poder que ela tinha assim que estavam preparados para isso, embora ela nada soubesse sobre isso nem sobre o Espiritualismo. Terei mais a dizer sobre isso mais tarde.

O duplo teste que este homem recebeu foi suficiente para o convencer e ele tornou-se um Espiritualista acérrimo e convicto.

Este é outro exemplo em que foi provado que uma pessoa pode participar na sua primeira sessão movida por uma possível sensação de curiosidade ou desejo de descobrir o que tudo isso envolve e obter resultados convincentes. Nenhuma crença anterior é necessária; apenas um espírito aberto para admitir quaisquer bênçãos que possam ser oferecidas. A convicção preconcebida de que o Espiritualismo não é verídico e uma atitude de exigência de provas são as forças que constroem a barreira impenetrável ao redor do indivíduo. Muito poucos problemas são resolvidos por alguém que os ataca com a ideia "Isso não pode ser conseguido," ou "Não é verdade." Eles devem ser abordados com abertura de espírito para que pistas aparentemente insignificantes possam não ser negligenciadas, ou o verdadeiro caminho para a solução não ser ultrapassado, seguindo decididamente demais o caminho originalmente iniciado.

Um homem e a esposa compareceram em algumas das sessões e receberam testes suficientes para os convencer da verdade. Uma certa noite, um amigo espiritual veio até junto do homem e disse: "Como estás, D.E? Eu sou o teu tio Robert."

Depois de conversarem durante alguns minutos, o tio foi-se embora. Quando a sessão terminou, o homem disse-me que tinha um tio Robert, mas que não tinha conhecimento de que ele houvesse falecido.

No Domingo seguinte, esse indivíduo e a esposa foram visitar a mãe, que se encontrava doente, e, notando sobre a cômoda numa foto do seu tio, disse: "Mãe, essa é uma bela foto do tio Robert."

"É," respondeu ela, "É, sim." A propósito, recebi uma carta dele outro dia, a dar-me conta de que está bem."

Isso naturalmente deixou o homem consideravelmente perturbado, por ele ter acabado de começar a acreditar nos seus amigos do espírito e, se o seu tio realmente ainda se encontrava neste mundo, a mensagem deles era falsa. Gozando ainda de tempo de comparecer à sessão de Domingo, ele e a esposa apressaram-se.

Logo após ter começado, a mesma voz veio até junto dele e disse: "Bem, D.E., pareces estar num dilema mas eu vou-te ajudar para que fiques de mente tranquila. Eu sou o teu tio Robert, mas o tio Robert que tu conheces ainda está convosco na Terra. Eu passei para o Mundo Espiritual na infância, mas já tinha recebido o sobrenome Robert, da família. Quando o menino seguinte nasceu da minha mãe, ele também recebeu o mesmo nome para que fosse preservado na família. Da próxima vez que visitares a tua mãe, quero que lhe perguntes sobre isso para que fiques convencido."

Logo depois disso, eles voltaram a visitar a mãe e, durante a conversa, a esposa dele perguntou-lhe quantos filhos tinha na família. Contando-os pelos dedos e chamando-os pelo nome, ela prosseguiu até chegar ao nome de Robert. "O primeiro menino chamado Robert morreu na infância, então quando o seguinte nasceu, ele foi igualmente chamado de Robert

para que o nome ficasse na família." Este homem nunca mais duvidou de mais nada que os amigos no Espírito lhe dissessem.

Uma noite em Nova Iorque, um estranho compareceu nas minhas sessões. Embora ele nunca tivesse participado numa sessão antes, recebeu diversas mensagens lindas dos entes queridos. Depois disso, ele veio sozinho diversas vezes, e posteriormente trouxe a esposa e um amigo. Quando Bright Eyes assumiu o meu controlo nessa última sessão, ela disse:

"John, está aqui o seu pai."

"Ora, deve haver algum engano sobre isso, Bright Eyes, porque o meu pai está vivo."

"Bem," respondeu Bright Eyes, "ele se parece consigo e diz que é seu pai."

A esposa do homem então observou: "É claro que não poderia ser o teu pai, porque ele não se encontra no Espírito e, de qualquer modo, ele não se parece contigo."

Ao perceber que provavelmente havia falado mais do que devia Bright Eyes respondeu:

"Talvez eu tenha cometido um erro; acho que não é o seu pai."

O homem não disse mais nada, mas no dia seguinte voltou sozinho para uma sessão. Bright Eyes passou-lhe a mesma mensagem, acrescentando que o pai falecera quando ainda era jovem. "Sabe," disse Bright Eyes, "isso me lembra uma história que Pat conta sobre um Irlandês que visitou uma médium e lhe disse que queria uma prova de que havia verdade nessa ideia de comunicação entre a Terra e o Mundo Espiritual. Ele queria para saber onde o seu pai se encontrava.

"O médium disse a ele que o pai dele estava em Oklahoma.

'Claro, e agora eu sei que é uma farsa, por eu estado a conversar com o meu pai aqui em Chicago há menos de uma hora atrás.'

"'Bem,' disse a médium, 'o marido da sua mãe pode estar em Chicago, mas o seu pai encontra-se em Oklahoma.'

"Isso é exctamente correto, Olhos Brilhantes," exclamou o homem, e ele prosseguiu e explicou que o pai dele não se casara com a mãe, mas que ela se casara com outro homem antes do bebé nascer, e ele sempre considerara o seu marido como seu pai até à juventude e passar a conhecer a verdade. A esposa dele não estava ao corrente da história, e a mãe, que se encontrava na Europa, não sabia que ele tinha conhecimento disso.

Tudo isso se passou entre Bright Eyes e ele, e claro que eu não nada sabia sobre isso, até que um dia ele veio até mim e me disse: "Medie, tenho algo que quero deitar para fora. Há algum tempo que tenho vindo a pensar nisso."

Ele então passou a contar-me o que tinha acontecido na sessão privada que tivera com Bright Eyes. "Você sabe que um homem precisaria ser louco para não acreditar nesta Verdade depois de uma mensagem dessas. A minha esposa não sabe nada sobre isso, e a minha mãe não sabe que eu tenho conhecimento. Raramente me ocorre e eu certamente não estava a pensar nisso quando Bright Eyes me falou."

Certa vez, três cavalheiros procuraram-me e disseram-me que eram pessoas da igreja, que acreditavam inteiramente em Deus e que O amavam e todas as coisas certas na vida tal qual entendiam o certo. Essa seria a sua primeira experiência em comunicação com o Mundo Espiritual e, embora eles não entendessem nada sobre o assunto, tinham vindo com a mente aberta. Disse-lhes que nada mais lhes poderia ser pedido e que iríamos fazer uma sessão.

Tão logo a luz se apagou, uma voz infantil disse: "Ó pai, ó pai, é a Linae. Você sabe que se eu estivesse no seu mundo hoje, deveria estar com uns 12 anos. Eu deixei-o em bebé, mas sabe que nós crescemos aqui no Espírito, assim como vocês na terra. O tio está comigo."

Parece que esse tio, que era irmão do pai, tinha sugerido o seu nome peculiar, de entre uma certa família de flores, pensando como seria bonito uma menina ter esse nome. A criança contou sobre o seu pequeno caixão e onde foi enterrada.

Tudo o que o pai pôde fazer foi sentar-se e verter lágrimas de alegria, e exclamar: "Que maravilha!"

Ele disse-me que nunca pensara nessa garotinha; que ela havia falecido quando era tão jovem que ele praticamente a esquecera. O nome dela era esse, a idade estava certa, o local onde o seu corpo se encontrava enterrado era correto. Isso foi um teste tanto para os dois senhores, seus queridos amigos, que vinham com ele quanto para ele, porque eles também sabiam de tudo sobre a criança. Depois disso, muitos dos seus entes queridos vieram e tiveram uma bela sessão. Resultados como este são recebidos por qualquer pessoa que chega a um bom médium com verdadeiro amor e um desejo sincero de falar com os entes queridos que já se foram.

Um teste não solicitado dado a uma mãe revelou-se de valor inestimável para ela numa crise. Esta mulher vinha às minhas sessões há muito tempo e estava acostumada a pedir ajuda dos Guias dela sempre que se encontrava em dificuldades. Ela tinha duas filhas, das quais pensava ser o mundo e tudo o mais. Uma delas encontrava-se no barco Eastland* quando ele tombou na doca em que se encontrava ancorado, no rio Chicago, alguns anos atrás. Testemunhas disseram que viram a menina cair, mas a mãe não a conseguira identificar. Ela tinha ido ao necrotério e visto todos os corpos, mas não conseguira reconhecer o da filha. Claro que muitos estavam praticamente irreconhecíveis, pelo que o seu fracasso não era anormal.

**(NT: Desastre esse que foi maior do que o do Titanic, motivado por uma burrice do Comandante, e de que o leitor poderá informar-se por uma simples busca na net.)*

Em meio à sua grande dor e sofrimento, ela veio a uma sessão. A filha cumprimentou-a de imediato e disse: "Sim, mãe, fui lançada na água e afoguei-me. Você viu o meu corpo, mas não o reconheceu. Se você voltar ao necrotério, eu farei com que você o encontre." Disse à mãe em que parte do compartimento exatamente se encontrava e acrescentou: "Não se lembra, mãe, que eu não tinha umbigo?"

A mãe voltou ao necrotério, encontrou o corpo no local descrito pela filha e pediu para ver o abdômen. Era o corpo da sua filha.

Em certa época, era costume Snowdrop entrar numa sessão pública e perguntar às pessoas se elas tinham alguma pergunta à qual gostassem que ela respondesse. Eles poderiam perguntar o que quisessem que ela investigaria e relataria o que descobrisse.

Numa noite de quarta-feira ela fez isso e uma mulher perguntou se faria alguma diferença que o local assunto da pergunta se situasse em qualquer parte do mundo.

Snowdrop disse que não, que ela podia procurar em toda a parte.

A mulher então disse que havia chegado a Chicago naquela manhã, vinda de Los Angeles, onde havia passado dois meses a cuidar de um tio doente. Quando ela saiu, o estado dele apresentara-se tão melhor que ela o considerara fora de qualquer perigo. Agora ela desejava saber como ele estava e perguntou a Snowdrop se ela precisava do endereço da casa. Snowdrop respondeu que lhe pouparia tempo.

Cerca de vinte minutos depois, ela voltou e disse: "Esse homem faleceu."

"Ah, não," respondeu a mulher, "acho que não."

"Bem, você sabe que demorou um pouco a vir de Los Angeles até aqui, e que muita coisa pode acontecer durante esse tempo."

A mulher disse que certamente teria recebido um telegrama se ele tivesse falecido.

Snowdrop disse-lhe que parecia que ele tinha acabado de falecer, tinha partido há mais ou menos uma hora, mas para ter a certeza ela ia voltar a Los Angeles e verificar de novo. Quando ela voltou mais tarde, disse que tinha a certeza de que se tratava do tio da mulher e descreveu-o. Ela descreveu a tia e a casa e disse que o corpo do homem se encontrava deitado numa cama coberta por um lençol.

Todos os presentes ficaram muito interessados e combinaram comparecer na noite de quarta-feira seguinte para ouvir o que a mulher entretanto descobrira. No dia seguinte, ela recebera um telegrama a dar-lhe conta de tudo, exatamente como Snowdrop havia dito.

Numa outra ocasião, uma mulher pediu a Snowdrop que descrevesse coisas da sua própria casa. Snowdrop não encontrou nada de interessante até que ela procurou no porão e viu que a gata da família acabara de ter uma ninhada de gatinhos. Ela relatou isso para diversão de todos os presentes, exceto a inquiridora, que não via nada de engraçado no assunto. Para ela, era uma mensagem muito importante e interessante.

Muitos críticos do Espiritualismo, especialmente aqueles que têm uma opinião mais ou menos exaltada da própria importância nos assuntos do mundo, têm muito a dizer sobre o que eles gostam de chamar de mensagens triviais trazidas por aqueles do Outro Lado. Eles parecem incapazes de compreender o facto de que a importância, assim como a beleza, é relativa e não absoluta; depende do desenvolvimento mental e espiritual do indivíduo e do ambiente no qual ele se acha inserido. As coisas que afetam diretamente o seu interesse e bem-estar são as coisas que são importantes para ele.

Os que se encontram no Espírito encontram-se inteiramente cientes disso e são caridosos o suficiente para nos trazer mensagens que podemos entender e que afetam os nossos interesses pessoais. Que preocupação ou benefício teria para essa mulher uma mensagem que a informasse de que o povo do reino de Poovoodoo estava insatisfeito com o seu governo e estava a pensar no estabelecimento de uma República? Isso podia representar uma notícia muito importante para alguns, banqueiros, por exemplo, mas para ela não significaria nada.

Um teste feito a uma mulher uma tarde na minha sala de sessões surgiu de modo tão inesperado e foi de tal natureza que quase resultou num desastre para mim. Eu tinha mandado decorar a minha casa e, enquanto todos os operários tinham sido prevenidos com respeito à abertura da porta da sala de sessões, um deles ou se esqueceu ou se enganou.

Seja qual for a causa, no meio de uma sessão que eu estava a dar a uma mulher, a porta foi aberta de repente, e deixou entrar a luz. Antes que as forças fossem interrompidas, a mulher viu distintamente as duas trombetas suspensas no ar, sem suporte visível. Elas caíram imediatamente, é claro. Quanto a mim, fiquei instantaneamente inconsciente, mas, devido ao facto da luz não ser especialmente intensa, e de eu não me encontrar sentada diretamente no seu caminho e do operário ter fechado rapidamente a porta ao perceber o erro que cometera, recuperei em pouco tempo.

Eu fiquei fraca demais para fazer mais sessões naquele dia e tive o cuidado de trancar a porta nas seguintes, enquanto os trabalhadores permaneciam na casa. Testes desse tipo

podem ser maravilhosamente convincentes para o assistente, mas são inteiramente perigosos para a médium.

Uma mãe em Chicago estava feliz por ter os dois filhos adultos que lhe eram tão devotados. Um dos meninos, Charlie, com cerca de vinte e seis anos, de repente ficou muito doente e passou para o Mundo Espiritual duas semanas depois. A dor da mãe foi aguda, até que ela ouviu falar do meu trabalho e veio a uma sessão. O filho dela veio até junto da mãe e ela aceitou-o imediatamente. A dor passou-lhe tão rápido que isso foi notado pelo seu outro filho, um ventríloquo profissional.

"Mãe," disse ele, "algo aconteceu, você não parece tão infeliz quanto antes."

"Sim, meu rapaz," respondeu ela, "algo aconteceu." Ela passou a explicar-lhe como ela havia encontrado uma maneira de falar com o irmão e que conforto isso tinha representado para ela.

Apesar do amor que tinha por ela, que deveria tê-lo deixado feliz por ela ter encontrado consolo na sua tristeza, ele riu e disse que a coisa toda era absurda e uma fraude. "Eu vou lá na próxima vez consigo, mãe, e vou expor todo o caso."

Eles chegaram na noite de Domingo seguinte, a mãe entrou primeiro e ele apareceu mais tarde como um estranho, e sentaram-se em lados opostos da sala.

Logo após o início da sessão, o menino, Charlie, surgiu e disse: "Olá, mãe querida. Olá, Billy. Achas que podes enganar o Mundo Espiritual? Não dás crédito à Mãe pelo bom senso suficiente para saber que este sou eu?"

A sessão progrediu por vezes com duas vozes a falar ao mesmo tempo. Normalmente isso não acontece, pois a delicadeza no sentido lato ser observada mais meticulosamente por aqueles do Outro Lado e eu sabia que devia haver um motivo para essa mudança naquela noite, mas não conseguia adivinhar qual era.

No final da sessão, depois que a luz foi acesa, este jovem pediu a todos que permanecessem sentados por alguns momentos. "Tenho um pedido de desculpas a apresentar à Sra. Cook," começou ele, "e quero que todos os presentes ouçam. Sou um ventríloquo e ganho a vida no palco com essa prática. A minha mãe e eu viemos aqui separadamente esta noite, por acreditar que isto não passava de ventriloquismo e desejar expor-lho. Descobri que não há nada passível de ser comparado entre os dois. Dependemos da ilusão e devemos situar-nos numa sala grande, de preferência um auditório, para a criarmos. Numa sala pequena devemos ser detetados facilmente; tampouco podemos criar a ilusão no escuro. Estou convencido de que o que ouvi esta noite não é ventriloquismo e apresento as minhas sinceras desculpas à Sra. Cook por ter duvidado dela."

Poucos dos meus críticos tiveram a coragem moral de me pedir desculpas de forma tão pública, embora muitos o tenham feito a nível particular.

Durante alguns anos, fiz sessões para uma família Sueca. Uma das filhas parecia gostar das sessões, principalmente da música, já que ela própria era musicista; mas ela realmente não acreditava na Verdade. Ela era bastante cética.

Certa noite, fui à casa deles para fazer uma sessão para eles e alguns dos seus amigos convidados. No meio da sessão, por volta das nove horas, uma voz falou a esta jovem: "Olá, Manda, é a Lottie."

Surpreendida e com um toque de satisfação na voz, ela respondeu: "A Lottie não está morta."

"Não, não estou morta de forma nenhuma, mas eu passei esta noite às seis horas. Eu vinha de regresso a casa num carro da North Clark Street e saí da minha pista. Ultrapassei além do carro e não vi o um carro que se dirigia para vindo me direção ao sul, e coloquei-me bem na frente dele. Eu não sofri, por o meu corpo ter sido morto instantaneamente. Por ter acreditado nesta Verdade enquanto estive na terra, vim falar contigo esta noite." (Será interessante, no contexto disto, referir o capítulo sobre "Manifestação Precoce.")

Ninguém na sala tinha tido conhecimento desse acidente até então, mas todos conheciam a garota. Na manhã seguinte, eles descobriram que ela havia morrido exatamente como descreveu na sessão.

O perigo de misturar as próprias forças frequentando diferentes médiuns é ilustrado nos dois casos que se seguem. Nem toda pessoa pode estar em sintonia com todos os médiuns, e quando descobrem um por meio do qual os seus amigos no Espírito podem vir de maneira adequada, é bom ficar com ele e não procurar em mais nenhum lugar. Toda vez que vocês vão para à mesma médium, os vossos entes queridos acostumam-se mais às vibrações dela e sentem-se mais à vontade. Isso resulta em mensagens muito mais claras e satisfatórias.

Aqueles que andam de médium me médium, sempre insatisfeitos, mostram que não têm uma compreensão real das forças espirituais nem das condições em que podem comunicar melhor com os seus entes queridos. Eles derrotam os próprios esforços pela mudança contínua de um médium para outro. Se eles dessem aos seus amigos a oportunidade de se acostumarem às forças de um médium, eles receberiam mensagens muito mais claras e satisfatórias.

Uma mulher descobriu isso durante a ausência de um filho numa viagem que fez ao Oeste. Ele partira na companhia de quatro outros jovens, mas antes de partir prometeu escrever-lhe todas as semanas. "Se você não tiver notícias minhas com regularidade," foram as palavras de despedida que lhe endereçou, "será por algo me ter acontecido e deverá ir até à Sra. Cook, por ser onde eu deverei saudá-la se eu estiver no Mundo Espiritual."

Durante um tempo ela recebeu cartas da parte dele com regularidade; mas então eles pararam de chegar. Passadas três semanas, durante as quais ela não recebeu qualquer palavra, ela decidiu ir a uma médium, mas não veio a mim conforme o filho lhe tinha dito para fazer.

Ela visitou uma médium perto da sua casa numa noite de Domingo e evidenciou tais sinais de tristeza que ninguém poderia deixar de notá-los. Quando questionada pela médium se ela havia perdido algum ente querido, ela disse: "Sim, eu não tenho notícias do meu filho há muito tempo e sei que ele deve estar morto."

"Acho que ele faleceu," disse a médium, e passou a dar-lhe uma mensagem que supostamente vinha da parte dele.

Depois de voltar para casa, a mulher pensou em tudo e decidiu que seria melhor vir até mim, como o seu filho lhe dissera para fazer antes de partir.

Uma das suas filhas que havia passado para o Espírito veio primeiro e disse: "Mãe, você é uma tola em acreditar que Eddie morreu. Ele não está connosco e encontra-se agora a caminho de casa. Você vê-lo-á quinta-feira. Os meninos perderam-se num deserto e depois de andarem a vagar durante vários dias e estarem a chegar ao fim da sua resistência foram encontrados por um fazendeiro e levados para um hospital."

A mulher disse que mal podia acreditar naquilo, tendo em vista a maneira como ela "se sentira" e o que a outra médium lhe havia dito.

Isso era mais do que eu podia suportar. "Se, depois de todos os anos que você veio às minhas sessões, você não consegue acreditar na sua própria filha, você não tem fé alguma no Espiritualismo," disse-lhe eu.

Quando o seu filho regressou na quinta-feira seguinte, ela ficou com tanta raiva do outro médium que lhe levou o filho até lá e mostrou à mulher como a sua mensagem havia estado errada. Em considerável confusão, a médium disse que um espírito maligno devia ter dado a falsa mensagem.

Isso é impossível -- nenhum espírito é mau. (Eu terei mais a dizer sobre isso no capítulo "Obsessão e Imitação.") Alguns podem ser subdesenvolvidos, mas não têm permissão das Forças superiores para passar mensagens enganosas. É um absurdo pensar que as pessoas que passam desta vida se tornem piores do que eram quando estavam na terra. Aqueles que anteriormente erraram na terra não têm permissão de causar prejuízo quando alcançam o Outro Lado. A culpa era da médium desenvolvida de maneira inadequada. Se ela fosse forte, não teria sido enganada pela dor demonstrada pela mãe. Ver a mulher em lágrimas teve mais influência sobre ela do que a influência exercida pelos seus Guias. Isso, junto com a total falta de associação anterior entre as suas forças e as da mulher, resultou na mensagem imprecisa.

Uma mulher que vinha com bastante frequência às minhas sessões foi visitada por uma irmã da Califórnia que se interessava por Espiritualismo. Essa irmã tinha medo das vozes, mas andava a correr outras médiuns. Depois de fazer tudo isso num verão, ela decidiu voltar para casa em meados de Setembro. Várias das médiuns disseram-lhe para não fazer isso, que iria dar-se um acidente com o comboio e que ela ia magoar-se. Era preciso que a mulher regressasse para cuidar dos negócios, mas ela receava ir embora diante de tais advertências. A irmã disse-lhe que não acreditava em tais mensagens a menos que as ouvisse dos meus Guias, e veio a uma sessão.

Pat disse-lhe que poderia dizer à irmã para regressar à Califórnia em qualquer momento que desejasse, que nada lhe faria mal. Ele via que ela chegaria em segurança.

Ao voltar para casa, ela passou essa mensagem à irmã. Pedindo que ela telegrafasse assim que chegasse a casa, a minha amiga ficou a aguardar o telegrama.

No devido tempo, ele lá chegou, a dizer que algo havia acontecido no trem, mas foi seguida por uma carta. Quando a carta chegou, dizia: "Os guias da tua médium disseram que eu voltaria bem para casa e cheguei, mas se eles são tão espertos, podem contar o que aconteceu no comboio que tanto deixou os passageiros agitados."

Pat disse que um homem faleceu no comboio.

No devido tempo, chegou uma resposta a dizer-lhe para perguntar aos meus Guias de que nacionalidade o homem era. Pat disse que era um carregador cujo coração fraco falhou ao cruzar as montanhas, mas que não adiantava fazer mais testes a essa mulher, porque ela não acreditaria na verdade de qualquer maneira.

A jornada que fizera durante todo o verão por diferentes médiuns fora, desde logo, uma introdução pobre ao Espiritualismo em primeiro lugar, e depois ela provavelmente foi incapaz de avaliar o que o Mundo Espiritual foi capaz de lhe dar.

A primeira visita de um casal de meia-idade ao meu salão de sessões foi causada pelo falecimento de uma filha amada, cerca de seis semanas antes. A mãe estava quase louca de tristeza, não conseguia cumprir com os seus deveres domésticos, não comia e ameaçava cometer suicídio. Por ser jovem, não conseguia entender tamanha dor, mas tinha pena da mulher e esperava que ela aceitasse o consolo de que tanto precisava.

Eles entraram no salão das sessões junto com uma amiga; a luz foi apagada e, após alguns momentos, Snowdrop falou. "Aquela senhora ruiva terá que sair antes que possamos fazer qualquer coisa."

Acendi de novo a luz e perguntei à mulher qual era o problema. Com voz nervosa, ela disse: "Fiquei tão assustada quando a luz se apagou que achei que fosse desmaiar. Será melhor que espere na sala desta vez até que os meus amigos terminem."

Quando a sessão começou pela segunda vez, a primeira voz que surgiu foi a de uma criança que falou rapidamente e com considerável entusiasmo. "Olá, mãezinha e paizinho, esta é Alice Ophelia. Estou tão feliz por vocês terem vindo falar comigo. Não chore assim, mãezinha; era a minha hora de partir e não quero que culpe o doutor, porque ele fez tudo o que era possível por mim."

A mãe dela não conseguia falar com os soluços, mas o pai respondeu e conversou com ela durante algum tempo. Por fim, a mãe recuperou a fala e participou na conversa. Vendo que estava a ficar mais calma, a criança prosseguiu: "Quando você chegar a casa, quero que veja o meu quadro de lousa. Nele você irá encontrar alguns escritos que fiz poucos dias antes de adoecer. Se perguntar ao meu irmão sobre isso, ele irá contar-lhe, por ele ter lá estado e observou-me."

Provavelmente não é necessário dizer que encontraram a escrita que ela descrevera, mas valerá a pena fazer alguns comentários sobre a mudança de atitude da mãe aflita. Antes dessa sessão, a sua intensa dor fez com que muitos tentassem consolá-la. Diversos parentes percorreram longas distâncias para tentar ajudá-la; dois médicos não puderam fazer nada porque não encontraram nada de organicamente errado com ela; ministros e pregadores trazidos por amigos sinceros e interessados não lhe deram qualquer ajuda.

O melhor que qualquer um deles poderia dizer-lhe era que Deus a tinha levado a sua filha de volta para Ele e, em resumo, ela teria que fazer o melhor possível. Por que Deus deveria ser tão egoísta a ponto de levar a sua única filha a quem ela amava com tanto devoção, em vez de muitas outras que não eram amadas pelos seus pais, ou aquelas que não tinham pais para sofrer por eles? Deus deve ser muito egoísta e um Deus cruel para fazer com que uma mãe que não fez nada de errado sofresse assim. Esse era o seu raciocínio e ninguém sabia como responder-lhe. Os ministros disseram que era uma pena, mas ela precisava encontrar consolo indo à igreja e ajudando outras pessoas. Assim ela haveria de encontrar ajuda, garantiram-lhe. Algum dia, prometeram-lhe eles, depois que ela "morresse," ela reencontraria a sua filhinha no céu. Isso foi o que provocou o desejo que ela teve de cometer suicídio.

Quando ela veio até mim, não tentei consolá-la. Na verdade, eu não sabia o que estava a provocar-lhe a dor, mas sabia que se fosse por causa da "perda" de alguém que ela amava, assim que ela percebesse, conversando com esse 'alguém', que Deus não o havia levado ou a ela, e que Ele era um Deus bom, por Ele providenciar meios pelos quais ela poderia falar com o seu amado, ela deixaria de precisar de consolo. Promessas vazias e vagas não nada significavam para ela, mas a voz do seu ente querido significaria tudo. Aconteceu exatamente como eu sabia que iria acontecer, e em pouco tempo ela deixou de chorar ao saber que a sua filha estava com ela em casa e se entristecia com as suas lágrimas. A solidão deixou-a; ela recuperou o interesse pela vida ao redor e continuou o seu trabalho como antes, sabendo que poderia falar com a filha sempre que quisesse.

Depois de algumas sessões, ela perguntou-me se ela vinha com demasiada frequência e se faria mal à filha "chamar por ela" com tanta frequência. Após ter indagado dela, ela admitiu

ter falado com um ministro que, em vez de se alegrar com o seu novo recomeço de vida, tentou assustá-la dizendo-lhe que ela estava a interferir na vontade de Deus quando "chamava a sua filha dos mortos."

Eu disse que iríamos perguntar isso à sua filha e aos nossos Guias.

A menina explicou-nos que os nossos entes queridos estão sempre dispostos a visitar-nos e ansiosos por o fazer sempre que os procurarmos com amor. "Você não está a chamar-me de volta, mamãe," prosseguiu ela, "por eu estar consigo o tempo todo. Sempre que vem a uma médium, fico feliz por falar consigo. Estou consigo constantemente, mas para falar consigo eu preciso de um instrumento, uma médium. Sempre que você sentir que deseja comunicar comigo, é certo que tudo que precisa fazer é procurar uma médium."

Como os nossos entes queridos vivem num ambiente superior ao nosso, não temos poder sobre eles; não podemos "chamá-los dos mortos." Podemos atraí-los a nós apenas por meio do amor e atrair apenas aqueles que nos amam.

A mãe ficou feliz por receber essa explicação e disse que não conseguia entender como o seu amor poderia prejudicar a filha.

A minha história dos testes recebidos no salão de sessões não ficaria completa sem o relato de um que recebi por ocasião de minha primeira visita a uma médium. Até os quatro anos de idade, passei muito tempo com os meus avós. Como gostava muito de leite, queria beber um pouco um dia em que a minha avó estivava ocupada a conversar com umas visitas. Depois de tentar em vão por algum tempo atrair a sua atenção, finalmente decidi eu própria chegar ao leite. Eu sabia onde ele era guardado -- numa prateleira da despensa consideravelmente fora do meu alcance -- mas, nada intimidada, coloquei vários artigos em cima de uma cadeira até poder alcançar a panela. Algo deu errado com a estrutura que montei e eu caí com a panela e o leite na cabeça. A correr veio a minha avó quando ouviu o estrondo, para descobrir o que havia acontecido. Eu estava a chorar e, a apontar para a minha cabeça, solucei: "Mik, Nana, mik."

"Sim, posso ver muito bem que tu alcançaste o teu leite," respondeu ela enquanto pegava em mim e começava a limpar a bagunça. Esta foi uma boa piada para mim por muito tempo.

A primeira vez que visitei uma médium para uma sessão, algum tempo antes de perceber que eu própria tinha o dom, uma voz cumprimentou-me e eu disse: "Parece a voz da minha avó."

"Sim," foi a resposta, "mik, Nana, mik."

DURANTE A GUERRA MUNDIAL

O período da Grande Guerra Mundial, quando tantos milhares de homens viram as suas carreiras terrenas subitamente e violentamente terminadas, foi um tempo de stress e de grande preocupação para as mães, esposas, e familiares e amigos deixados em casa. A palavra certa e positiva dos que estavam do outro lado do oceano demorava a chegar, às vezes não chegava durante meses. Naturalmente, muitos dos que estavam em casa, ansiosos, recorreram aos médiuns para obter ajuda, sabendo bem que nenhuma outra fonte de informação era tão rápida e fiável. Eles não ficaram desapontados quando trouxeram as condições certas para um bom médium.

Uma mulher em Nova Iorque não tinha recebido qualquer notícia do seu filho há várias semanas. A última mensagem que recebeu dele tinha chegado enquanto ele ainda estava num

campo de treino deste lado e em boa saúde, mas prestes a ir para o exterior. As cartas que escreveu ao campo de treino e ao Governo não trouxeram resposta. Ninguém parecia saber onde estava o seu filho ou o que lhe tinha acontecido. Finalmente, alguns amigos convenceram-na a visitar-me. A sua dificuldade específica e o motivo da sua visita foram explicados antes da sessão começar.

Invariavelmente, eu não quero saber nada sobre as pessoas que vêm até mim pela primeira vez, para que não possam surgir sugestões de leitura mental ou atividades semelhantes. Neste caso, isso não fez diferença, pois ela já tinha tentado fontes terrestres de informação sem sucesso.

A sessão começou e a primeira pessoa a aparecer foi o seu filho. Ele disse-lhe que realmente tinha partido e que essa era a razão de as suas cartas terem deixado de chegar. Ele não sabia explicar por que razão o Governo não lhe dava informações, porque ele tinha falecido num hospital e os registos deveriam ser claros. Contudo, como aparentemente não eram, ele deu-lhe o número do regimento a que pertencia, o nome do hospital, o número da enfermaria e a data da sua morte.

Armada com esta informação, mas não utilizando o último dado em sua carta, ela escreveu para o hospital que ele mencionou. No devido tempo, recebeu uma resposta dizendo que um homem com as características que ela descrevera tinha falecido naquela enfermaria numa certa data. Tudo estava exatamente como o seu filho lhe tinha dito na sua primeira sessão.

Um dia, durante a primeira semana de outubro de 1918, duas senhoras vieram à minha casa em Chicago, dizendo que tinham ouvido falar de mim e se perguntavam se uma delas poderia entrar em contacto com os seus amigos no mundo espiritual. Explicaram que eram Cientistas Cristãs; nenhuma delas tinha ido a um médium antes. Elas não sabiam nada sobre o assunto, mas uma delas queria receber uma mensagem dos seus amigos. Expliquei um pouco sobre o Espiritualismo e a atitude necessária para atrair os entes queridos do Outro Lado.

Percebendo que ela não se sentia confortável na escuridão normalmente necessária para uma sessão de voz direta, fiz uma sessão para uma das senhoras através do meu controlo Bright Eyes. Quando estou sob controlo, não sei nada sobre o que está a acontecer ou o que Bright Eyes diz através de mim. De repente, acordei de novo neste mundo, com a mulher a falar de forma descontrolada. Lentamente, comecei a compreender o que ela estava a dizer. Era uma tirada contra o Espiritualismo e os médiuns, incluindo a mim, em particular. Ela manteve a conversa enquanto descia as escadas para a sala de estar. A sua amiga tentou acalmá-la e pediu desculpa por ela.

Não conseguindo imaginar o que poderia ter causado aquele surto numa mulher que, obviamente, era muito refinada e educada, mal pude esperar que elas saíssem para voltar à sala de sessões e perguntar aos meus Guias o que tinha acontecido. Parece que a senhora tinha vindo até mim para comunicar com um amigo muito querido que ela acreditava estar no mundo espiritual. Bright Eyes tinha-lhe dito que não conseguia encontrar esse amigo lá e que ele ainda não tinha partido. No entanto, um jovem, que se descreveu como o seu filho, apareceu e mostrou as suas iniciais acima da cabeça da senhora. Isto chocou profundamente a mulher. Ela disse que não podia ser o seu filho, porque tinha ouvido dele na França há pouco tempo. Bright Eyes insistiu que ela tinha lido as iniciais corretamente e que ele também lhe mostrou um avião a cair em chamas. Foi neste ponto que a mulher ficou

tão agitada que foi necessário que o meu controlo me deixasse. O meu Guia Snowdrop explicou então que a mulher era, na verdade, uma pessoa de carácter muito adorável, e que só a intensidade do choque de saber que o seu único filho tinha partido a tinha feito falar daquela maneira. Snowdrop disse que iria ligar-me no dia seguinte para pedir desculpa e perguntar se ela poderia voltar, e que eu deveria permitir-lhe fazê-lo.

Percebendo agora o que tinha acontecido, agradeci aos meus Guias e esperei com interesse o dia seguinte. No meio da manhã, a mulher ligou e pediu desculpa, dizendo que gostaria de me ver, mas não tinha coragem de pedir uma sessão depois do que tinha dito no dia anterior. Assegurei-lhe que ficaria feliz em vê-la.

Quando ela chegou, explicou que tinha ficado muito chocada no dia anterior; que era verdade que o seu filho era aviador na França, mas que não conseguia acreditar que ele tivesse partido. Eu disse-lhe firmemente, mas o mais suavemente possível, que os meus Guias não poderiam captar tal condição nela se ela não estivesse lá. Eles não afirmavam ser infalíveis, mas quando viam uma condição como essa, ela tinha que ser real. Disse-lhe que a melhor coisa a fazer seria voltar à sala de sessões e ver se os Guias poderiam dar-nos alguns detalhes que removesse a dúvida.

Fizemos isso, e os meus Guias descreveram-lhe exatamente como o avião do seu filho tinha sido abatido por três aviões alemães. Ela chorou muito, mas finalmente acalmou-se o suficiente para saudar o seu filho quando ele lhe falou. Ele consolou-a o melhor que pôde e disse-lhe para escrever para o outro lado e tentar obter alguma informação, embora duvidasse que ela fosse receber algo definitivo por algum tempo devido à grande confusão existente.

Após enviar várias cartas e não obter informações definitivas, ela foi informada pela Cruz Vermelha, ao fim de três meses, que um rapaz com a descrição do seu filho tinha sido abatido mais ou menos na altura que ela mencionara. Só depois de seis meses o Governo lhe enviou a notificação oficial, e ela foi capaz de confirmar os detalhes que corroboraram a história do filho durante a sua segunda sessão.

Durante todo este tempo, ela tinha vindo regularmente para falar com o seu filho. Numa das suas visitas, ele disse-lhe que tinha feito um seguro de dez mil dólares, e que ela receberia esse valor depois da notificação oficial. Ela disse-lhe sinceramente que achava que ele estava a brincar com ela, pois sabia que ele sempre tinha sido muito descuidado com questões financeiras. A sua família era rica e ele nunca tinha prestado atenção ao valor do dinheiro. Seria completamente contrário à sua natureza pensar em algo como um seguro.

Ele garantiu-lhe que estava a falar a sério e que ela receberia o dinheiro.

Ela recebeu-o, e foi muito bem-vindo quando chegou, porque durante o tempo em que teve problemas com a sua família, a maior parte da sua renda tinha sido cortada.

Ela não se dava muito bem com a sua filha, mas o seu filho disse-lhe para ser o mais boa possível com a sua irmã, porque ela não estava destinada a ficar muito tempo neste mundo, e a sua mãe lamentaria se não fosse tão boa com a filha como a filha permitisse. Isto também se revelou ser verdade, a filha partindo para o Mundo Espiritual um ou dois anos depois.

Esta mulher agora considero-a uma das minhas muito boas amigas, embora na nossa primeira reunião nenhum de nós tivesse uma boa impressão do outro, devo confessar.

Parece que a ajuda dada pelas Forças Espirituais a indivíduos em dificuldades poderia ser estendida a grupos e dada para evitar problemas, bem como para corrigi-los. Em alguns casos, esta ajuda foi realmente utilizada e milhares de vidas foram salvas, mas muito mais poderia ter sido feito se aqueles em posições de autoridade tivessem acreditado e consultado os seus amigos no Mundo Espiritual.

Alguns dos meus esforços para prestar este tipo de ajuda deram frutos graças à assistência de um homem que recentemente começou a frequentar as minhas sessões com bastante regularidade. Eu não sabia nada sobre ele pessoalmente, mas obedeci às minhas Forças quando me foi dito que eu deveria transmitir um aviso para ele.

Numa noite, fui acordada de um sono profundo por um toque no meu braço. Percebi, pelo relógio perto da minha cama, que era cerca das duas da manhã, mas ao olhar à volta do quarto, não vi ninguém que pudesse ter tocado em mim. Após decidir que deveria ter sido apenas a minha imaginação, estava prestes a tentar dormir novamente quando meu braço foi tocado pela segunda vez. Olhei rapidamente e vi um homem grande, de boa aparência, vestido com o uniforme dos nossos soldados, ao lado da minha cama. Ele começou a falar comigo, depois de perceber que tinha a minha atenção, e me disse que um navio de tropas, carregado até a sua capacidade com nossos meninos, estava programado para partir para a França em um certo dia.

Enquanto ele começava a falar, tive uma visão do navio carregado. O inimigo havia descoberto a data da viagem e estava preparando-se para torpedear o navio, e ele temia que tudo fosse perdido se o Governo não fosse avisado. Explicou que muitos, do lado espiritual, estavam a vigiar nossos meninos e a fazer o seu melhor para ajudá-los. Ele pediu-me para chamar um certo homem, mencionando-lhe o nome, logo pela manhã e transmitir-lhe essa mensagem. Eu não conseguia entender porque eu deveria dar esse aviso a um estranho, mas o soldado fez-me prometer que o faria.

Quando a manhã chegou, comecei a me perguntar se tudo aquilo tinha sido um sonho ou se era realmente verdade. Debatendo comigo mesma sobre ligar ou não, ouvi novamente a voz do soldado ao meu ouvido e percebi que não fora um sonho. Com hesitação, liguei para o homem e disse-lhe que não sabia se ele me consideraria louca ou não, mas que precisava passar-lhe uma mensagem bastante surpreendente de um soldado no Espírito.

Ele disse-me para continuar ou, se eu preferisse, poderia ir imediatamente ao seu escritório.

Explicando que era melhor vê-lo pessoalmente, segui para lá.

Relatei-lhe minha história e disse que esperava que ele não me achasse louca.

Ele sorriu e enviou um telegrama para Washington imediatamente. Mais tarde, mostrou-me a resposta dizendo: "Obrigado", e contou-me que a partida do navio tinha sido adiada por vários dias, durante os quais foi descoberto que todas as preparações para torpedeá-lo estavam feitas e que o inimigo, sem dúvida, teria tido sucesso se o meu aviso não tivesse causado o adiamento do navio.

Nas semanas seguintes, mensagens semelhantes chegaram até mim mais duas vezes. Finalmente, disse: "Por que é, doutor, que sempre que recebo um aviso desse tipo, sou orientada a entregá-lo a você?"

"Oh, isso está bem," ele riu, "eles sabem que eu tenho boas conexões."

Supondo que ele era apenas um cidadão com amigos em Washington que o ouviam, não pensei muito sobre o motivo pelo qual deveria entregar as mensagens a ele, até que um dia ele veio até mim e disse: "Bem, Medie, chegou a minha vez de ir para a França desta vez. Em confiança, antes de ir, vou te contar porque você foi orientada a dar os avisos a mim. Eu sou membro do Serviço Secreto e tem sido uma experiência maravilhosa para mim poder trabalhar para o meu país desta maneira. Lamento que todos os outros não possam ou não saibam como se beneficiar dessa ajuda."

Eu sei que muitas pessoas afirmaram ter previsto o fim da guerra. Algumas podem ter feito isso, muitas não estavam corretas. Não querendo cansar meus leitores com um assunto sobre o qual talvez já tenham lido o suficiente, gostaria de mencionar brevemente as circunstâncias sob as quais isso aconteceu na minha sala de sessões, devido ao teste que isso deu a um advogado muito cético que estava presente, entre muitas outras pessoas. Esse homem era um bom amigo meu e havia lidado de maneira brilhante com alguns casos para amigos do Centro. Ele não se importava de aproveitar os conselhos e a ajuda dos que estavam do Outro Lado enquanto conduzia esses casos; no entanto, ele descartava a crença na Verdade e muitas vezes zombava de mim sobre os meus "Espíritos", como ele os chamava. No entanto, ele parecia gostar de frequentar as minhas sessões e vinha com frequência. Ele não tentava disfarçar seu ceticismo e tendia a brincar com os meus Guias.

Numa noite, durante o mês de maio de 1918, enquanto ele estava presente numa grande sessão pública, aparentemente num espírito de diversão, ele disse: "Pat, você sabe de tudo... Quando a guerra vai acabar?"

Pat respondeu: "No próximo dia 11 de novembro haverá paz."

Todos os presentes acharam que Pat estava apenas brincando com o amigo advogado e consideraram aquilo uma boa piada. Eu mesma o fiz e esqueci o assunto. Aconteceu, no entanto, que Pat sabia que o homem estava falando sério quando fez a pergunta, com a intenção de testar a resposta, e por isso deu-lhe uma resposta séria. No dia em que recebemos a notícia da assinatura do Armistício, esse advogado me ligou e me lembrou do que Pat lhe tinha dito cerca de seis meses antes. Esse homem não se considera mais um cético.

UNI-VOS

Ó, vós que olhais com olhos rebeldes ao destino,
Não penseis que o remédio esteja no ódio, divino.
A guerra, o monstro vermelho, ao ódio deve a sua origem;
Ela é a mãe de todos os males nesta terra, com sua miragem.
Ela é a inimiga do progresso e da paz, sem perdão;
Ó, não será pelo ódio que a opressão cessará da nação;
Não pelo porrete, bala ou faca afiada,
Não pelo holocausto da vida humana esmagada;

Não pela destruição será feita a mudança,
Mas pela construção e pela união da esperança.

Pelo amor à justiça e pelo amor ao direito,
Pelo amor à pátria e ao lar, uni-vos, sem defeito!
Deixai para trás os ossos da discórdia e da disputa;
Afundei as pequenas ambições, e calai a conduta;
Uni-vos em preceitos belos e amplos, sem fim.
Esquecei os dogmas, mas lembrai-vos de Deus, enfim;
Sede calmos, na calma está a força que perdura;
Sede pacientes, a paciência traz a cura.
Sede firmes nas grandes coisas, rápidos a ceder nas pequenas;
Ignorai os interesses próprios pelas causas amenas.
E fazei-nos verdadeiramente o que dizemos ser,
O que fomos, a nação dos livres, a florescer.

Ó, não será pelo derramamento de sangue que a mudança será feita,
Mas pela urna e pelo pensamento unido, sem mais surpresas.

O SEMELHANTE ATRAI O SEMELHANTE

A Lei da Atração está em operação por todo o universo, e vemos suas manifestações ao nosso redor o tempo todo. Basta mencionar que um sabiá procura como parceiro outro sabiá, que um homem busca uma mulher, que um homem de ciência procura alguém interessado em seu campo, que uma mulher dedica amor ao seu filho e, muitas vezes, não se interessa muito pelo filho de sua amiga, para trazer à mente muitos outros exemplos.

Os efeitos dessa lei são particularmente evidentes na sala de sessões, mas muitas vezes são esquecidos pelos novatos, que temem que espíritos estranhos venham e tentem enganá-los. Tal coisa é absolutamente impedida pela Lei da Atração. Do Outro Lado, a vida é vivida em estrita consonância com todas as fases da Lei Natural, e uma alma atrai outra alma apenas por amor e interesses comuns. É possível, na Terra, que uma pessoa atraia outra que ela possa desprezar, mas isso ocorre porque ambas possuem interesses terrenos em comum ou uma busca vantagens sobre o outro. Quando, no entanto, uma ou ambas as partes estão do Outro Lado, tal coisa não pode acontecer, pois as leis de Deus são entendidas e seguidas estritamente lá.

Com um pouco de familiaridade com a sala de sessões, logo se percebe o pouco interesse que um amigo espiritual tem por alguém, exceto seus próprios amigos, aqueles por quem é atraído. Ele cumprimenta outros educadamente, mas não demonstra nenhum interesse em seus assuntos.

Isso (posso chamar de indiferença?) é particularmente notável nos Guias Indígenas. Um deles pode vir e dizer: "Olá, chefe." Antes que seu ente querido responda, outra pessoa, desconhecida de sua voz, pode cumprimentá-lo, perguntando se ele é tal e tal, o guia deles. Sua total falta de interesse pela pessoa que cometeu o erro fica clara em sua voz quando ele faz uma negação enfática: "Não, não, venho para o Chefe Smith."

Alguém que esteja há muito tempo no Espírito pode ser questionado por um amigo mortal da pessoa a quem a alma está atraída, sobre alguma questão pessoal simples.

Invariavelmente, a resposta será: "Não sei nada sobre isso, mas vou perguntar aos seus Guias ou pedir para que falem com você."

Essa Lei da Atração controla tão estritamente aqueles que se comunicam uns com os outros de cada lado do véu, que uma experiência muito curta na sala de sessões remove o último vestígio do medo de que se possa atrair qualquer um que não seja os próprios amigos.

Não acredito que sejam necessários muitos casos para ilustrar isso, e me limitarei a um aspeto apenas, que é o da língua utilizada.

Frequentemente, os novatos na sala de sessões expressam surpreendidos ao descobrir que um amigo no Espírito pode usar uma língua diferente daquela que o médium fala. Em uma sessão de voz direta, a língua usada pelo médium não tem nada a ver com a língua usada pelo visitante espiritual. Não há mais interdependência entre os dois do que a que existe entre um circuito telefônico e a língua usada pelos dois falantes em cada extremidade. Qualquer idioma pode ser falado pelo telefone e transmitido corretamente. De maneira similar, qualquer língua pode ser transmitida pelas forças do médium, quer ela entenda ou não. Pessoalmente, falo apenas inglês, mas em minha sala de sessões, todas as línguas da Terra já foram usadas em algum momento ou outro pelos amigos espirituais. Raramente, uma língua será usada que nenhum ser humano presente na sala compreenda.

Isso ocorreu em uma noite em uma sessão pública. Um determinado Espírito começava a falar e então tocava uma senhora presente com o trompete. Nenhum de nós podia entender, mas perguntamos a ele se estava falando com a senhora que ele tocava, e ele sinalizou: "Sim."

Finalmente, Snowdrop se manifestou e disse: "Senhora, você parece viver acima de um restaurante chinês e, seja por isso ou por alguma outra razão, um espírito chinês foi atraído para você. Ele é uma alma muito desenvolvida e veio como seu Guia, mas ainda não aprendeu a falar inglês. Ele me diz que até agora não teve necessidade dessa língua."
A mulher estava muito ansiosa para saber o que seu Guia tinha a dizer e, ao final da sessão, me perguntou se eu permitiria que ela trouxesse um chinês para traduzir a mensagem da próxima vez.

Eu disse que certamente permitiria, se o pobre homem não ficasse com medo de morrer. Poucos dias depois, ela apareceu com um chinês, e entramos na sala de sessões. A mesma voz surgiu novamente, mas dessa vez o que ela tinha a dizer foi compreendido. Após conversar por alguns minutos, o chinês nos disse que o Espírito queria que ele nos dissesse que ele estava do Outro Lado há muitos anos, mas nunca tinha sido atraído por ninguém neste país antes, e por isso não havia aprendido inglês. Ele nos contou que, quando estava na Terra, pertencera à nobreza chinesa. Ele disse, através de nosso companheiro chinês, que esse tipo de conversa era muito insatisfatório e que ele estudaria inglês para poder falar connosco diretamente. Isso ele fez, mas nunca superou completamente seu sotaque.

Ele se provou um maravilhoso Guia para a mulher de várias maneiras, prevenindo-a de vários eventos e poupando-lhe muitos problemas. Em uma ocasião, ele lhe disse que o restaurante acima de onde ela morava teria problemas com a polícia, e para evitar qualquer

constrangimento, seria melhor ela se mudar. Ela fez isso e descobriu que o local foi invadido no dia que ele disse. Em outra ocasião, ele lhe disse que logo ela conheceria um homem grande e loiro que se apaixonaria por ela. Ela conheceu esse homem logo depois e casou-se com ele.

Um dia, um homem veio à minha casa em Nova York e me disse: "Sra. Cook, sou um crente em sua Verdade há vinte anos e tive muitas experiências maravilhosas por todo o mundo, mas há duas coisas que nunca tive e pelas quais anseio. Você pode me dar essas coisas?" Eu lhe disse que provavelmente estava pedindo demais, e por isso seu desejo não havia sido atendido.

"Não acho que estou pedindo demais," ele disse, "e pelo que ouvi de você, acredito que pode me dar o que meu coração tem desejado durante vinte anos."

Eu lhe disse que não sabia se poderia ou não, que os resultados dependiam muito dele. Ele veio a uma grande sessão e foi o segundo entre quarenta pessoas a receber uma mensagem. Sua mãe veio e o chamou de Altwald.

Ele ficou muito excitado e exclamou: "Mãe, isso é mais do que maravilhoso; é o que eu queria que você me dissesse todos esses anos, mas você nunca disse."

Então ela começou a falar com ele em dinamarquês, sua língua nativa.

Esse foi o seu segundo desejo, e a alegria dele o abalou completamente. "Como eu desejei essas duas coisas todos esses anos! Mas nunca as mencionei a ninguém. Finalmente, elas me foram concedidas."

Ele viera com amor; sua mãe pôde conceder-lhe seu desejo.

Várias vezes, índios apareceram em minha sala de sessões, e toda a conversa, do começo ao fim, se deu no seu dialeto tribal. Invariavelmente, eles trazem boas condições, sendo a maioria deles espiritualistas natos, sua vida em contato íntimo com a Natureza ensinando-lhes as leis de Deus melhor do que qualquer universidade ensina hoje.

Numa ocasião, apareceu à minha porta um índio de aparência distinta.

"Sra. Cook, ouvi falar muito sobre a senhora. Sou graduado em Carlisle, o que vocês chamam de um índio educado. Como sabem, somos Espiritualistas, ouvindo e vendo o Grande Espírito no sol, nas estrelas, nas nuvens e em toda a natureza. Temos o hábito de consultar os nossos entes queridos que já partiram. Venho até si agora como quem se aproxima de uma porta aberta para o Grande Além, sabendo que, se venho com amor no coração, nenhum obstáculo será colocado entre os meus entes queridos e eu. A senhora é mais do que um meio de transmitir as suas mensagens; a senhora abre amplamente o caminho e sei então que os meus entes queridos podem falar comigo na minha própria língua. A minha tribo, sabendo disso também, vim desde Oklahoma apenas para esta conversa. Quero descobrir muita informação valiosa que poderei levar de volta com felicidade à minha tribo. É maravilhoso não ser tão 'civilizado' a ponto de negar a verdade do vínculo de amor que nos une aos que partiram antes de nós."

Ele recebeu na sua própria língua tudo o que veio procurar. Posso acrescentar algo a essa filosofia de abordagem à sala de sessão? Qualquer pessoa que se aproximar dos seus entes queridos com a mesma atitude não falharia em obter resultados belos (sempre que, claro, o médium seja altamente desenvolvido).

Durante os primeiros dias de reconstrução após a Primeira Guerra Mundial, uma comissão de um dos estados balcânicos veio à América em visita oficial, cujo principal objetivo, creio, era financeiro. Depois de completar o trabalho em Washington e Nova Iorque, os membros da comissão vieram a Chicago e, por marcação, tiveram uma sessão comigo. Estes cavalheiros, todos de muito alta patente, tiveram uma longa sessão, sem vozes em inglês, exceto as dos meus Guias. No final da sessão, não soube nada do que tinha sido dito.

"Perdoe-nos", disse o porta-voz da comissão, "mas tivemos que procurar aconselhamento sobre graves questões nacionais. Esse aconselhamento veio de alguns dos mais astutos estadistas que o nosso país já teve. Também tivemos o privilégio de saudar os nossos entes queridos. Tudo foi muito satisfatório e bastante condizente com a nossa conceção da sua mediunidade. Posso acrescentar que a maioria de nós, anteriormente, nunca tinha ouvido vozes diretas."

Línguas como o sueco, alemão, norueguês, italiano e outras são faladas com frequência na sala de sessão. Ocasionalmente, chega à minha sala de sessões um Espírito que faz uma palestra com uma voz profunda, sonora e muito agradável, mas numa língua que ninguém ainda na sala entende. Ele aparece apenas quando muitas pessoas estão presentes e fala durante pelo menos cinco minutos. Mesmo sem entender o que diz, é um grande prazer ouvir a sua voz. Mesmo os meus Guias não me dizem quem ele é ou o que diz, além de que é uma Alma muito avançada e nos está a dar uma bela palestra sobre algum aspeto da Lei Natural. Em todos os meus anos de mediunidade, este é o único Espírito amigo que visitou a minha sala de sessões e nunca se identificou.

Estes poucos exemplos mostram como as pessoas atraem os seus próprios entes queridos ou aqueles interessados nas suas atividades terrenas, e que a língua usada, em geral, é aquela com a qual se sentem mais familiarizados, o que não faz diferença na comunicação.

Considerando a maravilhosa orientação que é possível os nossos amigos no Espírito dar a qualquer um de nós que a aceite, e o facto de que alguns deles estão sempre connosco e sabem tudo o que fazemos, eles parecem ser o meio por excelência para expor crimes e levar à justiça os perpetradores. Eles são testemunhas reais do ato e depoentes irrefutáveis. Não importa quão secreto tenha sido o ato ou quão bem o infrator pense ter encoberto os seus rastos, muitos dos Espíritos o acompanharam em cada passo e testemunharam cada ação. No caso de crimes graves, os meus Guias frequentemente me dizem quem é o verdadeiro perpetrador e o que o motivou. Muitas vezes acontece, infelizmente, que uma pessoa inocente é acusada e tem que suportar as indignidades e injustiças da prisão e do julgamento, embora eventualmente possa ser absolvida. Também alguns dos crimes mais desmesurados ficam sem solução, ou pelo menos o culpado não é punido pelas autoridades.

A falha tanto das nossas leis quanto da sua execução é lamentável, mas o que de injusto é feito neste mundo é corrigido no próximo. Onde aqueles que merecem escaparam ao castigo aqui, devem fazer restituição lá, e quanto mais este castigo tenha sido adiado, mais difícil será para eles. O "castigo" deles não consiste em ferimentos corporais, como a prisão, por

exemplo, mas na falha em progredir espiritualmente e alcançar o posto e a companhia que desejam até que tenham feito a restituição. Na sua compreensão mais clara, percebem o mal que causaram e sofrem até conseguirem corrigir isso. Percebem a gloriosa vida à sua volta e o belo trabalho realizado pelos outros, mas não podem fazer parte de nada disso até que a ferida que causaram à sua própria alma seja removida pela expiação. Os seus erros na Terra não prejudicaram ninguém espiritualmente, a não ser a eles mesmos; no entanto, as suas vítimas ou as famílias das vítimas podem ter sido feridas de maneira temporal, e é esta lesão que devem corrigir antes que a ferida da sua própria alma possa sarar.

Embora fosse frequentemente melhor para todos os envolvidos, o malfeitor, a vítima e os espectadores facilmente influenciáveis, que o crime fosse punido de forma rápida e justa, as leis terrestres não admitem nem permitem o único agente infalível que está disponível aos seres humanos para que isso aconteça. O que os nossos amigos no Espírito podem realizar quando lhes é permitido, mostrarei em certos casos que me foram apresentados. Estes envolvem apenas crimes menores, como o roubo, mas o que foi feito poderia ser duplicado em crimes maiores.

Durante algum tempo, estive a fazer sessões para uma viúva que veio até mim quando o seu marido faleceu. Esta mulher casou-se jovem, viveu com o marido durante muitos anos e foi protegida de muitas das vicissitudes da vida por ele. Não sendo muito assertiva, ela tinha-se apoiado muito nele e, consequentemente, ao falecer ele, ficou bastante desamparada e não sabia como "seguir em frente". Depois de me familiarizar com ela, senti uma grande simpatia pela sua falta de capacidade e fiz o meu melhor para lhe estender a mão orientadora de que ela tanto precisava, com a ajuda dos meus Guias e dos dela. Após a morte do marido, ela abandonou a grande casa que tinham, despediu todos os empregados, exceto a sua criada pessoal, e foi viver para um hotel. Por ter uma ligeira surdez, ela recebia as suas mensagens através do meu controlo, Bright Eyes, e, desde o início, foi avisada por Bright Eyes para ter muito cuidado com quem contratava como criada e para exigir boas referências.

Sendo uma pessoa muito confiável e pouco habituada ao egoísmo e hipocrisia frequentemente presentes nos seres humanos, quando a sua criada partiu, esqueceu-se de atender à cautela de Bright Eyes. Uma jovem muito bonita, com cerca de dezassete anos, apareceu e pediu emprego, dizendo que não tinha casa, nem dinheiro, e afins. Compadecendo-se dela e desatenta à falta de referências, contratou a rapariga e ficou bastante satisfeita com a sua vivacidade e atenção.

Um dia, ligou-me, tão agitada que mal conseguia falar. "Medie, estou em grandes dificuldades, preciso de uma mensagem de Bright Eyes imediatamente."

Perguntei-lhe qual era o problema e ela disse: "Oh, Medie, perdi algo que me é tão querido e não consigo entender. Vivi neste hotel durante tanto tempo e nunca aconteceu algo assim antes. Perdi o meu pequeno relógio suíço, o que o meu marido me deu. Sabes, ele era uma curiosidade, porque tocava, mas eu valorizava-o sobretudo porque ele me deu. Por favor, Medie, podes ajudar-me? Estou de coração partido."

Disse-lhe para vir imediatamente, e veria o que os Guias poderiam fazer para ajudá-la.

Como de costume, ela veio acompanhada, desta vez pela nova criada que tinha contratado. Ela explicou-me que há algum tempo notava o desaparecimento de coisas, como meias, mas não dava muita importância. O relógio era uma coisa completamente diferente, era algo de que realmente gostava muito. A rapariga estava ansiosa por se sentar com a sua senhora, mas parecia um pouco nervosa, e quando me disse que nunca tinha estado numa sessão antes, disse-lhe que temia que ela trouxesse uma condição muito difícil e que seria melhor ficar de fora. Mas não, ela queria entrar.

Assim que entrámos na sala, Bright Eyes tomou controlo de mim e disse: "Tens a pequena ladra ao teu lado. Ela roubou meias de seda e outras pequenas coisas. Ela roubou um colar de pérolas que ainda não percebeste que falta, além do relógio."

A rapariga negou isto veementemente, mas em vez de discutir com ela, Bright Eyes levantou-se, abriu o vestido no peito e mostrou o relógio escondido num pequeno bolso engenhoso.

A rapariga então confessou e, quando chegaram a casa, devolveu as coisas que tinha levado, incluindo o colar de pérolas.

Que diferente é este método de resolver um enigma do que o utilizado pela polícia! Bright Eyes conhecia a ladra e provou seu conhecimento ao retirar o relógio do lugar onde estava escondido. Não houve uma longa "investigação", nem interrogações intensas de várias pessoas, algumas das quais seriam, por necessidade, inocentes. Não houve revista corporal, nem julgamento com advogados debatendo prós e contras, com o juiz tentando decidir quem estava certo ou quem conhecia melhor a lei. A garota não obteve nenhuma vantagem pelo seu erro e foi punida prontamente, perdendo uma boa casa e uma boa posição.

Outro caso foi resolvido de forma igualmente eficaz por Bright Eyes, mas causou considerável embaraço para mim devido à ignorância densa da mulher que estávamos ajudando. Ela tinha frequentado algumas sessões esporádicas, o suficiente para que eu a conhecesse de vista. Uma noite, ela apareceu em uma grande sessão pública, parecendo bastante agitada. Quando Bright Eyes entrou, ela disse: "O que se passa contigo, senhora? Parece que perdeu o seu melhor amigo ou algo assim."

"Sim, perdi algo", respondeu ela.

"Eu sei o que é", continuou Bright Eyes; "é algo que você valoriza muito, mas não posso contar-lhe mais nada agora. Há muitas pessoas presentes."

"Então, vou vir amanhã de manhã", ofereceu-se a mulher.

"Se quiser vir a uma sessão privada amanhã de manhã, traga consigo a caixa onde guardava o que perdeu e tentarei ajudá-la."

Quando a mulher apareceu no dia seguinte, Bright Eyes assumiu o controle e disse a ela que ela tinha perdido dois diamantes, "e você é muito descuidada com as suas coisas de valor", continuou Bright Eyes. "É um milagre que não tenha perdido mais coisas antes."

A mulher admitiu isso.

"Aquela que pegou os seus dois anéis é a mulher que mora do outro lado do corredor. O marido dela não vai muito bem e ela está com inveja de você. Quando voltar para casa, essa mulher vai lhe contar que o marido está dando-lhe um par de brincos de diamante para o aniversário dela. Os diamantes neles, claro, seriam os que você perdeu. Agora, não queremos que a nossa médium tenha problemas. O que você deve fazer é pedir um mandado de busca e ir ao apartamento dela. Você vai encontrar os anéis."

A mulher voltou para casa e, logo depois, entrou sua vizinha do outro lado do corredor.

"Tenho uma notícia maravilhosa", disse ela, excitada. "Meu marido vai me dar um par de brincos de diamante para o meu aniversário."

Em vez de manter a calma e fazer o que Bright Eyes lhe dissera, a mulher disparou: "Claro que eu sei. Eu fui a uma cartomante, e os seus brincos vão ser feitos dos diamantes que você pegou de mim."

A vizinha fingiu grande raiva e, depois de uma discussão acalorada, elas foram até uma delegacia de polícia e trouxeram um policial até minha casa. Ele me perguntou se eu já tinha visto essas mulheres antes, e eu lhe disse que conhecia uma delas, mas não a outra. Ele então perguntou se eu tinha acusado a mulher estranha de ser uma ladra. Eu disse-lhe que não, mas que a mulher que eu conhecia me havia contado o que o meu guia havia dito. Como todas as pessoas ignorantes sobre o Espiritualismo, o policial zombou da ideia de eu estar sendo controlada.

Controlando minha paciência, eu lhe disse que nenhum dos meus guias faria tal afirmação se não fosse verdadeira. Recebi um pouco de apoio quando a mulher interveio, dizendo:

"Eu sei que é verdade, porque ela descreveu os anéis que essa mulher tem e eram os meus."

Após mais algumas discussões, virei-me para a mulher e disse: "Se o meu guia disse que esta mulher tem os anéis, ele deve ter lhe dito onde estavam escondidos."

"Ah, sim, ele disse. Esqueci disso. Ele disse que estavam em uma bolsa de camurça no fundo de um baú."

Virei-me para o policial e disse: "Então, não devemos ter problemas para localizá-los, e se esta mulher for inocente, ela não pode se opor à nossa busca nesse único lugar."

Isso foi justo e razoável o suficiente, e finalmente a mulher consentiu, depois de novamente afirmar sua inocência.

Fomos até a casa dela e encontramos os anéis onde Bright Eyes havia dito que estavam. Ao dar o consentimento, ela esperava poder remover os anéis para outro lugar sem que a víssemos fazer isso, mas não lhe demos oportunidade.

Para dar crédito ao policial, sua atitude mudou completamente. Ele ficou muito entusiasmado e quis que o caso fosse publicado nos jornais. Depois, quis arranjar-me um "emprego como detetive particular", dizendo que, embora não entendesse como eu sabia dessas coisas, isso não importava e garantiu que eu teria todo o trabalho que pudesse

suportar. Por várias razões óbvias, tal profissão não me agradou. Sem dúvida, os meus guias poderiam fazer muito bem por meio de mim e obter justiça em muitos casos onde fosse necessário, se eu tivesse essa posição. Mas eu acreditava, e ainda acredito, que posso fazer mais bem ao mundo ao tornar meu dom e os ensinamentos que obtenho com ele acessíveis ao maior número de pessoas possível, e isso eu não poderia fazer se estivesse sobrecarregada com trabalho de detetive e o segredo necessário que invariavelmente vem com ele.
A propósito, Bright Eyes não recebeu nenhuma recompensa da mulher.

A ladra foi punida por não obter nenhum benefício de qualquer tipo pela desonra que a exposição do seu ato lhe trouxe. Ela, naturalmente, estava muito amarga na época em relação a mim, mas algum dia, se não na Terra, então no Espírito, ela vai perceber que a revelação imediata do seu erro foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Quando esse momento chegar, ela será grata a mim. Quanto mais longo o pagamento por qualquer ato for adiado, maior será, e eu a salvei da pesada restituição que ela teria se não tivesse sido exposta tão rapidamente.

O caso a seguir não envolveu crime algum, mas mostra a capacidade do Mundo Espiritual para resolver prontamente mistérios que estão deixando as autoridades regulares perplexas.

Uma noite, um homem estranho apareceu em uma sessão pública. Não dei atenção especial a ele, pois vários estranhos sempre estavam presentes nessas reuniões públicas. Reunimo-nos na sala de sessões, apagaram a luz e cantaram o hino de abertura. Quando ele estava terminando, vi Pat se aproximar e senti ele passar por mim enquanto se colocava atrás da minha cadeira. Virei-me e vi que ele parara em frente a um homem sentado atrás de mim. "Olá, Jack", cumprimentou o homem. "Você é policial, e antes de irmos mais longe, quero saber se você veio aqui esta noite para causar problemas ou se veio com o desejo sincero de comunicar-se com seus amigos do meu lado da vida."

"Why," balbuciou o homem, "por que?"

"Eu não acho que você veio causar dificuldades e acredito que sei por que está aqui," continuou Pat.

O homem ainda não tinha se recuperado do seu espanto, mas assegurou a Pat que veio porque estava com problemas e foi informado de que a Sra. Cook poderia ajudá-lo. Ele admitiu ser policial.

"Bem," disse Pat, "o que é que você gostaria que fizéssemos por você, que não possa fazer por si mesmo?"

"Minha filha desapareceu e não conseguimos encontrá-la em nenhum lugar. Não sei se ela saiu de casa por vontade própria, se casou ou se aconteceu algo de ruim com ela. Ela tem dezassete anos e sempre parecia feliz, não consigo imaginar por que ela teria saído dessa maneira."

"Você terá que esperar um pouco enquanto eu investigo isso," disse Pat, "embora eu ache que você seria capaz de encontrá-la, se alguém fosse capaz."

"Bem, não consegui e vim pedir ajuda, se você puder me dar."

Em pouco tempo, Pat voltou.

"Acho que sei algo sobre sua filha agora. Você parece ter se casado duas vezes e sua esposa atual não é a mãe de sua filha. Não é verdade?"

"Sim, minha primeira esposa faleceu e finalmente me casei novamente, depois que meus filhos já haviam crescido; mas o que isso tem a ver com o desaparecimento de minha filha?"

"Justamente isso," disse Pat; "sua filha e a madrasta não se davam bem de jeito nenhum e sua filha finalmente se cansou de todas as brigas e fugiu."

"Mas eu não sabia que havia algum problema entre elas. Claro, sabia que de vez em quando elas brigavam, mas nunca parecia sério para mim. Se você puder me dizer onde ela está e como trazê-la de volta, vou tentar fazer com que elas se entendam melhor no futuro."

"Eu posso te dizer onde ela está, mas você não conseguiria localizá-la, porque ela adotou um nome falso. Ela está em Dallas, Texas, e está usando o nome de __. Eu imagino que você saiba como trazê-la de volta com essa informação, mas tente tornar a casa mais feliz para ela. Ela é cabeça dura e um pouco difícil de lidar, eu vejo, mas é uma boa garota e vai tentar fazer sua parte."

O homem agradeceu a Pat e, no caminho de volta para casa, enviou um telegrama para o chefe de polícia de Dallas pedindo que ele devolvesse sua filha.

Ele conseguiu trazê-la de volta, e logo depois ela se casou e formou sua própria casa.

A surpresa desse homem com a saudação de Pat e seu conhecimento íntimo de si mesmo não foi maior do que a de um homem que marcou uma sessão para as duas horas de um dia. Eu nunca o tinha visto.

Como eu tinha um tempo livre antes da sessão, fui dar uma caminhada no Lincoln Park.

Enquanto passeava, ouvi Pat me dizer: "Medie, já é quase uma e meia, mas o homem já está na casa. Melhor voltar imediatamente. Ele está vestido de maneira comum, mas descobri que ele é um sargento irlandês da polícia. Acho que ele realmente deseja uma sessão, mas fale com ele antes de subir para o salão e pergunte se ele veio para causar problemas ou se está buscando uma mensagem dos seus entes queridos."

Corri para casa e encontrei o homem sentado na sala de estar. Depois de me apresentar, disse: "Senhor, nunca o vi antes e não sei seu nome, mas um Guia meu acabou de me contar, enquanto eu caminhava no parque, que o senhor já está aqui e que é um sargento da polícia. Isso é verdade?"

"Por que, sim, é verdade, mas não entendo como você sabe disso," ele respondeu, surpreso.

"Meu Guia também me disse para perguntar se o senhor veio para causar algum problema ou se está buscando aprender sobre as belezas da Outra Vida. Em qualquer caso, devo garantir que podemos atendê-lo."

Ele riu. "Mas que tipo de homem é esse seu Guia?"

"Ele é irlandês, como você, e se apresentará a você quando for para o salão."

Ele ficou sério. "Na verdade, Sra. Cook, vim aqui para me comunicar com meus amigos, se isso for possível. Não sei nada sobre isso, mas tenho muitos amigos queridos aos quais gostaria de falar, se for possível."

Ele foi saudado por sua mãe, que cantou uma canção irlandesa incomum. Ele ficou encantado, dizendo que essa era a música favorita dela enquanto estava na Terra. Ele teve uma sessão muito bonita e ficou extremamente feliz por saber que seus amigos podiam se comunicar com ele.

No final da sessão, ele disse que sabia, sem dúvida, que sua mãe e seus amigos haviam se comunicado com ele, mas "Como posso me reconciliar com a minha igreja?" foi sua pergunta angustiada.

Eu não pude ajudá-lo com isso, mas ele deve ter encontrado uma maneira, porque ele voltou várias vezes e logo começou a pedir ajuda sobre seus problemas policiais. Ele recebeu ajuda toda vez e foi mais um que quis que eu assumisse o trabalho de detetive para ajudar a obter justiça. Como expliquei antes, eu não sentia que esse fosse meu verdadeiro trabalho e precisei recusar. Acredito que esses poucos casos dão uma ideia do que pode ser feito pelo Mundo Espiritual na obtenção de justiça, quando se dá a oportunidade.

Aqui, gostaria de dizer que, apesar de toda a perseguição que sofri pelas mãos das autoridades em diferentes cidades, encontrei a maioria dos membros das forças policiais com quem tive contato como homens excelentes, fortemente imbuídos do senso de dever. Quando se familiarizavam comigo e começavam a entender meu trabalho, eram gentis comigo. A maioria deles nunca me entendeu completamente ou acreditou na minha religião, mas respeitavam minha sinceridade e o poder que viam em mim.

PINK ROSE

Pink Rose é um guia meu que realiza casamentos, conduz batismos e funerais, além de fazer palestras e testes para indivíduos em grandes audiências. Ela raramente vem a uma ou duas pessoas em uma sessão, como Bright Eyes faz; ela prefere lidar com grupos grandes e realiza seu trabalho à luz.

Várias vezes realizei encontros abertos no Carnegie Hall, em Nova Iorque, oferecendo a oportunidade à Pink Rose de fazer o trabalho que ela adora. Ela proferiu palestras maravilhosas em todas as ocasiões e, ao final, deu mensagens a estranhos na audiência. A maioria das centenas de pessoas presentes eram estranhas, e muitos eram céticos, sem qualquer conhecimento sobre o Espiritualismo. As condições eram, portanto, extremamente difíceis, mas Pink Rose gosta de superar essa dificuldade e provar a muitos, de uma só vez, o conhecimento e o poder daqueles que estão do Outro Lado.

Numa das reuniões, ela apontou para uma mulher e disse: "Senhora, nunca esteve em algo como isto antes e não entende. Gostaria de lhe dar uma mensagem, no entanto, e tenho certeza de que a apreciará. Você tem um filho maravilhoso, chamado Harry, do nosso lado da vida. Hoje é o aniversário dele e ele teria 24 anos se ainda estivesse consigo."

"Pois é, isso está certo," exclamou a mulher, "ele era jovem quando faleceu e eu tinha-me esquecido dele."

"Sim," disse Pink Rose, "ele tinha apenas seis anos, mas nunca se esqueceu do seu aniversário nem da sua mãe, e ajuda-a o tempo todo."

Entre os muitos presentes em outra reunião estava uma mulher irlandesa que estava apenas a passar pelo Carnegie Hall e, vendo a multidão de pessoas, entrou por curiosidade para descobrir o que se estava a passar. Sem saber, um irmão dela fez o mesmo e estava sentado do outro lado do salão.

Depois de proferir a sua palestra, Pink Rose começou a dar mensagens. Finalmente, ela apontou para essa mulher e disse: "Senhora, o seu nome é Mary e nunca esteve num lugar como este antes. A sua mãe está connosco. Hoje é sábado e a sua mãe está aqui desde o último domingo, exatamente uma semana. Ela está muito feliz e encontra tudo mais glorioso do que imaginou que poderia ser. Ela amava Deus e a recompensa da beleza espiritual é dela."

A mulher chorou um pouco e disse que tudo era verdade.

Depois, apontando para um homem do outro lado da sala, Pink Rose disse-lhe: "O seu nome é Jim e você é o irmão da senhora a quem dei esta mensagem."

O irmão e a irmã, levantando-se, reconheceram-se com surpresa, sem saberem que o outro estava presente, embora o homem tivesse ficado chocado com a mensagem que ouviu Pink Rose a dar.

Pink Rose continuou: "A sua mãe quer que eu diga que guiou ambos até aqui. Ela diz também que agora está com Henrietta e conheceu-a pela primeira vez quando ela passou para o Outro Lado."

Parece que, pouco antes de a mãe falecer, ela abriu os olhos e, olhando fixamente, parecia ver alguém invisível para os outros à volta da cama, e disse: "Henrietta," o nome de uma amiga de infância que a havia precedido no Mundo Espiritual. Agora o irmão e a irmã perceberam o que tinha acontecido.

Eu disse que Pink Rose raramente vem para uma única pessoa, mas de vez em quando ela faz isso.

Uma mulher, para quem eu tinha realizado sessões há algum tempo, apareceu um dia num estado muito nervoso. Ela estava preocupada com a perda do emprego do seu marido.

"Medie," ela disse, "ouvi-te dizer muitas vezes o quão maravilhosa é Pink Rose. Achas que ela poderia falar comigo? Eu estou com uma grande necessidade de uma mensagem que tenho certeza de que ela poderia me dar."

"A única forma que sei que você pode recebê-la," eu disse, "é fazer uma leitura em transe através de Bright Eyes e perguntar-lhe se é possível falar com Pink Rose."

Quando Bright Eyes assumiu o controle de mim e cumprimentou a mulher, ela disse: "Você não quer falar comigo hoje; você quer Pink Rose. Vou pedir-lhe para vir até si."

Pink Rose veio e deu à mulher uma bela sessão. Ela disse que o marido da mulher não perderia o emprego, que a empresa estava a reorganizar-se e lhe daria um cargo muito mais elevado do que o que ele tinha.

"Não quero que pense que isto é adivinhação, e se eu achasse que fosse, não lhe daria esta mensagem," continuou Pink Rose.

A mulher garantiu-lhe fervorosamente que precisava da mensagem e não a consideraria adivinhação.

Pink Rose então deu-lhe uma profecia detalhada para os próximos cinco anos, porque viu que a mulher estava muito preocupada e usaria as informações de forma adequada. Tudo acabou por se provar absolutamente preciso.

No final da sessão, Pink Rose disse: "Você tem uma amiga de escola com quem não fala há dois anos. Isso não lhe traz bênção e impede o seu desenvolvimento. Hoje ela precisa muito de si e quero que vá diretamente à casa dela a partir daqui, sem ir antes à sua própria casa."

No dia seguinte, a mulher voltou e contou-me que, ao chegar à casa da amiga, encontrou a filha pequena dela a definhar com difteria. Ela faleceu naquela noite, e o conforto que a mulher foi capaz de dar à mãe da criança foi o seu pagamento parcial pelo conforto que o Mundo Espiritual lhe trouxe através de Pink Rose.

OUTONO

Doce é a voz que chama
Das águas murmurantes,
Nos campos onde as sementes macias estão a voar.
E suaves sopram as brisas,
Que vêm e vão em redemoinhos
Nos jardins desbotados onde a rosa está morrendo.

Entre os campos semeados,
A codorniz canta de manhã,
A alegre perdiz bate em lugares escondidos,
E os insetos cintilam,
Sobre o riacho de juncos,
Onde as aranhas ocupadas tecem suas rendas finas.

À tarde, sombras frescas caem
Sobre o muro do jardim,
E sobre as uvas agrupadas que se tornam roxas;
E vapores perolados se estendem
Pelo céu oriental,
Onde a ampla lua da colheita arde em vermelho.

Ah, logo, no campo e na colina,
O vento assobiará gelado,
E as andorinhas patriarcas chamarão seus bandos juntos
Para voar da geada e da neve,
E procurar terras onde sopram
As flores mais bonitas de um clima mais ameno.

O grilo canta o dia todo:
"Ó mais bela verão, fica."
O esquilo observa de soslaio as castanhas que estão a dourar.
As aves selvagens voam longe,
Sobre a barra espumosa,
E apressam-se para o sul antes que o céu se feche.

Agora vem uma brisa perfumada
Através dos cedros escuros,
E ao redor das minhas têmporas se demora ternamente,
Em suave brincadeira,
Como a suave carícia
Concedida em dias mais felizes por dedos amorosos.

No entanto, embora uma sensação de tristeza
Acompanhe a folha que cai,
E a memória torne o verão ainda mais agradável,
Em todos os meus sonhos de outono
Brilha um futuro verão,
Superando as mais belas glórias do presente.

PREVISÃO DE CONTECIMENTOS FUTUROS

Numa discussão da previsão de eventos futuros por aqueles que se encontram no Espírito, é bom distinguir entre advertências de perigo pessoal e predição de ocorrências futuras de importância nacional ou mundial. Esta última raramente é feita, devido à atitude generalizada (que as pessoas adotam) com respeito ao que chamam adivinhação. O Mundo Espiritual deu ampla evidência de que conhece e pode revelar aos mortais em definitivo eventos que estejam para acontecer, mas raramente exerce esse poder, porque descobriu que os seres humanos no seu todo não acreditam na exatidão das suas profecias e não tira proveito delas. Consequentemente, não há razão para que eles nos transmitam esse conhecimento.

Antes de discutir isto mais a fundo, gostaria de mostrar como os nossos Guias podem e costumam nos alertar sobre a nossa segurança física. (O caso, mencionado mais tarde, da filhinha do ministro que morreu queimada acudirá à mente neste contexto.)

Certa vez, fiz sessões com frequência para uma jovem, filha única de gente muito próspera, uma filha muito amada e um tanto mimada por ela. Eles troçavam da crença que ela tinha no Espiritualismo; mas ela sempre amara profundamente o seu avô e quando ela descobriu que podia falar com ele ainda que ele se encontrasse no Mundo Espiritual, ela veio com frequência fazê-lo.

Um dia, ele disse-lhe que muito em breve um jovem casal de quem ela era amiga a viria iria ligar-lhe a convidá-la para o acompanhar numa viagem a Detroit. Eles tinham acabado de comprar um carro novo e bastante caro (cuja marca ele lhe revelou) e queriam estriá-lo nessa viagem. Ela não deveria ir com eles de forma alguma. Os guias dela viram que a uma curta distância deste lado de Detroit iriam sofrer um terrível acidente e, se ela estivesse por perto, ficaria gravemente ferida.

Naquela mesma noite, o casal ligou-lhe e contou-lhe sobre a viagem que planeavam fazer. Ela disse que estava inteirada disso, que eles tinham acabado de comprar um carro com essas caraterísticas e que queriam que ela fosse com eles. Eles ficaram surpreendidos com o que ela sabia, dizendo que o carro acabara de ser comprado naquele dia e que ainda nem havia sido entregue, e que pretendiam convidá-la para os acompanhar. Ela disse que devia recusar, porque eles iam sofrer um acidente perto de Detroit e ela não queria estar junto. Eles incitaram-na a ir, chamando-lhe "esquisita" por se recusar a tal ideia.

Vejam bem, a exatidão do conhecimento que ela tinha sobre o que já havia ocorrido não os impressionou o suficiente para os levar a pensar que possivelmente o resto do seu conhecimento era igualmente preciso. Após a recusa definitiva da parte dela, eles convidaram outro casal para os acompanhar. A viagem transcorreu sem incidentes até que, a alguns quilómetros de Detroit, o motorista ultrapassou uma carrinha de mudanças. Vinha uma outra viatura na direção deles e, embora não os tivesse atingido, o carro perdeu de controlo, saiu da estrada e capotou duas vezes. Quando tudo acabou, dois passaram para o Mundo Espiritual e os outros dois foram hospitalizados (e aí permaneceram durante) várias semanas.

Mesmo depois de uma demonstração maravilhosa do poder que o Mundo Espiritual tem de proteger os mortais como essa, os pais dessa garota recusaram-se até mesmo a investigar a Verdade. Eles sabiam que a vida dela tinha sido salva pelo aviso, por ela lhes ter contado antes de a viagem começar, e dito que fora por isso que ela se recusara a ir junto. Tornara-se por demais evidente para mim desde os meus anos de trabalho que os mortais precisam nascer num plano suficientemente elevado para compreender o Espiritualismo. Não parece haver maneira nenhuma possível de convencer os outros da sua verdade. Eles podem ser inteligente como nós julgamos em esperteza neste mundo, mas as suas almas não estão desenvolvidas o suficiente para compreender ou apreciar esta Verdade.

Um aviso muito semelhante a este foi dado a um homem por um dos meus Guias, mas passou despercebido. Vejamos com que resultado.

Há muitos anos atrás, no início do meu trabalho, vários executivos de uma conhecida empresa de Chicago ouviram falar de mim e vieram consultar os meus Guias. Além dos seus negócios, eles estavam interessados numa mina de prata no Canadá e tinham investido uma soma considerável nos trabalhos de desenvolvimento. Eles receberam bons conselhos sobre os problemas relacionados com ela, e vários deles começaram a vir com frequência.

Um dia um deles apareceu, e quando a minha controladora Bright Eyes começou a falar com ele, ela disse que vira uma nuvem escura a pairar sobre ele, e que ele teria que ter muito cuidado ou sofreria um acidente.

"Não importa tudo isso, eu sei tomar conta de mim próprio," respondeu ele agradecido. "O que eu quero saber é sobre a nossa mina de prata."

"Não posso dizer nada sobre a vossa mina de prata neste momento," disse Bright Eyes. "Entre si e a mina existe um perigo terrível, e se você não o suportar, a mina nada significará para si. Vejo que, ou você vai viajar ou vai conhecer alguém que vem de viagem

para a cidade num comboio, e se você não for extremamente cuidadoso, você vai prejudicar-se."

O homem ficou irritado. "Suponho que os meus amigos lhe disseram que sou ferroviário. Naturalmente, corremos perigo a toda a hora. Não quero nenhum aviso reles deste tipo. Quero saber algo sobre a nossa mina."

"Não posso dizer nada sobre a sua mina. Você deve prestar atenção ao meu aviso," foram as palavras de despedida de Bright Eyes.

O homem ficou irritado e quando chegou a casa, escreveu à esposa, que estava de visita a Flint, no Michigan, e disse que ela provavelmente encontraria um marido morto quando chegasse em casa, por ele ter consultado uma médium falsa que não lhe disse nada, exceto avisá-lo. Ele contou-lhe tudo o que lhe tinha sido dito e ridicularizou-o, bem como a mim. Isso aconteceu numa Segunda-feira. Na quinta-feira, ele acalmou-se e decidiu voltar a uma outra sessão.

Mais uma vez Olhos Brilhantes disse-lhe que ela não podia dizer nada sobre a mina de prata. "Do jeito que eu vejo," disse Bright Eyes, "você vai encontrar alguém que está de volta a esta cidade de comboio. Você não vai para o entreposto onde costuma acolher as pessoas, mas vai para um mais distante. Você vai colocar-se muito perto da linha e ferir-se se não der ouvidos ao meu aviso."

Ele perguntou sobre a mina de prata, mas Bright Eyes disse que ela não podia dar-lhe nada, exceto este aviso.

Ele saiu mais irritado do que antes e contou aos homens no seu escritório tudo sobre o aviso e o que ele pensava, esperando que eles se rissem com ele, mas não riram. "Bem, veremos quem vai rir por último," foi o comentário de despedida que fez ao voltar para casa.

Na Segunda-feira seguinte, a sua esposa estava de volta de Flint. Como o comboio dela estava atrasado, ele decidiu ir ao seu encontro na estação da Rua Sessenta e Três, em vez da estação da Rua Quarenta e Três, como sempre fazia, para a surpreender. Apressando-se, ele chegou lá um pouco antes do comboio e pôs-se bem perto dos trilhos, a observar a máquina à medida que ela avançava sobre ele. Testemunhas dizem que ele pareceu cambalear com a tremenda sucção e cair sob as rodas. A esposa sabia que algo estava a atrasar o comboio e ficou inquieta ao ouvir rumores de um acidente, lembrando-se da última carta que recebera do marido.

No entanto, os funcionários ferroviários tranquilizaram-na e ela aguardou até a chegada na rua Quarenta e Três antes de descer. Nenhum marido veio ao encontro dela. Apressando-se a regressar a casa, ela não o encontrou nem qualquer palavra dele. Em pouco tempo o telefone tocou. Com um aperto no coração, ela ouviu o pedido para ir ao necrotério identificar um corpo que parecia, pelos papéis encontrados nele, ser do marido dela. Lá, naquele retiro sombrio, ela viu o corpo mutilado e quase irreconhecível do marido.

No dia seguinte, um dos indivíduos a quem ele relatara a advertência que recebera ligou-me a perguntar se eu sabia o que havia acontecido com o seu amigo -- o homenzarrão que fora ver-me na quinta-feira.

Eu disse-lhe que não, mas que o meu guia o prevenira com respeito a um acidente grave.

"Bem, ele foi morto ontem por um comboio na estação da Rua Sessenta e Três."

Os executivos desta empresa procuraram-me para sessões durante anos depois disso, e a carta que esse homem havia escrito à sua esposa foi o meio de a levar a um lugar onde ela

ainda pudesse conversar com ele. Ela veio muitas vezes e ele disse-lhe como era lamentável que os mortais não confiassem mais nos seus amigos do Espírito e não tentassem entender e dar ouvidos a cada mensagem que lhes é dada.

Os nossos amigos no Espírito nunca desperdiçam palavras nem falam ao acaso. Frequentemente, no momento, podemos não entender a sua mensagem, mas um dia compreenderemos. Mas é por darmos tão pouca atenção aos seus conselhos que eles hesitam em no-los dar. Normalmente os esforços deles são desperdiçados.

Menos espetacular do que esses dois avisos, mas igualmente como previsões definitivas, foram duas mensagens dadas a uma jovem que se tornou minha conhecida. Quando ela começou a vir, ela vinha acompanhada pelo noivo, um médico, em cujo consultório ela trabalhava. Após algumas visitas, Bright Eyes disse-lhe que ela teria sucesso como esteticista e deveria ir para a escola para aprender a esteticismo.

Ela riu.

Bright Eyes disse-lhe: "Você vai precisar saber disso um dia."

No caminho para casa, ela discutiu isso com o noivo, e nenhum dos dois conseguiu perceber o que a mensagem significava. Eles não haviam marcado uma data para o casamento, mas definitivamente estavam planear isso para futuro.

Cerca de dois anos depois, esse jovem médico faleceu e a garota viu-se sem noivo e sem emprego ao mesmo tempo. Ela finalmente teve que aceitar a condição de enfermeira e assistente geral na casa do patrão. Quando podia tomar ar do seu novo encargo, ela vinha me ver com frequência e, finalmente, pediu uma sessão.

Novamente Bright Eyes disse-lhe que ela devia ir para a escola e aprender a esteticismo. "Agora entendes o que eu quis dizer quando disse para fazeres isso há dois anos," disse Bright Eyes. "Terias economizado muito tempo e poderias ter feito isso sem te preocupar com o dinheiro."

A moça desta vez acatou o conselho e teve muito sucesso no seu trabalho.

Alguns anos depois, o seu pai, que já estava doente há algum tempo, foi aconselhado a submeter-se a uma operação. Ele não acreditava no Espiritualismo, mas a filha perguntou aos médicos no Espírito se a operação seria a melhor solução. Disseram-lhe que não, que sem ela o pai ainda poderia viver vários anos sem sentir dor, apenas com uma certa indisposição. Se ele passasse se submetesse a ela, ele viveria na Terra menos de um ano. A filha consultou os médicos terrenos do pai e eles disseram-lhe que se sobrevivesse à operação o pai, ficaria um homem bem e viveria durante anos.

Influenciados pelo que lhes disseram, pai e filha juntaram o dinheiro e fizeram a operação em Janeiro. Após muitas semanas de internamento, eles levaram o pai para casa. Ele havia sobrevivido à operação, mas certamente não era um homem bem. Em Dezembro do mesmo ano ele faleceu. Se o conselho dos médicos no Espírito tivesse sido seguido, esta família estaria muitos dólares à frente e ainda teria um marido e pai na terra. (Acho que a previsão das outras previsões feitas pelos Guias com respeito ao homem me levam a sentir-me justificada em presumir esta última afirmação.)

Os meus guias frequentemente alertam-me sobre muitas coisas relacionadas com o meu próprio bem-estar. Isso é natural, dadas as circunstâncias, e sempre faço o máximo por dar atenção ao aviso e seguir o conselho, mesmo quando parece que isso implica num sacrifício considerável.

Um dia quente de verão, liguei para o escritório de um advogado que era um grande amigo meu.

"Ah, fico feliz por tu teres aparecido," cumprimentou-me ele, "Eu queria perguntar-te uma coisa. No próximo sábado, uma grande empresa para a qual faço algum trabalho vai oferecer um piquenique para os funcionários e eu gostava que tu fosses comigo. O barco sai às sete e meia da manhã e ficaríamos o dia todo longe deste calor."

Eu estava prestes a dizer que ficaria feliz em ir quando uma Voz me disse: "Não, não deves ir. Vai suceder algo."

Eu disse-lhe que lamentava muito, mas que precisava recusar, porque uma Voz me ter dito que algo estava para acontecer e que eu não deveria ir.

Esse homem não acreditava no Espiritualismo, mas disse: "Ah, é isso que tu achas?"

"É," respondi, "e agora não ousaria ir."

Na manhã do sábado seguinte, ele ligou-me a dizer que o barco em que devíamos ter embarcado, o Eastland, acabara de virar no seu cais no rio Chicago e jogara uma multidão de foliões que se encontravam no seu convés na água, com uma terrível perda de vidas.

Há uns meses atrás, ao saber que um casal de idosos, bons amigos meus, estava de viagem para a Flórida a fim de passar o inverno por causa da sua saúde, sugeri que eles arranjassem a ir ao mesmo tempo que eu e fossem no meu automóvel. Eu sabia que eles iriam mais confortáveis do que no comboio e teriam maior prazer na viagem. Fizemos os nossos planos e definimos quinta-feira como o dia de partida. Na terça à noite, começamos a discutir alguns detalhes da viagem quando ouvi um de nossos amigos médicos no Espírito dizer-me: "O homem está muito doente para suportar a viagem. Ele sofreria uma recaída no caminho e tu terias que o internar num hospital em alguma cidade estranha, onde nenhum de vocês teria amigos. Se eles realmente acham que ele consegue chegar à Flórida, podem fazer reservas no comboio de Domingo, para chegar lá um dia depois de ti."

Eu disse-lhes que o nosso médico espiritual achou que a viagem seria muito árdua para eles e que era melhor eles apanharem o comboio. A mulher ficou consideravelmente desapontada. Eu sabia que tinha ouvido bem, mas por causa dela, disse que nos faríamos numa sessão no dia seguinte no meu quarto de hotel e conversaríamos sobre o assunto com os nossos Guias.

Fizemos isso e o nosso médico repetiu-lhe o que me havia dito. Ele disse que ela e o marido deveriam vir de trem no Domingo, caso eles o tentassem fazer nessa altura. Eles tinham uma grande fé nos seus Guias e, apesar da deceção, sabiam que deveriam fazer o que lhes fora aconselhado.

Quinta-feira chegou e parti com o meu marido. Na manhã de sábado, os Guias disseram-me que o homem adoecera de repente e eu senti uma dor aguda no estômago. Ao chegar a casa no Domingo, encontrei um telegrama a dizer que na noite de sexta-feira ele sofrera uma hemorragia interna severa de uma úlcera perfurante que tinha no estômago e estava doente demais para ser deslocado. Ele agonizou quase duas semanas antes de passar para o Espírito. Se eu não tivesse dado ouvidos ao conselho do nosso médico espiritual, isso teria ocorrido durante a viagem e teria sido bastante desafortunado para cada um de nós. Além disso, se o médico não tivesse especificado o Domingo como o dia para eles partirem no comboio, eles teriam saído mais cedo e ele teria sofrido a hemorragia no comboio. Por outras palavras, o médico sabia com vários dias de antecedência de poucas horas a altura em que essa hemorragia iria ocorrer.

Muitas vezes, ao andar de automóvel com o meu marido, sou informada de algum perigo que esteja pela frente ou de algo em relação ao qual devamos estar atentos. Recentemente ao viajarmos para norte, perto de Charleston, Carolina do Sul, eu ouvi Pat dizer-nos: "Medie, não vai ocorrer um acidente sério a sul de Washington amanhã. Vai ser num lugar bastante perigoso e o melhor é que avises CM [o meu marido] para dirigir mais devagar e com muito cuidado depois de deixar Richmond, até passar essa zona."

Na noite seguinte, deparamo-nos exatamente com o que Pat me dissera e, por causa da multidão de carros e de gente, teríamos tido problemas se fôssemos no nosso ritmo normal.

Certa vez, em Chicago, quando o meu marido estava de saída para pegar o automóvel para a sua viagem matinal, ouvi uma voz dizer-me para o avisar para dirigir devagar entre as ruas 12 e 13, por ir deparar-se com um indivíduo descuidado a conduzir um carro grande de forma imprudente naquele quarteirão. Naquela época, a Michigan Boulevard era muito estreita a sul da Twelfth, e um motorista imprudente poderia facilmente provocar um acidente. Ao chegar à Twelfth Street, o meu marido dirigiu com muito cuidado e devagar. Ele quase alcançara a rua 13 quando um homem num carro Pierce Arrow de repente virou na frente dele, bem no caminho dele. Mesmo com todo o cuidado, ele teve dificuldade em evitar um esbarramento.

Uma mulher em situação financeira um tanto difícil ia ocasionalmente às sessões e uma certa noite parecia estar mais preocupada do que o normal com qualquer problema. Os Guias dela perguntaram-lhe qual era o problema e ela finalmente disse-lhes que estava a chegar uma outra criança e ela não sabia como, possivelmente, iria conseguir o dinheiro para sustentar essa criança adicional. Ela já tinha duas meninas e um menino.

"Deves parar de te preocupar com isso," disse um dos seus Guias; "vais descobrir que essa criança será uma grande alegria para ti e tomará o lugar das outras."

Não sabíamos exatamente como interpretar aquilo, já que todos os seus filhos eram jovens fortes e saudáveis. Passado um ano, porém, as duas meninas morreram e ela encontrou a alegria predita pelos seus Guias, em vez da preocupação, no bebé. A propósito, a segunda criança faleceu num domingo às quatro horas da tarde e veio a uma sessão domingo à noite saudar as amigas da mãe que estavam presentes, e pedir que fossem até à sua mãe no dia seguinte e a consolassem com essa mensagem. (O capítulo "Manifestação Precoce" será visto como interessante nesse contexto.)

Por diversas vezes mulheres que planeavam divorciar-se dos maridos com quem viveram e trabalharam durante anos foram instruídas pelos seus Guias a não o fazer porque os maridos logo passariam para o Espírito, e os seus bens, que elas os tinham ajudado a acumular, iriam para outras pessoas. Uma delas recebeu essa mensagem em Abril e o marido faleceu no mês seguinte de Julho. Outra que recebeu uma mensagem semelhante não deu atenção, mas avançou com o divórcio. Poucos meses depois, o homem faleceu e ela ficou sem o seguro e os bens por direito deveriam ser dela. Quando digo "com razão," é com reservas. Ela tinha trabalhado com ele e ajudado a obter a propriedade, com certeza, mas pela sua obstinação, em face do conselho contrário dos seus Guias, ela realmente jogou isso fora.

O caso seguinte é ilustrativo do dano que pode ser causado por uma pessoa que não segue a advertência e o conselho dado pelos Guias, e mostra por que aqueles no Espírito se mostram relutantes em oferecer esse tipo de ajuda. Usado corretamente, seria de grande benefício, mas é tão frequentemente mal interpretado ou ignorado que falha no seu objetivo.

Um homem e a esposa que administravam um restaurante numa área movimentada de Chicago haviam lutado muito para o transformar num negócio lucrativo. A mulher era um pouco mais velha que o marido, que era um homem de boa aparência e era viúvo quando se casara com ela. Ambos tinham investido todo o seu tempo e energia no trabalho e fizeram dele um sucesso. Começaram a frequentar as minhas sessões e frequentemente vinham acompanhados por três dos seus mecenas. Durante o ano seguinte, eles participaram em muitas sessões e fizeram muitos testes e tiveram muitos exemplos maravilhosos da ajuda que os Guias lhes poderiam dar.

Um dia, enquanto estavam a ter uma sessão, o pai do homem disse: "Filho, não vale a pena fazer nada de errado. O jeito correto de viver é o único." O homem não fez nenhum comentário e o resto de nós não sabia a que seu pai se referia.

O pai voltou a fazer o mesmo comentário diversas vezes depois dessa, e, por fim, a mulher decidiu que era melhor procurar descobrir o que ele queria dizer. Ela estava com o marido no restaurante a maior parte do dia, e nas poucas noites em que ele estava fora de casa ela pensava que ele estava com seus três mecenas e amigos e, consequentemente, não podia imaginar a que o pai dele se referia quando falava com ele daquele jeito.

Todavia, ela veio a uma sessão privada para o descobrir. O sogro dela logo veio e disse-lhe: "May, vou-te contar uma coisa: O Will está planear vender o restaurante."

"Sim," respondeu ela, "ele disse-me que quer um lugar maior."

"O que ele realmente quer," disse o sogro, "é vender o lugar, pegar em todo o dinheiro e fugir para a Califórnia com a vossa caixa e viver lá com ela sob um nome falso. Estou a dar-te este aviso, mas eu não quero que lhe digas uma palavra sobre isso. Sê diplomática e diz-lhe apenas: 'Tudo bem, vamos vender o lugar quando pudermos e cada um fica com metade do dinheiro. Quando comprarmos outro lugar, cada um de nós vai pagar com metade.' Dessa forma, terás algo por todos os teus anos de trabalho duro."

Ela voltou para casa, mas em vez de fazer o que lhe fora dito, ela permitiu que o seu ciúme lhe levasse a melhor e pregou-lhe um grande sermão sobre a ingratidão dele por todos os anos de ajuda e terminou contando-lhe o que o pai dele no Espírito tinha dito.

Ele, é claro, negou tudo e conversou com ela durante muito tempo e de forma tão convincente que não apenas a acalmou por completo, mas a induziu a permitir que a caixa, que ela desejava dispensar, permanecesse no trabalho. Ele disse que nunca tinha pensado em fazer algo tão maldoso e baixo como aquilo de que ela o acusara e que a mensagem não era verídica e devia ser falsa. Para salvar as aparências, ele disse que pegaria os seus três amigos e que provaria que eu era uma farsante.

Eles marcaram uma sessão, mas assim que pousei o telefone, os meus Guias disseram-me que não deveria fazer-lhes a sessão. Eu não consegui entender aquilo, porque eles vinham regularmente há muito tempo e, de forma insensata, prestei pouca atenção a esse aviso. Isso mostra que uma médium pode ser culpada da mesma coisa que muitas outras pessoas.

Naquela noite, pouco antes da hora de eles chegarem, desenvolvi uma dor terrível no abdômen. Pensei de novo no que os meus Guias me tinham contado e, quando os homens chegaram, disse-lhes que sentia muito, mas que as minhas Forças não queriam que eu fizesse a sessão para eles naquela noite. Eu disse: "Não sei por que eles não querem que eu faça a sessão para vós, mas eles deixaram-me muito doente e devo desapontá-los."

Eles riram um pouco e disseram que não podiam entender, mas, tendo percorrido uma longa distância, ficariam consideravelmente desapontados se eu os deixasse ficar mal. Finalmente, permiti-me ser persuadida e fomos para o salão das sessões.

Porque é que, oh, porque é que os mortais não dão atenção às advertências dos seus amigos no Espírito?

Vários dos seus entes queridos os saudaram quando vi Pat entrar no círculo de repente e, pegando numa trombeta, erguê-la acima da cabeça como se fosse acertar num deles. Antes que a trombeta pudesse descer, eles lançaram-me um clarão de luz sobre mim. A última coisa que vi ao cair inconsciente foi a trombeta cair de forma inofensiva ao chão. Ele tinha chegado tarde demais para me salvar da minha própria insensatez.

Os homens ficaram muito agitados e alarmados com a minha condição e, chamando uma vizinha, disseram-lhe que eu tinha desmaiado e pediram-lhe que ficasse comigo até que trouxessem um médico. O médico ficou comigo até à uma hora da manhã seguinte, antes de eu recobrar a consciência. Durante vários dias, fiquei fraca demais para sair da cama. Este é o mal que a ignorância pode causar.

Vários dias mais tarde, a mulher que era a verdadeira causa de tudo isso veio ver-me e contou-me o que o marido e os amigos haviam feito. Eu não sabia exatamente o que tinha acontecido até então. Ela disse que o marido a havia convencido de que a mensagem era falsa e que ela queria uma outra sessão para conversar sobre o assunto com o sogro. Eu disse-lhe para sair da minha casa, que eu estava farta de toda pessoa que pudesse fazer o que ela fez depois de ter recebido as lindas mensagens que ela tinha recebido. Eu tinha feito sessões para todos eles muitas vezes sem compensação, exceto em troca de uma refeição muito ocasional no seu restaurante, e disse que não queria ver nenhum deles de novo.

Antes do fecho do mês seguinte, o restaurante foi vendido e o marido "mal avaliado" pegou todo o dinheiro e partiu com o caixa dele. Lembrando-se agora da mensagem do seu sogro, a mulher, com a ajuda dele, conseguiu segui-los até Los Angeles. Ela descobriu que após seis meses lá eles tinham gasto o dinheiro todo, e que a ex-caixa se apaixonara por outro homem mais jovem. O marido escreveu à esposa a implorar perdão, mas ela recusou ter qualquer outra relação com ele.

E quanto ao resto dos atores neste pequeno drama? Como foi que eles se saíram? A esposa abandonada lutou muito e fez a limpeza durante o dia. Por fim meteu-se no negócio de artigos para cabelo e começou a vender. Muitas foram as vezes que ela me tentou convencer a permitir que ela voltasse às minhas sessões mas, dadas as circunstâncias, não consegui perdoá-la. Todos os três homens que tinham vindo com o marido não tiveram nada além do infortúnio, um logo teve um grave acidente que o deixou incapacitado, outro morreu de pneumonia. Todos os três me mandaram recado, mais cedo ou mais tarde, que sabiam que haviam errado ao prejudicar um instrumento de Deus e que estavam a ser castigados por isso.

A mensagem que se segue não tinha sido prevista como um aviso, mas uma simples declaração de um facto para que o homem pudesse ajudar a família. Os nossos Guias nem sempre podem fazer algo assim por nós, por três motivos principais: Muitos não têm fé ou não desejam tirar proveito da mensagem, sendo que ambas são condições necessárias para o fornecimento de tais informações. Um motivo mais importante é a aura turva que muitas pessoas têm. É por meio da aura que o futuro das pessoas é lido pelos Guias. Uma pessoa pode ter fé suficiente no que lhe viesse a ser dito e haveria de fazer muito para seguir o conselho que lhe fosse dado, mas ainda assim ter uma aura tão turva (indefinida) que os

Guias não conseguiriam lê-la com certeza. Pessoas muito ativas, envolvidas em muitas atividades e que viajam muito, provavelmente enquadram-se nessa classe, assim como aquelas que não levam uma vida honesta e correta.

Esta última, por aqueles com quem se associam e a infelicidade que estão a criar aos outros e a si próprios, obscurecem tanto a aura que não mostram uma imagem clara do futuro. Por outro lado, uma pessoa que leva uma vida simples e honesta, marcada por uma rotina bem definida e que se sente satisfeita com o que possui, geralmente tem uma aura na qual os poucos eventos importantes se destacam claramente e podem ser facilmente compreendidos pelos Guias.

Um homem desses costumava procurar-me ocasionalmente para sessões. Os pais, irmãs e muitos amigos eram todos membros do Centro e, embora ele não comparecesse com a frequência de alguns dos outros, ele era um Espiritualista inabalável. Um dia, ele ouviu falar da apólice de seguro de acidentes do Chicago Tribune, que havia sido lançada recentemente, e na sessão seguinte pediu o conselho de Pat sobre como conseguir uma para ajudar a mãe se alguma coisa lhe acontecesse.

Pat disse: "Sim, será uma coisa boa para si. Posso ver que, quando vier para o nosso lado, será por meio de um acidente coberto por essa apólice, e que a sua mãe receberá muita ajuda."

Ele agradeceu a Pat e conseguiu uma apólice no dia seguinte.

Ele tinha pago apenas três prêmios quando um dia, enquanto andava de táxi, foi atingido por um comboio num cruzamento e morreu instantaneamente.

Narrei vários casos para lhes ilustrar como os nossos Guias podem informar-nos sobre ocorrências futuras que venham a afetar os nossos interesses pessoais.

As previsões da "Profeta," a quem mencionei no início do livro como um de meus Guias, cobrem eventos que afetarão um grande número de pessoas e são de interesse de todos. Ela dá essas profecias uma vez por ano aos membros do nosso Centro e elas são de grande valor porque sempre se mostraram corretas até o mais ínfimo detalhe. Não tentarei falar mais sobre elas aqui, porque, conforme disse no início deste capítulo, os seres humanos no seu todo não acreditarão nelas nem lucrarão com elas. Todos os desastres e problemas do ano passado foram previstos por ela há um ano, em Dezembro passado; mas mesmo se tivessem sido apresentados ao mundo, teriam elas servido de alguma coisa? Nós que a entendemos, entretanto, aguardamos ansiosamente pela vinda da "Profeta" a cada Dezembro com sincera esperança, sabendo que ela carrega uma mensagem de interesse vital para nós e para o mundo em geral.

CURA

Durante muitos anos, a noite de sexta-feira tem sido reservada pelos nossos Guias do Centro como uma noite dedicada à cura. Os médicos espirituais utilizam as Forças para levar assistência aos que estão doentes, sendo capazes de o fazer independentemente de onde a pessoa viva, desde que esta tenha estabelecido ligação com o Centro, tenha fé nas suas Forças e se sente nessa noite em concentração amorosa nos seus entes queridos do Outro Lado. Para mostrar quão maravilhosa e concreta é esta ajuda, relato os seguintes casos.

A história de um dos membros do nosso Centro, dos benefícios que recebeu, da sua introdução aos seus amigos espirituais e dos acontecimentos que a antecederam é bastante interessante. Quando participou pela primeira vez numa das minhas sessões, era um homem de sessenta e cinco anos, quase cego. Nascido de pais escoceses pobres e trabalhadores, fora criado de forma rígida como um Batista tradicional. Ainda jovem, saiu de casa e, ao longo da vida, trabalhou como carpinteiro, empregado de escritório, vendedor de seguros, compilador de diretórios urbanos e em várias outras funções. Com o tempo, revelou-se um inventor e promotor habilidoso, tendo feito e perdido várias fortunas. Como ele próprio explicou, não era humilde quando era rico e não sabia conservar o dinheiro que tão bem sabia ganhar. Tornava-se egocêntrico e algo arrogante, e, contrariando conselhos e o bom senso, investia em negócios sem valor.

Por fim, um desses projetos, que até mostrava algum potencial, consumiu o que restava da sua última fortuna e forçou-o, para recuperar parte do dinheiro e justificar a confiança dos amigos que tinham investido com ele, a ir para Chicago gerir pessoalmente a fábrica. Não estava particularmente vocacionado para este tipo de trabalho e, durante algum tempo, limitou-se a manter o negócio em funcionamento.

A sua visão já vinha a piorar há algum tempo e, pouco depois de chegar a Chicago, deteriorou-se ao ponto de mesmo as lentes mais grossas mal lhe permitirem trabalhar, o que, a par dos problemas empresariais, lhe causava grande preocupação. Nunca perdeu a fé em Deus nem na oração, embora há muitos anos tivesse, como dizia, ficado desiludido com a religião ortodoxa. Em Chicago, após ser tratado por vários oftalmologistas e ouvir deles que nada podiam fazer, frequentou igrejas de várias denominações, mas não encontrou nelas nem ajuda nem recuperação da visão. Contou-me que todas afirmavam seguir Jesus, mas nenhuma conseguia proporcionar as bênçãos que Ele mandou os seus seguidores oferecer à humanidade. Jesus disse: "O reino dos céus está próximo. Curai os doentes, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios; de graça recebestes, de graça dai."

Esse homem questionava-se sobre por que razão as igrejas atuais não conseguiam fazer estas coisas, quando está registado que os discípulos e as primeiras igrejas o faziam. Algo devia haver, pois Deus, sem dúvida, é imutável, e se tais coisas foram possíveis uma vez, deviam sê-lo ainda hoje. Nas suas orações pedia agora ser guiado até à bênção que tanto desejava, acreditando que o caminho devia estar aberto, tal como há séculos, se apenas o conseguisse encontrar.

Alguns meses após ter perdido a esperança de ajuda material, foi chamado a Minneapolis por motivos de trabalho e, enquanto lá esteve, visitou um velho amigo e vizinho, o Dr. Graham, oftalmologista. Depois de examinar os seus olhos, o médico disse-lhe que os nervos estavam paralisados devido à nicotina e que a cegueira total era inevitável a menos que deixasse de fumar.

Ele não teve fé suficiente nesse diagnóstico para aceitar tratamento nem para parar de fumar. Um mês depois, esse médico faleceu e passou para o Mundo Espiritual. O nosso amigo continuou a rezar para ser guiado até onde pudesse obter iluminação e ajuda, mas não estava preparado para reconhecer quando a encontrou, porque foi de forma muito diferente da esperada.

Certa noite de domingo, sentado em frente ao seu hotel, entrou em conversa com um cavalheiro que, ao fim de algum tempo, pelas suas palavras, deu a entender ser espírita.

Questionado, admitiu-o e contou várias experiências extraordinárias que tinha testemunhado.

O nosso amigo disse que não acreditava em tais coisas, pois pareciam contrárias às leis da Natureza como ele as entendia. Explicou que acreditava em Deus e em anjos. Considerava que a sua mãe tinha sido um anjo em vida e via razões para acreditar que o seria também no Céu — mas não achava possível que ela lhe pudesse falar. Quando lhe perguntaram se gostaria de falar com ela, respondeu: "Sim", mas não acreditava ser possível. Perguntado se teria medo, disse: "Por que teria medo de falar com um anjo? O único medo que tenho é de não ser bom o suficiente para que ela venha ter comigo." Disseram-lhe que, se mantivesse a mente aberta, mesmo sendo cético, o seu interlocutor levá-lo-ia nessa noite a uma sessão. Ele aceitou, disposto a procurar a verdade, mas insistindo que só aceitaria provas que estivessem claramente fora do alcance humano.

Chegaram por volta das oito horas, juntando-se a mais dezasseis ou dezoito pessoas. Sentindo-se o único estranho, sentiu-se compelido a declarar o seu ceticismo e, tendo o amigo dito que um cético podia prejudicar ou arruinar a sessão, ofereceu-se para sair. Disseram-lhe para ficar. (Para quem entende a Verdade, a atitude deste homem era uma garantia razoável de que os seus amigos espirituais conseguiriam contactá-lo. Era respeitador dos outros e, embora exigisse provas, não pretendia ditar que provas seriam essas.)

As luzes apagaram-se, a sessão começou. Uma pequena caixa de música, que estava no colo do cavalheiro que trouxera o nosso amigo, foi levada por uma das suas crianças em espírito e tocou enquanto era transportada perto do teto, à volta do candeeiro. Pouco depois, ouvi uma trombeta a bater em alguém, seguida de uma voz: "Sente-se direito, Sr. D_."

Ele estava curvado, com o ouvido próximo do chão, para tentar perceber se eu tinha saído do meu lugar. Por acaso, a sua cadeira era muito próxima da minha e, pelos pequenos movimentos que eu fazia, percebeu que eu não tinha saído — e a música continuava a tocar perto do teto. Estes factos, juntamente com o facto de o terem chamado pelo nome (que o seu amigo não mencionara), surpreenderam-no, mas nada disse na altura. Contou-nos tudo mais tarde.

Quando a música cessou, uma doce voz feminina começou a cantar mesmo em frente a ele. No final da segunda estrofe, exclamou: "Isto é muito estranho."

Perguntei-lhe porquê.

Disse: "A minha mãe era uma cantora maravilhosa e ensinou os meus seis irmãos e irmãs, mas nunca conseguiu fazer de mim um cantor. No entanto, quando eu era rapaz, ela ensinou-me estas duas estrofes exatamente como agora foram cantadas, e não me lembro de alguma vez as ter ouvido desde então."

Depois, uma voz falou-lhe em frente e disse: "Meu filho, segui-te todos estes anos e finalmente consegui que fosses até ao hotel, mas não te consegui trazer aqui. Quero agradecer-te, Dr. Q_, por trazeres o meu filho até mim."

Quando ele tentou responder, a voz continuou: "Lembras-te dos longos anos em que estiveste fora de casa quando eras rapaz e, quando voltaste, de como tentei saber se ainda

te lembravas dos ensinamentos ortodoxos Batistas que te transmiti? Disseste-me que esses ensinamentos não eram verdadeiros e que acreditavas numa religião de amor, não de medo. Descobri que estavas mais certo do que eu, e quero dizer-to."

Assim foi dada a prova, sem que este homem dissesse uma só palavra. Finalmente, falou e disse:

"Isso é uma prova incontestável. Aconteceu há quase quarenta anos e nunca mencionei os factos que ela descreveu, nem sequer à minha própria família."

Na sessão seguinte, uma voz dirigiu-se a ele e disse:

"Walter, sou o teu pai. Quero pedir-te desculpa pelas surras impiedosas que te dei na infância. Não precisavas delas, mas eu não te compreendia. Lembras-te daquele domingo em que foste pescar e apanhaste um belo fio de peixes, e eu te deixei negro dos quadris até aos ombros? É isso que mais me dói."

Ele respondeu:

"Pai, acho que até foram boas para mim, porque ensinaram-me a não fazer ao domingo o que podia fazer à segunda."

"Não foi isso que te perguntei, filho. Pedi-te que me perdoasses."

Ele perdoou o pai de coração, e desde então tem recebido muitas bênçãos da parte dele.

Pouco tempo depois, numa das suas sessões privadas semanais, a sua mãe apareceu e disse:

"Meu filho, estou muito feliz; encontrei um médico que pode devolver-te a visão."

Ele ficou muito contente, mas passaram-se duas semanas e o tal médico não apareceu. Um dia, em casa, ao pensar nisso, lembrou-se do que o seu amigo, o Dr. Graham, lhe dissera sobre o tabaco. Pensando que talvez fosse esse o médico de que a mãe falava, ocorreu-lhe que o médico não se tinha manifestado porque ele próprio não fizera qualquer esforço para deixar de fumar. Decidiu então limitar-se a um charuto por dia, e passado algum tempo marcou outra sessão — não à hora habitual — sem me dizer o motivo.

Mal a porta da sala de sessão se fechou, uma voz dirigiu-se a ele:

"Então, velho amigo, como estás?"

"Isso só pode ser o Dr. Graham — ninguém me cumprimentava assim a não ser ele."

"Exatamente. E vim para te devolver a visão. Podes fumar um charuto à noite, mas não mais do que isso."

Nas semanas seguintes, a sua visão melhorou mais do que nos vinte anos anteriores, e tudo isto sem medicamentos ou ajuda terrena. Qualquer médico confirmará que os nervos óticos praticamente paralisados pela nicotina requerem tratamento especial, abstinência total de

fumo e muito tempo para recuperar a sensibilidade apenas por meios físicos. A sua alegria e gratidão por esta bênção não tinham limites. Apesar de ter voltado a fumar moderadamente, a sua visão continuou a melhorar, superando até a da maioria dos homens da sua idade. Com a ajuda dos seus Guias, a sua vida profissional também se recompôs gradualmente, permitindo-lhe justificar a confiança que outros depositavam nele. Faleceu há alguns anos, abençoando o Espiritualismo e o médium através do qual recebeu o maior dom que um homem praticamente cego poderia pedir.

Há muitos anos, apareceu na minha sala de sessões um jovem que parecia estar com problemas de saúde. Em várias conversas com os seus amigos no mundo espiritual — que aceitou prontamente — veio a saber-se que sofria de tuberculose da coluna. Tinha um emprego mal pago, sem casa própria, vivia num quarto mobilado e fazia as refeições em restaurantes. Os seus Guias e os médicos espirituais disseram-lhe que iriam ajudá-lo e tratá-lo o melhor que pudessem, mas receavam não conseguir grandes progressos enquanto ele não tivesse alimentação caseira e saudável. Ofereci a minha ajuda e consegui convencer uma família que conhecia bem a recebê-lo em casa, dando-lhe um quarto e partilhando as refeições.

Com a melhoria da sua saúde, conseguiu um emprego melhor. Foram precisos cinco anos para recuperar totalmente, durante os quais os seus amigos espirituais supervisionaram a sua alimentação, protegeram-no de doenças que pudessem atrasar a recuperação e ajudaram-no a encontrar melhores oportunidades. Há anos que goza de excelente saúde e tem uma boa posição profissional.

Este homem está tão grato pela ajuda recebida do Mundo Espiritual que, ao saber que eu estava a escrever as minhas experiências como médium, sugeriu que divulgasse o seu nome e morada a quem quisesse saber mais, dizendo que teria todo o gosto em responder a perguntas sobre o seu caso.

Creio que é geralmente aceite que o cancro é incurável, pelo menos com os conhecimentos atuais — certamente sem cirurgia. No entanto, o caso de uma mulher que me visitou pela primeira vez em Nova Iorque há alguns anos mostra que até essa doença pode ceder aos esforços dos médicos espirituais. Trabalhava como empregada doméstica para uma senhora com cancro numa das mamas. Tornou-se necessário enxertar pele naquela mama e, por ser a pessoa mais saudável à volta, foi a empregada que cedeu pele da parte superior da coxa. Pouco depois da operação, desenvolveu cancro nessa mesma coxa. A patroa sabia que ela tinha problemas, mas nada fez para a ajudar. Vieram aos Estados Unidos em visita e, durante a estadia, a empregada assistiu a várias das minhas sessões.

Em cada uma delas, o nosso médico espiritual dizia-lhe para cuidar bem da coxa. Como não ligava muito a doenças nem tinha fé no Mundo Espiritual, não fez nada. Pouco depois, ao regressar a Inglaterra, a coxa piorou muito e a patroa levou-a a vários especialistas. Colocaram-lhe um tubo de drenagem, mas nada mais fizeram. A patroa não queria gastar dinheiro com ela, e os médicos, naturalmente, não fariam nada sem pagamento.

Passado algum tempo, regressaram à América e a empregada retomou as sessões. Mais uma vez, o nosso médico em Espírito alertou para a gravidade do problema na coxa. Ela era tão reservada e calada quanto à sua vida pessoal que nenhum de nós sabia do que se tratava.

Até que, um dia, por acaso, vi-lhe a coxa. A minha experiência em hospitais bastou para perceber que a situação era crítica, e disse-lhe que devíamos ter uma sessão imediatamente.

O médico apareceu e disse:

"Finalmente consegui fazer-te perceber que tens um problema sério."

Ela contou-nos então a história. Claro que o médico sabia desde o início que era cancro, mas eu só me apercebi depois de ver a perna. Nessa altura, já ela tinha ganho fé suficiente nos seus amigos do Mundo Espiritual para seguir os seus conselhos, e quando lhe prescreveram uma dieta muito restrita, ela cumpriu-a à risca. Foi tudo o que lhe pediram, além de confiar plenamente neles — o resto ficava por conta deles.

Demorou mais de dois anos, mas a ferida cicatrizou por completo, restando apenas uma fina cicatriz com cerca de dez centímetros. Como foi isto possível sem bisturi ou medicamentos terrenos? Não sei. Sei apenas que nada é impossível para o Mundo Espiritual quando as condições certas são criadas por quem procura ajuda.

Este é mais um caso em que a pessoa beneficiada está disposta a contar a sua história a quem quiser ouvi-la diretamente.

Em certa altura, uma mulher, costureira de profissão, começou a frequentar ocasionalmente as nossas sessões de cura às sextas-feiras à noite e ficou bastante interessada em várias curas notáveis que testemunhou. Uma noite, perguntou ao nosso médico espiritual se achava que a poderia ajudar. Ele respondeu que, ao que lhe parecia, ela estava de boa saúde e quis saber por que razão achava ela que precisava de ajuda.

Ela explicou que sentia frequentemente uma dor aguda nas costas, perto da omoplata, especialmente quando adotava certas posições. A dor era momentânea e desaparecia assim que voltava a uma postura normal. Tinha esse tipo de dor há muitos anos, embora noutras partes do corpo. Só no último ano é que começara a senti-la nas costas. Já tinha aplicado pomadas e emplastros, mas sem qualquer efeito. Não havia qualquer marca visível na pele que indicasse a origem do problema. O médico disse-lhe que a examinaria e lhe daria uma resposta dentro de minutos.

A sessão continuou e, pouco depois, ele voltou a falar com ela. Informou-a de que havia uma agulha alojada nas costas que estava a causar a dor.

— "Então, suponho que terei de ser operada para a retirar, não é?", perguntou ela.

— "Não faça nada por enquanto", respondeu o médico. "Volte cá na próxima sexta-feira e, entretanto, verei o que pode ser feito."

Na semana seguinte, quando apareceu, perguntámos-lhe como se sentia e se notara alguma mudança. Disse-nos que sim — sentia a dor com mais frequência e com maior intensidade, e que lhe aparecera um pequeno inchaço nas costas, que lhe doía bastante ao toque. Quando o médico chegou, relatou-lhe a situação.

— "Sim, sei perfeitamente", respondeu ele. "Passei a semana a trazer a agulha à superfície e agora estou pronto para tentar retirá-la."

— "Mas doutor, não pode fazê-lo aqui. Vai doer demasiado — está muito sensível!", exclamou ela, assustada.

— "Se tiver fé em mim, posso retirá-la sem causar dor. Mas se sentir medo ou estiver inquieta, é melhor não tentarmos."

Ela, que já tinha visto provas mais do que suficientes das capacidades do médico, disse-lhe que confiava nele, mas tinha receio da dor. Ainda assim, estava disposta a deixá-lo tentar.

Ele pediu-lhe que se virasse na cadeira, de costas voltadas para o centro do círculo onde as Forças estavam concentradas, e que permanecesse imóvel por alguns momentos. Assim fez, e tudo ficou em silêncio. Passado um pouco, perguntei-lhe se estava a sentir alguma coisa. Ela respondeu que sentia apenas uma ligeira picada nas costas.

Nesse instante, o médico falou:

— "Pronto, já a retirei, mas parece que partiu — só consegui tirar metade da agulha. Não vejo o resto onde esta estava, por isso terei de procurar melhor."

— "Oh, não, doutor!", exclamou a mulher. "Já me lembro agora. Há muitos anos, espetei-me com uma agulha e, quando tentei puxá-la, partiu-se. Tenho a outra parte em casa. Deixei esta metade na ferida com intenção de a tirar mais tarde, mas como nunca me causou problemas, acabei por esquecer. De certeza que é essa a parte que acabou de tirar."

A remoção não causou dor. Apenas saiu uma ou duas gotas de sangue no local. O vestido da mulher nem sequer foi desapertado para que o médico pudesse operar. Ainda assim, a agulha foi retirada — e a mulher nunca mais teve problemas.

Tão notáveis como são estas curas feitas pelos médicos espirituais, é na área do diagnóstico que eles mais se destacam. O que é compreensível, dada a sua compreensão superior e capacidade de ver aquilo que escapa à vista dos mortais. Em todos os meus anos de trabalho, nunca os vi errar num diagnóstico, mesmo quando este contradizia completamente os diagnósticos de vários médicos terrenos.

Um menino estava a brincar com uma arma, sem saber que estava carregada — o velho e repetido drama. Disparou e uma pequena bala alojou-se-lhe na palma da mão. Foi levado ao médico, mas as tentativas de localizar a bala foram em vão. Foram feitos raios-X, mas nada aparecia nas imagens. Como não sabiam onde a bala estava, os médicos hesitavam em operar uma parte tão delicada como a mão. Entretanto, a situação agravou-se, até se tornar urgente agir. Foi então que a mãe do rapaz lembrou-se dos seus amigos espirituais e veio consultar o Dr. Senn.

Ele indicou com precisão onde a bala estava alojada — sob um osso, invisível aos raios-X. A mãe contou isso aos médicos e, sem mais alternativas, decidiram operar. Encontraram a bala exatamente onde ele indicara. Quando lhe perguntaram como sabia onde estava,

respondeu apenas que "sentiu". Não quis atribuir o mérito à verdadeira origem da informação. Será justo negar reconhecimento a quem nos ajuda nos momentos difíceis?

Já um senhor que conheço não foi assim tão injusto. Quando a sua filha mais nova começou a sentir uma dor aguda no abdómen, no dia seguinte a uma ida ao circo (com direito a amendoins, pipocas e tudo mais), chamou o médico. Este, no entanto, não conseguiu identificar o problema. O pai, preocupado, ligou-me imediatamente e pediu-me para consultar o Dr. Senn. Assim fiz, e ao sair, encontrei o pai à porta, impaciente. Sugeri então que, já que lá estava, voltássemos os dois à sala para que o Dr. Senn lhe dissesse diretamente.

O médico espiritual foi claro: a criança tinha um amendoim preso no apêndice e devia ser levada ao hospital para ser operada com urgência.

O pai correu ao hospital Lake View, em Chicago, para preparar tudo e contou ao médico o diagnóstico. Este riu-se e afirmou que era impossível um amendoim ficar alojado no apêndice, recusando operar.

O pai ligou-me novamente, desesperado. Eu disse-lhe para seguir o conselho do Dr. Senn. Insistiu com o médico até que finalmente a operação foi realizada. E lá estava o amendoim no apêndice. O médico, incrédulo, exclamou:

— "Mas como soube disto?!"

E foi-lhe contada a verdade.

Outro membro do nosso centro encontrava-se de cama com uma dor muito forte na parte inferior do abdómen. Estava a ser tratado por dois médicos — um casal que se dizia espiritualista. Diagnosticaram-lhe uma hérnia e chamaram um terceiro médico, que confirmou o diagnóstico e recomendou uma operação urgente. Mas o nosso amigo, mesmo doente, recusou que o operassem sem antes ouvir a opinião do Dr. Senn.

Nessa mesma noite, teve lugar a habitual sessão de cura. Os dois médicos estavam presentes. Quando o Dr. Senn apareceu, perguntámos-lhe pelo caso. A resposta foi clara: o homem sofria de uma apendicite aguda e devia ser levado imediatamente ao hospital para lhe ser removido o apêndice.

A esta altura, os dois médicos assistentes, que se diziam espiritualistas, ficaram irritados e afirmaram que o Dr. Senn estava enganado. Interrompi imediatamente a sessão e telefonei ao homem, sabendo de antemão de quem ele aceitaria conselhos. Foi levado de urgência para o hospital, onde o apêndice foi removido — encontrava-se quase a rebentar de pus.

O médico indignado, cuja opinião fora posta em causa, recusou acreditar até lhe mostrarem o apêndice. Depois de o ver, ri-me e perguntei-lhe o que pensava agora da sua "hérnia".

Uma jovem sofria há cerca de quatro anos com aquilo que vários médicos diagnosticaram como pedras na vesícula. Insatisfeita com os diagnósticos e recusando-se a ser operada,

acabou por ouvir falar de mim e marcou uma consulta privada. Explicou o seu problema ao Dr. Senn, que lhe disse que não se tratava de pedras na vesícula, mas sim de apendicite.

Levei pessoalmente a rapariga a um médico de confiança, que me haviam recomendado como competente e consciencioso. Também ele diagnosticou pedras na vesícula e sugeriu cirurgia. Recusei. O médico perguntou então à jovem se estaria disposta a submeter-se a uma operação ao apêndice, mesmo quando ele diagnosticava outra coisa. Ela respondeu que sim, mas apenas se eu estivesse presente. O médico não achava apropriado, receando que eu desmaiasse ou causasse algum tipo de perturbação durante a cirurgia. A jovem manteve-se firme e disse que só consentiria a operação com a minha presença. O médico acabou por ceder e informou-nos de que a operação seria às nove e meia da manhã seguinte. Comprometi-me a estar lá e a jovem internou-se no hospital.

Quando cheguei a casa, o Dr. Senn disse-me que o médico nos tinha mentido e que planeava operar às oito. Assim, a Sra. Cook chegou ao hospital às sete e quarenta e cinco, para grande surpresa e embaraço do médico, que já se preparava. Tão certo estava da sua razão — e ressentido por o seu diagnóstico ser questionado por uma leiga, ainda por cima mulher — que convidara um professor de uma faculdade de medicina para assistir à operação.

Fomos então para a sala de operações. Feita a incisão, examinaram a vesícula biliar: estava macia, sem sinais de pedras, e o professor declarou-a em bom estado. Foi o próprio professor que sugeriu então a verificação do apêndice. O médico, lançando-me olhares fulminantes (enquanto eu sorria), acabou por seguir o conselho. O apêndice estava enormemente dilatado, amarelo de gangrena e em estado deplorável. Era realmente um milagre a rapariga estar viva.

Quando a operação terminou, o médico virou-se para mim, deu-me uma palmada no ombro e quis saber "quem raio" eu era e como sabia que era o apêndice. Contei-lhe. Embora nunca tenha afirmado acreditar na minha Verdade, passou a procurar-me sempre que se sentia sem respostas, pedindo-me opinião.

Ao relatar estes casos, não é minha intenção lançar qualquer tipo de crítica aos médicos do nosso plano terreno. Pelo contrário, considero-os instrumentos indispensáveis no alívio do sofrimento humano. Quero apenas sublinhar que, sendo humanos, estão sujeitos aos mesmos erros que qualquer outra pessoa. Porém, devido à natureza crítica e vital do seu trabalho, deveriam estar ainda mais abertos à investigação e à adoção de todos os meios possíveis para reduzir a margem de erro. Infelizmente, como classe, não o fazem. Adotam frequentemente uma atitude dogmática, assumindo saber absoluto, sob o argumento de que essa postura é necessária para inspirar confiança no paciente. Mas a minha convivência com muitos profissionais da medicina mostrou-me que essa atitude decorre mais da sua formação e hábitos de pensamento do que de uma estratégia consciente.

A formação especializada numa área específica do saber humano, aliada à força organizacional que lhes garante prestígio político e estabilidade económica, tornou muitos médicos vaidosos e arrogantes, recusando-se a aceitar que outros, fora da sua ordem, possam possuir conhecimentos úteis para aliviar o sofrimento humano.

Procurei demonstrar que, mesmo no campo que dominam — o diagnóstico e a cura —, ainda têm muito a aprender e estão, em vários aspetos, abaixo do nível dos seus colegas do mundo

espiritual. E essa presunção é ainda mais infundada se pensarmos que muitos dos maiores avanços na medicina nos últimos anos não foram feitos por médicos. Os novos fármacos, anestésicos e antissépticos melhorados foram obra de químicos. A identificação dos microrganismos responsáveis por doenças difíceis, como a gripe, coube aos bacteriologistas. O estudo dos processos da doença e dos compostos tóxicos produzidos no organismo, bem como a formulação de tratamentos adequados, é trabalho dos patologistas, muitas vezes auxiliados por químicos. Mesmo o entendimento do funcionamento do corpo saudável tem sido obra de fisiologistas e biólogos. Todos estes profissionais trabalham incansavelmente para colocar nas mãos dos médicos ferramentas mais eficazes contra o sofrimento humano.

Uma análise atenta das revistas médicas — caso as autoridades as considerem apropriadas para o público — comparada com as publicações nas áreas acima mencionadas, evidencia claramente o que quero dizer. A maioria dos artigos médicos resume-se a relatos do que um médico ou cirurgião fez em um ou poucos casos isolados. Raramente há planos meticulosos ou métodos sistemáticos que conduzam a conclusões generalizáveis. Abundam descrições longas de um pé direito mais comprido do que o esquerdo, de como um bebé raquítico ficou deformado, ou das ações erráticas de um indivíduo com défice cognitivo. Um cirurgião descreve minuciosamente como suturou uma laceração perineal — mas quase nunca fala dos resultados a longo prazo ou da utilidade do método em outros casos. Quando há estatísticas, estas mostram tanta variação que não se chegam a conclusões seguras, e as causas dessa variabilidade raramente são exploradas.

Agora, pegue-se numa revista de química: ali vemos o relato de uma descoberta bem planeada, o caminho seguido, os métodos que falharam e porquê, até à criação final do composto. Qualquer profissional bem treinado pode repetir o feito. Ou veja-se como um químico teorizou que um certo grupo de compostos poderia ter propriedades anestésicas, desenvolveu um método de síntese e provou a sua hipótese com testes rigorosos.

Volto a dizer: a arrogância demonstrada pela classe médica não se justifica pelos factos. E a sua influência política, que resulta em leis que impedem qualquer outra entidade de aliviar o sofrimento humano, é injusta e prejudicial ao progresso. Tal como não seria justo uma associação de companhias ferroviárias legislar contra o transporte aéreo só porque este lhes tira prestígio e lucro. Cabe à ordem antiga melhorar-se ou adaptar-se à nova, não tentar sufocá-la. A responsabilidade do médico perante a humanidade deveria levá-lo a explorar todos os meios ao seu alcance para servir melhor.

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

As manifestações físicas que os nossos amigos no Espírito conseguem trazer até nós são extraordinárias e fascinantes. No entanto, para muitas pessoas, o Espiritualismo não passa de mesas a virar, pancadas, ruídos em casas "assombradas" e fenómenos do género. Alguns, mesmo refletindo um pouco sobre o tema, dizem: "Parece-me que, se existe vida após a morte, essa vida tem de ser superior e mais nobre do que esta. Não entendo como os meus entes queridos, agora a viver essa existência, podem ocupar-se com atividades tão infantis. O meu amigo professor de zoologia não passava o tempo a bater em paredes ou a levantar mesas enquanto era vivo — porque haveria de se comportar assim no mundo espiritual?"

À primeira vista, um argumento como este parece razoável e indica que a pessoa que o apresenta tem uma compreensão e opinião mais profunda sobre a vida útil e digna que os seus entes queridos levam no Outro Lado, do que aqueles fiéis tradicionais, frequentadores assíduos da igreja, missionários fanáticos e revivalistas que acreditam e ensinam que, ao tornarmo-nos anjos, não faremos mais do que agitar as asas de vez em quando e dedilhar uma harpa para entreter Deus. Se assim fosse, quão monótona e cansativa não seria a vida dos anjos — e especialmente para Deus, que já escuta isso há tantos milénios!

No entanto, com uma reflexão mais aprofundada, surge uma outra perspetiva. A maioria das pessoas capta impressões mais rapidamente e com maior clareza quando os seus sentidos físicos são estimulados, em vez de terem de usar o raciocínio. Mesmo aqueles habituados a pensar podem estar num estado de preguiça mental e reagirão mais depressa a um estímulo sensorial do que a um estímulo intelectual. Se os nossos Guias e amigos do Espírito, compreendendo isso, podem provar a sua existência dessa forma aos céticos, ou reforçá-la junto dos crentes, então não estarão plenamente justificados em fazê-lo?

Quando uma filha, já a viver no Mundo Espiritual, consegue visitar a mãe e oferecer-lhe uma flor colhida lá, provando que a sua vida continua num ambiente semelhante ao da Terra, não estará ela a proporcionar à mãe uma experiência belíssima e uma recordação para guardar para sempre? Cada vez que olhar para a flor — mesmo murcha e prensada entre as páginas amareladas de um livro — virá à mente aquele pensamento reconfortante: "Esta é a flor que a minha menina me trouxe do seu jardim no Espírito, pouco depois de nos deixar para a sua nova casa." Qualquer pessoa, por mais ignorante ou endurecida que seja pelas coisas do mundo, conseguiria compreender e apreciar uma experiência assim. E eu defendo plenamente que qualquer tempo e esforço gastos por um amigo espiritual numa manifestação deste tipo estão muito bem empregues.

Isto aconteceu mesmo, há muitos anos, numa noite fria de Fevereiro, durante uma sessão privada que eu conduzia para a mãe, o pai, o irmão mais novo e dois amigos de uma menina que recentemente tinha passado para o outro lado da vida. Ela já tinha dado provas da sua continuação no Espírito através de muitos testes — tão convincentes, aliás, que eles agora criaram condições no quarto da sessão que lhe deram poder suficiente para lhes proporcionar esta experiência maravilhosa. Estavam a conversar com a criança há uns minutos quando ela disse: "Mamã e Papá, vou deixar-vos por uns minutos, mas voltarei com uma surpresa."

Tudo ficou em silêncio durante algum tempo, e eu comecei a questionar-me sobre o que se iria passar, ou se algo teria acontecido às Forças.

Estava prestes a expressar os meus pensamentos em voz alta quando a mãe exclamou: "Sinto o cheiro de flores, acho que são rosas."
"Pois é," disse o marido, "cheira nitidamente a rosas."

O aroma encheu a sala. De repente, a mãe exclamou, surpreendida: "Oh! Acabaram de me colocar algo no colo. Parece uma rosa, sinto os espinhos no caule. Posso pegá-la?"

"Claro," respondeu a voz da filha, "é uma rosa; trouxe-a para ti, e aqui está outra."

Com isso, mais uma foi colocada no colo da mãe. Depois, a criança deu duas rosas ao pai, duas ao irmão e duas a cada um dos amigos. Todos ficaram encantados e expressaram a sua gratidão com emoção.

"É isto o pior de ser médium," lamentei-me no fim, "trazemos alegria a todos os outros, mas ninguém nos traz alegria a nós."

"Agora, Medie," respondeu a criança, "não me esqueci de ti. Espera só um bocadinho."

Logo a seguir, uma, depois outra rosa foram colocadas no meu colo.

"Vês, Medie, não te deixei de fora. Tinha apenas uma dúzia e queria dar duas a cada um."

Na verdade, não tinha falado a sério, mas senti-me realmente feliz por ela ter pensado nas ofertas com tanto cuidado.

E como sequência disto: já mencionei que isto aconteceu em Fevereiro. No dia seguinte, por curiosidade, fui a uma florista e perguntei se me podia vender uma dúzia de rosas iguais à que lhe mostrei. "Uma dúzia!" exclamou ela, "não consigo vender-lhe nem uma. Estamos precisamente na época em que não se arranjam rosas em Chicago. Onde é que conseguiu uma flor tão bonita, ainda em botão, com essa cor maravilhosa e um caule tão comprido?" Não lhe disse nada, mas fui a dois outros floristas e ambos me disseram o mesmo. Sem que eu soubesse, o pai da menina levou uma das rosas a várias floristas grossistas importantes do centro da cidade e disseram-lhe exatamente o mesmo.

Noutra ocasião, em Nova Iorque, flores foram entregues a um homem pela filha que vivia no Espírito. Este pai idoso era um artista conhecido e, tendo ouvido de um amigo que podiam ser trazidas flores lindíssimas para a sala de sessão, pediu à filha se podia trazer-lhe uma, e o que teria de fazer para a ajudar. "Não precisas fazer nada, Pai", respondeu ela. "Vieste com amor e fé, e isso é tudo o que é preciso. Sabia que ias pedir-me uma flor esta noite, por isso preparei uma para ti. Espera só um momento."

Após uns minutos de silêncio, ouviu-se um ligeiro farfalhar quando algo foi colocado sobre os seus joelhos. "Oh, Medie, ela deu-me um ramo inteiro. E eu que achava que estava a pedir demais só por pedir uma. Agradeço-lhe tanto que nem sei como exprimir. Pergunto-me que flores serão estas."

Disse-lhe que, pelo cheiro, me pareciam ervilhas-de-cheiro. A filha confirmou que sim. Quando acendemos a luz no fim da sessão, vimos que ele tinha um ramo lindíssimo de ervilhas-de-cheiro brancas.

As flores não são a única coisa que os nossos amigos do Espírito nos conseguem trazer do Outro Lado. Um dia, em Nova Iorque, estava a fazer uma sessão com um estranho, pela primeira vez. Um acontecimento invulgar deu-se logo no início. A minha filha Gertrude entrou e falou com o homem. "Olá, Sr. _. Gosto de si. Tens um menino e uma menina no Espírito. Fazes chapéus bonitos e o meu pai precisa de um chapéu. Fazes-lhe um?"

O homem ficou bastante surpreendido, mas disse: "Claro que faço um chapéu para o teu pai. Faço-lhe um por cinco dólares que normalmente custa quarenta. Que tipo de chapéu ele quer?"

Gertrude descreveu exatamente o que queria e disse que ela própria iria pagar.

O homem voltou na semana seguinte com um chapéu lindíssimo. Fomos para a sala de sessão. Eu levava uma nota de dez dólares na mão e, depois de apagar a luz e me sentar, coloquei-a no colo, esperando que Gertrude a pegasse e entregasse ao homem. Depois de entrarem um ou dois dos seus amigos, Gertrude falou.

"O chapéu do papá está maravilhoso. Por favor, estende a mão com a palma para cima."

Ele assim fez e ela colocou-lhe uma moeda de ouro de dez dólares.

"O chapéu vale mais do que cinco dólares e quero que fiques com o que te dei."

Toquei no meu colo e a nota ainda lá estava. Surpreendido, perguntei ao homem o que ela lhe tinha dado.

Antes que ele pudesse responder, ela disse-me que era uma moeda de ouro de dez dólares; que tinha pedido o chapéu, disse que o pagaria e pagou. Eu devia ficar com a nota.

Expliquei-lhe então que tinha levado uma nota para a sala de sessão, esperando que Gertrude a usasse. Mas ela não quis saber de dinheiro de papel — preferiu ouro para pagar as suas contas, disse-nos ela. Curiosamente, isto aconteceu numa altura em que o ouro praticamente já não circulava, como muitos dos meus leitores se recordarão, durante o tempo da guerra.

A entrega de aportes como os que mencionei é uma das fases da manifestação física do poder dos nossos amigos espirituais. Outra fase é a sessão de materialização. Embora eu tenha esse poder, nunca fiz disso uma prática constante, por isso não abordarei esse tema. A movimentação das mesas e os toques não precisam ser tratados em grande detalhe, embora vários incidentes engraçados tenham ocorrido em tais reuniões. Quando comecei no meu trabalho, eu realizava qualquer tipo de sessão que os meus convidados pedissem, mas logo percebi que, muitas vezes, o que eles procuravam não era orientação espiritual, mas diversão. Como eu não estava no ramo do entretenimento — embora fosse lucrativo para mim —, logo deixei de realizar tais demonstrações. No entanto, gostaria de mencionar uma delas, devido à lição que ela proporcionou, juntamente com toda a diversão.

Um grupo de nós juntou as mãos à volta de uma pequena, mas pesada, mesa e começámos a receber os habituais movimentos e balanços, quando, de repente, uma das jovens presentes soltou um grito abafado.

Notei-a assim que entrou, uma rapariga bastante atraente com uma cabeleira maravilhosa de cachos negros, muito altiva e bastante satisfeita consigo mesma. Pelas poucas palavras que ela disse, era evidente que se sentia a proporcionar um grande prazer aos nossos amigos espirituais, permitindo-lhes comunicar com ela. Ela viera para agradar a uma conhecida, e não por qualquer desejo próprio de aprender sobre os amigos no Espírito.

Perguntámos-lhe o que se passava, mas ela não quis responder.

Quando a sessão terminou e a luz foi acesa, todos olhámos para ela e vimos um cabelo desgrenhado, em vez dos lindos cachos, ondas e volumes que ela exibia quando chegou! À

volta da mesa, no chão, estavam os ratos com que ela tinha enchido a sua penteadeira. Nenhuma das suas atitudes altivas se via enquanto apanhava apressadamente os seus pertences e saía. Espero que tenha visto esta lição — que o orgulho injustificado nunca deve substituir a humildade — da forma como ela foi dada e tenha aprendido com ela.

Noutra ocasião, numa sessão pública, tivemos a presença de um homem muito inteligente e astuto. Não havia nada que ele não soubesse; o Mundo Espiritual teria dificuldades em tentar enganá-lo!

A sessão começou e, logo, um dos seus amigos no Espírito lhe dirigiu a palavra. Ele não aceitou, e os seus comentários eram tão irritantes que, finalmente, Snowdrop lhe disse que o ia ensinar uma lição, se ele não fosse mais educado e amável. Na primeira oportunidade, ele retomou a atitude. De repente, ouvimos um suspiro vindo da sua direção. Depois, pessoas em diferentes partes da sala sentiram algo tocá-las, o que alguns pensaram ser cabelo. De vez em quando, ouvíamo-lo a dizer suavemente, num tom de súplica: "Por favor, Snowdrop."

Cada vez que ele dizia isso, ela ria. Finalmente, ela disse: "Está bem, vou ter pena de ti desta vez, mas nunca mais venhas a uma sessão e ajas como agiste esta noite. Da próxima vez não vou ser tão fácil contigo."

Nenhum de nós soube o que se passou.

Na semana seguinte, ele apareceu novamente e, logo após o início da sessão, começou a fazer os seus comentários sarcásticos.

Snowdrop avisou-o, mas isso não fez diferença.

Pouco depois, ouvimos um suspiro dele e o som de algo a ser arrancado das suas mãos. Novamente sentimos o cabelo a passar pelas nossas mãos. Ele repetiu o seu pedido: "Por favor, Snowdrop."

Desta vez, Snowdrop não lhe deu atenção. Não é preciso dizer que todos nós ficámos bastante intrigados e muito curiosos. Quando acendemos a luz no final da sessão, vimos, no centro do círculo, uma peruca. Involuntariamente, todos os olhos se focaram no nosso amigo inteligente, agora careca como o ovo do roc encontrado por Sindbad, enquanto ele se atirava para a sua falsa cabeleira. Desapareceu completamente a sua inteligência, o seu egoísmo arrogante, enquanto ele saía rapidamente, entre risadas muito pouco dignas.

Ele tinha vindo a essa sessão decidido a mostrar a Snowdrop que poderia agir como quisesse, gostando ela ou não. Nenhum respeito pela sua anfitriã lhe passou pela cabeça. Ele ia manter-se firme com a sua peruca e depois dizer o que bem entendesse. Quer fosse num momento de distração, quer contra a sua vontade, Snowdrop retirou-a, para lhe ensinar uma lição de respeito pela sua anfitriã e pelos que, de todas as maneiras, eram superiores a ele.

Três anos depois, ele voltou até mim e pediu desculpa pelo seu comportamento, dizendo que agora percebia o quão errado tinha sido.

Em sessões realizadas para pequenos grupos de pessoas nas suas próprias casas, muitas demonstrações muito interessantes foram feitas. Normalmente, essas sessões eram realizadas para comemorar um aniversário ou outra ocasião especial e, como todas as pessoas presentes eram amigas, os que estavam no Espírito esforçaram-se para tornar a festa alegre, sabendo que não seriam mal interpretados, como poderia acontecer se houvesse estranhos.

Certa vez, num desses encontros, estávamos sentados numa pequena sala de jantar. Com as cadeiras o mais próximas possível umas das outras, o círculo ocupava todo o espaço disponível na sala, exceto o que estava no centro. Após alguns cânticos lindos de várias pessoas do Espírito, uma delas disse-nos para não nos alarmarmos, pois iam divertir-se um pouco, mas não iriam danificar nada. Ouvimos uma gaveta a ser aberta no aparador que estava num canto da sala, seguida de um curto silêncio.

Depois, ouviu-se uma exclamação surpreendida de um homem robusto que estava sentado à sua frente. Perguntado sobre o que se passava, ele disse-nos que ele e a cadeira tinham sido levantados do chão e postos a uma distância de um ou dois pés dentro do círculo. Levantar um homem de duzentos quilos numa cadeira colocada de tal forma que ninguém pudesse estar atrás ou de lado, não é uma tarefa física fácil, como podem imaginar. Ele disse-nos que não sentiu ninguém perto dele nem ninguém o tocou enquanto era movido.

"Tivemos de te mover porque estavas muito perto do aparador e não podíamos abrir as gavetas," disse um dos meus Guias.

Logo depois, colocaram toalhas de mesa sobre várias pessoas. Depois, passaram a mão de vidro e a porcelana. "Não te preocupes, Mamã," disse a menina da anfitriã no Espírito, "não vamos danificar nenhum dos teus pratos."

Ela percebeu o pensamento não verbalizado da mãe. Durante o resto da sessão, cada pessoa segurava um ou mais artigos do aparador. Eu tinha uma grande tigela de cristal no meu colo, que tive de segurar com as mãos para evitar que caísse. Quando a luz finalmente foi acesa, não se encontrou nada danificado de nenhuma forma.

Noutra ocasião, estávamos a realizar a sessão numa cozinha. Depois de a sessão estar a decorrer há cerca de meia hora, os nossos Guias disseram-nos que iam divertir-se um pouco e que não deveríamos nos alarmar. Primeiro, deram a um homem no círculo, do lado oposto da sala a mim, um pedaço de tecido que, ao tocar, ele descobriu ser um avental. Pediram-lhe para o colocar cuidadosamente sobre os joelhos. A seguir, senti a minha cadeira ser levantada e movida para a frente. Sendo naturalmente uma pessoa de temperamento nervoso, dei um pequeno grito, o que gerou uma série de perguntas de todos no círculo.

"A Medie estava muito perto do fogão, tivemos de a mover," disse Snowdrop.

Ouvimos um metal a bater no fogão e, depois, um suspiro do homem que tinha o avental.

"Mas, deram-me a tampa do fogão," informou ele.

"Sim, e isso não vai ser tudo," disse uma das crianças. "Cuidado para manteres tudo no avental para não sujares a tua roupa."

As portas do forno foram abertas, as prateleiras de arame dentro retiradas e entregues ao homem. Até mesmo um queimador (era um fogão a gás) foi retirado e empilhado junto às outras coisas. Perguntámos ao Pat por que ele permitia que as crianças agissem dessa maneira.

"Bem," disse ele, "veja, elas estão a divertir-se e eu não consigo controlá-las de qualquer forma."

"Sim," disse uma das crianças, "o Pat está a fazer toda a força. O ferro é demasiado pesado para nós e não conseguiríamos mexer com ele sem a ajuda dele."

Quando a sessão terminou, as mãos e o colo deste homem eram um espetáculo; estavam cheios de terra. Nenhuma outra pessoa na sala tinha uma única mancha.

Será que isto foi apenas brincadeira sem sentido? Pense um momento. A única pessoa na sala com terra nas mãos foi o nosso amigo, sobre quem foram empilhadas as várias partes do fogão, e ele estava do lado oposto da sala em relação ao fogão. Eu, por exemplo, estava a usar um vestido branco, bastante fino, que teria mostrado qualquer vestígio de terra de forma bastante visível. Qualquer tentativa da minha parte de passar atrás da minha cadeira, mesmo depois de ter sido movida do fogão, ter-me-ia colocado em contato com as pessoas ao meu lado, que, por necessidade, estavam sentadas com as cadeiras tocando a minha.

Isso serviu como uma prova muito vívida para as pessoas presentes de que eu não fui a responsável por esses milagres. Sob as condições que se aplicavam, todas as quais não tomei o tempo de mencionar, era óbvio para os presentes que eu não poderia ter feito essas coisas, mesmo que tivesse desejado. Como já mencionei em várias outras partes deste livro, os nossos amigos no Espírito nunca desperdiçam palavras; eles não dizem coisas sem propósito e não fazem manifestações físicas sem um objetivo, por mais triviais ou disfarçadas de diversão que tais palavras ou ações possam parecer no momento.

Noutra ocasião, estava a realizar uma sessão na casa de uma família irlandesa, para celebrar o aniversário de um dos membros. Essas pessoas adoravam qualquer diversão que os seus amigos no Espírito pudessem ter na sua casa e não se preocupavam minimamente com o que fosse tocado ou manuseado. Algumas das crianças no Espírito decidiram tocar o fonógrafo e fizeram-no, dando-lhe corda, colocando um disco e iniciando-o. Após o primeiro disco, o anfitrião começou a pedir certas seleções que sabia estarem no armário. Cada uma foi tocada como ele pediu, sem cometer um único erro. Não só isso, como as agulhas foram trocadas e os discos foram iniciados do início, sem serem muito cedo nem muito tarde. Lembrando que tudo isto aconteceu na escuridão total, não é uma demonstração muito clara de poder sobrenatural?

Às vezes, as demonstrações físicas servem como testes muito definidos para um indivíduo presente na sessão e não para o grupo em geral. Foi o que aconteceu numa ocasião em que um Espírito entrou e, sem dizer palavra, começou a beliscar uma certa mulher.

Cerca de três semanas antes, um homem e a sua esposa, que vinham regularmente às sessões de domingo à noite, apareceram com um estranho. Este homem era um bom amigo deles, que os visitou inesperadamente, precisamente quando eles estavam a sair para o Centro. Contaram-lhe onde iam, e ele pediu para os acompanhar. Depois de entrarem na sala

de sessões, a mulher percebeu que o homem estava um pouco nervoso e, sendo uma brincalhona, decidiu divertir-se à custa dele. Neste caso, a "diversão" dela estava decididamente fora de lugar, e se eu tivesse sabido o que se estava a passar, teria interrompido a sessão imediatamente. Ela estava com a cadeira ao lado da dele e começou a tocá-lo, dando-lhe beliscões dissimulados. Ele, claro, pensou que eram os "espíritos" — que ele não tinha tido oportunidade de descobrir que eram seus amigos — que o estavam a atormentar. Várias vezes durante a noite, Snowdrop dirigiu-se à mulher e pediu-lhe: "Por favor, pare; não faças isso."

A mulher entendeu o que Snowdrop queria dizer e foi a única na sala que percebeu. No entanto, ela continuou.

Quando a sessão terminou, o homem estava quase um caco, tão assustado que ficou. Percebendo em que estado ele estava, a mulher não teve coragem de lhe contar, como inicialmente tinha planeado, que foi ela quem o atormentou. Também não ousou contar ao marido.

Assim, naquela noite de domingo, quando algum Espírito lhe estava a dar beliscões, e não beliscões suaves, ela foi a única a saber o que tinha feito três semanas antes. Contudo, como este homem a tinha deixado de boa saúde, ela não ligou os dois incidentes e, finalmente, exclamou: "Meu Deus, o que é que eu fiz? Alguém tem andado a beliscar-me desde o início da sessão e dói. Devem ter algo contra mim." Então, uma voz falou: "Não estou a fazer nada mais a ti do que fizeste a mim há três semanas."

"Quem és tu?" ela perguntou.

"Sou o Frank."

"Não pode ser, porque o Frank deixou-nos há apenas uns dias e estava bem."

"Sou o Frank e passei para o outro lado ontem. Podes confirmar com os meus amigos no Oriente. Só te estou a dar um pouco da tua própria medicina para que da próxima vez não assustes ninguém que trazes para a sala de sessões. Quero agradecer-vos, no entanto, por me terem trazido isso uma vez. Ajudou-me imenso a perceber o que aconteceu. Assim que passei, pensei naquela noite, e tudo ficou muito mais claro para mim."

Após ele ter parado de falar, a mulher explicou-nos o que fizera na noite de domingo anterior e jurou que da próxima vez, qualquer estranho que estivesse presente, ela manteria as mãos para si. Esta foi uma boa prova para ela de que o que ela fazia aos mortais aqui na Terra era bem notado no Outro Lado e lembrado, e que a retribuição, às vezes, ao menos, era tão rápida quanto inevitável.

Este comentário do Frank eu ouvi várias vezes na sala de sessões. "Não acreditava na Verdade enquanto estava na Terra, mas as sessões a que assisti ajudaram-me muito, quando passei para o outro lado, a entender o que aconteceu e onde eu estava." Os nossos amigos dizem isso frequentemente, e embora talvez não tivessem sido gratos a nós enquanto estavam na Terra pelo que tentámos fazer por eles, depois, ao passarem para o outro lado, acabam por o ser.

MANIFESTAÇÃO PRECOCE

EXISTE UMA CRENÇA GENERALIZADA DE QUE UMA PESSOA QUE passa para o Mundo Espiritual não pode manifestar a sua presença através de um médium por um período considerável. Algumas pessoas pensam que demora vários dias, embora a maioria não tenha uma ideia precisa do tempo necessário; na sua mente, é apenas "muito tempo". Negar a presença de um ente querido apenas porque a sua chegada é mais rápida do que pensavam ser capaz é muito injusto para o médium e para o ente querido no Espírito. A minha experiência sempre foi que a manifestação pode ocorrer em muito pouco tempo; uma mera questão de algumas horas ou até minutos. Quanto mais familiarizado o falecido estiver com o Espiritualismo, mais rápida, normalmente, é a sua aparição. Dei várias ilustrações disso em outras partes do livro e, por conseguinte, vou mencionar apenas mais algumas aqui.

Certa vez, em Nova Iorque, uma conhecida minha telefonou e perguntou se eu teria tempo para a ver, a ela e a uma amiga. Quando elas chegaram, percebi que a amiga da mulher nunca tinha estado numa sessão antes, mas estava ansiosa para assistir a uma.

Poucos minutos após a luz ser apagada, uma voz disse: "Olá, Tillie."

A mulher estranha respondeu: "Isto soa como sendo a Emma."

"E certamente que sou eu," respondeu a sua irmã no Espírito. "Tu pensas que isto não pode ser eu porque só passei para o outro lado às quatro horas da manhã, mas sabes que eu era uma espiritualista e estava preparada para a minha passagem. Assim que isso aconteceu, procurei a senhora Cook e estive pronta para falar contigo assim que viesses."

Ela continuou a dar detalhes sobre como queria que o seu funeral fosse conduzido e discutiu-o como se fosse qualquer outra questão de interesse pessoal.

Noutra ocasião, uma mulher conhecida pessoalmente enquanto estava nesta vida, passou para o outro lado numa sexta-feira. Na noite seguinte, ela apareceu na sessão e disse aos seus familiares que queria ser cremado e deu-lhes as suas instruções sobre os vários detalhes do funeral.

Noutra ocasião, realizei uma sessão na sala onde estava o caixão de um homem. Ele veio até nós e disse: "Ali está o meu corpo e ele serviu-me bem enquanto precisei dele. Agora não preciso dele, pois Deus me deu um corpo melhor. Estou muito feliz e não quero que chorem ou se entristeçam. Pensem em mim como muito mais feliz do que nunca fui antes e então se sentirão melhor." O funeral foi realizado no dia seguinte.

Uma jovem mulher que eu tinha conhecido duas ou três vezes foi a um hospital para se submeter a uma operação. Ela não era grande crente no Espiritualismo, embora a mãe e a tia fossem, e submeteu-se a esta operação contra o conselho dos nossos médicos espirituais. Ela tinha decidido que tinha um tumor, e um tumor tinha de ser. Os nossos médicos no Espírito disseram-lhe que não havia nada de errado com ela que necessitasse de qualquer operação, mas, finalmente, como ela estava tão insistente, disseram que poderia fazer a sua pequena festa, se quisesse, embora a estivessem a avisar de que estava a arriscar a vida. A operação foi realizada e não foi encontrado nenhum tumor.

Durante alguns dias, ela parecia estar a recuperar e a recuperar forças. Vendo isto, considerou-se seguro dar-lhe um pequeno almoço bem reforçado numa manhã, quando ela o pediu. Poucos minutos depois de o terminar, ela de repente desenvolveu uma dor excruciante e pediu para avisarem a sua mãe. A mãe dela ligou-me imediatamente e perguntou o que os nossos médicos espirituais achavam sobre isso. Disseram-me que os médicos espirituais estavam a fazer o melhor para a salvar, mas que a mãe dela deveria ir ao hospital imediatamente.

Liguei a transmitir esta mensagem e depois segui para a cidade por uma tarefa necessária. Às doze e meia, enquanto estava numa grande loja de departamentos cheia de gente, vi de repente o espírito desta jovem mulher à minha frente. Disse ao meu acompanhante o que tinha visto e disse-lhe que ela devia ter acabado de passar para o outro lado.

Telefonei para o hospital e soube que ela tinha falecido ao meio-dia, apenas trinta minutos antes de a ter visto. Ela estava a pensar em mim enquanto estava na cama e procurou-me assim que o seu espírito se libertou do corpo. A mãe dela não estava lá naquele momento porque a informação subsequente do hospital de que a filha parecia estar a descansar facilmente fez com que ela desconsiderasse a urgência da mensagem que lhe tinha dado.

Uma noite, estava a desfrutar de um jantar na casa de um amigo quando, de repente, vi uma forma espiritual a formar-se à minha frente. Reconheci-o como um membro do Centro que tinha estado doente com cancro na garganta e estava prestes a dizer aos meus amigos que achava que ele tinha passado para o outro lado quando fui tomada por uma sensação angustiante de sufocamento. Não consegui falar durante vários minutos, o que alarmou consideravelmente os meus companheiros, que não conseguiam imaginar qual poderia ser o problema. Quando consegui falar, disse-lhes que tinha visto este homem e agora, após a minha dificuldade respiratória, tinha a certeza de que ele tinha acabado de passar para o outro lado. Telefonámos para a sua casa e fomos informados de que ele tinha falecido apenas vinte minutos antes, após um paroxismo de sufocamento.

Acontece com frequência que me é dada a condição sentida por um espírito no momento em que ele passa para o outro lado. Isso é invariavelmente muito doloroso para mim e dura desde alguns segundos até vários minutos. Geralmente é dado a mim para fins de identificação, a fim de convencer alguém da presença do seu amigo espiritual, e, sob essa circunstância, dura até a identificação ser feita. Felizmente para mim, este tipo de teste é tão definido e vívido que o reconhecimento é geralmente imediato.

No caso particular que relatei acima, a condição foi dada a mim, não como um teste para alguém, mas para me impressionar com o fato de que ele realmente tinha falecido e para me contar como tinha acontecido.

Uma família que conhecia bem há anos trazia sempre os filhos consigo sempre que vinham a uma sessão. Uma menina começou a vir quando tinha dois anos. Ela estava tão familiarizada com os seus amigos no Espírito quanto com os que tinha no plano físico. Durante o seu sétimo ano, ela adoeceu gravemente e faleceu numa tarde de domingo às quatro horas. Naquela mesma noite, ela foi a primeira a aparecer na nossa sessão regular de domingo à noite. Nenhum membro da sua família estava lá, mas a sua familiaridade com os seus amigos espirituais enquanto esteve na Terra ensinou-lhe onde ir. Ela disse-nos que nada lhe era estranho e que estava com a sua irmã mais nova e com a sua prima, ambas que

a tinham precedido para a sua nova casa. Ela estava muito feliz e queria que lhe disséssemos à mãe para que ela não chorasse mais. Fizemo-lo e, embora sentisse a falta da sua filha, a mãe deixou de chorar e pensou na felicidade da filha em vez de na sua própria dor.

É natural que nós, mortais, soframos quando um ente querido parte para o outro lado. O sofrimento e a tristeza acompanham o amor e são uma parte integrante dele, assim como a alegria e a felicidade. A nossa companhia com um ente querido traz-nos alegria, e a nossa separação traz-nos tristeza. A crítica ou a culpa por parte daqueles que amamos é cem vezes mais difícil de suportar do que a de quem nos é indiferente.

Quando alguém querido parte para o outro lado, já não podemos sentir a sua companhia de uma forma humana, não importa o quanto compreendamos ou acreditemos no Espiritualismo, e a dor é inevitável. No entanto, devemos tentar manter a nossa tristeza dentro de limites e aliviá-la o máximo possível através da comunicação com o nosso ente querido e sentindo que ele, pelo menos, está melhor do que estava enquanto estava na Terra, especialmente se esteve doente ou sofrendo de alguma forma. Não devemos permitir que a nossa tristeza se torne tão intensa que desejemos ir para o Outro Lado para estar com os nossos amigos antes de chegar o momento de a nossa própria passagem.

Estamos nesta Terra para experiências específicas, e se não conseguimos ser felizes aqui ou viver uma vida satisfatória, não seremos felizes no Espírito. Muitas pessoas pensam que o Mundo Espiritual é um lugar tão maravilhoso e os seus amigos tão felizes lá, que passam muito do seu tempo a pensar nisso e a ansiar por passar para o outro lado. Existe felicidade e beleza na Terra, e isso deve ser apreciado antes que qualquer alegria seja encontrada no Espírito. A felicidade e a beleza no Espírito são criadas pelos laboriosos trabalhos de amor daqueles que lá vivem e não existem, pelo menos por um longo tempo, para quem não consegue criar a sua própria felicidade na Terra.

Já dei várias ilustrações de manifestações de um ente querido pouco depois de falecer. Acredito que a sua demonstração poderia acontecer em minutos, se a oportunidade lhes fosse dada. Já disse que um mortal familiarizado com o Espiritualismo geralmente pode voltar mais rapidamente do que alguém que não o é. Isto não é necessariamente verdade. Para os espíritos, um médium no plano físico sobressai claramente entre os seus pares. Eu poderia compará-la a um farol, cujos raios são visíveis e servem de guia para quem está no mar desconhecido. Para os espíritos, ela sobressai dessa forma, e um recém-chegado ao Mundo Espiritual que não era espírita na Terra pode vê-la tão claramente quanto alguém que o fosse, embora talvez não compreenda imediatamente o que ela é ou o que pode fazer por ele.

UMA ORAÇÃO

Velai sobre nós e ajudai-nos, Senhor, pedimos;
Pedimos isto em Teu nome abençoado.
Oh! guia as nossas vidas de dia em dia
E faz com que os nossos corações sejam iguais aos Teus.
Dá-nos verdadeira caridade e amor
Por todas as criaturas aqui em baixo.
Humildade com força e fé,
Concede-nos estas preciosas dádivas.

Ajuda aqueles, ó Senhor, que estão deprimidos
E que em tristeza se voltam para Ti.
Tu, na Tua sabedoria, sabes o melhor;
Concede-lhes a graça para que possam ver
Que todos os Teus caminhos estão cheios de bem,
De todos, Tu os amas mais.
São os Teus escolhidos e devem
Com Ti, ao fim, ser sempre abençoados.

RIQUEZA ESPIRITUAL

Que uma posição humilde na Terra não implica falta de desenvolvimento espiritual, eu mostrarei através da história de um condutor de elétrico que veio à minha sala de sessão e deu um relato completo do trágico acidente que causou sua passagem para o Outro Lado. Uma vida bem vivida, com esforço honesto para cumprir todas as obrigações adequadas e um sincero desejo de tratar os outros seres humanos com justiça e ajudá-los nas suas dificuldades, é uma forma muito melhor de garantir o avanço espiritual e a felicidade do que a mera conquista das posições e do poder mais elevados na Terra.

Se uma posição de responsabilidade e a fama podem ser alcançadas enquanto se vive uma vida espiritual, o mais alto desenvolvimento possível na Terra é alcançado. Tal é o caso de muitos, em particular do nosso amado Abraham Lincoln. No entanto, a maioria de nós não está preparada ou destinada para uma combinação tão supremamente feliz de conquistas e deve viver a nossa vida da melhor maneira possível, de acordo com o nosso entendimento do certo, na firme convicção de que os nossos esforços estão a demonstrar o seu valor no Outro Lado de forma muito mais precisa do que podem estar a fazer na Terra, e que a nossa justa recompensa nos aguarda, embora não a recebamos aqui.

O que importa um atraso de alguns anos, certamente não mais de cem, no final, para a felicidade da nossa alma no seu progresso durante séculos incontáveis?

Seria um pensamento muito deprimente acreditar que todas as maravilhosas conquistas humanas antes da história registrada tenham sido em vão, porque encontramos apenas os seus restos mutilados. Todo o trabalho, pensamento e amor que as trouxeram à existência desenvolveram as almas dos trabalhadores, e este desenvolvimento é retido pela alma como a sua recompensa, apesar da destruição da evidência física do trabalho. Podemos dizer que todos os nossos esforços resultam numa conquista que pode ser dividida em uma parte física e uma espiritual. A evidência física pode ser perdida ou destruída, mas a espiritual é permanente e permanece uma parte integral da experiência da alma. Assim, embora os nossos esforços possam não parecer receber na Terra as recompensas a que têm direito, as nossas almas beneficiam e retêm este benefício permanentemente. Isso é evidenciado pela força espiritual e poder quando alcançamos o Outro Lado, como será visto nesta história do condutor de elétrico.

Uma alma não acostumada a comunicar-se com os que estão na Terra geralmente não consegue dar a sua primeira mensagem com muita força ou permanecer no círculo por mais de um curto período, mesmo quando seus entes queridos vieram com as melhores condições

possíveis. Um considerável desenvolvimento espiritual é necessário para ser capaz de prolongar essa mensagem.

Numa noite de 1918, duas mulheres tranquilas apareceram na minha casa, o Stead Center em Chicago, entre muitas outras pessoas que vinham para assistir a uma sessão pública. O número era tão grande que eu duvidei se conseguiria acomodar todos numa única sessão. Finalmente, no entanto, todos estavam sentados, apertando a sala ao máximo, e as luzes foram apagadas.

Seria bom que eu fizesse uma pausa neste ponto para lembrar os meus leitores de que o médium pode ver muito do que os olhos mortais comuns não conseguem. Tão claramente vejo, frequentemente, os entes queridos do Outro Lado que fico sem saber distinguir entre eles e os que estão na carne. Não posso explicar isso, exceto dizer que a alguns é dado o dom da música, a outros da pintura, e a outros ainda o dom da mediunidade. Embora a sala de sessão para os mortais esteja escura, não o é para aqueles do lado mais brilhante da vida, nem, em menor grau, para o médium.

Cantámos o nosso hino de abertura e repetimos a Oração do Senhor, e eu pude ver claramente muitos entes queridos do Espírito. Eles formaram tal multidão que se estenderam pelo corredor e para todos os quartos da parte superior da casa.

Essas duas mulheres tranquilas sentaram-se atrás de mim, perto da porta da sala de sessões, e não tinham pronunciado uma palavra desde que entraram na sala. Elas não fizeram comentários, não emitiram som algum.

Enquanto observava essa reunião amorosa dos entes queridos no Outro Lado, vi um homem de estatura média apressando-se, abrindo caminho, pedindo passagem até o círculo. Ele trouxe uma grande força consigo – a força de uma vida bem vivida. Ele veio como que por um caminho de luz emanado pelas duas pequenas senhoras, que nunca antes haviam estado numa sessão espiritual.

Quando esse homem ansioso e determinado passou atrás da minha cadeira, eu virei-me e vi-o parar diretamente em frente a essas mulheres. Sem pegar num trompete, ele chamou com uma voz clara e natural: "Mary, oh, minha Mary, aqui é o Peter."

Mary, sua esposa, soluçando suavemente, disse: "Estou tão feliz por pensar que vieste, mas, Peter, querido, por que tiveste de nos deixar assim? Por que tiveste de nos deixar de todo?"

"Mary, querida, e Emma, minha irmã Emma, ouçam-me atentamente. Eu estava no meu elétrico aquele dia, não há duas semanas, lá em Colorado, perto de Madison. O desvio deveria ser automático, como sabem, mas às vezes ele travava e eu tinha de sair do meu elétrico e forçá-lo a abrir com uma barra. Fiz isso como já fiz centenas de vezes antes e reparei que os trilhos estavam escorregadios, tão escorregadios que os travões eram quase inúteis.

"Suponho que devia ter olhado em volta, mas quando se faz a mesma coisa centenas de vezes sem incidente, acabamos por tomar tudo por garantido. Estava a cantarolar uma melodia para mim mesmo e não vi o elétrico a aproximar-se lentamente atrás do meu. O condutor aplicou os travões, mas o elétrico não parou; simplesmente deslizou para o meu.

"Fui prensado nos trilhos pelas rodas à medida que passavam sobre as minhas pernas e as cortavam. Pensei em vocês, nas duas, queridas, ao perceber que este devia ser o fim. Nunca pensei que fosse assim. Jim, o condutor do elétrico que bateu no meu, correu para o meu lado, soluçando como uma criança. Nunca o culpem; era a minha hora de partir, isso é tudo. Pensam que sofri, mas na verdade não senti dor, nem durante todo o tempo que fiquei ali à espera da equipa de resgate. Dei algumas mensagens para as duas e tentei ser alegre. Pensei em todas as alegrias e tristezas que vivemos juntas, tão corajosamente e esperançosamente, enquanto, o tempo todo, acima de mim, estava aquela massa de aço me prendendo ao pavimento.

"As coisas só parecem terríveis, minhas queridas, mas não são. Deus é muito bom. Quando a dor finalmente chegou, no caminho para o hospital, deixei o meu corpo terrenal. Perdi a minha habitação terrena, mas encontrei um novo templo numa terra muito mais bela. Foi um choque para mim, como foi para vocês, mas toda a minha vida tentei fazer o que acreditava ser certo. Tentei viver honestamente e descobri que trouxe comigo a única riqueza que pode ser trazida para este lado da vida.

"Todos foram tão bons e amáveis comigo. Ajudaram-me e parecia que aprendi tão facilmente. Muito em breve, descobri que podemos comunicar-nos com vocês, que ficaram para trás na Terra, através do poder daqueles que vocês chamam de médiuns. Eles são como faróis para nós, mostrando-nos o caminho para alcançar os nossos entes queridos na Terra.

"Comecei logo a pôr-vos em contacto com alguém que vos enviaria a um médium, e consegui, não consegui? Só dois dias atrás ouviram falar da Senhora Cook. Não é verdade?"

Ambas as jovens mulheres estavam soluçando, mas havia uma nova nota de coragem na voz de Mary, ao perceber que aquele que amava tanto não estava perdido para ela, mas apenas tinha seguido à sua frente para uma terra onde tudo é brilho e felicidade para aqueles que verdadeiramente tentaram, nobremente, na Terra.

"Mas, Peter, queremos-te tanto."

"Ouçam-me, minhas queridas", respondeu Peter, e eu pude ver a luz de amor e triunfo nos seus olhos, a felicidade que chega àqueles que descobrem que não há morte, nem sepultura, nem precisa haver sequer uma barreira se os portões forem deixados entreabertos pelo amor.

Deixei quatro mil dólares de seguro de vida, que vocês têm. Os Maccabeus vão pagar dois mil dólares a mais dentro de alguns dias. Isso faz um total de seis mil dólares. Eu estou certo, não estou?"

"Sim, querido Peter, isso está correto", soluçou Mary.

"Vou garantir que ambas vocês se saiam bem. Podemos fazer tantas coisas maravilhosas aqui, sem nunca nos cansarmos, sempre recebendo poder para ajudar os outros. Vou fazer inúmeras coisas para as duas."

"Agora preciso ir, pois outros entes queridos estão tão ansiosos quanto eu para falar com os seus queridos que estão aqui com vocês."

Após uma breve pausa, Peter falou apressado e com novo fervor:

"Estarei com vocês em cada passo do caminho para casa, assim como vim com vocês; assim como trouxe vocês até aqui. Agora, adeus, e que Deus abençoe ambas por terem vindo."

Peter havia saído do círculo onde podia materializar a sua voz, mas ele permaneceu entre a sua esposa e irmã e, de forma espiritual poderosa, as confortou e as ajudou a captar um pouco da glória das outras maravilhosas mensagens que surgiram.

Se mais pessoas viessem tão humildemente, e com amor, como Mary e Emma, não exigindo nada, mas esperando e rezando, colocando sua confiança em Deus, mais, de fato, receberiam o que Mary e Emma receberam.

Se mais pessoas dedicassem uma porção maior do seu tempo e esforço para ajudar os outros e conduzir os seus próprios assuntos com justiça, honestidade e amor, e menos tempo para a autoengrandecimento, elas perceberiam que receberiam recompensas maiores e mais permanentes no final e teriam grande poder espiritual, como Peter teve, para ajudar os seus entes queridos. A pompa, o poder e o dinheiro mundano são deixados para trás com o corpo terrestre; apenas o amor e o desenvolvimento espiritual podem ser levados para o Outro Lado.

RIQUEZA MATERIAL

Uma questão frequentemente levantada por uma pessoa que não conhece o Espiritualismo quando fala com um Espiritualista é: "Se, como dizem, os seus amigos espirituais são tão mais desenvolvidos e sábios do que nós na Terra, por que eles não os tornam ricos? Certamente eles poderiam dizer-lhe como conseguir dinheiro facilmente e rapidamente."

Esta questão é realmente de considerável interesse para todos nós que não somos generosamente supridos com os bens deste mundo, e darei um relato detalhado de vários casos que ilustram diferentes aspetos da resposta. A verdadeira resposta leva em consideração vários fatos. Em primeiro lugar, a questão tacitamente assume que a aquisição de dinheiro é a coisa mais desejável do mundo e a melhor para o indivíduo. Em segundo lugar, não se leva em conta os esforços feitos pela pessoa para ganhar o dinheiro.

Em terceiro lugar, é bastante evidente que não é para todos ser ricos, e pode ser que a experiência atual dessa pessoa seja a de ser pobre. Em quarto lugar, a pessoa pode deliberadamente recusar oportunidades que lhe são apresentadas ou, em quinto lugar, dissipar suas energias e o pouco dinheiro que tem em empreendimentos tolos, de modo que seus amigos espirituais ficam completamente ocupados tentando impedi-lo de um desastre completo.

Vamos primeiro descrever o caso de um homem que recusou oportunidades apresentadas pelos seus amigos espirituais. Ele vinha ao Stead Center há vários anos, sua esposa, filhos e vários parentes com ele, todos professando fé absoluta nos seus Guias. Ele era um bom amigo meu, um homem de negócios substancial, operando uma loja de artigos elétricos e um negócio de contratos elétricos. O seu interesse no seu desenvolvimento espiritual era tal

que o induziu a juntar-se à nossa classe oriental para receber os ensinamentos espirituais dos nossos Guias superiores. Ele assumiu as funções de um dos oficiais do Centro.

Um dia, numa sessão privada, ele contou ao meu Guia Pat que sabia de um terreno que poderia comprar por dezoito mil dólares e desejava conselho. Isso ocorreu numa época de aumento de aluguéis e preços durante a guerra, e ele estava considerando a compra de um terreno e a construção de uma loja própria. Após investigação, Pat disse-lhe que comprasse o terreno imediatamente, mesmo que não fosse construir nele, porque o terreno era muito valioso. Por algum motivo, ele procrastinou até que o terreno fosse comprado por outra pessoa. Dois anos depois, esse comprador o vendeu por vinte e cinco mil dólares.

Parece que uma experiência desse tipo deveria ser suficiente. Se não agarramos cada oportunidade que aparece, elas geralmente param de surgir. Este homem, no entanto, teve sorte. Ele encontrou novamente uma propriedade, com um edifício contendo lojas e apartamentos acima delas, que o proprietário, enfrentando uma execução hipotecária, estava disposto a vender por doze mil dólares. Novamente, o conselho de Pat foi para comprar imediatamente e ele foi lembrado da oportunidade anterior que havia deixado passar.

O medo da dívida que teria de contrair e, possivelmente, outros motivos seus, fizeram com que ele novamente ignorasse o conselho que pedira. Dois anos depois, essa propriedade foi vendida por setenta mil dólares. Esses dois negócios sozinhos teriam dado a esse homem cerca de oitenta mil dólares de lucro, partindo de um investimento inicial de dezoito mil dólares, tudo isso em cerca de quatro anos. Se ele tivesse aceitado o conselho dado, sem dúvida outras oportunidades teriam surgido para ele.

Não creio que os nossos Guias possam ser acusados injustamente de não tentarem adicionar ao nosso bem-estar material. Qual foi o resultado para este homem de negligenciar duas oportunidades dessas? Até o momento, ele não teve outras, continua a viver confortavelmente com o seu negócio, mas não tem a tranquilidade de ter oitenta mil dólares a respaldá-lo.

O caso seguinte ilustra a dissipação de energia e dinheiro em empreendimentos insensatos, e também o fato de que claramente não era para esse homem acumular riquezas. Vindo de pais pobres, o rapaz achou necessário muito cedo na vida começar a trabalhar para ajudar a sustentar a família. Quando tinha vinte anos, ele era praticamente o único provedor, seu pai encontrava muita dificuldade em conseguir emprego estável na sua profissão. O rapaz teve sucesso em cada posição que ocupou, pedindo demissão sempre que surgia uma oportunidade melhor. Gradualmente, ele investiu pequenas quantias em imóveis em Chicago e fez dinheiro extra.

Finalmente, ele começou o seu próprio negócio por volta dos trinta e dois anos. O seu negócio prosperou, mas à medida que ele obtinha dinheiro, investia-o em imóveis, minas de ouro, poços de petróleo e outros empreendimentos sem manter capital líquido suficiente para superar qualquer dificuldade comum. O resultado foi que um incêndio que destruiu sua fábrica o prejudicou tanto financeiramente que ele perdeu sua casa e várias outras propriedades. Seus investimentos em minas e poços nunca deram certo, e todo esse dinheiro foi perdido. No entanto, sua empresa lhe trouxe uma boa renda, que foi gradualmente diminuindo, é verdade, devido à natureza do seu produto, cuja venda dependia muito do estilo na arquitetura. Após alguns anos tranquilos, durante os quais ele

teve pouco dinheiro para qualquer tipo de investimento, ele conheceu o meu trabalho como médium. Procurou conselho e ajuda dos seus Guias e usou ambos. Finalmente, a guerra chegou e, enquanto as dificuldades de seu negócio se multiplicavam de várias formas, ao aceitar o conselho dos seus amigos espirituais, ele conseguiu resolvê-las e, ao obter contratos com o governo, fez uma excelente performance nos negócios. Logo muitas antigas obrigações financeiras foram resolvidas e o dinheiro foi acumulado. O seu filho havia terminado o curso universitário e agora contribuía para a renda da família.

Parece que, tendo em mente todos os erros passados e as experiências de investir dinheiro de forma imprudente, este homem, agora com cerca de sessenta e cinco anos, deveria ser extremamente cuidadoso com o que fazia com os seus recursos, quando estava praticamente numa posição em que poderia reformar-se. Mas será que ele o era? Primeiro, um vendedor de alta pressão levou-o a adquirir uma grande quantidade de imóveis suburbanos em Chicago, sem melhorias de qualquer tipo. Os seus Guias não foram consultados sobre este empreendimento até que ele fosse concluído. Contra o conselho deles, ele recusou uma oferta para vender a sua fábrica por uma boa quantia.

Comprou uma pequena loja de doces a retalho sem consultar os seus Guias até que o negócio estava quase fechado e o preço já estava acordado. Foi-lhe dito que estava a pagar muito mais do que o negócio valia, mas que, se o operasse com cuidado e não colocasse mais dinheiro até que lhe mostrasse lucro, provavelmente conseguiria torná-lo um sucesso. Assim que a compra foi concluída, remodelou a loja com novos equipamentos; não conseguiu operá-la com muito cuidado devido aos seus outros negócios e à falta de conhecimento nesta área. O resultado foi que começou a apresentar prejuízo desde o início e, no final, teve de a desistir, sendo todo o dinheiro investido uma perda total.

Pouco depois disso, a sua fábrica voltou a arder e, com pouco dinheiro disponível, teve de vender a propriedade a um preço muito baixo e recomeçar a produção numa construção alugada. Entretanto, a depressão devido à deflação após a guerra havia-se instalado e o seu negócio mal lhe dava para o sustento. Não conseguiu cumprir as obrigações sobre a propriedade suburbana que tinha adquirido e, no reajuste, perdeu o terreno mais valioso e teve de entregar o único outro imóvel que ainda possuía livre de encargos. Quando passou para o Mundo Espiritual há um ou dois anos, deixou à sua viúva algumas ações de uma empresa que lhe davam uma receita constante, embora muito pequena, e vários terrenos suburbanos que estão a ser avaliados constantemente para pavimentação de ruas, esgotos, passeios, etc. — uma despesa contínua apenas para evitar a sua perda.

Ver-se-á que os Guias deste homem estavam tão ocupados a tentar tirá-lo dos problemas que ele continuamente criava para si mesmo, que tiveram pouco tempo para criar oportunidades para ele. Quando, por fim, o colocaram numa posição onde o caminho parecia claro e alguns investimentos cuidadosos o teriam tornado independente para os seus últimos anos, ele desfez todo o trabalho deles com a sua própria atitude imprudente. Durante o período em que pedia e aceitava o conselho deles em pequenas questões, teve provas abundantes da sua ajuda e frequentemente dizia que não entendia porque razão outras pessoas agiam em contrariedade com o conselho dado pelos seus Guias.

Parece também que estava destinado que este homem fosse pobre. Trabalhou incessantemente, superou dificuldades na condução do seu negócio que teriam fechado a maioria dos outros em circunstâncias semelhantes, ganhou centenas de milhares de dólares, nunca gastou nada em uma vida de luxos e foi um cidadão exemplar, sempre tentando

ajudar a sua comunidade. No entanto, passou para o outro lado como um homem relativamente pobre. A maioria das pessoas diria, e ele próprio acreditava, que a má sorte o seguiu por toda a vida, mas uma análise cuidadosa do seu caso mostrará que o seu próprio curso de ação foi o responsável pela sua ruína. Na sua juventude, a conservação cuidadosa do seu dinheiro teria evitado o primeiro incêndio, causando a perda de praticamente tudo o que possuía. Um pequeno montante de dinheiro naquela altura teria significado que o que o fogo destruiu fisicamente seria o total da sua perda. Na sua vida posterior, mesmo sem o conselho dos seus Guias, uma quantidade semelhante de dinheiro disponível teria evitado os desastres que se seguiram ao segundo incêndio.

Estes dois casos mostram claramente porque razão os nossos amigos espirituais não podem, necessariamente, tornar-nos ricos nos bens materiais deste mundo.

Outro aspeto da resposta à questão colocada no início do capítulo precisa de ser considerado. Se não fizermos o esforço necessário, os nossos Guias não poderão trazer-nos bênçãos materiais. A maioria de nós conhece as boas almas que dizem: "Quando o meu navio chegar, farei isto e aquilo", e depois deitam-se nas suas cadeiras de balanço e esperam pelo navio. As probabilidades são de que, se o seu navio atracasse a um quarteirão da sua cadeira de balanço, eles nem o saberiam. Será que alguma vez pensam que, até mesmo um bote, para "chegar", precisa de alguém a remar com determinação? Não precisa alguém primeiro esforçar-se nos remos para levar o bote para ser carregado com as bênçãos que se espera que voltem?

Quantos grandes navios, como o Leviathan e o Europa, chegariam ao porto se muitos, muitos homens não passassem as suas vidas e energias a planeá-los, financiá-los, construí-los, carregá-los com a sua carga e a pilotá-los através de tempestades e perigos? Todo este trabalho deve ser feito conscientemente e de forma bem feita antes de se poder esperar que o navio chegue trazendo a sua carga de bênçãos. Podemos sentar-nos nas nossas cadeiras de balanço ou seguir o nosso círculo estreito de deveres monótonos até que Gabriel toque a sua trombeta para começarmos a subir as escadas para o céu, sem que o nosso navio chegue, se não construirmos o barco e depois o operarmos e cuidarmos dele com fidelidade. Na verdade, penso que muitos desses bons cidadãos, hoje em dia, esperarão que Gabriel ou talvez São Pedro lhes forneçam um elevador, para que não tenham de subir as escadas até ao céu.

Se começarmos e trabalharmos arduamente com amor no coração, vamos ter um retorno. Podemos não ser capazes de manter esse retorno, como aconteceu com o homem mencionado anteriormente, mas ele virá até nós da mesma forma. Se não começarmos e não trabalharmos de forma fiel e alegre, não podemos esperar que os nossos Guias sejam capazes de nos trazer qualquer bênção. O trabalho amoroso cria a sua própria recompensa. Se não criámos a recompensa, nada pode trazê-la até nós.

O último aspeto da resposta à nossa questão: a suposição de que a aquisição de dinheiro é a coisa mais desejável do mundo para o maior bem do indivíduo, tem sido respondida negativamente há séculos pelas melhores mentes. Não posso melhorar o que eles disseram, mas apenas apontar que laborar para conseguir dinheiro pelo seu próprio valor é quase certo que causará a negligência e o retardamento do crescimento espiritual de uma pessoa. O dinheiro não pode ser levado para o outro lado da vida, mas o crescimento espiritual pode. Portanto, deve ser evidente qual é o mais importante. Se devemos permanecer relativamente pobres, e nenhuma das outras condições mencionadas antes está a operar no

nosso caso, provavelmente encontraremos, após uma análise cuidadosa de nós mesmos, que os nossos Guias nos trouxeram um grande desenvolvimento espiritual. Também tenho observado que uma pessoa que adquiriu verdadeiro desenvolvimento espiritual nunca sofre pela falta de bens materiais. Pode não ter uma abundância, mas sempre terá o suficiente para satisfazer as suas necessidades.

O MAIOR AMOR

Escuta a minha prece, ó Deus de opulência:
Não me dês bênçãos, só em recompensa,
Pelas bênçãos que com amor eu dei
A um estranho ou a um inimigo em dor e lei.

Se a riqueza, por acaso, surgir no meu caminho,
Que a Sabedoria e a Benevolência estejam no meu abrigo,
E a Caridade, à porta, a esperar,
Para de más amizades me resguardar.

Mas nesta arte da vida, complexa e intrincada,
Guia-me a não dar de forma errada,
E mostra-me como a alma lenta guiar,
A lutar por si mesma para o seu lugar.

Recompensa os meus esforços de forma mundana,
Somente se, com coração e mente, a minha alma se irmana;
Não me marques com o "sinal do dólar" cruel
Num peito vazio de amor e de fé no céu.

Se o vento levar o meu nome a qualquer terra ou lugar,
Que não seja como quem ganha a lutar
A empurrar outros para fora da trilha,
Mas como alguém que, ao perder, aplaude com a filha.

Fazer e ter é menor do que ser,
O maior dom que peço, Deus, vem de Ti, a crescer.

INGRATIDÃO

Uma pessoa que tenha lido atentamente o que foi dito até agora pode, com justiça, fazer outra pergunta: "Certamente nenhum dos argumentos desenvolvidos sobre 'riqueza material' se aplica a uma médium, a menos que seja o destino dela permanecer pobre. Porque é que os seus Guias não lhe trazem uma grande quantidade de dinheiro, sabendo que ela o gastaria de forma sábia e ajudaria quem pudesse?" Pode ser que Deus queira que uma médium se mantenha relativamente pobre, talvez para garantir a humildade necessária para o seu trabalho e desenvolvimento pessoal.

Qualquer que seja a razão, parece que ela não recebe um retorno monetário adequado pelos seus serviços. Por ajuda que não poderia ser obtida de outra maneira terrena, ela não

recebe sequer o pagamento de um advogado mediano. Nunca recebe o dízimo exigido pelas igrejas bem organizadas. Não consegue construir uma catedral magnífica como lar para a sua religião. Pessoas de riqueza estão muito dispostas a usufruir dos seus serviços quando estão em apuros, mas não estão dispostas a contribuir financeiramente para o seu sustento ou para a sua causa, de forma a que essa ajuda possa ser levada a outros. Mesmo para as bênçãos espirituais, o dinheiro é necessário para disponibilizar à maioria os benefícios que apenas alguns têm, os que são afortunados o suficiente para compreender o que é uma médium e saber que vivem perto de uma.

Com assistência financeira adequada, ela poderia estabelecer centros de onde essa ajuda poderia ser obtida por qualquer pessoa que a desejasse, e divulgar ao público o que é essa ajuda e onde pode ser encontrada. O Espiritualismo é uma religião do coração e do lar e nunca foi organizada com a base comercial de outras religiões, mas o consolo superior e a satisfação que oferece poderiam ser levados à multidão com o devido apoio financeiro.

As médiuns sacrificam os seus poucos recursos para ajudar todos a quem podem, porque acreditam em dar assistência aos outros, mas foram lamentavelmente limitadas pela sua própria escassez. O motivo de terem tão pouco aparecerá nos seguintes casos que selecionei entre muitos semelhantes.

Logo depois de ter começado o trabalho público, fui visitada por uma mulher que perdera o único filho, um jovem de vinte e um anos. Na sua primeira visita, o filho deu-lhe uma prova tão clara da sua identidade que aliviou a sua dor, que era realmente intensa, e a convenceu da sua realidade no Espírito. Ela então me contou que um homem tinha originalmente feito a marcação comigo para ela, e que ela a tinha cancelado, pensando que ele talvez tivesse dado alguma informação sobre ela. Isso indicou a natureza muito desconfiada da mulher.

Ela voltou todas as semanas para uma visita com os seus entes queridos e, depois de algum tempo, um dia me disse o seu nome. Não significava nada para mim, embora ela parecesse pensar que estava me fazendo um grande favor ao dizê-lo. Decidi que iria tentar, de uma vez por todas, afastar qualquer suspeita da sua mente quanto à veracidade da comunicação dos seus amigos espirituais comigo. Sugerir que faria uma sessão na sua própria casa para mostrar-lhe que não havia engano. Ela ficou encantada e marcamos os detalhes. Após a primeira sessão, ela pediu-me que realizasse várias outras, mas nunca me ofereceu qualquer pagamento pelo meu tempo, embora sua casa mostrasse que ela era uma mulher de consideráveis meios.

Um dia, ela apareceu trazendo uma irmã com ela, que se revelou uma mulher de caráter admirável e uma velha Espiritualista. Nos dois anos seguintes, as irmãs vieram regularmente, às vezes juntas, geralmente em semanas alternadas.

Uma semana, nenhuma delas apareceu. Durante três semanas não ouvi nada delas. Finalmente, a mulher que me tinha visitado primeiro telefonou e perguntou se eu sentira a falta delas. Eu respondi que sim e esperava que ninguém estivesse doente. Ela disse que se sentia bem, e que a irmã também estava bem. Marcou uma nova visita. Quando chegou, eu estava a olhar pela janela. Vi-a sair da sua limusina seguida pela sua irmã. Isso me pareceu um tanto incomum, pois geralmente não vinham juntas. Entraram na sala, e foi apenas quando eu ia cumprimentar a irmã que percebi que ela tinha desaparecido e a mulher estava sozinha. Perguntei-lhe onde estava a sua irmã, e ela disse que viera sozinha.

Disse-lhe que a tinha visto sair do carro com a irmã, mas ela apenas riu de forma peculiar e disse que eu devia estar enganada.

Entramos na sala de sessões e a primeira a aparecer foi a irmã. Ela disse: "Nunca serás convencida? Porque não disseste à médium que eu faleci há duas semanas?"

A mulher não soube o que responder. "Queria ver se a minha irmã viria até mim!"

A irmã disse-lhe então que tinha deixado um testamento e que queria que tudo fosse feito exatamente como estava no testamento. Pediu-lhe que fosse forte e cumprisse as disposições, não importando o que acontecesse. Claro que eu não compreendia nada disso, mas, em cada sessão subsequente, a irmã no Espírito dizia a mesma coisa.

Cinco semanas depois, numa manhã de sábado, descobri o que significava. Três homens vieram até à minha porta e, depois de verificarem quem eu era, mostraram-me uma foto que reconheci imediatamente como sendo da senhora que acabara de falecer. Perguntaram-me se eu já tinha encontrado aquela mulher e eu disse que sim.

Perguntaram-me se eu não achava que ela não estava completamente mentalmente responsável.

Fiquei indignada imediatamente, pois ela era uma mulher de caráter admirável e uma pensadora clara. Disse-lhes isso sem reservas.

Então, um dos homens disse, de forma zombeteira: "Ela deve estar louca para vir falar com os espíritos."

Isso fez-me ficar furiosa e convidei-os a sair.

Então, o homem que ainda não tinha falado disse: "Não vamos a lado nenhum assim."

Ele explicou que era advogado e representava os dois homens com ele, que eram primos da mulher e que tinham sido excluídos do testamento. O que queriam era provar que a mulher não tinha capacidade mental, e se eu testemunhasse a favor disso, dar-me-iam dez mil dólares. O homem mostrou-me o dinheiro e disse que era meu se eu prometesse.

Se eu tivesse sido mais forte, tê-los-ia mandado embora. Mas, como estava, apenas lhes disse o que pensava deles.

Assim que se foram embora, telefonei para a mulher e pedi-lhe que viesse ver-me imediatamente. Ela protestou, dizendo que tinha bilhetes para uma matinée e não queria perder. Eu disse-lhe que viesse, pois tinha algo muito mais importante para ela do que qualquer matinée. Relutante, ela veio. Eu contei-lhe tudo o que acontecera.

Quando terminei, ela disse: "Bem, o que vais fazer? Dez mil dólares são muito dinheiro."

Fiquei tão indignada com tal implicação que quase lhe disse que não teria mais nada a ver com ela, mas, sendo jovem e fortemente imbuída da ideia de que devia ajudar todos os que estavam em apuros e a quem pudesse ajudar, disse-lhe o que pensava sobre ela por achar

que eu poderia ser tão mercenária a ponto de fazer tal coisa, e depois levei-a até à sala de sessões.

A irmã dela apareceu e disse: "Agora sabes o que eu estava a avisar-te. Vais ter uma luta difícil, mas se fizeres o que te digo, vais vencer."

Durante quatro anos, o caso foi disputado nos tribunais. A mulher veio ver-me regularmente durante todo esse tempo e a receber os conselhos da sua irmã sobre cada ponto à medida que surgiam. No final, ela ganhou o caso, recebeu o milhão de dólares que a irmã lhe deixara e, como recompensa a mim pelos anos de serviço indispensável, enviou-me um vaso de cristal de dez dólares.

Ela nem sequer teve gratidão suficiente para me oferecer o que eu tinha recusado dos seus familiares para perjurar. Este caso ilustra uma das razões pelas quais uma médium não é rica. Se ela exigisse certas quantias pelos seus serviços, provavelmente as conseguiria, mas quando deixa que os corações gratos de certas pessoas determinem, pode acabar por passar fome.

Algo semelhante aconteceu num outro caso, a principal diferença sendo que nada se saberia sobre o legado se não fosse pelos meus Guias. Alguns amigos marcaram uma consulta para uma mulher um dia e, quando ela apareceu, percebi que eles lhe haviam dito o que esperar, embora ela nunca tivesse estado com uma médium antes. Ela era viúva, muito pobre e vivia de caridade. (Tudo isso descobri mais tarde, à medida que os seus amigos espirituais falavam com ela.)

Ela estava na sala há poucos minutos quando uma voz falou e disse: "Olá, Emma."

Ela ficou muito surpreendida e disse: "Quem é este? Parece a voz do meu pai, mas ele não me falaria, porque estava zangado comigo quando morreu."

"É o teu pai," respondeu ele. Depois de dizer o seu nome completo, continuou: "Estou muito contente por teres vindo até aqui. Durante dez anos que tento fazer-te vir. Sabes que estou no Espírito há vinte anos e que, quando casaste contra a minha vontade, te disse que te deserdaria. Deixei-te acreditar nisso, mas não o fiz. Estabeleci uma propriedade para ti e coloquei o Banco como executores dessa propriedade. Agora, para conseguires este dinheiro, terás de contratar um advogado e quero que vás a __ e lhe contes a tua história."

Ela ficou tão surpreendida que chorou e disse que não podia acreditar que o seu pai, que sempre fora tão zangado, lhe tivesse deixado alguma coisa. Eu disse-lhe que devia investigar e ir ver o advogado que o seu pai lhe indicara.

Quando contou a sua história a esse homem, ele achou que ela estava louca, mas, tendo chegado à idade e posição na sua profissão onde o invulgar atraía bastante, decidiu conduzir a investigação. Descobriu que uma propriedade de cem mil dólares estava em nome desta mulher no banco que o seu pai lhe indicara. A propriedade foi deixada de uma forma peculiar, uma das condições sendo que deveria ser reivindicada passados vinte e três anos. Já tinham passado vinte anos antes de ela saber disso. Levou cinco anos para resolver todas as dificuldades e cumprir todas as condições. Durante todo esse tempo, foi guiada

pelo seu pai passo a passo, e como não tinha dinheiro, eu dei o meu tempo e esforço de forma gratuita e sem qualquer recompensa.

Finalmente, ela obteve o dinheiro e logo se esqueceu de que existia um Stead Center ou uma amiga fiel chamada Mrs. Cook. Desta vez, não recebi nem um vaso de cristal. Por cinco anos de trabalho em seu nome, não recebi um único cêntimo. A fatura do advogado foi paga; teve que ser. Eu não apresentei qualquer fatura. Acho que a conclusão é bastante óbvia.

Como sequência e, possivelmente, uma lição de Deus para aqueles que sabiam das circunstâncias, esta mulher gozou do seu dinheiro apenas um ano antes de passar para o Outro Lado. Ela veio ter comigo várias vezes desde então e disse-me que lamentava não me ter compensado pelo meu tempo e esforço em seu nome.

Uma vez, a esposa de um dos homens mais ricos de Chicago veio a mim regularmente para sessões e também me pediu para ir a sua casa para as fazer. A maior parte das pessoas que ela convidava vinha apenas por curiosidade e tornavam o meu trabalho duas vezes mais difícil. Com o tempo, o marido dela faleceu, e ao resolver a herança, não se encontrou qualquer vestígio de certificados de ações no valor de um milhão de dólares. Estes certificados eram propriedade pessoal dela, mas ela tinha-lhe emprestado para usar como garantia numa altura em que ele precisava deles. Nos registos da herança, dizia que essa garantia lhe tinha sido devolvida, mas os certificados não se encontraram.

Cerca de um mês depois da sua morte, tive uma visão muito vívida na qual o homem veio até mim e disse: "Anda, veste-te. Vamos até à Ella [sua esposa] e levá-la connosco. Temos de ir ao banco para pegar nas ações."

Parece que o segui até a um determinado banco na La Salle Street, onde ele entrou e subiu até uma pequena sala onde havia um pequeno cofre. Ele mostrou-me o mostrador e indicou os números que abriam a combinação. Depois acordei, e a visão foi tão vívida que desenhei um círculo e coloquei nele os números que ele me tinha mostrado. Isto aconteceu por volta das quatro da manhã.

Voltei para a cama e, ao adormecer, tive a mesma experiência novamente. Ele insistiu muito para que não esquecesse, mas seguisse a visão exatamente.

Às nove horas, telefonei à esposa dele e contei-lhe a minha experiência. Ela disse que ele nunca teve qualquer negócio com aquele banco, até onde sabia, mas que iria comigo. Queria levar o filho consigo. Depois de ouvir a nossa razão para fazer a viagem, ele riu e disse que era tudo uma tolice, que o pai dele nunca teve nada a ver com aquele banco em particular e que ele próprio não queria perder tempo com uma busca inútil. Eu assegurei-lhes que a minha visão tinha algum significado e, para o bem deles, deviam ir.

Finalmente, ele consentiu e fomos ao banco. "Sim," disse o homem responsável, "o Sr. __ tinha um pequeno cofre aqui."

Eu disse-lhe que sabia disso e que podia abrir o cofre se ele nos levasse até lá, pois o Sr. __ me tinha mostrado a combinação. Ele disse que isso era muito afortunado, porque a combinação não era conhecida por eles. Levou-nos até ao cofre que eu tinha visto no meu sonho e, lembrando-me dos números que me foram mostrados, abri-o. A única coisa que lá

estava era um envelope com os certificados de ações no valor de um milhão de dólares que eles não tinham conseguido encontrar.

A minha única recompensa foi: "Não é a Medie maravilhosa?"

Se algum filósofo bondoso, ou qualquer pessoa útil, me mostrar como é possível transformar "Obrigado" e "Não és maravilhosa?" em dinheiro, sinto que seria a mulher mais rica do mundo e dar-lhe-ia metade da minha riqueza pelo seu trabalho, sem um "Obrigado" que ele teria de transformar em dinheiro! Embora seja agradável ser agradecido e elogiado, ainda não encontrei uma mercearia onde me deem um frasco de doce por um dos meus "Obrigado".

Mais dois incidentes de egoísmo grosseiro e ingratidão vou mencionar brevemente e deixar este assunto infrutífero. O proprietário de uma fábrica de equipamentos elétricos veio a mim pela primeira vez, sem dinheiro, e com uma dívida de cerca de setenta e cinco mil dólares. Seguir com cuidado os conselhos dos seus Guias, combinado com a sua ajuda ao fazer propostas para contratos, não só colocou o seu negócio em funcionamento, como lhe trouxe uma fortuna de um milhão de dólares, tudo em poucos anos. Então, não só se recusou a reconhecer o Centro, como até negou que acreditava no Espiritualismo.

Outro homem veio até mim com uma saúde tão frágil que os médicos a quem ele foi já o tinham dado por perdido e lhe disseram que tinha muito pouco tempo de vida. Ele implorou aos seus Guias para lhe darem saúde suficiente para realizar certas coisas que desejava fazer antes de partir. Eles ajudaram-no a recuperar uma fortuna e a realizar os seus desejos. Restauraram-lhe a saúde de tal forma que ele divorciou-se da esposa, casou com uma jovem e deixou-lhe toda a sua propriedade. Tendo tudo o que queria, esqueceu-se prontamente de que existia um lugar como o Stead Center ou que alguma vez tinha feito algo por ele.

Acho que já disse o suficiente para mostrar claramente por que razão os médiuns não ficam ricos e não conseguem construir as grandes igrejas que outros líderes religiosos conseguem construir. Nós passamos o nosso tempo e energia a ajudar os outros, mas nunca recebemos parte da riqueza que o nosso trabalho cria. Se dedicássemos o mesmo tempo e esforço a enriquecer a nós próprios, sem dúvida conseguiríamos tanto quanto conseguimos agora para os outros, mas algo na constituição mental de um médium ou no seu destino impede-a de fazer isso; sei pela minha própria experiência que o estudo de negócios e fazer dinheiro não oferece nem um décimo do interesse que um ser humano, perplexo com um problema doloroso, desperta.

Dedico horas e dias a trazer felicidade a essa pessoa, ajudando a resolver o seu problema, e ainda assim não consigo dar uma pequena fração desse tempo ou pensamento a ajudar a mim própria. Cheguei à conclusão de que Deus planejou que o homem cuide dos Seus médiuns em troca da ajuda e felicidade que eles proporcionam, e por isso não fez provisões para os médiuns trabalharem para si mesmos. Quando o fazem, por necessidade de comer e viver, são muito menos eficientes do que quando fazem o seu trabalho adequado de ajudar os outros. É a velha questão do prego quadrado no buraco redondo; o buraco é preenchido de forma muito inadequada.

Cada pessoa pode desempenhar melhor o trabalho para o qual está destinada, e um médium não é colocado na Terra para ganhar dinheiro para si mesma. O próprio interesse

egoísta do homem, se nada mais, deveria levá-lo a garantir de tal forma que um médium pudesse dedicar toda a sua energia ao seu verdadeiro trabalho, porque assim ela, por sua vez, faria muito mais pelo homem do que quando parte da sua força vai para lutar pela sua própria sobrevivência contra condições que estão tão fora de harmonia com as suas vibrações. A pergunta frequentemente ouvida:

"Porque há tão poucos médiuns realmente bons?" deixaria de ser feita se os médiuns fossem devidamente cuidados por aqueles a quem ajudam. Não só muitos médiuns medíocres se tornariam bons se fossem aliviados do peso de garantir o seu bem-estar material, como Deus veria que o homem tivesse tantos médiuns quantos precisasse. Quando o homem se recusa a cuidar devidamente até dos poucos que tem, não pode esperar que lhe sejam dados mais. Se um visitante pega num belo vaso de cristal e o atira ao chão, não pode esperar que o seu anfitrião lhe entregue outro e diga: "Faz o mesmo com este."

DECEPÇÃO

Certas pessoas fazem uma abordagem ao espiritualismo de maneira muito peculiar. Elas estão curiosas sobre o assunto, podem estar muito interessadas nele. Algumas estão em grande aflição e percebem que ele oferece, provavelmente, a única solução para a sua dificuldade. No entanto, por algum capricho mental, acreditam que devem ocultar a sua identidade ou até disfarçar-se. Se se aproximassem de um médico desconhecido quando doentes ou de um advogado desconhecido quando em dificuldades, não lhes ocorreria ocultar factos essenciais sobre o seu problema.

Elas depositam uma fé praticamente implícita em qualquer um dos dois, embora um possa ser um charlatão e o outro um vigarista. A proporção de charlatães em qualquer uma das profissões em comparação com os membros honestos e íntegros é tão alta quanto a de médiuns falsos em relação aos honestos. Se realmente considerassem o assunto com mais cuidado, perceberiam que um médium desonesto poderia fazer-lhes menos mal do que qualquer um dos outros dois. Um charlatão, ou até mesmo um médico honesto, mas ignorante, ao cometer um pequeno erro na escolha do medicamento adequado, poderia matar os seus corpos. Se estiverem envolvidos em dificuldades legais, poderia ser bem fácil para um advogado sem escrúpulos ficar com a maior parte, senão toda, da sua fortuna.

Um médium, mesmo que desonesto, não poderia causar-lhes sofrimento físico, porque eles não aceitam nada material do médium. Também o médium não poderia tirar-lhes dinheiro ou propriedade, porque ela não lhes pede para assinar nada. Eles devem fornecer a assinatura ao seu advogado em muitos documentos cujos conteúdos não compreendem. Considerado sob este ponto de vista, o que é que as pessoas têm a temer ao visitar um médium? A maior parte dos outros contactos que fazem de forma profissional tem uma base real de perigo maior para o seu bem-estar do que qualquer possível contacto com um médium. No entanto, para mostrar até que ponto as pessoas irão tentar enganar um médium ou o Mundo Espiritual, deixe-me contar os seguintes casos.

Uma tarde, há alguns anos atrás em Chicago, uma mulher veio até mim muito elaboradamente vestida com um vestido de veludo vermelho e um chapéu de cores vivas. Ela disse-me que nunca tinha ido a um médium antes, mas que uma amiga lhe tinha falado de mim e ela viera para uma visita. Parecia-me estar algo nervosa, então sugeri que, em vez de

fazermos uma sessão de voz no escuro, fizéssemos uma leitura de transe à luz.
Mal nos sentámos na sala de sessões, vi um homem distinto a aparecer atrás dela. Ele usava barba e estava acompanhado por uma jovem mulher e um jovem de cerca de vinte e oito ou vinte e nove anos, embora eu soubesse que ambos haviam partido quando eram crianças. O homem disse-me para dizer à mulher que ele era o tio Doc e queria saber porque é que ela se tinha vestido daquela forma. Ele disse que ela parecia terrível.

Ela negou conhecer qualquer um dos três.

Os meus Guias então disseram-me que não podiam fazer nada por ela. Ela não viera com as condições adequadas, mas tentara disfarçar-se e não queria reconhecer os amigos espirituais que vieram até ela. Eu apenas lhe disse que os meus Guias não a poderiam ajudar porque ela não trouxera as condições adequadas para a sala de sessões.

Ela protestou, mas finalmente foi embora. Eu não pensei mais no incidente.
Quatro dias depois, a mulher voltou até mim vestida de luto. Eu não me lembrava de a ter visto antes e, depois de a cumprimentar, disse-lhe que não deveria visitar um médium vestida de luto, pois a conclusão natural seria que ela tinha acabado de perder um familiar ou amigo querido.

Ela disse que estava tudo bem, que tinha perdido um familiar e não se importava que eu soubesse isso pela sua aparência.

Fomos até à sala de sessões e, imediatamente, a forma de um homem apareceu atrás dela, que me disse ser o tio Doc. Ele estava acompanhado pelos mesmos dois jovens que eu já tinha visto antes. Foi então que percebi que esta deveria ser a mesma mulher que tinha vindo há alguns dias com um vestido vermelho. Disse-lhe o que vi e perguntei-lhe se ela era a mesma pessoa.

Ela disse que sim.

O homem então disse-me para lhe dizer que ela deveria reconhecê-lo a ele e às crianças antes que ele pudesse trazer aquela com quem ela realmente desejava falar. Ela desabou em lágrimas e disse que, depois de voltar para casa no outro dia, lembrou-se de quem era o tio Doc e as crianças. Eram os seus próprios filhos, mas tinham partido na infância, e o seu luto pela morte recente de um ente querido tinha sido tão intenso que ela não se lembrava de nenhum dos três. Ela explicou que este homem não tinha sido médico neste mundo, mas tinha sido apelidado de tio Doc pela família e especialmente pelas crianças devido à sua habilidade com quartos de doentes e o seu humor sempre presente.

Ele pediu-me para lhe dizer que não poderia enganar o Mundo Espiritual, mas ao tentar fazê-lo, ela construiu uma barreira à sua volta que impediu que eles fizessem algo por ela. Expliquei-lhe da melhor forma que consegui e percebi que ela era uma mulher muito inteligente. O seu marido, o ente querido que acabara de falecer, era um advogado proeminente da cidade e, depois de ela perceber com que condições deveria vir a uma sessão, ela recebeu muitas mensagens maravilhosas e grande ajuda.

Outro caso onde se tentou enganar ocorreu há algum tempo e envolveu um ministro do evangelho. De qualquer ponto de vista, parece surpreendente que um ministro de Deus pratique a enganação em qualquer empreendimento, mas aqui estão os factos.

Uma noite de domingo, em 1916, com várias pessoas já reunidas para a sessão da noite, um homem, duas senhoras e uma menina, todos desconhecidos para mim, apareceram à porta. Depois de algumas palavras com eles, que me asseguraram que eram pessoas inteligentes e refinadas, convidei-os a entrar.

A sessão mal começara quando o meu Guia Snowdrop cumprimentou o homem com: "Olá, Jack, estou contente por te ver aqui."

Ele agradeceu-lhe educadamente.

Ela então cumprimentou a menina, perguntando-lhe quem ela era. Sem esperar pela resposta, Snowdrop voltou-se para o homem e disse-lhe para observar a criança com atenção e guardá-la com muito cuidado, pois o Mundo Espiritual via uma nuvem sobre a criança. Não sabiam que perigo a nuvem indicava, mas um perigo muito definido ameaçava-a e se manifestaria dentro de alguns anos.

Depois de algum tempo de sessão, Pat entrou e, no seu jeito direto, disse: "Tenho a minha própria opinião sobre as pessoas que pregam a palavra de Deus e depois vêm ao nosso médium depois de estacionarem o seu velhinho Ford sujo numa viela a vários quarteirões de distância, para que ninguém o veja. Porque é que não limpam o carro, ao menos? Assim já seria respeitável o suficiente para estacionar numa rua."

Nenhuma palavra saiu da boca de ninguém, e como havia várias pessoas desconhecidas presentes, não consegui perceber a quem Pat se dirigia com os seus comentários. Um pouco depois, ele também alertou o pequeno grupo sobre o perigo que ameaçava a criança e aconselhou-os a vigiar muito bem a menina. Quando a sessão terminou, todos se retiraram e eu ainda não sabia a quem Pat se referia, mas as suas palavras ficaram na minha memória, porque eu sabia que ele nunca falava ao acaso.

Oito anos depois, enquanto passava o verão em Cape Cod, um carro parou à porta de casa e dois casais saíram. Um homem e uma mulher pareciam conhecer-me, mas eu não me lembrava de ter visto nenhum deles antes. O homem disse: "Sra. Cook, não suponho que se lembre de mim, mas há oito anos assisti a uma das suas sessões em Chicago." Ele continuou a explicar que tinham vindo de Vermont durante o verão e que tinham participado na minha sessão, onde receberam mensagens tão maravilhosas que nunca as esqueceram. Quando souberam por acaso que eu estava em Massachusetts, vieram até aqui para me ver.

Agradeci-lhe, mas disse-lhe que não me lembrava dele.

Então ele disse: "Acho que vai lembrar-se quando eu lhe contar o que o Pat me disse sobre estacionar o meu velhinho Ford sujo numa viela."

Imediatamente, lembrei-me dele e, para verificar por mim mesma a outra parte da mensagem, perguntei-lhe se ele era ministro.

Ele respondeu que sim.

Não vendo a menina com eles, perguntei onde ela estava.

Muito tristemente, ele explicou-me que, dois anos antes (ou seja, seis anos depois do aviso dado pelo Mundo Espiritual), a menina tinha morrido queimada. Tinham vigiado a menina de forma excecional durante todo esse tempo, mas de alguma forma o acidente aconteceu. As palavras de Pat os impressionaram tanto pela sua verdade absoluta que decidiram, desde então, levar a sério o aviso de Snowdrop, embora nunca tivessem acreditado no Espiritualismo antes. Desde então, todos os verões eles vêm visitá-la e têm recebido sessões maravilhosas.

A deceção geralmente não é planeada de forma tão elaborada como nos dois casos acima. Normalmente, a pessoa interpreta de forma errada, e deliberada, as primeiras tentativas dos seus entes queridos de lhes transmitir mensagens. Um homem uma vez veio até minha casa, e a sua dúvida era tão pronunciada que, à primeira, recusei-me até a fazer uma tentativa de sessão, mas ele insistiu tanto que precisava de palavras dos seus entes queridos que acabei por ceder e fomos para a sala de sessões.

Logo, um sussurro indistinto saiu pela trombeta: "Quem é este? Quem? Oh, é o Henry?"

Através da trombeta, veio um sussurro indistinto: "Henry." O homem riu-se suavemente para si mesmo.

"Meu caro senhor", disse-lhe, "provavelmente sairá daqui dizendo que esta querida pessoa disse ser o Henry, mas você sabe que não há nenhum Henry do Outro Lado. Você, de forma deliberada ou ignorante, perturbou tanto as vibrações que não consegue receber uma mensagem clara. Vou-lhe dizer o que este seu querido amigo respondeu. Ele disse: 'Não conheço nenhum Henry.' Ele diz que o nome dele é Thomas, que ele é o seu pai, e que faleceu num acidente ferroviário há mais de trinta anos."

"Grande César!" exclamou o homem; "Eu pensei que os seus espíritos tentariam enganar-me, então eu ia tentar enganá-los primeiro."

"Você não está enganando ninguém, a não ser a si mesmo. Em vez de receber uma mensagem maravilhosa e uma que você afirmou precisar, está a enganar-se a si mesmo. Se realmente deseja atrair os seus queridos e a ajuda que eles podem trazer-lhe, primeiro tem de vir com amor, trazendo a verdade consigo. De nenhuma outra forma poderá atrair bênçãos ou merecê-las."

Em relação à deceção, gostaria de relatar uma pequena história de uma visita que fiz, quando jovem, a um evento social da igreja como convidada de um dos membros da congregação. Eu não sabia disso na altura, mas a minha anfitriã tinha-me levado para mostrar aos outros membros que eu não parecia com nenhuma daquelas pessoas que são retratadas a andar em vassouras. Essa parecia ser a ideia que eles tinham de um médium, e ela queria mostrar-lhes que a realidade era pelo menos um pouco diferente.

Quando o jovem ministro se levantou para dar o seu discurso habitual, fez o seu melhor para desacreditar-me e à minha Verdade. Disse que não podia acreditar que Deus permitisse que os nossos entes queridos voltassem, porque Ele os leva para um trabalho muito mais alto e melhor do que poderiam fazer aqui. Então contou a história de uma senhora que tinha perdido dois filhos adoráveis, um menino e uma menina, quando eles tinham cerca de dezoito anos. Dois anos depois, ela estava a vigiar o leito de morte de outra filha, de dezassete anos, quando, de repente, a menina abriu os olhos e disse:

"Querida mãe, não quero que se preocupe ou lamente. Vou deixar o meu corpo terrestre à meia-noite, mas o irmão e a irmã estão aqui ao meu lado, esperando para me levar e me ajudar."

Enquanto a filha falava, a própria mãe viu o filho e a outra filha, que já tinham partido, vestidos de branco, parecendo lindos e bem. Ela disse que se pareciam exatamente como quando estavam neste mundo, mas mais bonitos e ela podia ver o quão felizes estavam.

"Agora", disse o ministro, "não foi uma experiência maravilhosa para aquela pobre mãe ver que a sua filha ia para os braços do irmão e da irmã e ficaria bem e feliz com eles?"

Quando ele terminou de falar, levantei-me e disse: "Você afirma que não acredita que os nossos entes queridos voltam para nos ajudar. O que é que nos contou agora, se não isso? Pode explicar-me qual é a diferença entre a sua igreja e a minha, se você acredita nesta história?"

Ele ficou um pouco irritado e respondeu: "Eu conheço esta senhora; ela é membro da minha igreja e eu sei que a história é verdadeira."

"Eu também sei que é verdadeira, mas não entendo como pode pregar que os nossos entes queridos não voltam para nos ajudar e ainda acreditar nesta história."

Esta questão ainda me intriga. A maior parte dos ministros com quem entrei em contacto teve experiências deste tipo, mas continuam a levantar-se diante das suas congregações e pregar que os "mortos" não voltam. Todos ensinam que há uma vida após a morte e, ainda assim, apesar das suas próprias experiências pessoais em sentido contrário, negam que qualquer comunicação possa acontecer entre os que vivem essa outra vida e nós, na Terra. Alguns tentam explicar isso dizendo, como fez este jovem ministro, que Deus levou os nossos amigos para um trabalho mais alto e melhor do que o que poderiam fazer aqui. No entanto, ignoram as suas próprias experiências.

Não consigo chegar a outra conclusão senão que isto deve ser considerado como uma deceção, mas não sei por que motivo a praticam nem o que ganham com isso, a menos que esses ministros pensem que as suas congregações não querem acreditar nessas experiências e prefeririam substituí-las por outros ministros que pregassem aquilo em que gostariam de acreditar. A questão é complexa, mas parece-me que as pessoas que realmente acreditam numa vida futura estariam muito ansiosas por aprender o máximo possível sobre ela e não ficariam satisfeitas com a única imagem do céu ou inferno, fogo e enxofre, que lhes é apresentada sem tentar ver se existem outras imagens.

Todos nós riríamos com piedade de um homem que dissesse: "Os aviões não existem porque o meu pai me disse que as pessoas só podem viajar no solo ou na água." Ele recusa-se a reconhecer qualquer modo de transporte que não seja aquele que foi descrito por uma certa pessoa.

Devemos rir dele; mas será que essas pessoas são mais razoáveis, que nem sequer investigam uma ideia diferente sobre o futuro da sua alma do que aquela que lhes é descrita por certa pessoa, o seu ministro?

O MEU PRECIOSO SEGREDO

Tenho um segredo no meu peito
Que o mundo nunca poderá saber,
Em cada prova, um alento perfeito,
Enquanto os momentos seguem a correr.

Só aqueles que fazem Sua vontade,
Podem contar seu valor imensurável.
Embora as ondas da dor me rodeiem,
E suas marés pressionem a alma indomável.

Com este segredo ainda diante de mim,
Tempestades surgem, ondas a bramir,
Segredo de amor eterno, que eleva meu ser,
Para os Mundos acima, onde posso renascer.

No poente da despedida dos nossos amigos,
Quando os espíritos se vão para o além,
Só por este precioso segredo,
Minha alma aqui permaneceria, sem além.

Com vozes doces, ouço em meu coração:
"Ele preparará teu lar com dedicação."
Desapareça o sonho fugaz da vida,
E que minha alma n'Ele se confie, querida.

Pois sei que nenhuma mão pode romper,
Se esse segredo em mim se mantiver.
Guarda o meu coração, e então serei,

"Tua, por toda a Eternidade", sempre serei.

CETICISMO

Praticamente todas as pessoas — eu diria todas as pessoas — que assistem a uma sessão pela primeira vez são céticas. Isso não é nada surpreendente e não é uma atitude que deva ser censurada. Deus criou-nos com mentes próprias e quis que as usássemos sempre que fosse necessário. Acreditar em tudo o que alguém nos diz, sem investigar o assunto, não é usar a nossa mente da forma como deveria ser usada. Também não as estamos a empregar corretamente quando formamos opiniões firmes e fazemos julgamentos sobre coisas das quais não sabemos nada.

Já mostrei várias vezes que uma atitude questionadora, com uma mente aberta para receber o que possa ser apresentado, permitirá que os nossos entes queridos no Espírito venham até nós e provem a sua identidade. Fé prévia não é necessária; perguntas feitas com amor são suficientes. O que desejo ilustrar neste capítulo é o ceticismo que nenhuma prova conseguirá remover, a atitude irrazoável que nega tudo.

Algumas pessoas parecem compreender e aceitar o Espiritualismo assim que descobrem o que é. É uma parte delas mesmas. Outras aceitam-no após um período de investigação cuidadosa e incerteza mental, depois de terem recebido provas irrefutáveis. Outras ainda não o aceitarão sob nenhuma circunstância. Podem sentir curiosidade e interesse, mas nada é prova para elas. Tornei-me muito consciente de que uma pessoa deve nascer num plano de desenvolvimento espiritual suficientemente elevado para compreender e apreciar as belezas e o consolo da religião. Outros desenvolvem esse entendimento através do seu contato com ela. O resto encontra-se num plano demasiado material para compreender o seu significado. São as últimas duas dessas classes que desejo ilustrar aqui.

Pouco tempo depois de começar a dar sessões públicas, apareceu uma mulher numa noite que, entre várias outras, era uma estranha para mim. Não compreendendo muito bem o meu dom na altura e como era importante para aqueles que precisavam de mensagens dos seus entes queridos, não prestei atenção particular às pessoas que assistiam às minhas sessões, embora tenha notado que essa mulher voltou na semana seguinte.

Logo após o início da sessão, uma voz lhe disse: "Sou o teu irmão", e deu o nome completo. "Meu Deus, estás morto?" perguntou ela, estupefata.

Esta é toda a conversa que entendi, pois logo começaram a falar dinamarquês, a língua materna da mulher. Após a sessão, ela explicou-me que o seu irmão, depois de uma discussão com ela alguns anos antes, partira para São Francisco e não tinha dado mais notícias até aquela noite. Ele disse-lhe que tinha falecido dois dias antes e tinha deixado instruções para que o seu corpo fosse enviado para ela. Disse-lhe que já estava no comboio e chegaria na sexta-feira seguinte à estação. Disse-lhe ainda que tinha deixado um seguro em seu nome e que desejava que ela usasse um pouco para um funeral muito simples, e o resto do dinheiro para comprar uma casa.

Não é necessário dizer que a mulher ficou completamente atónita. Quando voltou a casa, contou ao marido o que acontecera.

Ele simplesmente riu-se dela e disse que ela estava louca.

Tudo, no entanto, aconteceu exatamente como o irmão dela tinha-o dito corpo chegou no momento e local previstos, o seguro foi pago, e ela perguntou ao marido se ele acreditava nos seus amigos no Espírito.

Ele respondeu que não acreditava.

Finalmente, ela levou-o a várias sessões, mas ele não se convenceu. No final da quarta sessão a que assistiu, eu perguntei: "Há algo que eu possa fazer para te convencer da verdade da comunicação com os teus amigos no Espírito?"

(Isto mostra o quão jovem e ignorante eu era naquela época. É impossível convencer alguém de algo que ele não deseja entender e não tem desenvolvimento suficiente para compreender.)

O homem respondeu: "Sim"; se eu realizasse uma sessão na sua casa e usasse uma trombeta que ele forneceria.

Concordei em fazer isso.

Quando cheguei, encontrei uma enorme trombeta, que ele evidentemente fizera sozinho, tão pesada que duvidei que os meus amigos no Espírito a pudessem usar. Ele pediu-me para ir para um quarto com a sua esposa e filha, tirar a roupa e vestir algumas das roupas da esposa. Fiz isso, e quando saí, parecia uma visão. Eu era uma jovem magra e a esposa dele uma mulher de cerca de duzentos quilos. No entanto, estava disposta a fazer qualquer coisa para ajudar as pessoas a entender os meus amados amigos no Espírito. Ele pediu-me para me sentar ao seu lado, o que fiz, para que soubesse se eu me movesse. A sessão começou e a primeira coisa que aconteceu foi a trombeta cair-lhe em cima da cabeça com um estrondo. Fiquei agradavelmente surpresa ao ver que os meus Guias conseguiam usar a coisa. Ele também se surpreendeu, mas não de forma agradável. Então, uma voz disse: "Charlie, sou a tua mãe e estou feliz por falar contigo."

A resposta dele foi algo assim: "Se és a minha mãe, podes dizer-me o meu nome completo, onde nasci e quantos anos tenho?"

(Que bela forma de receber a mãe, que veio com amor para cumprimentar o filho.)

A mãe dele disse: "Está bem, vou dizer-te o que pedes, mas não vais gostar."

Ela disse-lhe os seus nomes, dos quais ele tinha quatro, indicou o local do seu nascimento e deu-lhe a sua idade correta. Esta última foi a parte que ela previu que ele não ia gostar. Durante os vinte e cinco anos de casamento, ele tinha dito à esposa que era cinco anos mais novo do que realmente era. Ele tinha esquecido isso, e a mãe dele deu-lhe a sua verdadeira idade. Primeiro ele negou que ela estava certa, depois admitiu que ela estava.

A mãe dele então pediu à esposa dele para enviar à cidade na Dinamarca que ela tinha indicado como o local de nascimento dele e pedir uma cópia da certidão de nascimento. (Isto foi feito, e quando a certidão chegou, provou que a mãe dele estava correta.)

Depois da sessão, perguntei-lhe se agora acreditava. Ele disse: "Não sei."

Ele nunca mais assistiu a outra das minhas sessões; posso assegurar-te disso.

Alguns anos depois, ele ficou muito doente e, após dois anos de invalidez, faleceu. Entretanto, a esposa dele vinha regularmente uma vez por semana à aula de cura de sexta-feira para receber ajuda para ele. Ele realmente admitiu que recebia essa ajuda, dizendo que sentia algo à sua volta que parecia afastar a dor, mas não sabia o que era. Tornou-se um hábito perguntar à esposa como ele estava, e fiz isso uma sexta-feira, como de costume, com a resposta habitual de que ele estava a melhorar. Quando a sessão começou, a primeira voz a surgir disse: "Bem, Emma, encontrei o lugar e não precisei do cartão."

No início não compreendemos; depois percebemos que era o marido da mulher. Ele tinha falecido na segunda-feira anterior e o funeral aconteceu na quinta-feira. O último pedido dele à esposa tinha sido que ela colocasse o meu cartão debaixo da almofada no seu caixão sem contar a ninguém que o fizera. Ele disse-lhe que queria ter a certeza de que o seu espírito saberia o endereço para poder vir falar com ela nas minhas sessões. Como um teste adicional para si mesma, a esposa dele nem sequer nos contou sobre o falecimento dele, muito menos sobre o cartão, desejando ver se o marido viria e lhe falaria sobre isso.

É muito evidente que este homem era um cético totalmente irracional, mas a esposa dele, depois de vir às minhas sessões regularmente durante dez anos e de receber teste após teste, sentiu que precisava de mais um. Não seria ela uma cética maior?

Casos como este quase me convenceram de que os testes não têm grande valor quando as pessoas realmente não estão preparadas para receber a verdade. Não importa o que os seus amigos no Espírito lhes deem, elas não compreendem. Podem achar que compreendem, mas perdem o ponto essencial. Se uma pessoa está pronta, um único teste frequentemente convence-a e ela vê a Verdade e as avenidas que esta abre diante dela para uma vida melhor, mais útil e mais feliz.

Uma vez, um cavalheiro veio a uma sessão minha que não aceitou nada. Ele voltou novamente com o mesmo resultado. Após quatro ou cinco visitas, eu disse-lhe que era inútil tentar ajudá-lo.

"Eu não vejo o porquê. Eu desejo acreditar e já ouvi tanto sobre você, Sra. Cook, que estou certo de que pode me colocar em contato com meus amigos no Espírito."
"No seu estado atual de espírito, não posso fazer nada por você. Você está tão fechada e inflexível quando entra na sala de sessões que cada pensamento espiritual enviado em sua direção volta imediatamente como uma bola de borracha batendo contra um muro de pedra. Você deve trazer mais para a sala de sessões do que o simples desejo de acreditar. Deve trazer uma mente aberta para receber as bênçãos que seus amigos possam ter para você, não uma determinação de que tal e tal prova deve ser dada. Se você realmente está disposta a fazer um esforço para fazer o que eu disse, poderá vir novamente na próxima semana e tentaremos mais uma vez."

Tentando ao máximo trazer as condições corretas, ele voltou na semana seguinte e a sessão começou.

"Cliff," o som do seu nome falado em um sussurro muito baixo o assustou. "Cliff, sou a tia Tine."

"Ela não está morta," respondeu ele.

"Não, eu não estou morta, querido, mas passei para o outro lado ontem. Chame a Nettle [sua esposa] e pergunte a ela."

Ela foi embora, mas Snowdrop explicou: "Essa tia morava no Leste e passou para o outro lado ontem. Vamos parar a sessão agora e quero que você vá até o telefone e ligue para sua esposa. Você acabou de dizer, garoto, que vai descobrir que ela recebeu um telegrama dizendo a ela o que nós dissemos a você."

Ele ligou para a esposa e descobriu que ela acabara de receber a mensagem, como Snowdrop tinha dito.

Em uma sessão posterior, Snowdrop disse: "Cliff, você não deve brigar tanto com sua esposa. Deve ser mais paciente com ela. Seja tão bom quanto puder com ela, pois ela não ficará muito tempo mais neste mundo."

Dentro de dois anos, o câncer causou a morte de sua esposa. Então, ele entendeu por que ela estava tão irritada às vezes e parecia irrazoável.

Este homem havia ido a médiuns durante anos e nunca recebeu melhores resultados do que obteve nas primeiras sessões comigo. O fato de ele ser tão persistente, no entanto, indicava que provavelmente ele queria acreditar na Verdade, mas simplesmente não sabia como criar as condições que permitissem que seus amigos e Guias provassem a sua existência para ele. Com sua atitude inflexível, era impossível para eles se comunicarem com ele de forma convincente.

Depois que eu lhe expliquei a situação, ele começou a olhar para ela de um ponto de vista diferente, e isso foi tudo o que seus amigos espirituais precisavam para permitir que eles trouxessem as provas para ele. Eles sempre estão ansiosos para fazer isso e falham apenas quando o mortal constrói um muro mental tão impenetrável ao redor de si mesmo que eles não conseguem penetrá-lo.

Às vezes, o amigo espiritual acha mais fácil dar a prova para mim na forma de uma imagem mental, se eu posso chamá-la assim, para ser descrita ao seu ente querido. Isso normalmente acontece quando a partida ocorreu de uma maneira peculiar, e uma imagem disso é suficiente para estabelecer sua identidade.

Isso aconteceu com uma mulher que nunca tinha tido experiência com um médium. Ela apareceu sem aviso prévio, mas, como era refinada e sincera, eu a levei para a sala de sessões. Possivelmente porque ela era uma seguidora rigorosa da igreja metodista, seu estado de espírito era tal que, por talvez dez minutos, nada aconteceu. Então, uma imagem começou a se formar diante de mim, uma cena horrível. Eu lhe disse que estava ficando nervosa, pois via diante de mim uma casa de madeira de dois andares, que desapareceu, e o sótão da mesma casa apareceu. Eu vi um homem ajoelhado no chão com uma corda ao redor do pescoço.

"Maravilhoso!" exclamou a mulher. "Meu marido cometeu suicídio no nosso sótão, e quando o encontrei, ele estava de joelhos, como você descreve."

O marido dela então apareceu e falou com ela, sua identidade sendo assim estabelecida sem ele dizer uma palavra. "É uma pena que tenhamos que trazer cenas de agonia e sofrimento para convencer você. Os mortais são tão ignorantes da verdade espiritual que temos que mostrar-lhe tais coisas. Deus nunca me puniu por cometer suicídio. Eu tinha câncer, e a agonia era tão terrível que não pude suportá-la."

Mais tarde, a sobrinha dela apareceu. "Eu estou aqui também, sua pequena Toota."

Ela reconheceu esse apelido, mas pediu a Toota para mostrar como foi a sua partida. Eu vi a sobrinha em pé diante da mulher com um revólver na mão e lhe disse o que vi.
"Sim, ela se matou há três semanas."

Essa mulher recebeu muitos outros testes durante os próximos dois anos nas suas sessões comigo. No entanto, quando um certo homem bem conhecido—o agente que tentaria lançar algum descredito sobre o Espiritualismo, de qualquer maneira, pois ele estava trazendo liberdade através da verdade e do esclarecimento rapidamente para aqueles cuja ignorância era a base e o poder de uma grande organização—começou suas maquinações,

essa mulher veio até mim e me perguntou por que eu não me levantava e combatia com ele. "Certamente, se isso é a verdade e nossos amigos no Espírito realmente se comunicam connosco, você não deve temer dizer-lhe que ele está errado e provar isso para ele."

Essa foi sua linha de raciocínio, e, reconhecendo o tipo de mente, contentei-me em dizer-lhe que ela logo saberia, por si mesma, se seus amigos se comunicavam com ela ou não, e também por que eu não combatia com o homem. "Se depois de todos os testes que você recebeu, ainda assim tiver dúvida em sua mente, nada que eu possa fazer removerá isso," eu lhe disse.

Ela passou para o Outro Lado seis meses depois, então veio até mim uma noite enquanto eu estava na cama e disse que agora entendia e sentia muito por mim quando as pessoas duvidavam!

Naquele momento, eu sabia que teria sido inútil tentar explicar a ela que nada pode ser provado a uma pessoa que não deseja acreditar. Ela não teria entendido. Este homem sabia que as crenças do Espiritualismo eram verdadeiras; ele sabia que os espíritos poderiam e se comunicavam com os que estavam na Terra. Ele tinha considerável habilidade mediúnica e uma grande parte de seu sucesso nos negócios vinha desse fato. Eu sabia disso e também sabia que quando tal homem escolhia dar preferência ao dinheiro e à notoriedade em vez de sua consciência e do que sabia ser verdade, ninguém poderia "convencê-lo" de nada. Ele tinha todos os fatos e tomava suas próprias decisões. O homem que escolhe afirmar que a Terra é plana e ignorar todos os fatos estabelecidos em contrário não aceitará mais nenhum fato e será "convencido" de que é esférica.

O ceticismo frequentemente se deve à ignorância dos fatos e, quando é esse o caso, não pode e não deve ser descreditado. Após receber testes ou provas indiscutíveis, é devido a deficiência mental ou espiritual ou uma descrença intencional, geralmente com dinheiro no fundo disso. Os quatro casos mencionados aqui ilustram cada uma dessas razões.

Outro caso de descrença intencional, provavelmente devido, penso eu, ao desejo de não ser sobrecarregada com ensinamentos morais ou restrições que ela temia, erroneamente, que seus amigos no Espírito pudessem impor-lhe, foi o de uma mulher de meia-idade que vivia em Chicago muitos anos atrás. Sua mãe, uma mulher muito mundana, era bastante rica, mas durante muitos anos fez muito trabalho de costura para ocupar seu tempo. Ela fazia lindos trabalhos de bordado e despendeu todo o seu talento em um travesseiro que pediu à filha que colocasse em seu caixão sem falta quando "morresse."

Finalmente, ela partiu. Todo o seu dinheiro foi deixado para a filha, e esta obedeceu ao seu pedido, colocando o travesseiro no caixão.

Logo após o funeral, a empregada da família ficou assustada e foi embora. Uma sucessão de empregadas se seguiu, todas indo embora por medo. Finalmente, uma garota irlandesa apareceu, que professava não ter medo de nada. Após alguns dias, ela foi até a mulher e disse: "Esta casa está assombrada. Alguém que morreu recentemente está preocupada com algo. Ela veio até mim na noite passada e eu a vi claramente, mas não sei qual é o problema." "Como ela era?" perguntou a patroa.

A empregada descreveu a mãe da mulher e disse que teriam que arranjar um médium para descobrir qual era o problema. Nenhuma das duas era espírita, mas a empregada sabia o

suficiente para saber que um médium era necessário. "Se eu vou à igreja, espero que o padre esteja lá para conduzir o serviço. Se quero falar com os Espíritos, procuro um médium," foi a maneira como ela expressou isso.

Ouviram falar de mim e vieram contar-me a sua dificuldade. Percebi que era a mãe da mulher que queria dizer-lhe algo e concordei em ir à sua casa realizar uma sessão espírita. Estavam presentes a mulher, o marido e a criada. A mãe apareceu logo. "Porque não estás feliz?" perguntou a filha. "Foste uma boa mulher."

"Sim," disse a mãe, "mas percebi que não preciso de dinheiro no Mundo Espiritual. Quero que o meu caixão seja retirado e aberto. Tirem o travesseiro que fiz e rasguem-no." Não fizeram isso, e a criada continuava a ver a mãe. Vieram para outra sessão espírita, e a mãe pediu à filha que abrisse o caixão e rasgasse o travesseiro.

Finalmente, decidiram fazê-lo e encontraram milhares de dólares em notas de papel novas dentro dele. A mãe percebeu, depois de alcançar o Outro Lado, que não precisava daquele dinheiro e desejava que fosse colocado onde pudesse fazer bem. "Dêem-no à caridade," foi a sua ordem.

A filha fez como foi instruída, mas disse que não queria ter mais nada a ver com o Espiritualismo. Disse que achava que a mãe deveria continuar a evoluir espiritualmente e afastar-se dela.

Poderia detalhar muitos outros casos de ceticismo, mas não acho que seja necessário para evidenciar que uma pessoa deve ter atingido um certo nível de desenvolvimento espiritual antes de poder compreender e apreciar a verdade e os benefícios da comunicação espiritual. Até que este estágio seja alcançado, nada o convencerá. Não farei qualquer explicação sobre a atitude nem comentarei sobre aqueles que atingiram este estágio, receberam os factos apresentados e depois escolhem dizer: "Não me interessa acreditar."

PROTEÇÃO DA SALA DE SESSÕES

A realização de grandes sessões públicas acarreta um pesado fardo para a médium e os seus Guias de várias formas. Já expliquei como um médium é sensível às vibrações emitidas pelas pessoas ao seu redor. Considerem o que isto significa numa sala de sessão cheia, onde todos estão sob tensão nervosa, uns ligeiramente, outros, os recém-chegados, terrivelmente! O número de pessoas que recebem mensagens numa única sessão multiplica o desgaste físico do médium muito mais do que as sessões privadas, pois não há descanso até o fim da longa sessão.

Os Guias não só devem organizar todas as condições necessárias para estabelecer a comunicação, como têm a carga adicional de regular a conduta dos visitantes quando se torna necessário, e garantir que não haja pessoas ou condições presentes que possam perturbar a harmonia ou pôr em perigo o médium. Neste capítulo, quero discutir a última destas tarefas, que provavelmente é a mais árdua, pelo menos para os Guias, devido à grossa ignorância das leis espirituais de seres humanos inteligentes de outro modo.
Uma grande sessão teve início, mas os resultados foram muito fracos. Os amigos espirituais que normalmente entravam com força e alegria mal conseguiam manter uma conversa por

um minuto. Soube que algo estava decisivamente errado, mas não conseguia perceber o quê. Finalmente, depois de uma longa pausa, durante a qual não se ouviu nenhuma voz, Snowdrop colocou-se diante de um estranho e disse: "Senhor, porque é que trouxe essa coisa que tem no bolso de trás?"

"Não tenho nada lá," mentiu ele.

"Oh, sim, tem," corrigiu-o Snowdrop. "É uma garrafa de whisky, e nenhum homem pode entrar neste lugar sagrado, à procura dos seus entes queridos que partiram, com algo como uma garrafa de whisky. Vamos desculpá-lo e esperamos, para o seu bem, que deite a garrafa fora assim que sair."

A sessão recomeçou depois que ele saiu, e prosseguiu com a sua habitual alegria e harmonia, uma vez que a vibração discordante tinha sido eliminada.

Noutra ocasião, a luz tinha sido apagada, mas a sessão ainda não tinha começado, quando Snowdrop se colocou à frente de um homem e perguntou: "O que é isso que tem no bolso de trás?"

"É o meu lenço, acho," respondeu ele.

"Oh, não, não é o seu lenço, mas uma lanterna. Veio aqui com a intenção de iluminá-la, não foi? Não percebe, na sua ignorância, que a luz projetada sobre ela nesse momento a deixaria inconsciente por horas, se felizmente não a matasse. Agora, não vamos continuar com a sessão até que tenha saído da nossa casa. Por favor, saia imediatamente e leve consigo os outros dois senhores, os seus amigos, que entraram separadamente, fingindo não estar consigo."

Liguei a luz e três homens, todos sentados em partes diferentes da sala, levantaram-se e, com a cabeça baixa, saíram pela porta.

"Sinceramente," disse o homem da lanterna enquanto passava por mim, "não quis fazer mal. Levo-a para iluminar a minha garagem à noite."

"Os três senhores a levantarem-se ao mesmo tempo é evidência suficiente do plano que o meu Guia expôs. Por favor, não regressem."

Este tipo de iluminação sobre um médium é a coisa mais perigosa que ela deve enfrentar no seu trabalho. É o primeiro e mais importante pensamento na mente de qualquer crítico e "investigador" do Espiritualismo. De certa forma, é uma excelente prova do desenvolvimento mental do indivíduo, pois ele demonstra, com este pensamento, que não confia em nenhum dos seus sentidos, exceto no seu sentido físico da visão. Ele admite tacitamente que a sua mente e processos mentais não estão ao mesmo nível dos do médium. Reconhece que, se algum tipo de trapaça estivesse envolvido nos fenómenos que encontra, não seria capaz de a detetar a não ser através do seu sentido da visão.

Assim, exemplifica as descobertas dos educadores, ou seja, que uma lição pode alcançar o cérebro de uma criança através dos canais da visão, quando não pode ser transmitida por qualquer outro canal. O seu desenvolvimento mental corresponde ao da criança atrasada, que tem de ver tudo antes de conseguir compreendê-lo. O homem inteligente que exerce a

sua mente com muitos mais do que o proverbial único processo diário de pensamento tem confiança suficiente em si próprio para ir a uma sessão, sentar-se no escuro e permitir que os seus amigos espirituais o convençam apelando à sua razão. Praticamente todos os casos mencionados neste livro contêm pelo menos um teste que apelaria à razão de qualquer pessoa capaz de usar a sua mente num processo lógico de pensamento, e mostram que tais testes são dados sem fim.

Lançar uma luz forte sobre um médium durante uma sessão é obra de um imbecil, pela razão acima exposta; de um cobarde, porque não é dada ao médium a oportunidade de se defender de lesões; e de um tolo egoísta, porque nenhum bem poderia ser obtido com o ato. Depois de o dano ser feito, o tolo dirá: "Não sabia que a luz poderia magoá-la." Depois de ver todas as precauções tomadas para impedir a entrada de luz na sala da sessão, deveria ter o bom senso de não produzir luz nenhuma até descobrir se faria mal ou não, mas, claro, um indivíduo com este calibre mental é incapaz de raciocinar até essa conclusão.

Será que um homem assim entraria na sala de desenvolvimento de uma das grandes companhias de cinema e acenderia uma luz branca enquanto o negativo original de uma superprodução estava a ser manuseado? E se o fizesse, o que lhe aconteceria? No entanto, a perda seria apenas de uma imagem, representando, é verdade, uma grande quantidade de dinheiro, tempo e inteligência, mas não, como no caso de um médium, com grande dor para um ser humano, ou no máximo, a morte de um ser humano. Será que um tolo como este entraria num laboratório de investigação da General Electric Company e ligaria interruptores aleatoriamente? O que aconteceria se o fizesse na secção onde se trabalha com alta voltagem?

Porque razão não faria uma pessoa estas duas coisas? Será porque ela sabe melhor e pode causar dano? Não. É porque ela sabe que seria severamente punida de alguma forma. Muitas pessoas adorariam estragar um negativo apenas pela excitação, se soubessem que não seriam punidas. Muitas pessoas atirariam uma chave numa central elétrica, sabendo que arruinaria um gerador caro, se pudessem fazê-lo sem punição. É por isso que digo que tal homem é um cobarde ao lançar luz sobre um médium. Ele não conhece nenhuma punição pelo seu ato. Ele está a interferir com uma lei natural, no entanto, e descobrirá que há uma penalização, e uma penalização muito severa, quando alcançar o Outro Lado, como geralmente acontecerá num curto espaço de tempo.

Para proteger a sala de sessões e o direito de um médium a realizar sessões, foi necessário várias vezes que eu fosse preso pelas mãos da polícia, tanto em Chicago como em Nova Iorque.

Numa ocasião em Chicago, duas mulheres estranhas apareceram à minha porta e pediram uma sessão. Os meus Guias disseram-me imediatamente que eram polícias disfarçadas, mas que lhes desse a sessão. Fi-lo e ambas receberam mensagens que disseram ser verdadeiras. Elas saíram e pouco depois fui notificado de um mandado de prisão acusando-me de "prática de Espiritualismo."

Compareci em tribunal. Em resposta a perguntas tanto do meu advogado como do juiz, as duas mulheres testemunharam que as mensagens que receberam eram verdadeiras. Uma das mulheres então voluntariou a informação de que tinha observado uma pequena porta na parede da sala de sessões e estava certa de que era através desta que os meus cúmplices entravam para enganar as minhas vítimas. As perguntas do juiz revelaram que esta pequena

porta, com cerca de 10 por 12 centímetros, tinha sido colocada sobre o interruptor de luz e podia ser trancada para que ninguém pudesse acender as luzes da sala de sessões durante o decorrer da sessão.

O juiz disse que não pensava que muitos cúmplices conseguissem passar por essa porta, e como as mensagens dadas às mulheres eram todas verdadeiras, não via onde eu teria violado alguma lei. E, por fim, informou todos que o Espiritualismo, sendo uma religião, não poderia ser interferido e era protegido pela Constituição dos Estados Unidos.
O caso foi arquivado.

Quando fui preso em Nova Iorque, as autoridades tentaram provar que eu era uma adivinha, mas não conseguiram. A minha posição como médium foi sustentada.

Realmente, meus amigos, depois de quase trinta anos de trabalho público, a aparente falta de esperança em incutir amor e gratidão nos corações humanos depois de trazer as mais maravilhosas bênçãos do Mundo Espiritual, a perseguição e a luta travada pelo bem de levar essas bênçãos onde acho que são necessárias, e o colapso da minha saúde física devido ao trabalho árduo e ao encontro de condições tão contrárias às vibrações que o Mundo Espiritual transmite a um médium, estou quase pronto para dizer que o trabalho não vale o sofrimento.

As pessoas apressam-se a procurar um médium assim que estão em apuros, mas assim que saem dessa situação, o médium é esquecido. Quando fui preso, muitos dos meus amigos apareceram em tribunal para me apoiar, se pudessem, mas eram uma mera fração comparados com aqueles que foram ajudados pelo Stead Center. Depois de ser absolvido, muitos dos outros vieram para me felicitar e desculpar-se dizendo que não puderam ir no dia do julgamento ou estavam doentes, ou com outras desculpas. Não me apoiaram quando estava em apuros, mas esperam o máximo de ajuda de mim quando estão em apuros.
Nada me dá mais prazer do que dar sessões aos meus poucos amigos leais, trazendo-lhes bênçãos que vejo que desfrutam e, pelo seu trabalho, merecem mais, mas "atirar pérolas aos porcos" parece realmente inútil, como o nosso querido Jesus descobriu há tantos centenas de anos.

ALGUM DIA

Algum dia, quando as lições da vida forem aprendidas,
E o sol e as estrelas para sempre se puserem,
As coisas que o nosso fraco julgamento tem rejeitado,
As que lamentamos com lágrimas a correr,
Brilharão diante de nós, da noite escura da vida,
Como as estrelas brilham mais no azul profundo,
E veremos como os planos de Deus eram certos,
E como o que parecia repreensão era amor mais profundo.

E veremos como, enquanto franzimos a testa e suspiramos,
Os planos de Deus seguem da melhor forma para ti e para mim;
Como, quando clamamos, Ele não atendeu o nosso clamor,
Porque Sua sabedoria vê até o fim, com precisão.
E assim como pais prudentes não permitem
Demais do doce para a criança ansiosa,

Talvez Deus, agora, nos preserve
Das coisas mais doces da vida, pois assim parece ser bom.

E se, às vezes, misturados com o vinho da vida,
Encontrarmos o absinto e nos rebelarmos, a recuar,
Tenhamos certeza de que uma mão mais sábia do que a tua ou a minha
Serve essa poção para os nossos lábios beberem.
E se alguém que amamos jaz em baixo,
Onde os beijos humanos não tocam o rosto,
Não culpes assim o amoroso Pai,
Mas carrega tua dor com graça obediente.

E logo saberás que o fôlego prolongado
Não é o presente mais doce que Deus dá aos Seus amigos,
E que, algum dia, o manto negro da morte
Esconde o mais belo presente que Seu amor pode enviar.
Se pudéssemos abrir ligeiramente as portas da vida
E estar dentro, conhecendo as obras de Deus,
Poderíamos interpretar toda essa dúvida e luta
E para cada mistério encontrar uma chave.

Mas não hoje. Então, fica contente, pobre coração;
Os planos de Deus, como os da vida, puros e brancos, desabrocham.
Não devemos rasgar as folhas fechadas,
O tempo revelará os cálices de ouro.
E se, através do trabalho paciente, alcançarmos a terra
Onde os pés cansados, com sandálias soltas, possam descansar;
Quando claramente soubermos e entenderemos,
Acho que diremos: "Deus soube o melhor."

VOZES EM PLENA LUZ DO DIA

As pessoas, e são muitas, que acreditam que a comunicação entre aqueles que passaram pela mudança chamada morte e nós que permanecemos na Terra é possível, mas é instigada pelo diabo, citam como principal argumento o fato de a comunicação ocorrer no escuro. O mundo, desde tempos imemoriais, foi ensinado que a escuridão é o reino do maligno e a luz, o reino de Deus. Portanto, não é surpreendente que essa visão da comunicação seja defendida por alguns. Provas irrefutáveis foram apresentadas a eles sobre a realidade das mensagens dos seus amigos espirituais, e eles não podem ser convencidos do contrário. Como é do interesse de certas organizações impedi-los de beneficiar dessas mensagens, torna-se necessário incutir medo em seus corações, e isso é feito ensinando-lhes que é obra do diabo.

Mesmo que fosse verdade que as manifestações daqueles que estão no Mundo Espiritual sempre ocorressem na ausência de luz, acredito que já dei uma explicação razoável para isso. No entanto, não é verdade que a escuridão seja absolutamente necessária, e, consequentemente, podemos remover até mesmo esse apoio da casa de cartas que os mestres egoístas chamam de "prova".

Não há escuridão para os que estão do Outro Lado—luz é eterna. A escuridão só existe para nós, do plano terrestre, que não somos sensíveis o suficiente para perceber a luz que está presente. É claro que é verdade que o tipo de luz é diferente e não é perceptível à nossa visão física, mas ela está lá para quem pode vê-la. Já dei exemplos do efeito da luz do dia sobre vários fenômenos físicos e químicos e sobre como ela interfere numa sessão. Há outro efeito que ela tem, e esse é sobre o indivíduo: ela o torna tenso e resistente a tudo além da sua visão. O seu sentido de visão está funcionando fortemente e trazendo imagens vívidas para o seu cérebro. Pouca chance resta para a infiltração de outras impressões.

Assim, torna-se bastante evidente que é necessário um médium altamente desenvolvido e sensível para que a comunicação possa ocorrer à luz.

Deixe-me fazer uma pausa neste ponto para dizer que, quando faço declarações deste tipo em qualquer parte deste livro, não quero que meus leitores me interpretem mal e pensem que sou dada ao autoelogio. Estou fazendo o meu melhor para afirmar fatos e nada mais, e não atribuo absolutamente nenhum mérito a mim mesma pelo meu desenvolvimento mediúnico. Este é um dom de Deus e dos meus Guias, e se eu fui capaz de aumentar a minha sensibilidade e poder pelos meus esforços para viver uma vida digna do meu dom, fico feliz por poder trazer um pouco mais de ajuda ao mundo.

Para retomar: um médium sempre fornece de longe a maior parte da energia necessária para formar as Forças numa sessão. Aqueles que estão sentados devem fornecer uma parte, mas quando a demonstração ocorre à luz, e a energia dos presentes é reduzida quase a nada, o médium tem que carregar praticamente todo o fardo. Se ela não for muito sensível e forte, nenhuma manifestação ocorre.

Se eu tivesse conseguido as vozes na luz apenas uma vez na minha vida, ainda poderia me orgulhar dessa conquista. No entanto, consegui-as, centenas de vezes, na luz, e frequentemente por longos períodos.

O método utilizado pode ser descrito brevemente da seguinte forma: Não se faz nenhuma tentativa de escurecer a sala ou de impedir a entrada da luz do dia ou luz artificial. O participante segura a pequena extremidade do trompete voltada para si, geralmente em sua mão aberta. Ela repousa suavemente, com a grande extremidade voltada para mim, mas a grande extremidade não está perto da minha boca, nem a um pé da minha cabeça. Geralmente, seguro a grande extremidade do trompete na minha mão aberta, com a minha cabeça voltada para longe do trompete, como todos os presentes podem ver claramente.

As comunicações geralmente ocorrem em sussurros altos, mas muitas vezes o canto surge com uma voz clara. Mesmo os sussurros podem ser ouvidos a uma certa distância. O canto poderia ser ouvido a um quarteirão de distância de uma cidade ou mais, se não houvesse perturbação próxima. Às vezes, as vozes são naturais e claras. Elas são o que chamamos de vozes independentes. Isso, no entanto, exige um participante experiente e absolutamente sincero e a perfeita harmonia dos outros presentes. As comunicações são tão claras quanto em uma sala de sessão. Elas são tão completas. A identificação é tão satisfatória. Durante uma dessas sessões de luz brilhante, às vezes até trinta, quarenta ou até cinquenta vozes podem se manifestar, cada uma diferente. Talvez quatro ou cinco cantem.

Repito que essas comunicações muitas vezes ocorrem em luz intensa, contrariando as teorias dos opositores da nossa grande Verdade, alguns dos quais criticam o nosso trabalho como truques e fraudes, e outros ainda como manifestação de forças satânicas.

No entanto, há pouco que possa silenciar os críticos. Posso ouvir muitos, neste momento, dizendo: "Sim, ela segura a grande extremidade do trompete perto dela. A pequena extremidade está perto do participante. É muito simples, de fato, para um ventríloquo lançar sua voz, especialmente como um sussurro que não é fácil de identificar, na direção desse participante, fazendo-o acreditar que vem através do trompete."

Eu esperava isso, e por isso apresentarei uma ilustração adicional que tornará tal explicação muito difícil de ser aceita.

No Stead Center, em Chicago, que ficava na Grant Place, tínhamos uma grande sala de estar, que era usada como sala de encontros, cujas dimensões eram cerca de trinta e dois pés por dezoito pés. Esta sala dava para a rua e tinha várias janelas, suficientes para inundá-la de luz. Tinha janelas no lado norte ou voltadas para a rua, e no lado leste, com vista para a entrada do Centro. Havia uma grande porta perto da extremidade oeste da sala, que dava para a biblioteca. Uma porta maior perto da extremidade leste dessa sala abria para o hall de receção, de onde as escadas levavam para a sala de sessões e outros quartos no segundo andar. Havia uma lareira na extremidade oeste da sala, sendo a parede oeste a parede externa.

Fizemos testes aqui para a nossa própria satisfação que provavelmente desconcertariam nossos críticos. Uso a palavra "testes", no entanto, de maneira diferente do usual. Estes não eram testes ou experimentos no sentido de tentar detetar fraude. Acredito que as condições presentes responderam completamente a qualquer acusação de fraude que pudesse ser levantada. O seu propósito era determinar até que ponto poderíamos abrir a porta e permitir que nossos entes queridos se comunicassem connosco. Nós nos testamos, não minha mediunidade como uma questão entre fraude e honestidade, ou o Mundo Espiritual como uma fonte de inteligência genuína.

Um participante colocou sua cadeira aproximadamente no centro norte dessa sala, com as luzes da casa apagadas, mas com as luzes elétricas da rua inundando a sala. Estava tão iluminado que era fácil distinguir a identidade de cada pessoa na sala; a impressão de jornal podia ser lida com facilidade. Em companhia de quatro ou cinco outros, fiquei perto da parede leste, e o participante segurou seu trompete, com a pequena extremidade voltada para sua orelha, e a grande extremidade apontando cerca de noroeste, ou afastada de mim.

Não só as vozes vieram claramente, como estavam tão altas que nós, que estávamos a uns dezoito pés de distância, podíamos ouvir cada palavra.

Não satisfeitos com essa manifestação notável, fizemos o participante mover-se para a extremidade oeste da sala e sentar-se desta vez, para maior amplificação do som, com a grande extremidade do trompete perto de sua orelha e com a pequena extremidade colocada quase diretamente contra a parede sólida do oeste. A distância entre mim e os outros comigo era de pelo menos trinta pés.

Novamente, as vozes vieram com tanta clareza e volume que nós, na extremidade leste dessa grande sala, podíamos ouvir cada palavra. O canto substituiu as vozes em alguns momentos—canto que poderia ter sido claramente ouvido por qualquer transeunte na rua.

Agora, se eu consigo "lançar minha voz" a essa distância, sem o auxílio de quaisquer instrumentos, fiação ou telefones, então sou vários cem por cento melhor do que qualquer ventríloquo no palco e poderia ganhar muito mais dinheiro para mim mesma do que jamais me foi doado como médium, e com mais facilidade e sem críticas.

Nem todos os médiuns conseguem as mesmas manifestações. Um médium não pode obter os mesmos resultados com todos os participantes. No que diz respeito aos entes queridos do Outro Lado, eles estão sempre prontos para se comunicar. Se existem barreiras, elas são feitas pela Terra ou pelo homem. Se há condições climáticas que impedem uma comunicação clara, é porque essas condições afetam os mortais. Elas não afetam, nem podem afetar, a outra vida. O inferior nunca pode comandar o superior, e aqueles que passaram pela mudança não podem ou não querem vir até nós e manifestar sua presença e inteligência se não permitirmos ou se nos fecharmos a tal gloriosa evidência de imortalidade por nossa ignorância.

Pode-se dizer sobre esses fenômenos: "Isso seria notável se fosse verdade. Como sabemos que é verdade?"

Existem pessoas neste mundo que não aceitariam uma afirmação sem provas sob qualquer condição. São muitas as que não aceitariam sequer os relatos juramentados de dezenas de pessoas. No entanto, apresento isto como verdade, e hoje há no mundo milhares de pessoas que sabem que as declarações que faço neste volume são verdadeiras. Esse número inclui muitos advogados, juízes, médicos, educadores, ministros do evangelho, oficiais de corporações, oficiais de bancos, fabricantes, comerciantes e outros geralmente considerados sensatos.

Além de tudo isso, no entanto, há um fato adicional que, para mim, é muito mais importante: O que ocorreu pode acontecer novamente. Esta comunicação à luz foi obtida por muitos médiuns. Ela será obtida por muitos outros. É tão estabelecido como fato que a comunicação é possível e praticável à luz quanto o é que há comunicação de qualquer forma.

OBSESSÃO E IMITAÇÃO

Somos ensinados pelos nossos Guias no Stead Center que não existe tal coisa como obsessão por espíritos malignos ou imitação dos nossos entes queridos. A crença, no entanto, em ambas essas condições é tão generalizada que vamos considerar, por um bom tempo, como surgiram e por que são ilógicas.

A obsessão implica maldade e dano, e é temida por aqueles que acreditam que é possível. Provavelmente, a maneira mais fácil de manter as pessoas em sujeição é incutir medo em seus corações, medo do desconhecido, e mantê-las ignorantes, porque com o conhecimento vem a libertação do medo. Esta tem sido a prática quase universal de todas as religiões de que temos registro e tem se mostrado um meio muito eficaz de enriquecer o clero e formar organizações religio-políticas fortes.

Depois de aterrorizar um homem com histórias horríveis sobre o desconhecido, não é difícil vender-lhe a ideia de proteção em troca de dinheiro. O narrador dessas histórias, calculadas para inculcar medo, afirma conhecer intimamente o método de combater o mal e o poder de fazê-lo, e se oferece para proteger sua vítima enquanto for pago para isso. Para garantir uma renda constante, é necessário periodicamente despertar novamente esse medo na congregação, e assim se constrói e se apoia uma poderosa organização de "instiladores de medo profissionais" (se me permitem usar esse termo), que são preguiçosos ou ignorantes demais para ganhar a vida de outra maneira, sustentada por aqueles a quem fizeram vítimas.

Como o mundo sempre teve aqueles indivíduos egoístas que não se importam com o mal que causam, desde que atinjam riquezas e poder temporais, sempre teve sua grande massa de pessoas mantidas na ignorância e sujeição por esses indivíduos, através do medo, e, em consequência, tem feito muito lento progresso ao longo dos séculos.

Por quais meios o medo foi instilado no homem? Por alguma razão, o desconhecido é temido pela maioria das pessoas, e sabendo disso, a nobre classe o usa para manter seu poder. Eles sabem que com o conhecimento vem a libertação do medo, e portanto se esforçam para manter suas vítimas na ignorância mais densa possível. Como as ideias abstratas são as mais difíceis de provar, eles inventaram uma força que chamam de mal, e um diabo para supervisioná-la e dirigi-la.

O diabo é descrito nos termos mais terríveis para criar o maior efeito possível. Supõe-se que ele obtenha seu poder de seu domínio sobre um número incontável de espíritos malignos que pode soltar sobre os mortais, a seu prazer. Frequentemente, é atribuído a ele mais poder do que a Deus, porque se afirma que até mesmo pessoas boas podem ser obsessas por esses espíritos malignos se não comprarem proteção do diabo ou não o apaziguarem.

Alguém já provou a existência do mal ou de um diabo? Somos ensinados pelos nossos Guias que não existe tal coisa como o mal. Deus pretendia que só houvesse o bem. Na Terra, por causa da ignorância, mas somente na Terra, frequentemente temos uma falta considerável de bem, e chamamos isso de mal. É essa ideia que foi agarrada pelos religiosos profissionais ao longo dos séculos e desenvolvida na ideia de uma força poderosa, igual ou maior que a força do Bem.

Através da indiferença e da ignorância, estamos quebrando continuamente a lei natural de Deus, e, consequentemente, não atraímos a felicidade e o amor que desejamos. Então, dizemos que estamos sendo visitados pelo mal. Não estamos sofrendo por mal ou por qualquer outra coisa; estamos sofrendo, é verdade, mas é pela falta de algo—o amor e a alegria que nossas almas nos dizem que temos direito. Não sabendo melhor, tendemos a ouvir explicações sobre "o mal" de quem afirma saber.

Pode-se perguntar por que Deus daria poder a quem está na Terra para prejudicar os outros por sua ignorância. Ele não faz isso. Aqueles que tentam prejudicar os outros não criam nada além de problemas para si mesmos. Podem causar grande inconveniência e dor às suas vítimas, mas os feridos são retribuídos muitas vezes, geralmente na Terra; se não, no Outro Lado; e a restituição vem unicamente daquele que causou o dano. Raramente vai diretamente do causador do mal para a vítima, mas o ato errado parece, por sua natureza, levantar um bom ato de força igual ou maior para contrabalançá-lo, e o bem é dado ao

ferido. O causador do mal paga, mais cedo ou mais tarde, pelo bom ato que Deus emprestou à sua conta.

Muitas pessoas, em seu subdesenvolvimento, pensam que essa ideia de mal é de grande ajuda para elas. Quando se envolvem em dificuldades, acham muito conveniente ter uma ideia como essa para se apoiar. Podem dizer que o diabo as fez fazer tal ou tal coisa, ou, se ouviram falar de Espiritualismo, podem dizer que foram obsessadas por um espírito maligno. Isso se mostra tão útil para suas mentes subdesenvolvidas e letárgicas e tão conveniente para sua aversão a aceitar qualquer responsabilidade, que elas se agarram a isso com tenacidade, sem qualquer pensamento de examinar para descobrir se é verdade ou não, ou quanto mal isso pode estar fazendo a elas. Através disso, estão perdendo muita felicidade que poderia ser delas e não estão adquirindo desenvolvimento espiritual, a única posse terrena que podem levar com elas para o Outro Lado.

Toda religião que ensina o Amor e a Verdade e tenta remover o medo das mentes dos homens, para que o caminho possa ser aberto para a entrada do Bem e do Conhecimento para o desenvolvimento da alma, foi combatida vigorosamente por essas organizações que promovem a ignorância e teve relativamente poucos adeptos, porque poucos são aqueles que trabalharão e lutarão por algo do qual não veem lucro monetário ou que não os obriga a fazê-lo através do medo que inspira. A beleza parece ser algo que todos apreciam, mas que poucos estão dispostos a trabalhar por ela sem recompensa material. Muitos trabalharão por qualquer coisa da qual derivem lucro material ou que temam, seja o que for, e destruirão a Beleza em nome dela.

Como podemos esperar qualquer coisa além de problemas e desastres na Terra quando os homens estão imbuídos de tais ideias? Eles criam esses infortúnios para si mesmos e devem sofrer até aprender a se colocar em harmonia com o plano de Deus. Todo esse "mal" de que falam não é nada mais do que sua própria ignorância e falha em viver conforme Deus planejou que vivêssemos. Se vivêssemos em harmonia com Seu plano, descobriríamos que o "mal" não teria existência.

Quase todos concordam quando discutem o assunto de que a passagem desta vida para a próxima envolve uma melhoria e não uma regressão. Se qualquer tipo de existência após a morte terrestre for admitido, é natural considerar essa existência como uma melhoria em relação à vida terrena. A vida, seja na Terra ou em qualquer outro lugar, perderia todo o significado se estivéssemos continuamente retrocedendo após trabalhar décadas para melhorar a nós mesmos.

Seria uma existência muito tola e sem sentido laborar e lutar por anos para desenvolver nosso entendimento e nossas almas, apenas para sermos colocados de volta onde começamos após deixarmos este mundo. Não seríamos melhores do que elevadores humanos, subindo apenas para descer novamente. A organização do universo físico mostra tal perfeição que nenhum pensador sério pode acreditar, nem por um momento, que Deus seria tão tolo e inconsistente na organização das almas que povoam este universo.

A lógica e todos os fatos de que dispomos mostram que um plano definitivo está em operação e que tudo tem seu lugar nesse plano. Não sabemos de seu começo ou fim, mas vemos um progresso contínuo em tudo ao nosso redor. Quando trabalhamos com entendimento e amor, descobrimos que melhoramos da infância até a morte terrena. Não

deveria essa melhoria, para ser consistente com qualquer esquema definido, continuar quando estivermos no Mundo Espiritual?

Acreditando, então, que a passagem para o Outro Lado significa progressão e que o mal não tem existência, descobrimos que não pode existir tal coisa como um espírito maligno. Existem muitos que passaram para o outro lado e são ignorantes e subdesenvolvidos, muitos que viveram completamente fora de harmonia com as leis de Deus e buscaram prejudicar os outros enquanto estavam na Terra, mas todos esses agora são incapazes de causar qualquer dano ou distúrbio. Deus dá poder àqueles no Mundo Espiritual para fazer o bem apenas. É somente na Terra que Ele permite que Suas almas façam o que quiserem para se desenvolverem. Essa é sua experiência terrena. Quando terminam com isso, vão para um mundo onde têm outras experiências, mas o poder de fazer algo contrário à lei de Deus não é uma delas.

É por causa de ensinamentos falsos, projetados para incutir medo, que pessoas de outra forma bem equilibradas, que vivem boas vidas e não têm motivações secundárias, insistem com toda sinceridade que estão possuídas por um espírito maligno. Vou relatar dois casos, entre muitos com os quais estou familiarizado, que mostram o quão equivocada é essa crença.

Certa vez, ao atender a campainha, fui confrontada por uma mulher grande e escura, com uma toalha enrolada na cabeça, dando-lhe uma aparência algo selvagem e desarrumada. Um tanto surpresa, perguntei-lhe o que queria.

Ela me disse que estava perdida, mas quando perguntei se ela morava nas imediações, respondeu: "Ah, não estou perdida dessa forma. Sei onde moro, mas fui abandonada por Deus e estou possuída por espíritos malignos. Já fui a muitos lugares, mas ninguém me ajuda. Uma mulher me disse para vir até você."

Chamei um vizinho, pois estava sozinha e um pouco receosa da mulher.

Após conversar com ela por algum tempo e não conseguir nenhum progresso, decidi que os três de nós deveríamos entrar na sala de sessões para ver se os Guias poderiam sugerir algo.

A mulher afirmou que não tinha medo do escuro ou de uma sessão, e assim que a luz foi apagada, provou isso tornando-se bastante calma e racional. Ela explicou que muitos anos atrás, quando tinha dezasseis anos, fugiu de um convento no qual estava confinada e acreditava agora que os espíritos das freiras a haviam encontrado e colocado uma maldição sobre ela.

Disse-lhe que isso era impossível, que Deus não permitia que ninguém no Mundo Espiritual causasse danos aos mortais. Deveria haver outra causa para o seu sofrimento.

Um dos meus Guias entrou e, dirigindo-se a ela, disse: "Não há espíritos malignos ao seu redor. Mesmo que houvesse algum no Mundo Espiritual, não seria permitido que a incomodassem. Você foi ferida. Não se lembra que, seis meses atrás, caiu de um bonde e bateu com a cabeça? Essa lesão precisa ser corrigida, e quando for, você verá que toda a ideia de espíritos malignos ao seu redor desaparecerá."

Saindo da sala de sessões logo após isso, liguei para um cirurgião com quem eu me conhecia e descrevi o caso para ele. Pedi que trouxesse dois ou três de seus colegas e viessem examinar a mulher.

Quatro médicos e cirurgiões entraram na sala de sessões comigo e com a mulher e ouviram meu Guia explicar que um pequeno fragmento de osso estava pressionando o cérebro no ponto onde ela havia batido a cabeça seis meses antes. Ele disse que uma operação era necessária para corrigir o problema.

Os quatro médicos realizaram uma consulta e decidiram levá-la para o hospital municipal. Um exame cuidadoso comprovou a necessidade da operação.

Duas semanas depois de realizada, a mulher perdeu toda a ideia de espíritos malignos a incomodando. Ela havia se tornado tão errática que seu marido a deixara, indo para a Califórnia em busca de tranquilidade. Quando voltou, após receber notícias da operação dela, encontrou sua esposa como sempre fora durante os muitos anos de casamento e retomou sua vida feliz com ela.

Outro caso foi o de um homem que veio até mim um dia se queixando de que espíritos malignos brincavam continuamente em sua cabeça e causavam dor em seu nariz e testa. Meus Guias explicaram a ele que não havia espíritos malignos ao seu redor, mas que havia uma pressão interna em seu nariz causada por um crescimento que deveria ser removido. Após submeter-se à operação necessária, toda a ideia de espíritos malignos desapareceu.

Esses dois casos, entre muitos outros semelhantes que poderia descrever, mostram que a ideia de obsessão pode ser causada por uma deficiência física e pode ser corrigida por meios físicos. Na maioria dos casos, a alegação de obsessão não é nada mais do que uma desculpa, como expliquei. Em alguns outros casos, é realmente acreditada por pessoas que buscam atribuir alguma idiossincrasia pessoal ou comportamento errático a uma causa externa a elas mesmas. Estes últimos devem lembrar que o semelhante atrai o semelhante em todo o universo e, mesmo que não estejam dispostos a subscrever todos os ensinamentos espirituais que escrevi no início deste capítulo, não podem atrair o mal, a menos que eles próprios sejam maus. Se souberem que seu trabalho diário é feito com amor e alegria, podem ter certeza de que o bem e a felicidade são as únicas coisas que atrairão para si mesmos.

Acredito que a questão da "imitação" deva ser considerada aqui, porque muitas coisas ditas sobre obsessão também se aplicam a essa ideia. Encontrei muitas pessoas, entre muitas outras, que acreditam que seus entes queridos no Espírito são frequentemente imitados por outros, a quem consideram "espíritos malignos" ou aqueles que adoram brincar com os mortais. Os ensinamentos dos Guias que acompanham as sessões no Stead Center são diretamente opostos a isso.

Assim como ocorre progressão quando a transição chamada morte acontece, o plano de Deus também impede que qualquer dano ou lesão de qualquer tipo seja imposto aos mortais por aqueles no Espírito. As brincadeiras práticas são completamente sem sentido e, portanto, não têm lugar em um sistema sério e ordenado como o plano de Deus. Além disso, os mortais levantam tantas barreiras próprias entre si mesmos e seus entes queridos no Espírito que Deus, se por nenhuma outra razão, sentiria piedade deles e não permitiria que mais barreiras de incompreensão fossem levantadas por brincadores do Outro Lado.

Algumas pessoas de mente séria dirão que não pensam que os seus entes queridos seriam impersonificados por outros que desejam fazer uma brincadeira, mas que a imitação tem como objetivo enganá-los. Por favor, digam-me o que o Mundo Espiritual ganharia com tal procedimento. Não há absolutamente nada que um mortal possua que seja cobiçado por alguém no Espírito e, consequentemente, não há razão para que este seja enganado.

A única outra razão para a imitação que já ouvi ser expressa é que aquele no Espírito está tão ansioso para manter uma conversa com o mortal devido à sua importância, que os seus amigos serão impersonificados pelo Espírito. Esta razão é absurda e é dada apenas por uma pessoa extremamente egotista e que, geralmente, tem pouca causa para o seu egotismo. A adoração a heróis como a conhecemos na Terra não existe no lado espiritual da vida, e mesmo que existisse, qualquer pessoa admitiria que há tantas lá que poderiam merecidamente inspirá-la que nenhum Espírito teria necessidade de procurar um mortal.

A Lei da Atração impede qualquer imitação por parte daqueles no Espírito. Quando compreendemos isso corretamente, descobrimos que as almas, seja do lado da Terra ou do lado do Espírito, são atraídas umas pelas outras apenas através do amor e de interesses comuns. Uma pessoa atrai apenas aqueles em quem está interessada ou que estão interessados no seu trabalho e buscam ajudá-la. Mesmo que seja de tal caráter que atraia Espíritos ignorantes e subdesenvolvidos, Deus organizou de tal forma que estes não podem prejudicá-la ou ajudá-la em quaisquer atos errados que ela tente realizar. Se você afastar o medo da sua mente e lembrar que atrai apenas aquelas Almas que adoram vir para ajudá-lo, descobrirá que não terá ideias de obsessão ou imitação.

Até agora, estive a considerar a imitação do ponto de vista daqueles que professam uma crença no Espiritualismo. Agora, gostaria de dizer apenas algumas palavras em resposta aos céticos que afirmam que o médium impersonifica os seus amigos. Fazer isso, e dar os testes que até os céticos admitem serem verdadeiros, pressupõe necessariamente que o médium tenha o conhecimento mais íntimo possível da vida e dos amigos dessa pessoa.

Como pode o médium obter esse conhecimento? Estranhos vêm até ela que decidiram visitá-la num instante e não contaram as suas intenções a ninguém. Adquirir a história pessoal de um mortal é, como todos sabemos, um processo caro e que leva muito tempo. Não existe tal coisa como um índice de cartões com a história pessoal íntima de cada mortal, e esta é a única coisa que tornaria possível uma imitação plausível por parte do médium dos parentes ou amigos falecidos de alguém a qualquer momento. Mesmo que tal índice existisse, os recursos reunidos de todos os médiuns na Terra não pagariam sequer as despesas correntes de mantê-lo atualizado, muito menos o custo da compilação original.

A imitação é impossível, se considerada como feita por um médium. É impossível, se considerada como feita por um Espírito, porque a Lei de Atração de Deus não o permite. Considerada de qualquer ponto de vista, não é razoável, porque nada de bom poderia ser ganho com isso e aqueles no Espírito desenvolveram-se a tal ponto que não fazem nada aleatoriamente. A ideia nasce apenas na natureza terrena e desconfiada do homem e não tem lugar no Mundo Espiritual ou entre aqueles que buscam seriamente viver as suas vidas da melhor forma possível, segundo o belo plano de um Deus amável.

ASSOMBRAÇÕES

A crença em espíritos assombrando lugares como casas e cemitérios é muito antiga e as provas têm sido demasiadas e chegaram a tantas pessoas que não podem ser descartadas levianamente com um "Ah, essas pessoas imaginaram isso." No entanto, as assombrações sempre foram consideradas algo maligno, algo que irá incomodar ou prejudicar o homem, e por consequência inspiram medo.

Isso não deveria acontecer. Como expliquei anteriormente, não existe tal coisa como o mal; não há nenhum dano vindo do lado Espiritual da vida para o homem; apenas ajuda e amor. Se um homem, enquanto estava na Terra, amava muito a sua casa, passava muitas horas felizes a planeá-la e construí-la, e via os seus filhos crescerem de bebé até à idade adulta nela, há todas as razões para que ele a visite e permaneça por perto após a sua passagem.

Ele não estaria de forma alguma "atado à Terra", como algumas pessoas pensam. Ele apreciava alguma da beleza da Terra enquanto viveu aqui e está em melhor posição para apreciar a beleza nos seus novos arredores. Tentando consolar os seus entes queridos e ajudá-los, é mais do que provável que ele tente fazer com que saibam que está por perto batendo numa mesa ou em qualquer outro objeto que produza som. Tal manifestação deveria ser recebida com gratidão e com a oração de que, em breve, força para evidências mais bonitas da sua presença virá.

Outras pessoas permanecem perto dos seus lares terrenos por um curto período porque ainda não percebem que passaram pela mudança chamada morte terrena. Elas continuam a tratar dos seus assuntos como faziam enquanto aqui. O relato do senhorio que foi cobrar o seu aluguel, embora já tivesse falecido, ilustra este ponto. (Este relato está no capítulo sobre "O Outro Mundo").

O facto de aqueles do Outro Lado muitas vezes serem vistos perto dos cemitérios não é de todo surpreendente. Aqueles que partiram com pouco desenvolvimento espiritual e compreensão não sabem o que aconteceu. Eles seguem o seu corpo terrestre até o seu último local de descanso e depois permanecem perto dele, sem saber para onde ir e muitas vezes pensando que não há outro lugar. Às vezes, leva vários dias aos nossos mestres espirituais para retirar tais pessoas da confusão em que vagueiam, e até que isso seja feito, não é de admirar que possam ser vistas perto do seu local de sepultamento. Longe de serem temidas, elas devem ser lamentadas, e aquelas pessoas que são suficientemente mediúnicas para vê-las devem alegrar-se com o seu poder e não ficar assustadas.

Às vezes, um lugar é assombrado porque houve uma injustiça ali e o Espírito está tentando corrigir essa injustiça. Até que o faça, ele visita o lugar frequentemente porque o seu próprio desenvolvimento no Espírito depende do seu sucesso. O seguinte caso revelou ser deste tipo, e o homem envolvido não deve ser considerado "atado à Terra". Ele tinha uma tarefa a cumprir e estava a cumpri-la. O trabalho de muitos no Outro Lado está, às vezes, quase totalmente relacionado com os assuntos da Terra, pelo menos por um tempo, mas como tudo faz parte do universo de Deus, são trabalhos espirituais que contribuem para a progressão espiritual da Alma.

O termo "atado à Terra" não deve ser usado indiscriminadamente, como quase sempre é, mas deve ser reservado para aqueles no Espírito que amam tanto os vícios da Terra que se

associam continuamente com os mortais de gostos semelhantes. Deve-se lembrar que eles não têm poder para influenciar esses mortais de maneira prejudicial; podem desfrutar do prazer do mortal até certo ponto, mas são impotentes de qualquer forma sobre ele. Se uma alma atada à Terra, após um período de anos, se recusar a tentar desenvolver-se, ela é reencarnada, geralmente em um lugar onde a tentação para o seu desejo terrenal é pequena, para que tenha toda a oportunidade de melhorar a si mesma.

Há alguns anos, uma casa em Chicago, pertencente a uma mulher rica, ganhou a reputação de ser assombrada. Era um edifício de três andares, de tijolos vermelhos, rodeado por grandes jardins. Naquela época, uma propriedade assim na sua vizinhança valia muito dinheiro, mas essa mulher não conseguia alugar a casa nem vendê-la. Ela ficou vazia durante anos.

Finalmente, pediram-me para organizar um comité para investigar e determinar se a casa realmente estava assombrada como os relatos diziam, ou não, e, se estivesse, descobrir a razão, se possível.

Juntei um grupo de três homens e uma mulher, a maioria dos quais era enfática na sua descrença em casas assombradas. Os cinco fomos ao local e entrámos no edifício.

Mal entrámos na porta, começámos a ouvir sons por toda a casa. As escadas rangiam como se alguém estivesse a subir. Estalos agudos soavam de muitos lugares diferentes. Finalmente, descobrimos que numa grande arrecadação no segundo andar, estávamos em semi-escuridão e podíamos ouvir os sons claramente. Estando todos juntos, um de nós perguntou: "Há algum Espírito querido aqui que gostaria de falar connosco?"

A resposta veio distintamente, na voz de um homem: "Sim!"
Perguntámos-lhe porque assombrava a casa de forma que ela não pudesse ser alugada.
Ele disse-nos que tinha comprado aquela casa à mulher anos antes e trouxe a sua esposa e quatro filhos para viver nela. Ela tinha uma hipoteca de oito mil dólares sobre a casa e disse-lhe que seria compreensiva e que ele não precisava de se preocupar caso não conseguisse pagar quando o montante fosse exigido. Sendo um homem trabalhador e estritamente honrado, ele esforçou-se para cumprir os pagamentos e conseguiu até que a hipoteca fosse finalmente exigida.

Não conseguiu pagar a totalidade, e em vez de ser compreensiva como ela mesma tinha prometido, ela executou a hipoteca. O choque e a tristeza foram tão intensos que o levaram a passar para o Outro Lado. Ele disse: "Não sou um espírito maligno e não sou vingativo, mas esta mulher fez algo muito errado. Ela é rica e não precisava do montante da hipoteca, e deveria tê-la renovado. Deus dá dinheiro às pessoas para ajudarem os outros. Como a retribuição que ela pode entender melhor é a perda de dinheiro, foi-me dada a capacidade de vir aqui sempre que necessário para evitar que ela alugue a casa ou a venda por qualquer valor próximo do seu valor real. Estou a guiar os meus filhos e eles estão a dar-se bem. As pessoas no plano terrestre não compreendem que tudo é a Terra de Deus e que todos têm o direito de viver nela em paz e felicidade."

A sua história deixou a situação muito clara e saímos totalmente convencidos da justiça da sua causa.

A mulher acabou por vender a casa por um valor tão baixo que perdeu muito mais do que o montante com o qual a tinha defraudado.

Casos um pouco semelhantes a este acontecem de vez em quando e mostram que as pessoas não escapam às consequências das injúrias que tentam infligir aos outros. Acredito que a assombração ocorre geralmente devido ao amor que o espírito tem por um lugar ou pelos seus amigos nele. Não deveria ser considerada algo temível, e os relatos estranhos sobre tais lugares deveriam ser vistos como voos da imaginação baseados, ou em factos inofensivos, ou, mais frequentemente, em nenhum facto de todo.

A ALEGRIA DE VIVER
por Ed. Hearne, inspirado por SNOWDROP

Eu costumava andar na escuridão;
Tentava subir sozinho, a imensidão,
Tentava acreditar que a vida era fria e vazia,
Até que um dia ouvi uma voz,
E não precisei de outra prova,
Pois encontrei a alegria em cada dia.

Dia e noite essa voz me acompanha,
Mostrando-me como viver de verdade,
Dando-me as coisas que eu tanto desejei.
Agora o caminho da vida é florido,
Semanas e meses parecem ter sumido,
Pois essa voz está comigo, a me guiar, sem falhar.

Eu antes não via a beleza
Das flores de Deus na natureza,
Até que um dia vi um rosto sob a flor.
Agora posso facilmente traçar
A magia e a beleza de um olhar
Dentro de cada flor que enfeita meu interior.

Dia e noite esses rostos me guiam,
Mostrando-me alegria onde antes havia dor,
Lições que sempre me ensinam com amor.
Desde que essas vozes chegaram a mim,
E esses rostos eu passei a ver assim,
Aprendi plenamente a alegria de viver, enfim.

INTIMIDADE

De forma nenhuma são, as experiências de uma médium com o mundo espiritual, confinadas à sala de sessões e às maravilhas que os seus guias aí podem fazer através dela. Muitas vezes tenho belas visões pessoais e também vejo e falo com os que estão do Outro Lado a qualquer hora do dia ou da noite. Às vezes, embora esteja habituada a isso e saiba que acontecerá, fico assustada ou envergonhada no momento, a clareza absoluta e o

realismo da presença do Espírito impedindo-me de perceber que não se trata de um ser humano.

Certa noite, na minha casa em Nova Iorque, apanhei um grande susto. Devido a uma infestação incomum de mosquitos, criei o hábito de me retirar para o quarto no escuro, dependendo apenas da pouca luz que vinha de um poste de luz distante. Nessa noite em particular, estava a preparar-me para deitar quando a minha mão esbarrou num homem no abdómen. Surpresa, olhei para cima e vi um homem loiro a sorrir para mim. Peguei na minha bata e corri escadas abaixo, dizendo à minha sogra que um ladrão estava no meu quarto.

"Tolices," disse ela, "ninguém poderia subir até lá."

"Mas toquei nele e ele estava como carne e osso," exclamei.

Finalmente acalmei-me e, lembrando-me de que ele estava a sorrir para mim, ganhei coragem para voltar ao quarto. Ainda o via claramente, enquanto ele dizia: "Peço desculpa por te ter assustado, mas não sabia que não devia vir onde quer que houvesse um médium."

Isto impressionou-me profundamente e, na próxima sessão de sexta-feira à noite, contei a minha experiência aos convidados e descrevi o homem. Enquanto eu falava, uma mulher que nunca tinha estado numa sessão antes começou a chorar. Perguntei-lhe o que se passava e ela disse: "Estás a descrever o meu marido, que morreu há duas semanas."

Mais tarde, durante a sessão, ele apareceu-lhe e disse: "Sabes que sou novo por aqui, e quando me disseram que eu poderia identificar um médium pela radiação que ela emanava, fui até à Medie Cook assim que vi a luz dela. Acho que cheguei na hora errada, mas sabia que ias vir aqui e queria preparar-me para te receber."

Noutra ocasião, enquanto fazia os meus "doze diários" na privacidade do meu quarto, olhei para a minha direita e vi um par de pernas masculinas longas. Apavora-me a levantar-me rapidamente, vi que as pernas pertenciam a um homem que eu conhecia, mas que não sabia que tinha falecido. Disse-lhe que até um médium merecia um pouco de privacidade e que ele não deveria aparecer nesse momento. Ele apenas riu e ficou ali a observar-me enquanto eu continuava os meus exercícios.

Enquanto estava a tomar um banho de sol um dia, um senhor idoso que eu conhecia há muitos anos e que recentemente tinha falecido veio ter comigo para me dizer que queria uma festa no seu aniversário e desejava um tipo específico de gelado. Disse-lhe que já estava a organizar a sua festa e que ele poderia ter esperado até eu terminar para me contar isso. Ele disse que sabia disso, mas estava tão ansioso para que eu comprasse o gelado certo que não conseguiu esperar.

Este mesmo homem veio ter comigo na manhã em que faleceu. Era dia de Natal e eu estava sentada ao piano a praticar. De repente, ouvi alguém dizer: "Por favor, Medie, toca 'Lead, Kindly Light'."

Comecei a tocar e depois vi-o — ele era um grande amante desse hino — a construir-se ao lado do piano. "Já não estou doente e com dores, Medie. Passei para o outro lado esta manhã, cedo."

Algumas horas depois, recebi o telegrama a informar-me da sua morte.

Há um ou dois anos, em Nova Iorque, o Dr. Senn veio ter comigo um dia e disse-me que um membro do Centro, um jovem, estava muito doente num hospital em Chicago. Os Guias estavam a fazer tudo o que podiam por ele, mas não prometiam nada. Poucos dias depois, entrei na sala de sessões e, pouco antes de ligar a luz, vi-o lá em pé. Era cerca das sete da tarde. Quando tivemos uma breve sessão familiar pouco tempo depois, Snowdrop disse-nos que ele tinha falecido às seis e meia.

A carta da mãe dele mais tarde confirmou isso e provou que ele me tinha aparecido apenas meia hora depois de ter falecido. Esta é uma das razões pela qual afirmo, em outra parte do livro, que sei que um Espírito pode manifestar a sua presença a um médium dentro de poucos minutos após a sua passagem.

Fui ver o meu advogado um dia em Nova Iorque para tratar de alguns papéis que ele estava a preparar para o Centro. Terminado o nosso encontro perto do meio-dia, ele disse-me para esperar no escritório exterior por alguns minutos e que iríamos almoçar juntos. Quando saí do escritório, vi dois homens sentados num banco. Sem pensar muito nisso, sentei-me numa cadeira e depois reparei que o homem mais jovem me olhava atentamente.

Logo falou e disse: "Não é você, Sra. Cecil M. Cook, a médium?"

Disse-lhe que sim, mas que não o conhecia.

"Tinha a certeza de que era você porque vi a sua fotografia na revista. Não é maravilhoso encontrar-me com você aqui na minha primeira visita a este escritório? Não quer vir até aqui a este banco para que eu possa falar consigo?"

Fui até lá, e assim que me sentei, o homem mais velho que estava com ele desapareceu. Olhei espantada e o homem mais jovem perguntou-me o que estava a olhar de forma tão estranha.

Eu disse: "Quem era o bom homem mais velho que estava sentado contigo e para onde é que ele foi?"

"Estou aqui há quase uma hora e ninguém se aproximou deste banco a não ser você," respondeu ele.

Depois perguntou-me como era o homem e, quando o descrevi, ele exclamou: "Meu Deus, Sra. Cook, está a descrever o meu pai, mas ele já faleceu há doze anos."

"Não me interessa há quanto tempo ele se foi, esse é o homem que eu vi sentado contigo e eu pensei que fosse um ser humano."

O homem jovem continuou a contar-me que tinha pensado em ir a Chicago (onde eu então vivia) para me ver. Estava interessado no Espiritualismo há vários anos, mas nunca tinha obtido resultados satisfatórios.

Que maravilhoso é entrar num serviço público como este, sem qualquer intenção especial, e receber notícias do meu pai!
Mais tarde, tive muitas experiências belas.

Há vários anos, em Chicago, alguns dos meus animais de estimação foram envenenados, um após o outro. Não consegui descobrir quem teria sido tão cruel para fazer tal coisa, mas eventualmente recaiu a suspeita sobre uma vizinha que tinha manifestado antipatia por mim e pela Verdade que eu partilhava. Não pude provar nada, mas pouco tempo depois ela passou para o Espírito. Uma noite, enquanto estava deitada, ela apareceu-me e implorou o meu perdão, confessando que tinha envenenado os cães sem perceber quão errado era aquilo que fizera.

Há alguns meses, durante uma longa viagem de automóvel, apareceu-me uma mulher que, há muitos anos, participava em muitas das minhas sessões espíritas. Não a via há muito tempo, mas percebi que devia ter falecido recentemente. Estava muito feliz e disse-me o quanto amava a sua nova morada. Poucos dias depois, recebi a notícia da sua morte, que tinha ocorrido no mesmo dia em que a vi no carro.

As frequentes aparições, à médium, daqueles que estão no Outro Lado, e os seus encontros com eles – tão naturais como com pessoas deste mundo – colocam-na numa posição em que vive em dois mundos ao mesmo tempo. É a beleza dos pensamentos e expressões que vê no lado espiritual que faz com que o lado terreno, especialmente nos seus aspetos mais grosseiros, lhe seja tão penoso. Quando não se conhece uma certa beleza, não se sente a sua falta; mas depois de a ter visto no Outro Lado, uma médium deseja intensamente trazer o máximo possível dessa beleza à Terra, para que outros também a possam desfrutar.

VISÕES

Outras experiências espirituais que tenho fora da sala de sessões são as belas visões que me ocorrem com frequência. Costumam surgir durante o sono e, por vezes, é difícil distingui-las de um sonho comum, mas normalmente são tão nítidas e definidas que não tenho dúvidas. O meu espírito parece abandonar temporariamente o corpo e viajar pelo mundo astral, onde lhe é mostrado algum cenário ou experiência, quase sempre simbólicos.

Ao acordar, por vezes o significado da visão é claro, outras vezes não, e tenho de esperar dias, meses, até anos para perceber o seu sentido. Como essas visões trazem sempre um aviso ou consolo, para mim ou para membros do Centro, faço o melhor que posso para compreender o seu significado e interpretá-las corretamente. Como mostrei ao longo deste livro, os meus Guias e amigos do Outro Lado estão constantemente a trabalhar para nos consolar e ajudar, mas por vezes parece que não têm conhecimento de certos acontecimentos iminentes, ou não conseguem comunicar-nos devidamente.

Nessas circunstâncias, costumo ter uma experiência astral e, ao receber a mensagem dessa forma, sei que é importante e que merece atenção especial. Uma experiência tão bela também oferece grande consolo em tempos de dificuldade ou doença.

Quando sofri um colapso nervoso, causado por uma intoxicação alimentar (ptomaína), tive duas visões muito belas, ambas antes de adoecer gravemente com as complicações subsequentes. Toda a minha vida até então tinha sido saudável, apesar de ser muito

sensível à doença devido ao grande desgaste que o meu trabalho causa na minha vitalidade. No entanto, bastava-me um curto tratamento e algum repouso para recuperar, aparentemente sem sequelas. Por isso, tinha tendência a trabalhar em excesso e a descuidar-me, acreditando que a pior consequência seria uma doença ligeira de que me livraria facilmente. Também sentia que os meus Guias me protegeriam. Eles diziam-me com frequência que não deveria trabalhar tanto e que deveria tirar férias de verão, mas durante anos nunca o fiz, sentindo que devia estar sempre disponível para quem precisasse de mim.

Hoje sei que estava errada em vários aspetos. Em primeiro lugar, colocava um peso desnecessário sobre os meus Guias. O esforço que usavam para me manter saudável podia ser melhor aplicado noutro lado. Em segundo, estava a enfraquecer o meu organismo progressivamente. A recuperação rápida de uma doença não era recuperação total; algum veneno permanecia no corpo e somava-se ao de doenças futuras. Quando percebi, já era tarde. Comecei a tirar pequenas férias e a aliviar o trabalho, o que adiou o colapso, mas não o evitou.

Um dia, ao almoçar num grande hotel de Nova Iorque, pedi uma refeição vegetariana. Estava muito bem apresentada e tinha bom sabor. Ao começar a comer, tive a impressão de que um dos meus Guias, que fora médico, me alertava para não o fazer. Mas, com fome e num ambiente barulhento e confuso, pouco propício à receção clara de mensagens, achei que devia estar enganada e continuei a comer. Logo após terminar, antes mesmo de me levantar da mesa, senti-me tão doente e tonta que achei que ia desmaiar.

Sem perceber o que se passava, pensei que o ar fresco me ajudaria e fiz um esforço enorme para chegar à rua. Não sei até hoje como consegui chegar a casa. Fiquei de cama durante meses. O meu médico espiritual disse-me que a intoxicação fora provocada por um vegetal enlatado estragado e que esse episódio foi o estopim que desencadeou toda a doença acumulada ao longo dos anos.

Enquanto recuperava e pensava estar a melhorar, tive uma visão uma noite. Ambos os meus pais já estão no plano espiritual. Vi a minha mãe aproximar-se. Olhou para mim durante alguns momentos sem dizer nada. Perguntei-lhe pelo meu pai e ela respondeu que ele também estava ali. "Ainda não podes vir ter connosco, querida, não, ainda não", disse ela.

Então o meu pai apareceu, sorrindo ternamente, e disse-me o mesmo. Trazia consigo um cesto com terra preta e rica e começou a espalhá-la à sua volta.

"Tens de continuar no plano terreno, pois ainda há muito que fazer. O teu trabalho não terminou e deves ser corajosa e lutar para recuperar, para que o possas completar antes de partires. Não te preocupes, pois vais ficar bem; todos os teus Guias e amigos deste lado estão a fazer tudo o que podem por ti."

Dizendo isto, desapareceu, levando a minha mãe consigo. O espalhar da terra preta simbolizava que eu ainda tinha muitas sementes a plantar e projetos a realizar antes de partir.

No dia seguinte falei sobre isto com a minha enfermeira, mas não compreendia por que razão teria recebido tal mensagem. Estava a recuperar e, como sempre no passado, achava

que em poucos dias estaria de pé. Tinha muitos planos e nunca me tinha passado pela cabeça que não pudesse realizá-los.

Duas semanas depois, tive outra visão. Um grupo de amigos e eu estávamos à beira de uma baía, a olhar para um magnífico navio branco ancorado em águas profundas. Era tão esplêndido que, após o observarmos por um momento, exclamei: "Oh, temos de ir todos neste navio magnífico."

Vimos um pequeno barco a remos perto de nós, na margem, e subimos para ele. Os outros começaram a remar, enquanto eu, de pé, olhava para o grande barco. Quando estávamos ainda a alguma distância, vi a âncora a ser levantada e gritei para esperarem por nós, pois queríamos ir com eles. Ao aproximar-nos, vi um homem de rosto bondoso e expressão serena, com a dignidade de quem comanda. Soube, instintivamente, que era o capitão.

"Oh não, ainda não estão prontos para este barco, nenhum de vós. Não podem vir connosco."

Apontando para uma das jovens que estava comigo no barco a remos, ele disse: "Não vai demorar muito até que essa jovem possa embarcar, mas tu ainda não estás pronta." Extremamente desiludidos por não nos ser permitido subir a bordo daquele magnífico navio, remámos tristemente de volta à margem.

No dia seguinte, refleti cuidadosamente sobre esta visão. Devia significar que as pessoas a bordo daquele navio estavam a passar para o Mundo Espiritual e que o facto de não nos deixarem embarcar era uma mensagem clara de que, independentemente do que acontecesse num futuro próximo, não iríamos partir — especialmente eu. No entanto, o mestre havia dito que uma de nós, aquela a quem ele apontou, poderia embarcar em breve. Essa jovem vivia na Europa e, embora eu soubesse que não estava com a saúde perfeita, não tinha razões para acreditar que estivesse gravemente doente. Contudo, ela viria a falecer dentro de um ano.

Uma semana depois, eu estava gravemente doente, com uma combinação de gripe, esgotamento nervoso e outras complicações. Compreendi então o verdadeiro significado daquelas duas visões, e a mensagem que transmitiam era tão clara e encorajadora que lutei com todas as forças para recuperar, sabendo que ainda não tinha chegado a hora de deixar a Terra. Tinha de permanecer aqui para concluir o trabalho que o Mundo Espiritual tinha planeado para mim.

Por vezes, tenho visões quando estou acordada, geralmente na sala de sessões. Essas visões referem-se sempre a alguém presente na sessão e, quase invariavelmente, à iminência da sua partida para o Outro Lado.

Certa vez, um homem e o seu filho adulto estavam presentes numa sessão. Mal esta começou, vi uma mulher em espírito a formar-se perto dele. Descrevi-a e disseram-me que era a mãe do rapaz. Depois, ela começou a elevar-se lentamente, subindo acima do teto material da sala. Durante todo o tempo, mantinha o rosto voltado para o filho e fazia-lhe sinais para que a seguisse.

Na altura, não disse nada, mas mais tarde, quando fiquei a sós com o pai — que, aliás, também era médium — contei-lhe o que me tinha sido mostrado.

"Não compreendo isso," disse ele, "porque o rapaz está forte e saudável e não parece minimamente alguém prestes a partir."

Concordei com ele, mas senti que essa era a única interpretação razoável para a visão. Ele acabou por concordar comigo.

Isto foi em Dezembro. O jovem adoeceu em Fevereiro seguinte e faleceu em poucos dias.

Noutra ocasião, uma mulher foi levada até mim por uma amiga comum. A primeira coisa que vi, assim que entrámos na sala da sessão, foi um caixão com essa mulher dentro. Por cima, via-se claramente o número 3. Soube de imediato que nenhuma outra mensagem viria ou seria útil para ela, por isso levantei-me e disse-lhe que não poderia fazer nada por ela. Ela ficou muito surpreendida, tal como a amiga que a acompanhava.

Mais tarde, a minha amiga voltou e perguntou-me o que se tinha passado. Depois de obter a sua promessa de que não revelaria o que eu ia dizer, contei-lhe a visão.

"Suspeitava que fosse algo do género," disse ela, "porque sabia que os Guias lhe poderiam ter dado uma mensagem."

A mulher era jovem, bastante saudável e do tipo físico muito forte, felizmente casada e com três filhos adoráveis. Não dava qualquer impressão de estar prestes a falecer, mas três semanas depois, precisamente nesse dia, partiu.

Amava profundamente o marido e os filhos e esteve inconsolável durante bastante tempo. Mas acabou por perceber que podia continuar a ajudar os seus entes queridos a partir do seu novo lar e, pouco a pouco, o seu sofrimento deu lugar a um amoroso trabalho espiritual.

Conheço várias pessoas que, mesmo sem qualquer ligação ao Espiritualismo, tiveram visões semelhantes às minhas. Uma delas é uma professora de escola de Milwaukee, com quem mais tarde estabeleci amizade.

Durante anos, ela foi amiga íntima do diretor da escola onde lecionava e da esposa dele. Tinham um único filho, um rapaz extraordinariamente afável, a quem ela conhecia desde o nascimento e amava como se fosse seu. Quando ele chegou à idade de frequentar o ensino secundário, tornou-se aluno da sua turma.

Certa noite, teve uma visão em que viu o rapaz a olhar fixamente para o céu. Seguindo o seu olhar, viu uma nuvem que parecia sustentar e cobrir parcialmente um grupo que ela interpretou como sendo de anjos. Enquanto observava, viu o rapaz a flutuar em direção à nuvem e, ao alcançá-la, ele virou-se para acenar-lhe e disse: "Vou para o meu novo lar. Já não falta muito."

Ao acordar, estava tão agitada que não conseguiu voltar a dormir. Percebeu que aquilo significava, muito provavelmente, a proximidade da partida do rapaz e rezou para que ele pudesse permanecer na Terra por muitos anos ainda.

Na manhã seguinte, procurou o diretor e contou-lhe o que tinha visto. Ele ficou profundamente perturbado e interpretou a visão da mesma forma. Decidiram não alarmar a mãe, mas contaram ao rapaz.

Quando soube, ele sorriu e disse que, para ele, tanto fazia — estava feliz na Terra, mas também sabia que seria feliz no Céu, se tivesse chegado a sua hora.

(Lembremo-nos de que nenhuma destas pessoas tinha qualquer conhecimento sobre Espiritualismo. Mostraram uma sensibilidade espiritual verdadeiramente notável.)

Um mês depois, o rapaz adoeceu e partiu para o Outro Lado em poucos dias.

Duas semanas após o seu falecimento, visitei Milwaukee e esta professora veio a uma das minhas sessões. O rapaz foi o primeiro espírito a manifestar-se. Disse-lhe que a visão que ela tivera algum tempo antes servira para a preparar, avisando que a sua hora estava próxima.

Foi um belíssimo sinal, que ela aceitou com gratidão. Relatou a experiência ao pai do rapaz, que a acompanhou à sessão seguinte. Ambos eram pessoas de grande nobreza de carácter e tornaram-se espiritualistas convictos.

As visões são experiências belíssimas, que ocorrem a médiuns e, ocasionalmente, a outras pessoas com algum grau de desenvolvimento espiritual, sempre que há necessidade, quando podem trazer ajuda ou consolo.

EXPERIÊNCIAS DE OUTROS

Tal como as visões, também outras experiências sobrenaturais e maravilhosas ocorrem a pessoas sem que esteja presente um médium. Para que isso aconteça, é necessário que a pessoa seja espiritualmente sensível, embora não tenha necessariamente consciência do Espiritualismo. Gostaria de relatar alguns casos em que amigos meus receberam essas experiências, muitas vezes quando eu me encontrava longe deles. Neste contexto, é interessante referir a história contada por um ministro sobre uma mulher da sua congregação que viu dois dos seus filhos que já tinham falecido. Essa história encontra-se no capítulo sobre a "Ilusão".

Certa noite, uma jovem mulher casada foi acordada — sem saber como — de um sono profundo e deu-se conta de que o espírito de um homem estava parado na ombreira da porta do seu quarto. Bastante assustada, sem perceber que se tratava de um Espírito, tentou acordar o marido, mas descobriu que não conseguia mover-se nem falar. O homem contornou o fundo da cama até ao lado dela e disse:

"Não tenhas medo de mim. Não me conheces, mas quero dar-te uma mensagem. Trabalhei como mecânico neste prédio onde moras e nunca fiz nada de errado na vida. Um dia acusaram-me de roubar umas ferramentas e fui despedido. Quero que lhes digas que não fui eu."

O homem desapareceu e, assim que se foi, ela conseguiu acordar o marido. Ao fazê-lo, contou-lhe o que tinha visto e ouvido.

No dia seguinte vieram falar comigo, e os nossos Guias confirmaram que era verdade: tal homem tinha realmente trabalhado ali e tinha sido despedido, sendo que o choque da

injustiça o levara a falecer. Disseram-lhes para irem falar com o senhorio e perguntar-lhe sobre o assunto.

Ele apareceu a esta jovem, aparentemente porque percebeu que, através dela, a sua mensagem poderia ser transmitida e ele poderia ser ajudado a ultrapassar o sentimento de tristeza. Numa situação como esta, um homem que tentou viver de forma correta e honesta pode reter um profundo pesar pela injustiça que sofreu — e, se ainda não evoluiu espiritualmente, talvez até algum ressentimento. É comum, nesses casos, que visite ocasionalmente o local onde tudo aconteceu. Essas ideias, a ocupar-lhe a mente, retardam o seu progresso. Os poucos amigos que encontra no Outro Lado — pois não os procura — tentam ajudá-lo a ultrapassar essa condição, mas talvez não tenham poder suficiente para isso.

À medida que vai compreendendo o que precisa de fazer, começa a procurar ajuda. E, neste caso, ele evidentemente percebeu que a jovem mulher estava em contacto com Guias espirituais poderosos e que não só transmitiria a sua mensagem, como o colocaria em contacto com os nossos Guias do Centro, que têm prática em ensinar, tanto encarnados como desencarnados.

Foi isso mesmo que aconteceu, porque assim que a história foi contada ao Sr. Stead, este procurou o homem e conseguiu explicar-lhe tudo de forma tão clara que o espírito se libertou da tristeza e iniciou o trabalho útil e o progresso que os seus esforços na Terra lhe tinham conquistado.

(Neste contexto, será interessante relembrar o que foi dito no capítulo sobre "Assombrações.")

Uma menina de cerca de dois anos de idade costumava sentar-se no chão e conversar e brincar durante horas com duas companheiras a quem chamava Sarah e Marcella. Ninguém mais as via, mas a menina comportava-se como se elas realmente estivessem ali. Depois de algum tempo a observar isso — e tendo eu mesmo testemunhado — perguntei-lhe porque falava apenas com aquelas duas crianças que os outros não podiam ver.

Com a sua forma infantil de se expressar, disse-me que eram duas meninas que vinham brincar com ela desse sítio bonito chamado "pirit" e que eram gémeas. Decidi então perguntar aos meus Guias na sala de sessão, e eles confirmaram que a menina tinha razão: as duas eram gémeas e vinham mesmo brincar com ela. Ela até acertara nos nomes.

Uma vez, a visão que um homem teve de um amigo que tinha passado para o Outro Lado foi o motivo da sua primeira visita a uma sessão espírita. Como muitas pessoas que acabaram por se voltar para esta Verdade como única filosofia de vida verdadeiramente satisfatória após a chamada "morte", este homem — um artista — era quase um infiel quando entrou pela primeira vez na minha sala de sessões. Não pensava no amanhã, não acreditava em nenhuma forma de existência depois da morte física.

Tinha, no entanto, um amigo de infância — um rapaz esplêndido, a quem chamava carinhosamente "Red" e que, por sua vez, lhe chamava "Charley," embora esse não fosse o seu verdadeiro nome. Desde a infância foram amigos inseparáveis: cresceram juntos, foram colegas de escola, verdadeiros companheiros ao longo dos anos.

Até que chegou o dia em que Red terminou a sua jornada terrena, falecendo de gastrite apenas duas horas depois de adoecer.

A partir desse dia, algo pareceu interpor-se entre o sol e o artista que ficara. A luz parecia ter-se apagado da sua vida. A sua dor era profunda e terrível. Sem uma crença que o sustentasse sobre o além, ficou quase incapacitado para o trabalho; perdera o seu toque artístico. Vivia os dias como que envolto em nevoeiro.

Cerca de três semanas após a morte do amigo, Charley caminhava pela Dearborn Street — no lado oeste da rua, cruzando a Monroe — quando olhou para cima e viu o seu amigo Red a atravessar a rua em diagonal, em direcção ao canto noroeste, sorrindo como só ele sabia sorrir. Atordoado, mas confiando plenamente nos seus sentidos, Charley apressou-se para o alcançar. Red, ao perceber que tinha sido visto, virou para leste na Monroe Street. Charley viu aquele sorriso inconfundível duas ou três vezes, mas como não o conseguia apanhar, começou a correr. À frente do Teatro Majestic, colidiu com um velho amigo que não via há anos. Red tinha desaparecido.

"Então, velho camarada," exclamou o amigo, "porque essa correria? Pareces um homem que viu o sobrenatural."

"Vi," respondeu Charley, e contou-lhe rapidamente a estranha experiência.

"Então," disse o amigo, num tom absolutamente normal, "porque não vais a um sítio onde possas falar com o Red?"

"Falar com ele?" perguntou Charley, incrédulo.

"Claro que sim," respondeu o outro, e deu-lhe o meu nome e endereço.

No domingo seguinte, Charley veio à minha sessão, e o seu amigo Red foi o primeiro espírito a manifestar-se.

"Charley," disse uma voz à sua frente, "sou o Red. Finalmente consegui que viesses falar comigo, não foi? Queria que te cruzasses com o Fred porque ele podia dizer-te onde me encontrar, e quando me viste na sexta-feira à tarde, pude guiar-te até ele. Vês, meu velho, estavas completamente enganado quanto à ideia da morte. Nunca deixamos de viver. Deus deu-nos a vida, e Ele nunca tira o que dá. Ele nunca tira um amigo querido ou um companheiro. Nada se perde. Eu não estou perdido para ti, mesmo que já não me possas ver. Agora, meu velho, volta às tuas tintas, aos teus pincéis e lápis de cor e não fiques desanimado. Enche mais o teu coração com o amor de Deus e verás que a tua tristeza se esvai."

E assim foi Charley apresentado aos seus amigos e Guias do Outro Lado.

Há um homem — profissional respeitado em Chicago — que perdeu a filha há muitos anos. Nada, em toda a sua vida, o tinha abalado tanto. Foi um golpe devastador. Sentiu que tudo tinha terminado, até que começou a frequentar as minhas sessões. Hoje, faz frequentemente sessões privadas. Tem longas conversas com a sua querida filha. O seu coração tinha fome e a sua alma sede de mais visitas dela — ou de um sinal claro de que ela, de facto, o visitava, como tantas vezes lhe dizia.

Pacientemente, ele tem feito tudo para se desenvolver espiritualmente e fortalecer o laço de amor que o une à filha no Outro Lado. Pai e filha compreendiam-se profundamente. Eram os mais íntimos companheiros.

Finalmente chegou o momento em que ele tanto ouviu como viu. Viu a sua amada com a mesma clareza com que a via quando ela ainda estava neste mundo. Ouviu a sua voz de forma absolutamente natural. Muitas vezes, ela dizia-lhe coisas que ainda estavam por acontecer. Ajudava-o nos negócios. Dava-lhe informações sobre entes queridos que ainda se encontravam no plano terrestre, mas ausentes. Era para ele uma bela consolação e uma inspiração constante. Experiências como as deste homem indicam que ele possui um considerável grau de poder psíquico.

Uma família em Chicago, crente devota da nossa Verdade, relatava frequentemente manifestações físicas invulgares na presença de luz. Por exemplo, na sua casa havia um armário embutido para louça numa das extremidades da sala de jantar, mesmo por cima de um aparador também embutido. Certo dia, ao almoçarem, ouviram uma forte pancada no armário da louça. Ao olharem, viram uma pilha inteira de pratos virar-se subitamente de cabeça para baixo — o que estava por baixo passou para o topo. Nenhum prato ficou lascado ou partido! Em outras ocasiões, as chávenas começavam a dançar animadamente durante alguns momentos, sem que qualquer das outras peças se mexesse.

Um amigo meu, num restaurante, estava prestes a cortar uma fatia de tarte quando esta, sem razão aparente, caiu do prato para o chão. Os que estavam próximos, ao presenciarem o estranho acontecimento, riram e ficaram bastante intrigados. Mais tarde, numa sessão, os seus Guias disseram-lhe que a tarte estava estragada e que o teria envenenado. Não havia tempo a perder. Eles recorreram a mim, à distância — a muitos quilómetros — e a ele, e a outros, para obter a força necessária para se manifestarem fisicamente. Evitaram que comesse a tarte.

Outro homem, enquanto viajava num elétrico, sentiu um toque claro no cotovelo. Não havia ninguém perto dele, mas ao olhar viu um amigo a passar na rua, alguém que não via há meses. Esse amigo, com certeza, não o tocou!

Quando era criança, e antes de estar consciente da natureza dos fenómenos com os quais estava tão intimamente em contacto, tive conhecimento de um caso de manifestação espiritual de poder, na ausência de um médium. Na altura pareceu-me algo perfeitamente natural, pois nada sabia sobre médiuns. Um homem da nossa comunidade deixou os seus bens à esposa e pediu-lhe, com grande sinceridade, que não os deixasse ao segundo marido, caso voltasse a casar, mas sim a certos familiares por ele designados. Queria que os bens permanecessem na sua família, como já havia acontecido por várias gerações.

Algum tempo depois da sua passagem, a viúva voltou a casar e, por alguma razão, ignorou o pedido do primeiro marido e deixou a herança ao novo esposo. Ela própria faleceu não muito depois e começou a ser vista por várias pessoas, todas as noites, às dez horas, a passear no seu jardim. Eu próprio a vi. O segundo marido também a viu e, sentindo que a tinha persuadido mal ao aceitar os bens, acabou por doá-los àqueles a quem o primeiro marido os desejava legar. Este é mais um caso em que muitos diriam que o espírito "assombrava" a antiga casa. Ela amava o jardim, como todos na vizinhança sabiam, mas o que tentava fazer era apenas corrigir o erro que cometera.

Logo após começar o meu trabalho público, uma mulher veio até mim em profundo desgosto. Tinha perdido recentemente o filho, uma criança de sete anos, e estava quase desesperada. O seu filho apareceu-lhe e implorou-lhe para que não chorasse tanto. Haveria uma razão para a sua partida, e ele queria que ela se alegrasse com o facto de não o ter verdadeiramente perdido e de poder falar com ele sempre que desejasse. No entanto, ela parecia sentir que o deixava na sala de sessões sempre que voltava para casa. Era um caso comovente, e não fosse a possibilidade de comunicar com ele, ela ter-se-ia suicidado.

À medida que o tempo passava e o luto não abrandava, um dia disse-lhe: "Senhora, não parece encontrar qualquer consolo nesta Verdade; porque continua a vir até mim?" Ela respondeu-me que ansiava que o filho lhe aparecesse em casa; assim poderia sentir que ele estava com ela mesmo fora da sala de sessões. Disse-lhe que, se tivesse fé e pedisse a Deus que permitisse ao filho aparecer-lhe em casa, acreditava que ele o conseguiria. Já tinha ficado suficientemente familiarizado com ela, através das suas sessões comigo, para estar razoavelmente certo de que possuía poder psíquico suficiente para tal acontecer.

Nessa noite, enquanto chorava na cama, rezou para poder ver o seu filho. Subitamente, ele apareceu, com toda a beleza do seu novo mundo, e, tocando-lhe, pediu-lhe que não chorasse, porque as suas lágrimas o magoavam. Fora isso, estava muito feliz e queria que ela também o estivesse. Deus levara-o para um mundo melhor, mas permitira-lhe ficar com ela para a consolar e ajudar. Veio ter comigo e contou-me o que vira — nunca mais voltou a chorar.

"A fé move montanhas" é um ditado conhecido por todos nós. E quão verdadeiro isto é foi-me demonstrado, creio eu, de forma particularmente intensa através do caso de um jovem casal que conheci em Chicago. O jovem vinha às minhas sessões com frequência; a sua esposa, apenas ocasionalmente. Raramente conheci um casal mais feliz e amoroso do que este. Eram completamente devotados um ao outro, mas, apesar disso, os pais da jovem, que viviam na Alemanha, recusavam-se a reconhecer o marido devido à sua ascendência inglesa. Os apelos da filha caíam em ouvidos surdos.

Isto não teve grandes consequências até ao momento em que ela desenvolveu tuberculose e os médicos lhe recomendaram que regressasse ao seu país natal. Na despedida, o marido disse-lhe que, caso algo lhe acontecesse durante a ausência, o único desejo que tinha era receber de volta a aliança de casamento. Ela respondeu que, se pensasse que algo assim iria acontecer, deixá-la-ia com ele, mas ele recusou, dizendo que queria que ela a usasse enquanto vivesse.

A sua premonição revelou-se verdadeira. Ela faleceu, e nos seus últimos momentos suplicou aos pais que devolvessem a aliança ao marido, dizendo-lhes que era tudo o que ele pedia. A aliança nunca foi enviada. Nas minhas sessões, a jovem disse ao marido que se esforçava por convencer os pais, mas eles eram tão obstinados que nada conseguia fazer. Finalmente, disse: "Se tiveres fé, querido, eu própria te levarei a aliança." Disse-lhe que não a levasse para a minha sala de sessões, mas que, se possível, a levasse até ele à sua própria casa.

Durante quase um ano, o jovem sentava-se sozinho todas as noites durante cerca de uma hora a pensar na sua amada. Uma manhã acordou e encontrou a aliança sobre a almofada, junto a si. Um exame cuidadoso provou que era de facto a aliança que lhe tinha dado. Por

muito que ela desejasse levar a aliança da Alemanha até ele, não o teria conseguido sem a fé absoluta que ele depositava nela.

Outro casal muito apaixonado, também em Chicago, era completamente alheio ao Espiritualismo. Eram tudo um para o outro, mas, por fim, chegou o momento em que o jovem teve de se juntar aos seus amigos no Outro Lado. A sua esposa ficou inconsolável.

Ambos tinham levado vidas espirituais e, passados algum tempo, foi concedido ao homem o poder de se mostrar à sua esposa, para a consolar e provar-lhe que, de facto, ela não o tinha perdido. Ele apareceu-lhe certa noite, enquanto ela chorava na cama, mergulhada na solidão.

"Meu amor, Deus foi bondoso connosco; deu-me o poder de me mostrar a ti, para que saibas que não estou perdido nem sequer separado de ti por qualquer distância."

Ela ficou radiante e implorou-lhe que viesse vê-la mais vezes.

"Isso não posso fazer, querida, porque tu não és médium. Deus permitiu-me vir desta vez, mas isso acontecerá muito raramente. É necessário um instrumento para que eu possa vir sempre que desejares — esse instrumento chama-se médium. Ajudar-te-ei a encontrar um, e assim poderemos conversar sempre que o visitares.

"Que Deus te abençoe, e lembra-te de que estou sempre contigo."

Desapareceu, deixando a sua esposa cheia de uma nova esperança e com a certeza de que o seu amado não estava perdido para ela.

Ela nunca antes ouvira falar de médiuns, mas o marido dissera-lhe para encontrar um, e, no dia seguinte, começou a procurá-lo com tal afinco que, antes do fim da tarde, já tinha o meu endereço. Veio ter comigo para uma sessão. A primeira mensagem que o marido lhe transmitiu foi a de relembrar a visita de dois dias antes e repetir exatamente o que lhe dissera então.

Toda esta experiência foi profundamente bela para uma mulher desesperada, e mostra o que o Mundo Espiritual pode fazer por nós se vivermos de forma espiritual e desenvolvermos os nossos dons psíquicos.

Uma mulher que me procurava ocasionalmente para sessões vivia a cerca de trezentos quilómetros. Estava naturalmente dotada de uma força psíquica considerável e, por vezes, tinha experiências espirituais muito belas em casa. Uma noite, teve aquilo que, inicialmente, pensou ser um sonho. Viu uma jovem vizinha, amiga íntima da sua filha, a lutar num rio. A rapariga foi ficando cada vez mais fraca, até que acabou por submergir. De seguida, a mulher deu por si a três quilómetros rio abaixo, num pequeno bosque à beira da água. Olhando para baixo, viu o corpo da jovem preso entre os ramos.

Acordou inquieta e sem saber o que pensar daquele "sonho". Suspeitou que teria sido uma visão, mas não a conseguia interpretar.

Três dias depois, à tarde, foi informada de que a sua filha se afogara no rio. Imediatamente recordou-se da visão e indicou o local onde o corpo seria encontrado: três

quilómetros abaixo, preso em arbustos — descreveu o sítio com clareza. E foi exatamente ali que o corpo foi descoberto, tal como lhe tinha sido mostrado pelo Mundo Espiritual.

Relato estes episódios de experiências espirituais vividas a sós, sem a presença de um médium, como resposta àqueles críticos que alegam que os fenómenos que ocorrem em sessões são produzidos por meios físicos pelos próprios médiuns, negando qualquer origem espiritual.

Acredito que muitos dos meus leitores já tiveram experiências semelhantes, ou conhecem alguém próximo que teve. Sabem bem o quanto estas manifestações espirituais oferecem consolo e orientação. E, por isso, não acredito que aceitem de bom grado as explicações dadas por certos críticos — os quais afirmam que tudo não passa de alucinações. Uma pessoa mentalmente sã sabe bem que não está desequilibrada, e tem todo o direito de se sentir ofendida quando alguém de inferior desenvolvimento espiritual lhe diz: "Isso é disparate; estás um pouco maluco. Pensaste que viste ou ouviste um espírito, mas eu sei que isso não aconteceu."

O facto de Sir William Crookes, o grande cientista, ter mantido longas conversas com o espírito de Katy King, ter dançado com ela e de vários membros da Royal Society estarem presentes durante essas manifestações, e até de ele ter cortado um cacho do seu cabelo ruivo — que permaneceu após ela voltar ao plano espiritual — nada significava para os críticos.

Nada diziam sobre Katy King, mas muito criticavam Home, o médium americano, a quem acusavam de ser um ilusionista. Focavam-se nos fenómenos físicos que Home provocava, ignorando por completo a materialização constante do espírito da srta. King, ou o facto de Florence Cook, a jovem médium, estar em transe noutra sala enquanto Katy se manifestava. Esqueciam-se também de que Katy tinha revelado quem fora em vida e onde vivera, na Índia, e que todas essas informações foram posteriormente verificadas como verdadeiras.

Esta relação com os nossos entes queridos do Outro Lado não é unilateral. A nossa colaboração, sob a forma de fé e esforço sincero, é absolutamente essencial para que eles nos possam ajudar. A fé é uma lei de Deus, não uma invenção humana nem dos nossos amigos em Espírito.

A falta de fé e uma atitude hostil são as principais razões para os resultados negativos obtidos por muitos dos "investigadores" do fenómeno psíquico. Estes iniciam as suas investigações com a ideia pré-concebida de que tudo é falso, desejando apenas provar aos "crentes ingénuos" que são tolos. Os seus resultados negativos, no entanto, nada provam.

Nenhum verdadeiro cientista aceita resultados negativos como prova de coisa alguma. Pelo contrário, devido à sua formação e dedicação à investigação do desconhecido, os cientistas estão entre os mais bem preparados para reconhecer o que constitui prova válida — e nunca se satisfazem com resultados negativos. Já os curiosos não preparados, que se arvoram em peritos, são muitas vezes responsáveis por espalhar desinformação em certos jornais, o que é um insulto à inteligência de qualquer pessoa pensante.

E quanto a esses mesmos "investigadores", que dizem conseguir imitar alguns fenómenos do Espiritualismo com truques de ilusionismo — isso também nada prova. O facto de se poder criar um rubi sintético quase idêntico ao natural não prova que o rubi verdadeiro não

exista. O mesmo se aplica à reprodução dos movimentos de uma amiba com óleo em soluções químicas — isso não invalida a existência real de uma amiba. Muitos resultados podem ser obtidos por mais do que um método. O facto de dois mais três fazer cinco não invalida que quatro mais um dê o mesmo resultado.

Oiço alguém dizer: "Ora, essas coisas são tão tolas que parecem de criança! Qualquer pessoa sabe que as imitações, por melhores que sejam, nunca provam que o genuíno não exista."

Sim, tolice — mas é precisamente esse o tipo de "prova" apresentado pela maioria dos críticos do Espiritualismo. Eles baseiam-se, ao que parece, na crença errada de que poucas pessoas são capazes de raciocinar e perceberão o absurdo dos seus argumentos. Pessoalmente, descobri que as pessoas, mesmo aquelas que não tiveram o privilégio de estudar e que são geralmente consideradas ignorantes por certas classes sociais, são muitas vezes muito inteligentes e capazes de pensar com clareza — quando são despertadas a fazer esse esforço. Quando não o fazem, deve-se, em geral, à falta de vontade e não à falta de capacidade.

Mesmo no melhor dos casos, os ilusionistas apenas conseguem reproduzir os fenómenos físicos mais simples, e o seu trabalho pode ser facilmente reconhecido por um perito. Nunca conseguiram — nem conseguirão jamais — reproduzir o consolo trazido pelas Forças Espirituais a uma mãe em luto, na forma do seu filho amado e amoroso. A angústia suprema da criança em saudar a mãe em sofrimento e em provar-lhe a sua existência contínua, uma vez ouvida, jamais será esquecida — e nenhum truque de prestidigitação poderá recriar tal experiência. As poucas tentativas nesse sentido têm sido tão obviamente fraudulentas que seriam risíveis, não fossem tão trágicas para a pessoa enganada.

No próximo capítulo, falarei de outro grupo de pessoas — aqueles que tentam forçar a produção de fenómenos espirituais na ausência de um médium. Tentam comandar o Mundo Espiritual e até Deus, ainda que, muitas vezes, não se apercebam disso. Enquanto os ilusionistas tentam imitar os verdadeiros milagres espirituais por meio de truques, esse outro grupo tenta forçar os genuínos. Ambos causam grande dano — não só a si próprios, mas também ao mundo, dando-lhe uma ideia errada da religião que tanto bem lhe poderia fazer.

É necessário possuir poder psíquico e algum grau de desenvolvimento espiritual para experienciar estas manifestações dos nossos entes queridos na ausência de um médium. É por meio do poder especial que pertence exclusivamente a um médium que pode haver comunicação verdadeira. As outras experiências ocorrem raramente, sem hora marcada, e não quando simplesmente as desejamos. Só são possíveis quando um amor muito forte une o mortal ao seu amigo espiritual ou quando há uma missão a cumprir.

Deixo este assunto com uma última reflexão para os leitores: um dos mais fortes apoios à doutrina da comunicação com os que já partiram são as belas experiências vividas por indivíduos que nada sabiam de Espiritualismo e que, possivelmente apenas uma vez na vida, tiveram tais vivências — sem a presença de qualquer outro ser humano.

SESSÕES DE DESENVOLVIMENTO

Uma pergunta que surge com frequência, especialmente entre os que recentemente se familiarizaram com o Espiritualismo e se convenceram da sua verdade, é: "Devo fazer sessões de desenvolvimento?"

A resposta é sempre afirmativa, mas há condições a considerar, que devem ser bem compreendidas, e uma atitude correta deve ser adotada.

Muitas pessoas sinceras desenvolvem o desejo de obter frequentemente provas físicas da presença dos seus entes queridos, mesmo na ausência de um médium. Em outras palavras, desejam ser médiuns. Esse desejo é legítimo e perfeitamente compreensível, mas, como já referi noutros momentos, os médiuns nascem — não se fazem. O poder que certos indivíduos possuem e que os Espíritos podem usar para se manifestar de forma tangível foi-lhes concedido por Deus e não pode ser adquirido de nenhuma outra forma. Nenhuma quantidade de "desenvolvimento" o poderá conferir a outros.

Este facto é, aparentemente, desconhecido ou ignorado por numerosos membros do clero, que dizem que, se alguma comunicação com os Espíritos existisse, teria de acontecer através dos "ungidos de Deus" — ou seja, eles próprios. Alegam que Deus jamais permitiria que tal ocorresse através de leigos.

Ora, isto até seria verdade — a única questão é: quem são, de facto, os ungidos? Deus não escolheu a maioria dos que hoje ocupam cargos para os quais não estão minimamente preparados. Foram eles próprios que se escolheram, e todos os seus "chamamentos" e "unções" são criações humanas, não de origem divina. Aqueles que Deus verdadeiramente escolheu para serem líderes e guias espirituais são os médiuns — aqueles a quem Ele concede o poder que as almas superiores podem utilizar para trazer conhecimento, amor e consolo aos habitantes da Terra.

Autoproclamar-se líder espiritual e reivindicar conhecimento e autoridade divina não garante que se tenha verdadeira ligação espiritual, nem que se seja um instrumento apto para as Forças Superiores se manifestarem através de si.

Da mesma forma, pessoas com pouco desenvolvimento espiritual que se intitulam médiuns e alegam possuir este dom de Deus, quando na verdade não o possuem, não o conseguirão obter — não importa o que afirmem ou acreditem. A maior força contra a qual o Espiritualismo tem de lutar não vem dos seus críticos nem dos egoístas que temem o poder libertador do seu conhecimento, mas sim daqueles que, embora se digam crentes, na verdade não o compreendem.

É muito frequente ver um recém-chegado ao Espiritualismo, começando a compreender as fontes de beleza e amor que se lhe abriram através do contacto com os seus amigos em Espírito, dizer: "Gostava de poder conversar com os meus entes queridos em casa... Porque não posso ser eu também médium?"

Pelo amor que lhe têm, os seus amigos do Mundo Espiritual poderão, certa noite, oferecer-lhe uma bela visão enquanto repousa. Em vez de aceitar esse dom com gratidão e orar por voltar a ser assim abençoada, ela logo imagina que é médium. Corre então a procurar outro médium, que poderá não ter muito mais desenvolvimento que ela própria,

conta-lhe o sucedido — e logo lhe é dito que é uma "psíquica maravilhosa" e que deve começar já a desenvolver-se.

E assim começa a "sentar-se", não esperando sequer o tempo necessário a uma galinha para chocar os seus ovos, antes de já estar "controlada". Batendo com os pés no chão e proferindo palavras estranhas, afirma que um "espírito" está a tentar usá-la para transmitir uma mensagem importante. Depois de mais exclamações, anuncia que o João acabou de passar para o Mundo Espiritual. Todos os ouvintes tentam lembrar-se de todos os "Joões" que já conheceram, mas, entre dezenas, não conseguem identificar um único que tenha morrido nos últimos cinco anos. Quando esta conclusão finalmente é atingida, ela afirma então que foi controlada por um espírito pouco desenvolvido, que a levou a dar uma mensagem falsa.

Isto é um triste, muito triste retrato do nível espiritual — e também da integridade mental e moral — de alguém que se diz adepta do belo Espiritualismo como religião. E não estou a exagerar, como demonstrarei com dois casos a seguir. Já me deparei com esta situação centenas de vezes, e tive dificuldade em escolher apenas dois exemplos, mas penso que serão suficientes para ilustrar o meu ponto.

Há alguns anos, em Chicago, três jovens mulheres que viviam juntas participaram em algumas das minhas sessões. Em pouco tempo, decidiram tornar-se médiuns. Compraram um tabuleiro ouija e começaram a receber "mensagens". Era maravilhoso! O rápido desenvolvimento das suas capacidades era, de facto, espantoso! Não tardou até serem "informadas" de que uma irmã de uma delas tinha falecido recentemente no Colorado — e que deveriam ir à estação de comboios no dia seguinte, às duas da tarde, para receber o corpo.

Compareceram à estação à hora indicada — mas o corpo não apareceu. Regressaram a casa e consultaram novamente o tabuleiro, que lhes disse para regressarem no dia seguinte, à mesma hora. O resultado foi o mesmo. Isto repetiu-se três vezes. Na última, descobriram que nem sequer havia comboios vindos do Colorado àquela hora.

Por fim, decidiram telefonar-me e pedir uma explicação. Uma delas ligou-me e contou que tinham sido instruídas a ir buscar o corpo da irmã de uma delas, mas que, após três tentativas, não tinham encontrado nada. Queria que eu perguntasse aos Guias o que tudo aquilo significava.

Como ela não fez qualquer menção à fonte da sua "mensagem", eu, sem dar grande importância ao assunto, presumi que tinham recebido uma carta ou telegrama e fui até à sala de sessão para pedir conselho. Pat disse-me que já tinha ido ao Colorado e tinha encontrado a rapariga cujo corpo procuravam, mais saudável e feliz do que nunca. Ela estava a escrever uma carta para a sua irmã na altura, e esta deveria ser recebida na manhã da sexta-feira seguinte. Pat disse que certamente estavam confundidos de alguma forma.

Eu telefonei-lhes a contar o que Pat me dissera. Pareceram duvidosos, mas quando chegou a sexta-feira, a carta apareceu. Os três vieram à minha casa naquela tarde para me ver, e foi aí que soube a origem das suas "mensagens" anteriores.

Para o bem deles, repreendi-os por pensarem que poderiam receber mensagens do Mundo Espiritual por conta própria, quando nenhum deles era médium e nenhum entendia sequer os fundamentos da lei da comunicação. Estavam a brincar com forças das quais nada sabiam. Estava eu a ensinar-lhes alguma coisa? Informaram-me que um espírito não desenvolvido tinha controlado a tábua ouija e dado as mensagens falsas. Eles sabiam mais sobre o assunto do que eu e podiam dar-me informações que os meus Guias não conseguiam.

O segundo caso mostra como uma pessoa pode ser mal interpretada e como tanto mal-entendido pode ser causado por estas chamadas "mensagens".

Numa das férias de verão, fui visitar uma família nas Catskills. Eles diziam-se espiritualistas e tinham assistido a várias das minhas sessões em Nova Iorque. Por convite deles, fui à sua casa por alguns dias. Lá, descobri que a mulher estava a desenvolver-se como uma grande médium. De facto, o marido dela confidenciou-me que ela teria o poder de receber as Vozes na luz sempre que realizasse uma sessão.

A escuridão não seria de todo necessária para quem tivesse a sua força. Um verdadeiro médium sempre reconhece outro médium sem que se troquem palavras, mas eu não senti qualquer poder mediúnico em nenhum membro daquela família. Para ter a certeza, perguntei aos meus Guias e fui informado de que não só não eram médiuns, como nem sequer eram verdadeiros espiritualistas. Acreditavam nos fenómenos, mas recusavam aprender sobre as suas leis. Estavam bem satisfeitos com a sua própria interpretação e com as suas próprias ideias.

No ano seguinte, tive ocasião de ir a Nova Iorque numa viagem de negócios e, pouco antes de partir, enviei uma breve carta a essa família a avisá-los de que estava a sair para Nova Iorque. Esqueci-me de mencionar a duração provável da minha estadia.

Fiquei apenas dois dias e depois regressei na companhia de um amigo.

Cerca de um mês depois, recebi uma carta do homem a quem tinha enviado a nota e fui devidamente repreendido por ter permanecido em Nova Iorque durante três semanas, realizando sessões para muitas pessoas nesse período, e depois não ter mostrado gratidão suficiente pela hospitalidade deles no ano anterior, nem sequer pagando-lhes uma visita ao fim de semana.

Não consegui entender a sua carta de todo, mas a correspondência seguinte revelou que, através do poder "mediúnico" da sua esposa, tinham sido informados sobre todos esses acontecimentos e só quando lhes pedi para escreverem ao amigo que me acompanhou, a fim de verificar a minha afirmação de que estive em Nova Iorque apenas dois dias, ele admitiu que a "mensagem" deles poderia não ter sido correta. Foi então que me informou que acabavam de receber outra mensagem através da esposa, a qual dizia que um espírito maligno tinha dado a primeira!

É bastante evidente que nenhum "espírito maligno" teria dado aquela mensagem à mulher se eu tivesse enviado outra carta ao chegar a casa, a contar como a minha estadia tinha sido curta. Parece haver uma única fonte possível para tais "mensagens" — a mente da pessoa que as transmite. Quem me dera conseguir explicar com clareza a estas pessoas o mal que estão a fazer a si próprias e à causa que dizem apoiar, de forma que deixassem de imaginar e rezassem a Deus por iluminação espiritual e por todos os benefícios que é certo

e justo que possam receber! Só assim poderiam verdadeiramente desenvolver-se e ser um crédito para si mesmos e para a sua religião.

Estas mensagens imaginárias e o comportamento ilógico dos chamados médiuns causaram infinitamente mais danos à causa do Espiritualismo do que qualquer agência externa. Pessoas sensatas que entram em contacto com casos como estes não podem deixar de formar uma má opinião sobre a religião professada por indivíduos tão tolos. Se este é o primeiro aspeto da religião com que se deparam, não podem ser culpados se não procurarem mais no Espiritualismo a ajuda e o consolo de que precisam. De facto, quase toda a crítica dirigida à nossa causa baseia-se nestes incidentes.

Os nossos opositores, no entanto, esforçam-se por publicar e enfatizar esta característica e cobrir as partes boas e genuínas com as quais também estão familiarizados. Deveriam ser justos o suficiente para admitir que o Espiritualismo não deveria ser condenado por incidentes como estes, tal como Jesus não deveria ser culpado por todas as atrocidades cometidas em Seu nome pela Inquisição. Não podemos esperar isto; também não podemos ceder à autopiedade. Compete estritamente aos verdadeiros espiritualistas limpar a sua própria casa até que ela seja irrepreensível e não desperdiçar tempo e energia a culpar os seus críticos pela má fama com que o mundo os vê.

É o meu conselho que se deixem de lado coisas como tabuas ouija, planchettes, escrita automática, mensagens em lousas, leitura de cartas, vidência, e outras, a menos que seja um médium altamente desenvolvido, pois mais mal do que bem vem delas. Não existindo tal coisa como um espírito maligno, as mensagens falsas vêm apenas dos operadores que se iludem a si próprios. Estão a brincar com forças das quais nada sabem e nenhum bem pode vir de tal procura.

Talvez o meu leitor esteja agora a perguntar-se por que é que disse no início deste capítulo que é sempre certo sentar-se para desenvolvimento, desde que as condições apropriadas estejam presentes. Vou explicar.

É um facto que muitas pessoas com poder mediúnico não estão conscientes disso e poderiam desenvolver-se como médiuns sob as condições certas, mas a maioria não tem essa sorte. Alguém pode ter um forte desejo de se tornar médium, e é totalmente apropriado tentar descobrir se o poder está ali, ainda não desenvolvido. Depois de aprender as leis que regem o mediunidade e outras leis naturais, essa pessoa pode sentar-se para desenvolvimento sob a supervisão de um médium forte, num esforço sincero para descobrir se o poder está presente. Se estiver, a evidência logo aparecerá de forma inconfundível. Se não estiver, nenhuma evidência será vista e é muito errado, demonstrando uma total falta de entendimento das leis de Deus, imaginar-se então "controlado".

Poucos têm poder mediúnico, mas todos têm algum desenvolvimento espiritual. Todos têm uma alma e uma consciência. Provavelmente a maioria das pessoas, certamente todos os que vivem uma vida limpa, realizando o seu trabalho diário com amor e gratidão, têm poder psíquico suficiente para receber impressões e ideias dos seus amigos no Espírito e, uma vez por outra, ter uma bela experiência espiritual. Tudo isto, desenvolvimento espiritual, a voz da consciência, poder psíquico e experiência espiritual, pode ser avançado e fortalecido por uma prática apropriada, sentando-se em concentração amorosa sobre Deus e os amigos do Outro Lado, rezando para que o que é certo seja dado.

Não esperem resultados que apenas um médium poderia obter, não se sintam desiludidos e desencorajados quando não vierem.

Quinze minutos por dia, passados sentados em paz e tranquilidade, enviando pensamentos de amor para os amigos de ambos os lados da fronteira, oferecendo orações para aqueles que precisam de ajuda, pedindo por conhecimento espiritual e orientação, trarão uma abundância de retorno em felicidade e maior apreço pela beleza da vida terrena. O desenvolvimento da alma estará a acontecer de forma marcante, mesmo que a evidência física disso não seja vista imediatamente. Provavelmente, belas experiências espirituais surgirão mais frequentemente.

A ajuda e assistência em momentos de dificuldade será dada de forma pronta e impressionante pelos Guias. A maravilhosa sensação de poder sustentador do Mundo Espiritual será sentida com intensidade, dando toda a força necessária para enfrentar qualquer situação difícil. Sem ser capaz de trazer aos amigos qualquer manifestação que só um médium poderia proporcionar, ainda assim, pode-se desenvolver de tal forma que as dificuldades e problemas pessoais possam ser resolvidos e superados prontamente e facilmente, alcançando uma felicidade na terra que é possível apenas para aqueles que vivem perto de Deus e dos seus Guias.

Há outro benefício produzido pelos pensamentos amorosos enviados durante estas pequenas sessões que raramente é reconhecido ou compreendido. Várias vezes mencionei o poder do bem ou do mal que os pensamentos possuem. Pensamentos bons ajudam a alma, pensamentos errados prejudicam-na. Também disse que pensamentos errados não podem prejudicar ninguém além de seu autor. Não têm efeito sobre a pessoa a quem são dirigidos. Tudo isso é pessoal.

Além disso, o poder pode ter um efeito em massa. Isso raramente é mencionado ou discutido, exceto pelos Guias do Stead Center. Eles ensinam-nos que todos os pensamentos egoístas, vingativos, ciumentos e errados enviados por todo o mundo se acumulam até que sejam dissipados por alguma calamidade. Às vezes é uma tempestade, às vezes um terramoto; normalmente, é uma guerra. Seja o que for, é necessário para limpar a influência nociva que impede as pessoas de viverem no amor e na felicidade.

De maneira semelhante, todos os bons pensamentos enviados beneficiam não só o seu autor pessoalmente, mas acumulam-se para beneficiar também todos os outros. Sejamos, então, ou totalmente egoístas ou supremamente altruístas, devemos ser os pais de nada além de pensamentos amorosos dos quais nos possamos orgulhar.

Sentar-se para desenvolvimento, quando feito com amor e com uma clara compreensão do seu objetivo, é um meio extremamente potente de alcançar compreensão e felicidade.

ESCALADA
No degrau mais baixo da escada,
Plantei bem firme os pés,
E olhei para a vastidão que,
Tornava meu futuro de sonhos e fé.
Subi até a visão se cansar,
Subi até o cérebro a arder,
Plantei cada passo com sabedoria,

Mas parecia nunca mais crescer.
Pois este degrau estava cheio de indiferença,
E aquele, de escárnio a brilhar,
E quando agarrei outro com confiança,
Descobri que havia um espinho a picar.
Até que a mente cansou de pensar,
E a força do coração começou a falhar,
E o brilho da excitação da manhã,
Antes da noite, começou a se apagar.
Mas justo quando as mãos iam soltar,
E o último degrau eu ia largar,
Quando as esperanças, voltando do futuro,
Começavam novamente a desabar,
Alguém, já quase no topo da estrada,
Estendeu a mão para me ajudar,
E revigorado, encorajado, fortalecido,
Novamente eu fui a escalar.
E eu desejo — oh! Eu desejo — que os escaladores,
Nunca se esqueçam de, ao subir,
Que, embora pareça cansativa a subida,
Sempre há alguém que nos pode assistir.

O OUTRO MUNDO

A humanidade parece ávida por conhecer a terra além do véu, mas só quando estiver preparada para tal conhecimento é que ele se tornará universal. Contudo, é possível aprendermos algo sobre o Mundo Espiritual, mesmo que nosso conhecimento nunca seja completo. Nossos amigos respondem a muitas perguntas sobre o seu mundo e a sua vida, mas não respondem a muitas outras, pois não conseguiríamos compreendê-las, já que nada na nossa terra ou na nossa experiência nos oferece algo com o qual possamos comparar a experiência deles.

A imagem que o homem comum teria de um problema, após ouvi-lo explicado em termos de cálculo, seria tão clara quanto a imagem que teríamos de muitos aspetos da vida espiritual, se nossos Guias tentassem explicá-los. Nosso entendimento variaria de acordo com o conhecimento prévio e o contato prévio com o tema, bem como com a familiaridade e o nível de desenvolvimento do nosso instrutor. Considerando este ponto de vista, não é surpreendente que tantas descrições aparentemente diferentes da vida do Outro Lado tenham sido relatadas.

O propósito deste livro não é contar-lhe sobre as esferas do Espírito ou entrar profundamente na filosofia dos ensinamentos. (Espero, no entanto, que tenha adquirido muito desta rica filosofia, pois os fatos que lhe transmito foram dados a mim do lado mais luminoso da vida, frequentemente por mestres que há muito tempo partiram para os reinos do além e fizeram progressos maravilhosos como estudantes e instrutores.) Portanto, não tentarei uma descrição detalhada, mas me limitarei a certos aspetos da Outra Vida com os quais estou familiarizado a partir de ocorrências em minha sala de sessões.

Você pode dizer que conhece Nova Iorque, mas realmente a conhece? O que é que você conhece: os metrôs, os caminhos elevados, a aparência das ruas e edifícios, a baía, os diferentes bairros? Há estudantes que conhecem Nova Iorque pelo seu aprendizado, suas bibliotecas, seus tesouros de arte, sua filosofia. Para eles, as ruas, os metrôs e os arranha-céus são apenas incidentes. É o espírito da cidade que eles conhecem.

Outros a conhecem como um lugar onde abundam os prazeres físicos e emoções. Conhecem-na pelos seus encontros descontraídos e pela excitação que ela oferece. Ainda outros conhecem a cidade pelos seus tesouros espirituais. Eles percebem que Nova Iorque tem refúgios para almas cansadas. Também percebem que todas as cidades—não importa quão grandes ou pequenas—são pobres quando se trata das coisas verdadeiramente espirituais.

Considerando tudo isso, não será surpresa ouvir os que vêm do Outro Lado dizerem, de forma variada e dependendo de suas experiências, que o próximo mundo é igual a este ou que é completamente diferente. A pessoa que é terrena, ainda vê este mundo quando passa para o outro lado. Quem viveu uma vida espiritual compreenderá a beleza espiritual de sua nova casa. Entramos no próximo reino da mesma forma que deixamos este. Vemos o que estamos preparados para ver, e nem todos nós vemos as mesmas coisas, nem mesmo em nossa própria vizinhança aqui na Terra.

"Por que, estou exatamente onde sempre estive", disse um ente querido. "Não, não existe outro mundo. Este é só o mesmo mundo."

Outro diz: "Oh, isto é gloriosamente diferente. Não temos cidades como as que vocês têm, mas temos cidades-parque de grande tamanho; casas lindas e palacianas; flores—de uma beleza, perfume e variedade indescritíveis!"

De forma semelhante, alguém poderia descrever Nova Iorque de várias maneiras. Uma pessoa vivendo na miséria do Lower East Side poderia dizer: "Oh, Nova Iorque é superlotada, suja e miserável." Uma pessoa moradora da Park Avenue provavelmente observaria: "Nova Iorque é majestosa e esplêndida, além das palavras." Eles falam sobre a mesma cidade, mas, a menos que soubéssemos que é a mesma, não teríamos como reconhecê-la.

Escrever sobre um mundo que é diferente do nosso e, ao mesmo tempo, coincidente com ele, é pedir à humanidade que acredite em algo que os sentidos corporais não conseguem captar. Pergunto-me, no entanto, se é meio tão importante saber como são os mundos que virão (pois existem estágios sucessivos de progresso—toda a eternidade é progressiva) como é saber como ser feliz aqui e preparar-se para conquistas genuínas mais tarde. Na vida além da nossa, o estado de desenvolvimento espiritual é o mais importante; o local tem menos relevância.

O que importa é como está o crescimento espiritual. Lá, a perceção do estado e estágio do progresso espiritual é mais clara do que jamais poderia ser neste mundo e muito mais importante do que a região onde isso ocorre. Embora mil amigos nos contem mil histórias aparentemente diferentes sobre o seu mundo, elas são apenas diferentes interpretações, nenhuma das quais poderia ser uma descrição completa.

Para tornar tudo isso mais claro, consideremos as traduções de uma língua para outra. Muito se perde, pois todas as línguas não têm palavras que transmitam exatamente o significado implícito na língua original. Portanto, se um livro é traduzido do inglês para o alemão, do alemão para o espanhol, do espanhol para o francês, do francês para o russo, e assim por diante, muito será alterado.

Agora imagine uma situação onde não existe uma língua terrena que possa descrever as cenas e fatos da terra além. A Bíblia está cheia de parábolas. Por quê? Porque só através da comparação entre os assuntos espirituais e terrenos poderiam as lições ser transmitidas. Então surgiu o perigo de aceitar literalmente o que se pretendia como uma figura de linguagem.

Uma situação semelhante surge ao tentar descrever o tipo de vida que nos aguarda. Os entes queridos tentam seriamente apresentar à nossa mente a condição, e nós falhamos em compreendê-la. Estamos tentando pensar em uma língua que não conhecemos. Estamos tentando entender algo que talvez exija órgãos de compreensão que não possuímos—ou, se os tivermos, estão ainda adormecidos ou não em uso. É como se alguém esperasse que um ovo funcionasse como um pássaro enquanto ainda é um ovo. Consequentemente, com esses muitos esforços para descrever condições completamente diferentes de tudo o que temos neste mundo, os queridos fazem o melhor que podem. O total disso é uma coleção de descrições aparentemente diferentes. Elas são meras interpretações diferentes—primeiro, de quem está em vários estágios de progresso; segundo, de quem está em vários estágios de desenvolvimento.

Se os órgãos tivessem cem mil teclas, a variedade de melodias a serem tocadas seria incontável. O mundo que virá é tanto uma melhoria em relação a este, se estamos desenvolvidos para contemplá-lo, quanto o instrumento com mil teclas seria em relação aos órgãos que conhecemos.

Viver cada dia da melhor maneira possível é tarefa suficiente. Não precisamos nos preocupar com a aparência do próximo mundo ou mundos. Veremos um após o outro, conforme estivermos preparados para vê-los e compreendê-los. Os mundos, no melhor dos casos, são apenas cenários para as coisas mais preciosas do grande reino de Deus—almas vivas!

Consideremos, no entanto, algumas visões do Outro Mundo: primeiro, a de um espírito recém-passado, que nada sabia sobre o mundo a seguir, mas que viveu uma vida reta enquanto esteve na Terra. Para tal espírito, sua passagem é tão natural e o mundo que ele vê parece tão familiar que não há diferença aparente. Claro que há uma diferença, e uma bem marcante, na fineza da vibração, na paz, harmonia e compreensão, embora para um observador casual isso não seja imediatamente evidente. Pode-se dizer que em aparência física, algumas partes do Mundo Espiritual podem ser tão semelhantes ao nosso que o espírito recém-passado muitas vezes encontra tudo tão natural que não sabe que partiu.

Ele continua com seus afazeres na Terra, sem saber da mudança, e se pergunta por que seus amigos mortais já não lhe prestam mais atenção. Ele vê seu bairro e sua casa como sempre viu, e ao olhar ao redor, vê um mundo que parece apenas uma continuação e parte daquele que ele deixou para trás, percebendo, gradualmente, que houve alguma mudança. Ao encontrar e conversar com amigos e parentes que há muito ele considerava "mortos", ele vai percebendo que algo deve ter ocorrido. Pode não acreditar neles no início quando lhe

contam o que aconteceu e volta ao seu ambiente mortal apenas para descobrir que seus amigos já não lhe dão atenção.

Ele pode até ficar um pouco irritado com eles por um tempo e repreendê-los pela falta de educação, mas percebe que não recebe nenhuma resposta. Frequentemente, seus amigos no Espírito descobrem que podem esclarecê-lo com mais facilidade levando-o até o seu próprio funeral. Quando ele vê seu corpo mortal e percebe que não faz mais parte dele, reconhece a verdade.

Para mostrar como o Mundo Espiritual pode parecer natural para uma pessoa nessa situação, contarei a história do senhorio de uma amiga minha. Esta mulher, que eu conhecia há vários anos, era médica e ocupava uma casa, cujo andar superior ela usava como escritório e sala de consulta. Seu senhorio era um velho alemão muito econômico, e, apesar de estar bem de vida, sempre coletava os aluguéis pessoalmente. Ele vinha pontualmente no primeiro de cada mês e esperava que todos os seus inquilinos fossem tão pontuais com os pagamentos quanto ele era com suas visitas.

Minha amiga ocupava essa casa há cerca de dois anos quando, um dia, enquanto estava atendendo um paciente no andar superior, ouviu um grande estrondo. Parecia que alguém havia esbarrado no seu armário de pratos e o derrubado. Correndo para o andar de baixo, ela encontrou o armário e os pratos intactos e, ao olhar por toda a casa, não conseguiu encontrar nada fora do lugar. Bastante desconcertada, ela finalmente voltou para o paciente, mas mal se sentou, quando ouviu novos batidos e passos subindo as escadas. Apressou-se novamente para fora da sala, mas não encontrou nada de errado em nenhum lugar da casa.

Na manhã seguinte, ela ouviu barulhos altos por toda parte e decidiu vir até mim para perguntar o que eu achava do caso.

Rindo, eu disse: "Ontem foi o primeiro do mês, não foi? Talvez seu senhorio tenha partido para o Espírito, mas tenha vindo cobrar o aluguel do mesmo jeito."

Não sei o que me levou a essa ideia, mas ela surgiu assim que ela começou a falar.

"Ah, sim, foi o primeiro do mês", respondeu ela; "Eu tinha esquecido disso porque meu senhorio não apareceu. Ele sempre é pontual, quase até na hora."

Entramos na sala de sessões alguns minutos depois e fomos recebidos por Pat. "Sim, seu senhorio partiu para o Espírito há três dias, mas ainda não sabe disso. Seus amigos não conseguem convencê-lo de que ele partiu, e como o aluguel era devido ontem, ele veio cobrar. Você não deu atenção a ele e ele fez o melhor que pôde para que soubesse que ele veio buscar o dinheiro. O funeral dele acontece hoje e vamos levá-lo para ver o corpo dele sendo enterrado. Acredito que isso o convencerá, e você não ouvirá mais barulho em sua casa."

Quando minha amiga voltou, ela perguntou aos vizinhos e descobriu que o homem tinha falecido e seria enterrado naquela tarde. Depois do funeral, ela não ouviu mais barulhos em sua casa.

Outro caso envolveu um artista que eu nunca tinha conhecido na Terra. Ele era amigo e empregador do artista Charley, que viu "Red" na Dearborn Street, e de quem já falei em outra ocasião. Charley vinha frequentemente ao Centro e, em uma noite de domingo, trouxe dois amigos com ele, ambos conhecidos meus. A sessão começou e o hino de abertura foi cantado. Quando terminou, eu vi um homem alto de pé diretamente em frente aos três, um espírito que eu nunca tinha visto antes. Ele sorria, mas com uma expressão de dúvida.

"Bem, vocês são uns caras legais", começou ele, "bons amigos para me deixar aqui como um tolo e nem me dar um olá. Que tipo de negócio é esse—uma escola dominical? Todo mundo sentado em círculo, uns com caras longas, outros sorrindo, e vocês três com olhares vidrados, olhando para mim como se eu não estivesse aqui. Que tipo de tratamento é esse, afinal?"

"Quem é esse que está falando?" perguntou um dos três.

"Quem diabos você acha que sou? Tentando me desbancar assim? Ora, até meu amigo ali está com aquele olhar vidrado. Qual é o problema de vocês, acham que isso é engraçado?"

"Como você chegou aqui?" perguntou um dos homens.

"Como vocês chegaram aqui? Eu vim com vocês a cada passo do caminho, sentei lá em baixo com vocês, subi aqui e ouvi vocês cochichando, mas não consegui entender muito bem o que estavam dizendo.

"Eu não me sinto mais doente. Há dois dias estou bem, mas todo mundo se afastou de mim. Ninguém com quem eu conheço quer falar comigo, exceto alguns que não vejo há anos, e eles agem de maneira tão estranha. Dizem que quando um homem enlouquece, ele acha que todo mundo está louco. Bem, acho que eu devo estar fora do eixo mesmo."

"Mas você não vê nada que nunca tenha visto antes?" perguntou um dos homens.

"Não! Olha, eu ando por aí e dou tapas nas costas dos meus bons amigos até minha mão doer, e eles nem sequer me cumprimentam. Tudo bem, eu sempre paguei minhas contas e as pessoas não têm que falar comigo se não quiserem. Só... eu não gosto disso. Eu sou tão bom quanto eles, tão bom quanto qualquer um de vocês três. Na verdade, eu acho que sou tão bom quanto todos vocês juntos."

"Você está falando pelo trompete?" perguntaram-lhe.

"O trompete? Você quer dizer aquele cano de lata ali? Olha, isso serve bem para os caras que chamam táxis depois do teatro, mas eu estou falando, não estou? Os homens falam por trompetes de lata? Aquele paninho de água ali no chão; e aquela loira sentada no meio dessa reunião estranha. Acho que ela se acha a rainha do baile, né? Tem um irlandês sorridente de pé ao lado dela [meu guia Pat], que parece achar que isso é uma grande piada. Bem, não é."

"Fred, como você se locomove por aí?"

"Do jeito que sempre fiz, principalmente de bonde e no trem elevado. Só que é engraçado: eu passo e não pago passagem! A coisa mais engraçada que você já ouviu. Eles nunca dão

bola para mim. Hoje uma mulher gorda sentou no meu colo. Parecia que ela afundava dentro de mim. Achei que todo mundo fosse rir, mas eles não prestaram atenção. Eu me levantei, e talvez eu não tenha xingado ela, mas a grande mulher gorda nem pediu desculpas. Que maneira de roubar o assento de um cavalheiro!"

"Onde você dorme?"

"Ah, que perguntas mais tolas. Onde você dorme? No seu garage, eu suponho. Bem, eu durmo na minha cama, onde sempre durmo. Acho que minha esposa está brava comigo, por algum motivo. Ela só chora. Não tenho estado muito em casa ultimamente."

"Você nunca foi muito, mesmo," murmurou o amigo artista.

"É assim? Bem, vou te dizer uma coisa: eu não tenho mais vontade de beber, nem de fumar desde que fiquei bem. Engraçado como essas coisas desapareceram—assim como ideias, ou sonhos, que não estavam mais lá depois que fiquei melhor."

"Bem, Fred," disse um dos homens finalmente, de forma direta, "você não acha que talvez você tenha morrido?"

"Oh, de todos os idiotas estrelados. Quando um cara morre, ele está morto, não está? Eu estou falando como um morto? Vocês estão ficando mais engraçados a cada minuto."

"Mas, Fred," insistiu o homem, "vá para casa hoje à noite e olhe ao redor, veja o que consegue encontrar. Depois, descubra o que acontece em sua casa amanhã ao meio-dia e meia. Você fará isso?"

"Claro, se você falar comigo mais tarde."

"Falarei com você aqui novamente amanhã à noite."

"Eu suponho que aquela loira estará aqui novamente, com sua baciazinha de água e aqueles dois trompetes de lata, e o irlandês sorridente, e os outros. Digo, alguns dos outros são ótimos. Ninguém que eu vi antes se compara com eles. Não me importo tanto com o pessoal que fica por aí sorrindo para mim ou rindo descaradamente. Já estou cansado desse tipo de tratamento. Sim, vou passar algumas horas em casa e depois te conto o que descobrir."

Os amigos se despediram dele, mas antes de sair, ele disse com ânimo: "Olha, tem uma coisa muito engraçada. Eu estava no centro hoje, lá no escritório na Dearborn Street, e depois caminhei pela State Street. Eu vi o dobro de pessoas do que Chicago jamais teve antes, e me desculpem se alguns deles não passam pelo meio dos prédios! Eles nem se dão ao trabalho de entrar pelas portas!"

Em sessões posteriores, esse homem admitiu que provavelmente tinha passado por uma mudança conhecida como morte, mas ainda não compreendia totalmente. Com o passar dos dias, ele começou a ver o que poderia ser chamado de uma visão adicional do mundo. As coisas pareciam diferentes para ele, ele encontrava amigos que lembrava de terem "morrido". Começou a se encontrar e encontrar seu trabalho. Ele deixou de vagar pelas ruas. Sentia um grande amor por seus amigos, e aqueles que permaneceram neste plano

material conseguiram ajudá-lo tanto quanto os que ele encontrou no Outro Lado. Pouco sabemos sobre o quanto podemos ajudar nossos amigos que já passaram para o outro lado!

Por algum tempo, ele apareceu nas minhas sessões, mesmo quando nenhum de seus amigos da Terra estava presente. Ele mostrava um desenvolvimento notável; naturalmente, era um homem brilhante. Neste mundo, ele tinha sido um tipo de pessoa mais áspera, aparentemente não muito cuidadoso com sua linguagem, mas possuía uma mente acima da média.

Não é fácil para muitas pessoas entender que alguém entra no Espírito da mesma maneira que viveu. A árvore cai como ela se deita, diz tanto as Sagradas Escrituras quanto um provérbio antigo.

Finalmente, ele encontrou seu trabalho. Seus dias de ociosidade haviam acabado. Não há mais tempo de férias lá do que aqui. Há trabalho a ser feito. Artistas aqui ainda são artistas lá, alguns dedicando seu tempo a um desenvolvimento mais fino e elevado de seu talento, e outros impressionando jovens e aspirantes a artistas neste mundo.

De onde vêm essas inspirações para artistas e literatos? Você sabia que muitos romances foram escritos através da mão de um autor terrestre, sem passar pelo cérebro dessa pessoa? O escritor pode sentar e observar com espanto enquanto um lápis forma as palavras, sem saber o que virá a seguir.

Isso vem diretamente pela Inspiração Divina, ou Deus trabalha através de Seus filhos? Sabemos que, neste mundo, por exemplo, um fazendeiro planta sua semente na terra e cuida dela com cuidado. Não é Deus quem milagrosamente faz com que o campo vazio de repente dê uma colheita abundante. O homem faz o seu trabalho. O homem além do túmulo ainda é homem e faz seu trabalho de maneira semelhante, a diferença é que ele está um pouco mais livre e aberto a maiores possibilidades de desenvolvimento.

Levou alguns dias para nosso amigo artista perceber que havia passado pela transição. Aqueles que entenderão a realidade quando ela se revelar através da contemplação dessa verdadeira história, mas que talvez nunca tenham o privilégio de experiências semelhantes em sessões espíritas, ainda terão ganho muito. Quando entrarem na próxima expressão da vida, essas verdades virão até eles. Eles saberão o que aconteceu.

Homens como esse artista, uma vez que começam a aprender mais sobre a bela filosofia da vida do lado mais iluminado, tornam-se grandes ajudas para aqueles que podem impressionar do lado da Terra da vida. Muitas "mudanças de coração" ocorreram por meio da impressão sussurrada de um querido do outro lado que está abrindo os olhos espirituais de um ente querido na carne.

Existem mais verdadeiras maravilhas na vida do que jamais poderíamos contar ou adivinhar corretamente, e todas elas são para o benefício expresso dos filhos do Criador.

Vamos agora considerar algumas das diferenças entre o Outro Mundo e o nosso.

O famoso cientista Einstein fala da quarta dimensão, que consiste no tempo mais a distância. Ele considera isso, acredito, como quantidades artificiais, e se ele faz isso, ele

está mais perto da verdade do que provavelmente imaginava quando pronunciou sua famosa teoria que poucos supõem ser capazes de entender.

Para ilustrar, temos a experiência de um homem que veio até mim por muitos anos, começando em 1909. Um dia, durante sua sessão, ele estava conversando com sua irmã e casualmente perguntou sobre sua mãe, que morava na Suécia.
"Ela estava bem da última vez que a vi," respondeu a irmã, "mas espera..."

Outros entes queridos então apareceram para saudá-lo, e ele não percebeu a ausência da irmã até ela retornar.

"Mãe," ela lhe contou, "está sentada na cadeira que o pai deu a ela, fiando o fio de linho."
"Quando?" perguntou ele surpreso.

"Agora," respondeu a irmã.

"Mas a Suécia está a milhares de milhas de distância, e você sumiu por apenas alguns minutos," protestou ele. "Que tipo de transporte vocês têm aí?"

"Querido irmão," respondeu a querida, "em uma noite clara, quando não há nuvens e não há lua, você olha para os céus e vê milhões de estrelas, e ainda assim muitas delas estão bilhões e triliões de milhas distantes de você. Você as vê, mesmo assim."

"Oh, claro," respondeu ele, "mas não há nada que obstrua a visão das estrelas, elas são grandes em tamanho e emitem sua própria luz. Os mortais, por outro lado, são pequenos, e a distância precisa ser atravessada. Como você faz isso?"

"Assim como você vê aquelas incontáveis estrelas, nós vemos nossos entes queridos e outros na Terra. Não é simples de explicar. Não há nada na sua experiência que me permita explicar. Você não poderia entender, porque possui faculdades adormecidas das quais não sabe absolutamente nada. Mesmo assim, nós fazemos isso facilmente."

Por que duvidar? No nosso próprio tempo, já testemunhamos os resultados de muitas invenções notáveis. Outros ainda estão para ser revelados e hoje são conhecidos no Espírito. Eles devem ser conhecidos lá antes de serem conhecidos aqui. O verdadeiro edifício, o planejamento real, é todo feito lá. Vem do mais alto para o mais baixo. Nós simplesmente interpretamos, mas nossas mãos são guiadas da mesma forma que nossas mentes.

Hoje, é possível transmitir uma fotografia por fio, ou até mesmo sem fios, independentemente da distância na Terra. Isso é mais notável do que aprender que os entes queridos têm o uso de faculdades que nos são negadas? Eles possuem faculdades, "sentidos" e propriedades das quais não sabemos nada. Nesses aspetos, eles são diferentes de nós. Nesse grau, há uma grande mudança após a "morte". Mesmo o assassino que é eletrocutado reconhece que houve uma tremenda mudança sobre ele, e que ele não morreu.

Nem aquele que ele assassinou poderia ter morrido. Ele tem pensamentos perturbadores, bem como sustentadores.

Vezes incontáveis, meus Guias e outros entes queridos atraídos para minha sala de sessões fizeram essas viagens apressadas, muitas vezes até a metade do mundo — e relataram com precisão o que estava acontecendo.

Nas últimas semanas da Primeira Guerra Mundial, quase diariamente, as pessoas em minha sala de sessões recebiam relatos precisos sobre os combates e sobre a verdadeira situação das coisas — muito antes de esses fatos se tornarem conhecidos para o público.

Lembro-me distintamente de, no final de outubro de 1918, durante uma sessão privada com um cavalheiro, os Guias disseram: "Realmente, temos tanto a fazer nas frentes de batalha que não podemos parar para conversar muito. Os alemães estão sendo derrotados feio. Estão caindo aos milhares. As baixas são incontáveis. Cada trabalhador disponível deste lado está fazendo o dobro do trabalho. Esta é a maior guerra do mundo, e o maior número de pessoas já morto no mesmo período de tempo está entrando precipitadamente no Espírito.

"Muitos chegam ainda lutando, ainda cheios da raiva vermelha, ódio e medo da batalha. Todos ficam desconsolados quando descobrem que estão afastados dos entes queridos na Terra. No entanto, muito em breve isso tudo terminará — muito em breve, graças a Deus! É o erro humano mais cruel — a maior de todas as guerras — mas está quase no fim.

"Somente para aqueles que caem na batalha, ainda há muito a ser feito. Seus pobres corpos mortais podem estar deixados onde o estilhaço ou o fogo de metralhadora os derrubaram, mas não podemos deixá-los chegar aqui sem atendimento. Temos hospitais aqui — e estão cheios daqueles que estão lutando para entender. Aqueles cujos membros foram amputados ficam perdidos, sem entender por que agora têm seus membros. Aqueles que ficaram cegos se maravilham por agora poderem ver.

"Muitas vezes, precisamos manter os inimigos separados até que eles sejam acalmados e entendam que deste lado do grande limite, aqui onde o pensamento da eternidade começa a ser sentido de forma séria e plena, não pode haver inimizade. Todos são filhos de Deus. Todos são amigos. Todos são irmãos e irmãs por toda a eternidade."

Uma coisa, evidentemente, não pode ser enfatizada demais: que o progresso no Outro Lado é rápido e certo para todos os que desejam seguir em frente. Eles têm todas as oportunidades possíveis de realizar seus desejos, e quanto maior o esforço, mais rápido e mais longe vão. Quase qualquer homem que você perguntasse diria que, claro, aqueles que existem em qualquer vida futura lá são de alguma forma superiores e melhores do que nós que permanecemos na Terra. No entanto, inúmeras vezes já ouvi expressar-se maravilha e dúvida na sala de sessões quando um ente querido veio e falou em inglês, ao invés da língua que usava enquanto estava na Terra.

Um homem ofereceu como prova irrefutável da incredibilidade de uma mensagem que alegava ser de sua mãe o fato de a mensagem estar em inglês! Ele disse que sua mãe não falava inglês na Terra. Eu diria que ele teria se ressentido profundamente de qualquer insinuação de que sua mãe fosse uma alma tão ignorante que não fosse capaz de ambição ou de progresso, mas sua própria afirmação significava exatamente o oposto. A maioria das pessoas que fazem afirmações semelhantes geralmente tem um desenvolvimento mental inferior ao deste homem específico, mas eu, pessoalmente, não vejo grande diferença.

O desejo de progresso é a base de qualquer civilização. Sem esse desejo, o homem ainda estaria competindo com tigres dente-de-sabre por seu bife de antílope cru. Nós avançamos um pouco além dessa etapa, e quanto mais avançamos, mais rápido é nosso progresso. Certamente não é razoável supor que o trabalho de incontáveis gerações de homens tenha atingido seu ápice e cessado em nosso atual estado terreno. Com certeza, o trabalho e o desenvolvimento deles devem continuar quando suas almas deixarem os corpos mortais e encontrarem uma expressão mais livre e mais ampla em seu novo ambiente. Toda a evidência terrena aponta para um progresso contínuo. O progresso é parabólico.

A MÉDIUM

Achando que haja necessidade de uma explicação sobre o contacto de uma médium com a sua família e conhecidos no dia a dia, além da sala de sessões, e sentindo que isso deveria ser escrito do ponto de vista das pessoas ao redor dela, e não do seu próprio, pedi a um amigo que frequenta minhas sessões há vinte e dois anos que o escrevesse. Pelo que ele escreveu, parece que um médium é o centro ao redor do qual suas associações e atividades giram, e a pessoa orientadora e controladora a quem todos devem procurar por instruções. Esse certamente não é o sentimento que o médium tem em relação a quem está ao seu redor, mas o contato íntimo com seus Guias lhe dá o conhecimento de qual é a coisa certa a ser feita a qualquer momento, algo que os outros não possuem. Acredito que isso foi claramente explicado abaixo, e agora vou dar a visão dele sobre esse relacionamento.

"A parte mais vital do Espiritualismo, e a menos compreendida, é o médium. No que diz respeito a nós do plano terrestre, ela é indispensável e insubstituível. Sem ela, não seríamos capazes de nos comunicar com os que estão do Outro Lado e receber a ajuda e consolo absolutamente inestimáveis que eles estão tão aptos e dispostos a nos dar. Não saberíamos nem que há uma outra fase da vida além desta e da mudança que chamamos de morte. Nenhuma das nossas grandes religiões conteria seus belos ensinamentos sobre uma vida futura se não houvesse um médium na Terra para dar essa informação a aqueles que estavam formando a religião.

"Deus escolhe e coloca na Terra uma alma que é médium. Não importa o quanto possamos desejar ou ansiar por um, não podemos fazer um. Se precisamos de um novo advogado, médico, ou ministro, ou qualquer outro indivíduo especialmente treinado, tudo o que precisamos fazer é pegar um jovem, quase aleatoriamente, da rua, mandá-lo para alguns anos em uma boa escola, e teremos um bom profissional. Não é assim com o médium. Não importa quanto conhecimento ou falta dele, não importa quão sofisticado ou inocente, não podemos transformar um indivíduo em médium. Anos de faculdade não significam nada, uma vida inteira dedicada a aliviar a dor ou aliviar a necessidade, ou ensinar o que se acredita ser a verdade na religião, não pode conseguir isso.

"É de nosso interesse, para o nosso próprio bem, estudar o médium com o máximo cuidado e fazer o máximo que pudermos para ajudá-la de todas as maneiras que pudermos. No melhor dos casos, nosso máximo é bem pouco comparado aos benefícios que recebemos dela, nossa insensibilidade nos tornando lentos e insensíveis tanto às suas necessidades mentais quanto físicas. Mesmo quando estamos tentando o máximo para ajudar, podemos dizer ou fazer algo que sua sensibilidade requintada nos faz saber que não está certo, e isso perturba seus nervos tanto quanto um martelo de rebites perturba nossos ouvidos.

Ela não pode evitar isso nem controlar sua reação. Em palavras, essa censura pode nos ofender em nossa consciência de que estávamos fazendo o nosso melhor para ajudar, mas essa ofensa que sentimos está errada. Se jogarmos uma pedra na água tranquila, não ficamos ofendidos porque as pequenas ondas e ondulações tornam a superfície refletiva irregulada, até não podermos mais ver nosso reflexo perfeito nela. Jogamos a pedra e sabemos que somos os culpados pela superfície perturbada. Tudo o que podemos fazer é esperar até que a perturbação se acabe. No caso do médium, podemos fazer um pouco mais: podemos continuar tentando ajudar, com mais cuidado e inteligência para evitar errar novamente e desajustar-nos com ela.

"De que formas podemos ajudar um médium? Há muitas maneiras, e mencionarei algumas.

"Em primeiro lugar, sempre devemos manter nossas mentes sintonizadas o mais próximo possível da dela, para que acordes, e não discórdias, sejam tocados quando as vibrações se encontrarem."

Se estivermos a pensar, nem que seja ligeiramente, numa experiência desagradável ou infeliz, emitimos vibrações mentais que perturbam o médium — e ela não deve ser perturbada. Ela não sabe o que estamos a pensar, mas sente que o nosso pensamento entra em choque com os seus, que estão em sintonia com o infinito. Esta discórdia vai provocar uma reação positiva nela: pode ser breve no cumprimento ou aparentemente hipercinética connosco, mas, seja qual for a reação, ela foi provocada por nós e não pelo médium, e devemos imediatamente tentar perceber em que ponto estamos fora de sintonia e corrigir isso.

"Podemos ajudar um médium rodeando-o de beleza em todas as suas manifestações. Pensamentos bonitos não nos custam nada e devem ser a forma de beleza com que mais facilmente a podemos rodear, mas parece ser a única forma que não lhe damos. Provavelmente, porque ela nos ajuda com dificuldades tão frequentemente, caímos no erro de nos aproximarmos dela apenas com dificuldades. Dois amigos têm palavras sobre uma questão trivial; quanto mais trivial for, mais palavras vão ser desferidas.

Se ambos fossem verdadeiros espiritualistas, não haveriam palavras em primeiro lugar, nem qualquer mal-entendido. Se tivessem a felicidade do médium como prioridade nas suas mentes, como dizem ter, não correriam para ela imediatamente e a agitaria com a sua controvérsia; resolveriam a questão entre eles de forma rápida e eficaz. Se os vários membros da casa não conseguem decidir entre si se devem comprar duas ou três garrafas de leite, a questão é colocada ao médium.

Não importa se ela está sentada sozinha em comunhão extática com algum ente querido do Outro Lado, ou se está a tocar piano, tentando trazer algo da música sublime do Mundo Espiritual para a Terra; ela tem de ser interrompida com a questão urgente do momento. Ela nunca se queixa porque os que estão à sua volta são incapazes de a ajudar nos seus esforços para trazer beleza à Terra, mas tem todo o direito de se ressentir das interrupções nos seus próprios esforços.

"A maior parte das pessoas vem à sala de sessões com dificuldades a resolver ou tristezas a aliviar, raramente com pensamentos alegres e felizes para trocar com os seus Guias. Não é suficiente que o médium tenha de ouvir toda esta infelicidade no seu trabalho, ela encontra o mesmo com os seus amigos. Pessoalmente, temo muito que, se fosse médium,

teria grande dificuldade em evitar tornar-me um pessimista. Deve ser que a beleza do pensamento que ela vê evidenciada no Mundo Espiritual é a força que a salva de tal estado infeliz. Esforços maiores e muito mais bem-sucedidos devem ser feitos por nós que estamos na Terra para rodear o nosso médium com harmonia mental.

"Porque falhamos tão visivelmente em rodear os nossos médiuns com beleza mental e estímulo, devemos compensar, tanto quanto possível, a deficiência com beleza física. Pessoalmente, defendo fortemente que se dê uma quantia de dinheiro ao médium por cada pensamento cruel ou sórdido que nos venha à mente, não com a ideia de que a crueldade ou a sordidez possam ser avaliadas por qualquer padrão monetário ou possam ser expiadas por tais meios, mas para que ela tenha a oportunidade de obter pelo menos uma ínfima parte de beleza física com esta penitência, para contrabalançar parte da fealdade mental à sua volta. No entanto, temo muito que a média de rendimento se revele totalmente inadequada para apoiar tal restituição.

"Devemos proporcionar-lhe a melhor casa que possamos, os móveis mais bonitos, os terrenos mais atraentes. Se a beleza terrena alguma vez se justificou, justifica-se ao trazer felicidade a um médium, que passa a sua vida a trazer beleza espiritual à Terra. A atração física traz alegria a muitos de nós, mas tal alegria é pessoal apenas; raramente é do tipo que gera mais felicidade que disseminamos depois. Alegramo-nos com a beleza, mas raramente somos suficientemente inspirados por ela para criar mais beleza nós próprios. Para um médium, por outro lado, a beleza é de ajuda concreta e definida no seu trabalho de trazer felicidade aos outros. Embora ela nunca se sente em contemplação ociosa da beleza por si mesma, esta, juntamente com o amor e a harmonia, forma a estrutura sobre a qual ela constrói.

"Outra forma pela qual podemos ajudar é cooperando com o médium o máximo possível em tudo o que ela empreenda. Quando ela expressa uma ideia ou sugere um plano de ação, devemos ajudá-la a concretizá-lo, não começar uma discussão apresentando as nossas próprias ideias muito inadequadas sobre o assunto ou procrastinar até ela acreditar que não estamos dispostos a ajudá-la. A maior parte das suas ideias e planos são sugestões dos que estão do Outro Lado e devemos fazer o nosso melhor para ajudar ao máximo a concretizá-los, quer compreendamos a razão para eles ou não. Há uma razão, e muito boa, por trás disso ou os nossos amigos espirituais nunca perderiam o seu tempo a transmitir-nos tal pensamento.

"Diz alguém aqui que, afinal, o médium é humano e deve ter algumas ideias humanas, que podem ser tão falíveis como as ideias de outros mortais? Suponhamos que assistimos a tais ideias, sem conseguir distingui-las das de origem espiritual, e descobrimos que os nossos esforços foram em vão?

"Vamos conceder a existência dessas ideias. Isso não altera em nada o nosso dever de dar completa assistência e cooperação ao médium. O fracasso da nossa parte, em qualquer momento, é tão desconcertante e perturbador para ela que causa infinitamente mais mal do que um pouco de trabalho que possamos fazer inutilmente. No entanto, descobri que, mesmo que uma ideia que ela nos tenha dado, e sobre a qual tenhamos trabalhado, não seja a melhor, os nossos amigos espirituais, através dela, corrigem o erro dando-nos os conselhos e a ajuda necessários para a modificar até que os resultados sejam os melhores. Para dizer isto de outra forma: estamos a apostar numa coisa certa quando ajudamos um médium, seja com trabalho, dinheiro, ideias ou o que for. Não podemos perder no final, quer

as suas ideias estejam erradas (e isso acontece extremamente raramente) no início ou não. Qualquer que seja o tipo de ajuda que lhe ofereçamos, ela será devolvida pelo menos dez vezes mais, de alguma forma.

"De um ponto de vista completamente egoísta, portanto, os mortais devem dar aos seus médiuns o melhor que puderem, pois o médium é a fonte de onde podem obter a felicidade que desejam. Mesmo que a sua alegria terrena consista apenas em ganhar dinheiro — algo que, claro, não traz benefício permanente —, os amigos espirituais com quem podem ser contactados apenas através do médium podem ajudá-los a alcançar esse objetivo. Pessoalmente, não consigo conceber qualquer forma de felicidade humana normal que um médium não seja capaz de ajudar-nos a alcançar e, consequentemente, sou firmemente da opinião de que não podemos adquirir a nossa felicidade terrena, seja ela o que for, mais facilmente do que fornecendo ao nosso médium as melhores condições de trabalho, que são, como já mencionei, belos arredores físicos e a máxima harmonia mental."

São estas as opiniões que este homem tem sobre a relação de um médium com os seus amigos íntimos e com o mundo em geral, e ele está correto, até onde a minha experiência se estende. As pessoas que entram em contacto com um médium muitas vezes impedem-na no seu trabalho, maioritariamente sem culpa consciente, mas simplesmente porque não fazem qualquer esforço para se livrarem das vibrações terrenas com que se rodeiam. Um pequeno esforço da parte delas faria isso e colocá-las-ia em muito mais sintonia com Deus e o Mundo Espiritual, para grande auxílio do médium e para o seu próprio bem.

QUANDO AS ALOÉS FLORESCEM
por Snowdrop

Sofreste? Eu sei, mas Cristo também sofreu,
Como lição de paciência para quem assim é,
Que tenta e, ao tentar, é sempre negado;
Sofreste; lembra-te, Ele foi crucificado!

És criticado? Verdade, não te compreendem,
Como poucos que têm a missão que defendem.
Foste ferido, ergueste-te, e caíste outra vez,
E o amor no teu peito trouxe apenas a altivez?

Eu entendo, e por isso sei bem,
Que o teu cálice transborda de tanto desdém.
Cristo ajoelhou-se em Getsémani, orou a noite inteira,
Não por Si, mas pela justiça verdadeira.

Carregas uma cruz? Ah, Ele carregou também,
E partilha contigo o peso da cruz que é teu bem.
Ele guia cada passo no caminho que trilhou,
Esse trilho que segues, em direção a Deus que é o vosso!

Os anos podem parecer pesados, as aloés a crescer,
Tão amargas as aloés, o emblema do sofrer,
Mas as aloés florescerão, e a flor vai brilhar,
Sê paciente, tão paciente, que a aurora virá a clarear!

CONCLUSÃO

Chego agora ao final do meu volume com algum sentimento de arrependimento — arrependimento por talvez não ter conseguido explicar os meus ensinamentos e relatar as minhas experiências tão bem quanto deveriam ter sido. A beleza, o amor e o consolo que os nossos amigos espirituais nos trazem sempre de Deus são indescritíveis. São sentidos pela alma, mas não podem ser descritos adequadamente. Fiz o meu melhor, mas percebo que não fiz justiça total ao meu tema.

Espero críticas e recebê-las-ei com prazer. Tudo o que peço é que sejam feitas com o mesmo desejo sincero de me ajudar que o meu trabalho teve para ajudar os outros. Nada na Terra é perfeito e nenhuma pessoa é infalível. Pode-se fazer o melhor que se pode, mas, quando várias pessoas trabalham com seriedade e harmonia, poderão ser capazes de fazer melhor.

Não foi minha intenção tentar converter o meu leitor ao Espiritualismo. Ninguém pode fazer de você um espiritualista ou fazer qualquer outra coisa de você — é você quem se faz aquilo que é. A minha tentativa foi apresentar ao meu leitor, da forma mais clara possível, os ensinamentos e os factos dados pelas almas superiores no seu incansável labor de amor para ajudar a humanidade a viver a sua vida na Terra da melhor forma. Os erros humanos e as tristezas humanas nunca serão completamente eliminados, mas uma clara compreensão do que é certo e do Plano de Deus tal como se aplica a nós ajudará imensamente a corrigir os erros e a aliviar a tristeza.

É inevitável que a morte terrena cause solidão em quem fica na Terra, e essa dor será proporcional ao amor existente entre as pessoas. É precisamente nesse momento que uma crença sincera na comunicação entre os dois lados do véu é inestimável. Todo o cântico religioso e os altos preceitos altruístas são um consolo fraco comparado com o simples pensamento: "A minha pessoa amada está ao meu lado e posso falar com ela sempre que desejar procurar um médium." O sentimento de solidão pode persistir por um tempo, mas o desespero causado pela sensação de perda irreparável não estará presente.

Quero lembrar aos meus leitores, ao concluir, que o Espiritualismo é uma religião de amor e esperança e não aceita ensinamentos de maldade e medo ou quaisquer outros que afastem o homem de Deus e da sua verdadeira felicidade na vida terrena. Ao contrário de outras religiões, não acredita que o homem possa ser mantido no "caminho da retidão" apenas fazendo-o correr atrás de um docinho balançado à sua frente, com o pensamento do diabo a persegui-lo se ele parar na sua corrida.

O Espiritualismo tem uma visão muito mais elevada do homem — a de uma alma que tem um lugar definido e um dever a cumprir no Grande Plano de existência de Deus. Ele evitará o erro e o mal se for ensinado corretamente sobre o que são o erro e o mal. Ele não foi criado com o desejo perverso de fazer o mal. Veio a esta Terra com amor e em inocência, e apenas os falsos ensinamentos o têm desviado. A sua religião deve ajudá-lo com instruções verdadeiras, não dificultar o seu caminho com pregações falsas de medo e horrores diabólicos.

Os nossos Mestres Guias deram-nos uma palavra para significar as qualidades pessoais que devemos cultivar para viver a nossa vida terrena da melhor maneira possível — VANZIP. Ela é formada pela primeira letra de cada um dos seguintes:

VALOR
ASPIRAÇÃO
NOBREZA
ZELO
INSPIRAÇÃO
ORAÇÃO

Cultiva estas qualidades e junta-as ao Amor e à Harmonia, e farás o maior progresso durante a tua existência terrena, obtendo o máximo de felicidade com ela.

Fim